

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

Andiara Barbosa Neder

Folia de Reis em Leopoldina: uma encruzilhada religiosa, artística e cultural

Juiz de Fora

2015

Andiara Barbosa Neder

Folia de Reis em Leopoldina: uma encruzilhada religiosa, artística e cultural

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Ciências Sociais, do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Émerson José Sena da Silveira

Juiz de Fora

2015

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Neder, Andiara Barbosa.

Folia de Reis em Leopoldina : uma encruzilhada religiosa, artística e cultural / Andiara Barbosa Neder. -- 2015.
217 p. : il.

Orientador: Êmerson José Sena da Silveira

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2015.

1. Folia de Reis. 2. Catolicismo Santorial. 3. Influências africanas. I. Silveira, Êmerson José Sena da, orient. II. Título.

Andiara Barbosa Neder

Folia de Reis em Leopoldina: uma encruzilhada religiosa, artística e cultural

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Ciências Sociais do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Émerson José Sena da Silveira (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Robert Daibert Júnior
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª. Dr^ª. Renata Menezes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais que sempre me apoiaram e incentivaram, dando exemplos de estudo e garra, os quais sempre seguirei. Obrigada pelo amor e por possibilitar a realização deste sonho. Às minhas irmãs, por terem partilhado desta experiência, torcendo sempre pela minha vitória. Ao Gustavo, companheiro incansável nos caminhos de Leopoldina, pelo amor, carinho, compreensão e incentivo sempre. Ao Professor Doutor, Émerson José Sena da Silveira, pelo rigor na orientação, pelos valiosos conselhos, companheirismo e fôlego nessa caminhada. À minha grande amiga Isabella e à amiga Raquel pela disponibilidade, carinho e atenção nas traduções e correções. À amiga Vera que com sua experiência me impulsionou e ajudou no que precisei, sempre solícita e atenciosa. Ao meu tio Cimar por tornar acessível o contato com os foliões da Serra dos Barbosas, me levando até eles e me apresentando a essas valiosas fontes de conhecimento. Agradeço em especial aos foliões que tão generosamente me abriram as portas de suas casas e me transmitiram seus saberes: ao Seu Nicodênio e Seu Alair, foliões da tradicional Folia da Serra dos Barbosas, ao Seu Geraldo e Seu Dedé, da expressiva Folia dos Colodinos, à Maú, Seu Turino, Seu Zé Cristóvão, ao palhaço Marcílio e a todos seus familiares foliões da Folia da Maú que colaboraram com esta pesquisa. Agradeço a todos pelas preciosas informações que corroboraram no desenvolvimento deste estudo e pelo carinho com o qual me receberam e acolheram. A todos vocês, meu eterno agradecimento!

RESUMO

NEDER, Andiará Barbosa. **Folia de Reis em Leopoldina:** uma encruzilhada religiosa, artística e cultural

Esta pesquisa visa demonstrar que a Folia de Reis, enquanto uma manifestação devocional católica, compreende em seu interior influências tanto lusitanas como africanas. Ela faz parte de uma religião plástica e fagocitária, o Catolicismo Santorial, fruto do encontro cultural ocorrido no Brasil. Apesar de a Folia ser uma expressão popular de grande relevância no cenário da Zona da Mata Mineira, de maneira especial em Leopoldina, existem poucos trabalhos que se debruçam sobre uma discussão crítica que se baliza pela influência de heranças africanas sobre essa manifestação popular. Ao realizar uma análise baseada em um passado marcado pela presença expressiva dos negros, percebe-se principalmente na figura do palhaço traços das heranças africanas, assim como a crença no sobrenatural e no poder dos terreiros revelados nas palavras dos foliões. Esta pesquisa busca a compreensão de como se articulam nesse contexto crenças, práticas, devoções, lógicas e preceitos, no sentido de mover foliões e devotos a dinâmica da reprodução e recriação contínua da tradição. Para tal, analiso três grupos leopoldinenses: Folia da Serra, Folia dos Colodinos, e Folia da Maú. Esta pesquisa se baliza pela busca da produção de um conhecimento que possa contribuir para o enriquecimento teórico-disciplinar, não se limitando a apenas descrições, mas também elencando problematizações acerca do tema. Dessa forma, podendo ser um auxílio no preenchimento de uma lacuna no interior de uma literatura deficiente no que tange o estudo da expressividade da Folia de Reis no município de Leopoldina, como uma prática religiosa e cultural do Catolicismo Santorial permeada por influências das culturas africanas. Portanto, à luz dessas análises a tradição será tratada como um elemento vivo em Leopoldina, em constante mutação e resignificação, que trilha um caminho coerente com a modernidade e não em oposição a ela.

PALAVRAS-CHAVE: Folia de Reis, Catolicismo Santorial, influências africanas.

ABSTRACT

NEDER, Andiará Barbosa. **Revelry of Kings in Leopoldina**: a religious, artistic and cultural crossroad.

This research aims to demonstrate that the Revelry of Kings, as a Catholic devotional manifestation, comprises inside it both Lusitanian and African influences. It is part of a plastic and phagocytic religion, the Catholicism focused on the saints, called “Santorial” Catholicism, result of the cultural meeting held in Brazil. Although the Revelry be a popular expression of great relevance in the scenario of Zona da Mata at Minas Gerais, especially in Leopoldina, there are few studies that focus on a critical discussion marked out by the influence of African heritage on this popular manifestation. When performing an analysis based on a past marked by the significant presence of blacks, it is noticed mainly in the figure of the clown traits of African heritage as well as the belief in the supernatural and in the power of the yards revealed in the words of the revelers. This research seeks to understand how beliefs, practices, devotions, logical and precepts are articulated in this context, in order to move revelers and devotees the dynamics of reproduction and continuous recreation of the tradition. For this purpose, I analyze three groups from Leopoldina: Revelry of Serra, Revelry of Colodinos, and Revelry of Maú. This research is marked out by the pursuance of producing a knowledge that can contribute to the theoretical-disciplinary enrichment, not limited to only descriptions, but also specifying problematizations concerning to the subject. Thereby, it can be an aid in filling a gap within a deficient literature regarding the study of the expressiveness of the Revelry of Kings in Leopoldina’s city, as a religious and cultural practice of “Santorial” Catholicism permeated by African cultures’ influences. Therefore, in light of these analyses the tradition will be treated as a living element in Leopoldina, constantly changing and reframing, which makes a coherent path with modernity, not in opposition to it.

KEYWORDS: Revelry of Kings, “Santorial” Catholicism, African influences.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 Pirâmide vital banto -----	36
FIGURA 2 Mosaico Adoração dos Magos, século VI, Basílica de Santo Apolinário, o Novo, Ravena, Itália. -----	65
FIGURA 3 Afresco Adoração dos Reis Magos, Giotto, 1303-1305. -----	66

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTO 1 Senhor da assistência faz sua reverência à Bandeira da Folia da Maú beijando suas fitas.-----	73
FOTO 2 Fila na Igreja do Rosário para beijar as fitas da Bandeira da Folia dos Colodinos-	73
FOTO 3 Folia dos Medeiros, conhecida como Folia da Serra. -----	78
FOTO 4 A Bandeira e o triângulo -----	79
FOTO 5 Bandeira da Folia da Serra.-----	81
FOTO 6 Respeito e devoção: Seu Nicodênio com a coroa na mão esquerda, faz uma oração diante das cruzes, com a mão direita sobre o peito -----	100
FOTO 7 Igreja de São Sebastião e o Cruzeiro com os martírios de Cristo-----	102
FOTO 8 Placa da Igreja indicando a data de sua fundação, e a responsabilidade pela construção -----	104
FOTO 9 O interior da Igreja São Sebastião, localizada na Serra dos Barbosas-----	105
FOTO 10 Jantar da Folia dos Colodinos no sítio de Nair. -----	128
FOTO 11 Comunhão, foliões Zezé e Seu Dedé -----	131
FOTO 12 A oferta da Bandeira -----	133
FOTO 13 A Igreja do Rosário em Leopoldina repleta de fiéis -----	134
FOTO 14 Palhaço Roninho, na Praça da Igreja do Rosário.-----	137
FOTO 15 Neto da Maú. A guia e o terço -----	140
FOTO 16 Gurú, neto da Maú. A guia e o terço. -----	140
FOTO 17 Foliões da Folia da Maú portando suas guias -----	140
FOTO 18 O contramestre Seu Zé Cristóvão portando sua guia.-----	141
FOTO 19 Sandália faz uma oração ajoelhado diante da Bandeira -----	155
FOTO 20 Salvamento do Presépio pelo palhaço.-----	158
FOTO 21 Palhaço MJ em primeiro plano e os foliões que tocaram a chula ao fundo.-----	168
FOTO 22 Passeio com os Santos Reis ou Retirada. -----	168
FOTO 23 Palhaços MJ e MJotinha -----	169
FOTO 24 Foliões andando ao redor da mesa posta.-----	170
FOTO 25 Perdão do Palhaço MJotinha -----	172
FOTO 26 Descorção de Seu Zé Cristóvão -----	173
FOTO 27 Maú descroa Rodrigo -----	173
FOTO 28 Palhaço da Folia da Serra. -----	185
FOTO 29 Máscaras e capacetes dos palhaços da Folia da Maú. -----	185

FOTO 30 Palhaço Roninho da Folia dos Colodinos -----	186
FOTO 31 Palhaços da Folia da Maú: Mjotinha, Toninho e MJ -----	186
FOTO 32 Farda completa de palhaço da Folia da Maú -----	187
FOTO 33 Farda do palhaço da Folia da Maú -----	188
FOTO 34 Capa de Exu -----	188
FOTO 35 Imagem observada na casa de Maú -----	195
FOTO 36 A imagem, o patuá e a cruz próximos à porta de entrada. -----	195
FOTO 37 Abakuá, mascarado cubano de origem africana.-----	197
FOTO 38 Palhaço MJ, Folia da Maú -----	197
FOTO 39 Palhaço MJ se arrastando até à bandeira para pedir o seu perdão.-----	203

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Posições rituais e hierarquia dos foliões na Folia de Reis -----	71
TABELA 2	Etapas rituais da visita padrão da Folia de Reis e seu desenvolvimento.-----	74
TABELA 3	Etapas rituais da Entrega da Bandeira e desenvolvimento.-----	76
TABELA 4	Queda do número de habitantes na zona rural de Leopoldina de acordo com os decênios. -----	114
TABELA 5	Comparação entre os palhaços da Folia e os Exus na Umbanda. -----	182

SUMÁRIO

Introdução	12
1 Catolicismo Santorial, festas e devoções: origens, ressignificações e permanências	22
1.1 Catolicismo santorial	23
1.1.1 Catolicismo Santorial e as contribuições africanas	25
1.1.2 O habitus sincrético na gênese do Catolicismo Santorial	34
1.1.3 Catolicismo Santorial e seu caráter festivo	46
1.2 Devoção e promessas	51
1.2.1 “Muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre” - O santo e o leigo: uma relação direta e de reciprocidade	53
1.2.2 Devoção e promessas: a lógica afetiva da troca	56
1.2.3 Devoção a Santos Reis: ressignificações criativas na história.....	64
1.3 Folia de Reis	68
1.3.1 A hierarquia das posições rituais na Folia de Reis e a relevância da Bandeira ..	69
1.3.2 Sequências rituais: Coroação, Visita e Entrega da Bandeira	73
2 Folia de Reis da Serra: etnografando o presente, observando o passado com vistas para o futuro	77
2.1 Folia da Serra: tradição bicentenária	78
2.1.1 Apresentação da Folia da Serra	78
2.1.2 Longevidade: Estrutura da Folia, laços familiares, contexto social, flexibilidade e rigor	82
2.2 Dia 6 de janeiro, dia de Reis	92
2.2.1 Quando a História se torna Mito.....	93
2.2.2 A cantoria no Cruzeiro	98
2.2.3 Entrega da Bandeira.....	101
3 Folia dos Colodinos: visibilidade e sucesso no cenário Leopoldinense	107
3.1 Tradição perdida? O que se ganha e o que se transforma nas “perdas”	108
3.2 Histórico da Folia dos Colodinos	111

3.2.1	Origem e trajetória do grupo.....	112
3.2.2	A Folia dos Colodinos e outras histórias	117
3.3	A festa: o melhor jeito de adorar é festejar	123
3.3.1	A festa no sítio da devota Nair	127
3.3.2	A Entrega da Bandeira e a missa do dia de Reis	134
4	Folia da Maú: a presença da matriz africana na festa católica	139
4.1	Os Santos Reis visitam e os Santos Reis são visitados: uma análise sobre a Folia da Maú, a Coroação e suas visitas ritualizadas	139
4.1.1	Trajetoária do grupo e um olhar sobre suas crenças e histórias	141
4.1.2	O ritual inicial: a Coroação	144
4.1.3	Os Santos Reis visitam a morada do devoto.....	146
4.2	Dia 6 de janeiro, dia de Reis.....	160
4.2.1	Na casa do Seu Geraldo	161
4.2.2	No Cruzeiro o Padecimento de Cristo	161
4.3	Dia 20 de janeiro	165
4.3.1	O dia de São Sebastião	166
4.3.2	Entrega da Bandeira.....	167
5	Palhaço: uma encruzilhada cultural	174
5.1	Palhaço: Herodes, Santos Reis, demônio ou Exu?	175
5.1.1	O palhaço é o Rei da Folia.....	175
5.1.2	O Palhaço e o Exu	179
5.2	A estética e a performance do palhaço da Folia de Reis	193
5.3	Palhaço: o elemento antiestrutural da Folia.....	200
	Considerações finais	205
	Referências bibliográficas	213

Introdução

Como ritual do Catolicismo Santorial, a Folia de Reis se configura como um importante folgado encontrado em várias regiões do país. Particularmente em minha cidade natal, Leopoldina, ela se mostra como uma festa de grande expressividade, manifestando-se tanto na região central da cidade, como na periferia ou na zona rural.

Leopoldina é uma pequena cidade situada na Zona da Mata mineira. Sua emancipação política data de 1854. Atualmente, ocupa uma área de 943 km² e sua população estimada em 2014 é de 53.032 habitantes. Desenvolveu-se como um município essencialmente católico. Ainda hoje, segundo o censo realizado pelo IBGE em 2010, a religião é professada por aproximadamente 72% da população. Por outro lado, essa hegemonia é paulatinamente contrastada pelo crescente número de evangélicos e a expressiva queda dos católicos. No ano 2000, 80% da população se identificava como adeptos do Catolicismo. Ainda que nesse município o número de evangélicos em 2010, aproximadamente 16% da população residente, encontre-se abaixo da média nacional¹, que se aproxima dos 22%, é possível observar seu crescimento nesse período².

Apesar do crescente número de evangélicos e oferta de outras religiões na cidade, as Folias de Reis continuam fortes e numerosas, e se apresentam da mesma forma como anos atrás. Desde criança acompanho Folias de Reis, sempre inebriada pela figura do palhaço. Muitas vezes não entendia o que falava, por conta da voz abafada pela máscara, mas ficava encantada por sua figura tão pavorosamente atraente, sua dança e movimentos engraçados e ritmados e sua roupa colorida que se avoluma nos giros e saltos. Dessa forma, sempre fiz parte da plateia da Folia de Reis. Quando escutava um tambor batendo, descia correndo as escadas da minha casa.

Porém, o estudo sistemático da Folia através da pesquisa etnográfica em Leopoldina com os grupos de Folia se iniciou em 2010, quando meu interesse sobre a performance dos palhaços foi despertado. A partir de então, vários grupos foram observados com maior rigor, desde o Encontro de Tradições Mineiras em 2010 organizado pelo pesquisador da área Oswaldo Giovannini, onde várias Folias de Reis se apresentaram. A pesquisa realizada nos anos de 2010 e 2011 culminou na escrita de um trabalho de conclusão de curso de pós-

¹ Minas Gerais se apresenta como um peso morto na região Sudeste em relação às estatísticas de crescimento protestante (FREESTON, 1994, p. 31).

² Em Leopoldina, o Censo de 2010 apresenta grande avanço dos pentecostais e neopentecostais. Embora a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) tenha registrado uma pequena queda no número de fiéis, a Assembleia de Deus registra um expressivo aumento. De acordo com dados do IBGE em Leopoldina, a IURD em 2000 apresentava 389 fiéis e, em 2010, 353. Já a Assembleia de Deus, que apresentava 1764 membros em 2000, no último censo conta com a presença de 2108 fiéis na cidade.

graduação em Teatro e Dança pela Faculdade Angel Vianna, Rio de Janeiro. Durante esses dois anos, tive a oportunidade de conhecer as Folias, aproximar-me dos foliões, gravar entrevistas e participar das visitas e de festas de encerramento dos giros. Em 2012 continuei acompanhando os grupos, visando uma possibilidade de aprofundar a pesquisa sobre as Folias de Reis no mestrado em Ciência da Religião, onde prossegui a incursão nesse rico universo da devoção popular nos anos de 2013 e 2014. Dessa forma, alguns dados da pesquisa anterior foram usados de forma complementar nesta.

Ainda no início de 2011, tomei conhecimento da relevância da Folia da Serra, o grupo mais antigo da cidade, datando seu nascimento em 1816. Em janeiro de 2011, pude reconhecer a Folia dos Colodinos, antiga Folia do Seu Juca Colodino, respeitada na cidade. Mais tarde, percebi que esta era a mesma Folia a que assisti a minha infância inteira na casa do Seu Fabiano, vizinho e gente amiga da minha família. O mesmo grupo com frequência visita a residência de uma vizinha que mora mais perto da minha casa em Leopoldina, na rua ao lado. Em minha casa se escuta a batida dos instrumentos da Folia na casa dela. Em 2013, através de informações cedidas por Oswaldo Giovannini, tive a oportunidade de observar a Folia da Maú, formada em sua maioria por foliões umbandistas.

Todo esse relato revela a construção progressiva do meu interesse pelo tema, motivando os passos da pesquisa, orientada pelos objetivos agora apresentados. O presente estudo almeja investigar as influências culturais de matriz africana sobre as Folias de Reis de Leopoldina, tomando por referência três grupos: a Folia da Serra, a Folia dos Colodinos e a Folia da Maú. E a partir daí, compreender a estrutura sincrética das Folias de Reis através da interpretação das influências de religiosidade de matriz africana sobre seus elementos.

Apesar de a Folia de Reis ser uma expressão popular de grande relevância no cenário da Zona da Mata Mineira, existem poucos trabalhos que estudaram de forma profunda e crítica a presença da influência de heranças africanas nessa manifestação popular. Ao traçar um perfil dos grupos hoje e realizar uma análise baseada em um passado marcado pela presença expressiva dos negros, percebe-se principalmente na figura do palhaço traços da religiosidade de matriz africana, assim como a crença no sobrenatural e no poder dos terreiros revelados nas palavras dos foliões.

Na “teoria antropológica clássica, a festa é tomada como objeto/fato, sendo estudada sob a rubrica ritual religioso e em termos estrita e estreitamente descritivos.” (PEREZ, 2012, p. 23). Há que se entender que a observação e a descrição são apenas pontos de partida para uma análise mais profunda. É bem verdade que há autores, como Chaves (2003), Bitter (2008), Brandão (1981), que tecem análises e reflexões interessantes acerca do tema, tratam

de investigar seus símbolos e objetos rituais, mas não discutem a importância da matriz africana no folgado.

Monteiro (2005, 2010) é uma das poucas autoras que dedica suas pesquisas em torno da questão da relevância das heranças africanas sobre a Folia de Reis, mais especificamente na figura do palhaço. Reivindica também mais estudos no sentido de afirmar as influências da cultura negra no interior desse folgado, já que sua origem europeia por muitas já foi considerada, mas as influências marcantes dos negros aparecem em menor número.

A partir daí, é possível notar a existência de uma lacuna neste campo de pesquisa, principalmente na área de Ciências da Religião. Inserida no meio teatral das artes cênicas, Monteiro (2010) foca sua discussão na performance do mascarado, portanto até cita “a existência de vínculos entre os palhaços e as representações simbólicas de Exu” (MONTEIRO, 2010, p. 21). Porém, parece não querer ou não poder se arriscar nesse terreno, que não seria seu domínio. Dessa forma, sugere essa existência, mas não explicita ou problematiza as equivalências simbólicas entre Exu e o mascarado da Folia.

Diante de algumas lacunas existentes na pesquisa acadêmica sobre o tema, almeja-se, através desse estudo, despertar um procedimento crítico em relação a uma manifestação artística, popular, religiosa e suas influências africanas. Além disso, o presente trabalho poderá servir como uma estratégia para a análise de grupos de Folia de Reis leopoldinenses a partir de uma perspectiva da importância da festa para a coletividade, esta que experimenta uma existência outra que é específica da festa, diferente daquela do real socializado do cotidiano (PEREZ, 2012, p. 39). A pesquisa se baliza pela busca da produção de um conhecimento que possa contribuir para o enriquecimento teórico-disciplinar, não se limitando a apenas descrições, mas também elencando problematizações acerca do tema. Dessa forma, busca-se ampliar os conhecimentos em torno da expressividade da Folia de Reis no município de Leopoldina, como uma prática religiosa, artística e cultural do Catolicismo Santorial permeada por influências das culturas africanas.

Para a realização deste estudo foi preciso me integrar ao campo de pesquisa. Seguir as Falias por noites e madrugadas, visitar foliões, conversar com os nativos, perguntar e querer ouvir o que eles tinham a me dizer. Algumas questões metodológicas, como a observação participante aliada à prática de uma descrição densa e os procedimentos para a coleta de dados, orientaram a investigação e foram de extrema relevância. Dessa forma, o ponto de partida da pesquisa foi a observação da performance dos foliões e palhaços, para a partir daí compreender toda a riqueza do contexto que os cercam e suas teias de significados.

A performance como um ato artístico só se completa diante do observador, este assume um papel fundamental como parte integrante da “obra” ou da festa. O observador, neste caso, não apenas assume uma postura contemplativa na festa diante da performance, mas interage com o performer. E não raramente se torna também um experimentador, adentrando o espaço da arte de um modo físico e pleno, por exemplo, no momento da brincadeira do palhaço, no qual a interação entre performer e plateia, por vezes, quase dissolve a divisa entre os papéis. Quando a criança se aproxima do mascarado e dança com ele no meio da roda³, ou quando ele puxa uma senhora para sambarem juntos, e ela muito à vontade mostra todo o seu talento com o corpo⁴, o limite performer e plateia se mostra evanescente. Dessa forma, e também como plateia, que oferece dinheiro, diverte-se, pede a mazurca, o público participa ativamente da festa e é parte fundamental no evento. Realizei uma observação participante no momento em que me integrei à rotina do grupo e fiz parte dessa plateia, atenta ao meu objeto de pesquisa e ao mesmo tempo inserida nele. Procurei tecer uma relação de interação e reciprocidade entre pesquisador e objeto. Nesse percurso, eu me entendi como um ator desse processo, buscando uma síntese, e não somente explicar o ritual me colocando externo a ele, numa posição de total afastamento, de observador que não se permite experimentar. É através da observação participante que experimentei pessoalmente o fenômeno que me propus a estudar, para interpretá-lo e compreendê-lo da forma mais adequada possível, de acordo com o mundo simbólico no qual se insere.

O conceito de cultura que interessa nesta pesquisa é o conceito semiótico apresentado por Geertz (2008) como “sistemas entrelaçados de signos interpretáveis” (GEERTZ, 2008, p. 10). Diante disso, o pesquisador deve estar atento a essa teia de significações e suas possíveis análises. Deve ter sempre em mente que a fonte do conhecimento antropológico é a realidade social, e o trabalho do etnógrafo é realizar uma descrição densa, portanto não só descrever, mas interpretar e compreender essa realidade e o material simbólico que ela compreende em busca de seus significados (GEERTZ, 2008, p.12). Portanto é necessário “desvelar a complexidade simbólica dos rituais religiosos, buscando apreender seus significados de forma contextual e se distanciando de análises meramente descritivas e homogeneizantes” (SILVA, 2010, p. 10), sempre apoiado em uma consistente análise etnográfica do rico material empírico.

³ Situação observada e filmada em janeiro de 2011, com o palhaço Roninho da Folia do Colodinos, no Bairro São Cristóvão, periferia de Leopoldina.

⁴ Situação observada e filmada em 20 janeiro de 2013, com o palhaço Rodrigo da Folia da Maú, no Bairro Nova Leopoldina, periferia de Leopoldina.

A partir da observação participante, o pesquisador tem a possibilidade de “dominar, pela vivência, a linguagem e os códigos que orientam o comportamento coletivo e atribuem sentido e plausibilidade às experiências que lá são observadas” (PROENÇA, 2008, p. 31). Para tal, é necessário se inserir no contexto social do evento a ser pesquisado; observar e registrar todos os dados coletados que julgar relevante naquele momento, de acordo com seu roteiro prévio de observação. O pesquisador deve preparar um roteiro, mas não se tornar refém dele; é preciso estar aberto às manifestações do fenômeno e deixar-se envolver. Mas sempre atento àquele distanciamento necessário em relação ao objeto para que se possa chegar o mais próximo possível da imparcialidade desejada, mesmo ciente de que “independentemente do tipo de fonte utilizada para a pesquisa, sempre haverá um grau de subjetividade e um direcionamento intencional na investigação a ser feita” (PROENÇA, 2008, p. 25). As próprias fontes, sejam elas escritas ou orais, sempre estão marcadas por certa parcialidade.

Para elaborar este roteiro assim como para realizar o cruzamento de dados coletados com os já adquiridos, é preciso ter um conhecimento prévio a respeito do objeto de pesquisa. Conhecer as regras próprias do campo religioso em questão, assim como as suas especificidades, auxilia a observação participante (PROENÇA, 2008, p. 30-31). Por isso, foi importante para esta pesquisa a minha inserção neste universo da Folia de Reis antes mesmo de entrar no Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, em 2010 quando meu interesse primeiramente pelo palhaço e mais tarde pela Folia como um todo foi despertado.

Teoria e prática devem andar de mãos dadas nesse processo metodológico tão generoso com o pesquisador do campo religioso brasileiro como a observação participante. Ela se mostra como um caminho metodológico rico por oferecer ao etnógrafo a possibilidade de inserção no imaginário da crença e revelar a lógica que define seu funcionamento, minimizando assim interpretações precipitadas ou superficiais acerca do objeto de pesquisa (PROENÇA, 2008, p. 15).

Ao me empenhar em realizar uma etnografia sobre grupos de Folia de Reis em Leopoldina, foi preciso ter ciência de que a interpretação e a observação participante se fazem necessárias nesse processo. Segundo Beaud e Weber (2007, p. 118) “a observação continua sendo a principal ferramenta da etnografia, sua melhor arma. A entrevista é seu complemento mais ou menos indispensável”.

A observação muitas vezes se mostra mais importante que as entrevistas de variadas fontes e tão relevante quanto a análise de numerosa bibliografia sobre o assunto. Contudo essas três ferramentas metodológicas são indispensáveis nesta pesquisa. “Dados de maior

fiabilidade se obtêm observando as festas pessoalmente, seguindo, em importância, as descrições e análises publicadas em teses, livros, periódicos e documentos acadêmicos, além dos depoimentos diretos dos participantes” (AMARAL, 2012, p. 77).

A observação participante auxilia a produção de uma “etnografia do não dito”. Aquilo que não é verbalizado, seja por já estar incorporado e naturalizado ou porque não deve ser enunciado, é relevante para a pesquisa e pode ser explicitado no momento em que há uma interação entre observador externo e o grupo (MENEZES, 2012, p. 63). Dessa forma, pode-se afirmar que o corpo, o gestual, os símbolos, os objetos rituais, o próprio ritual, o ambiente, o “clima”, a emoção, a fé, o respeito, a devoção, tudo isso faz parte desse complexo grupo do “não dito”, grupo que fala por si só sem a necessidade de ser verbalizado. Aliada à observação, deve sempre estar a interpretação. A pesquisa antropológica não é mais observadora que interpretativa. É importante perceber que o essencial para se compreender um acontecimento particular não está dito e sim implícito, insinuado como uma informação de fundo que é preciso captar (GEERTZ, 2008, p. 7). É preciso estar atento ao comportamento, “pois é através do fluxo do comportamento – ou, mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação” (GEERTZ, 2008, p. 12). E, muitas vezes, o que é para o nativo óbvio ou naturalizado, não há espaço em suas falas, pois para ele já está “dito”, porque “explícito”. Além disso, para Geertz (2008), colocar o nativo no contexto de suas próprias banalidades torna esse quadro mais acessível ao pesquisador sem perder o que há de singular nesta cultura. Acrescenta que “compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade” (GEERTZ, 2008, p. 10).

Destarte, é preciso “buscar as relações entre o universo do discurso sobre a festa e a realidade não verbal” (AMARAL, 2012, p. 74). Por isso o trabalho de campo deve ser privilegiado, e a lógica de seus informantes deve ser considerada, para que não se caia na armadilha de tomar a versão oficial da Igreja como a única verdade sobre o tema. Para Menezes (2012), isso se configura como uma das dificuldades para quem estuda o Catolicismo (MENEZES, 2012, p. 62).

Nesse contexto, as entrevistas também são de suma importância. Através delas, pude perceber o alcance de uma fé compartilhada e os interesses que cimentam a relação de devoção. As entrevistas foram aliadas a outros dados, tanto históricos quanto empíricos, que auxiliaram na descrição da festa e em sua análise. Pois “algumas entrevistas aprofundadas, isoladas, não bastam [...]. Devem inserir-se num conjunto pertinente de dados etnográficos (dados de contextualização histórica e geográfica, dados estatísticos ligados a seu tema, observações diversas)” (BEAUD, WEBER, 2007, p. 120).

Em forma de perguntas pré-estabelecidas ou em conversas espontâneas com foliões ou com devotos, consegui informações valiosas acerca da festa, do ritual e suas significações, da importância do mesmo para aqueles que recebem a Folia nas suas casas e qual a razão de recebê-la. Geertz (2008) ressalta a importância da conversa em pesquisa etnográfica: “O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles” (GEERTZ, 2008, p. 10). Isso não necessariamente se dirige somente às entrevistas. É procurar não tornar-se um nativo, tampouco copiá-lo, mas apreender o seu contexto cultural e obter subsídios para interpretar o sistema entrelaçado de signos que é a cultura e descrevê-lo com densidade.

Para a coleta de dados, foi elaborado um roteiro de entrevista estruturado com base no estudo e revisão da literatura referente à temática e nas experiências práticas e vivenciadas. O contato com alguns foliões já foi estabelecido nos anos de 2010, 2011 e 2012, e até mesmo, em alguns casos estreitados, o acesso a essas fontes não foi difícil. As entrevistas foram realizadas com as lideranças das Falias. Nem sempre a liderança está no mestre folião. Às vezes pode ser o dono da folia, no caso da Dona Maú, ou um integrante mais antigo, ou até mesmo um devoto pode se caracterizar como uma liderança local do grupo. Em cada Folia, foram realizadas entrevistas e conversas informais a fim de compreender a estrutura do grupo, crenças e histórias locais. Conversei com os donos das Falias, com mestres, palhaços e também com um devoto que recebe grupos em sua casa anualmente. Geralmente as lideranças possuem muitas informações referentes ao folguedo, como questões tradicionais, de estrutura do ritual, devoção e significados. Ocorreram também conversas com a assistência espontaneamente, que engendram questões interessantes devido à grande bagagem de saberes e experiência com o ritual. Portanto, foi com base na etnografia aliada à análise de denso material bibliográfico que esta pesquisa se realizou.

Esta dissertação encontra-se subdividida em 5 capítulos. O primeiro capítulo se mostrou mais teórico, pois ao iniciar uma discussão em torno da Folia de Reis enquanto folguedo de cunho devocional e popular é preciso situar o leitor de antemão no território do Catolicismo Santorial, quando ele fará uma incursão logo nas primeiras páginas. Explicitar esse contexto fagocitário e ávido de religiosidades difusas, explicar suas peculiaridades de construção e de desenvolvimento através de perenes transformações, além de ressaltar sua porosidade como característica virtuosa de sua identidade, parece-me razoável para iniciar uma viagem pelo universo da Folia de Reis.

Após uma discussão sobre a origem do Catolicismo Santorial e sua relação com o Catolicismo Afro-brasileiro, foi possível iniciar uma análise mais embasada em torno da Folia

de Reis com o seu contexto já definido. A partir daí, explanei sobre os tipos de devoções inerentes a esse contexto, para se chegar à origem da devoção nos personagens bíblicos, conhecidos como Reis Magos ou Santos Reis do Oriente. Logo, a ritualística padrão seguida pelas Folias de Reis de Leopoldina e os valores de hierarquia e função dos membros inseridos no grupo foram discutidos e analisados.

Os segundo, terceiro e quarto capítulos compõem a parte etnográfica desta pesquisa. Neles serão descritos e analisados o visto e o ouvido durante a etnografia dos giros⁵ dos três grupos de Leopoldina selecionados para esta pesquisa: Folia da Serra, Folia dos Colodinos e Folia da Maú.

A escolha da sequência das Folias a serem analisadas em cada capítulo não foi aleatória. A ordem foi baseada em uma lógica cronológica em relação ao surgimento das Folias e ao seu contexto social de origem e permanência. A Folia da Serra é a mais antiga e rural, a dos Colodinos, nasce em 1955 na zona rural e se transfere para a cidade, e a da Maú, grupo mais recente, é essencialmente urbana.

Devido às especificidades de cada grupo, não subdividi os capítulos a eles destinados da mesma forma. Em determinado grupo, certo tema pode ser de suma importância e apresentar centralidade na discussão promovida, porém no contexto da outra Folia não se faz necessário o aprofundamento da mesma questão, apontando o foco de suas questões primordiais em direção diferente. Dessa maneira, o leitor encontrará nesta pesquisa um foco maior no conteúdo do que na forma. Minha preocupação foi buscar sempre a coerência entre a escrita e o encontrado e vivido em cada contexto, sem tentar enquadrar os elementos, conceitos, crenças e narrativas exclusivas de cada grupo em estruturas rigidamente estabelecidas, que não condizem com a realidade do campo. Portanto, as especificidades serão respeitadas e a identidade de cada Folia será soberana na escolha dos itens abordados em cada seção.

À Folia da Serra dedico o segundo capítulo desta pesquisa. A Bandeira, a mesma desde a fundação da Folia, carrega quase dois séculos de história da família Medeiros e da região da Serra dos Barbosa, onde a Folia se situa até os dias atuais. A grande maioria dos foliões possui um laço sanguíneo com o “Medeiro velho”, fundador do grupo, os laços familiares são muito importantes na estrutura das Folias de Reis e esse sentimento de pertença contribui para a longevidade da Folia da Serra.

⁵ Giro é o nome que se dá à jornada dos grupos de Folia de Reis, à semelhança dos Magos que foram visitar Jesus na manjedoura. Caracteriza-se pela alternância entre caminhada até à casa dos devotos e cantoria no interior das mesmas, anunciando a boa nova, o nascimento do Deus Menino.

Esse é o grupo que mantém maior rigor em relação às antigas tradições referentes à Folia de Reis e também à organização, embora a flexibilização de alguns elementos ocorra como uma estratégia de sobrevivência da tradição ao se adaptar às condições da atualidade.

Nesse capítulo contei a história da Folia da Serra e analisei os compromissos e narrativas que sustentam o cumprimento da Cantoria no Cruzeiro e da Entrega da Bandeira na igreja da Serra a cada ano. Por isso é fundamental compreender a lógica religiosa sincrética que mantém viva essa manifestação do Catolicismo Santorial há tantos anos na Serra dos Barbosas.

No terceiro capítulo apresento a Folia dos Colodinos. Traço um breve histórico do grupo, ratificando sua origem rural e os desafios enfrentados com a sua mudança para o contexto urbano. Algumas narrativas, que afirmam o poder sobrenatural dos antigos familiares que participaram da Folia, também fazem parte dessa história. Apresento a visita no sítio da devota Nair e por fim, descrevo o roteiro seguido pela Folia dos Colodinos no dia 6 de janeiro. Desde o jantar oferecido por Dona Zezé, passando pela visita ritualizada à igreja, fazendo parte da missa do dia de Reis e finalmente voltando à casa da devota para fazer a Entrega da Bandeira e encerrando assim o seu giro.

A Folia da Maú é o tema da discussão do quarto capítulo. Situada na periferia da área urbana de Leopoldina, no bairro Nova Leopoldina, o grupo se mostra como um elo entre o Catolicismo Santorial e a Umbanda. Os foliões, em sua maioria, são umbandistas e familiar de Maú. Aqueles que não pertencem à família acabam se inserindo nela, pois é perceptível a dinâmica que aponta que a entrada na Folia assegura a entrada à família.

Nesse capítulo, descrevo analiticamente as visitas ritualizadas da Folia da Maú, apontando a importância do ritual para os devotos que a recebem em suas casas. Analisei também as especificidades desse grupo, como a participação ativa das mulheres nos rituais e extensão da jornada até o dia 20 de janeiro, e seus motivos para tal.

O quinto capítulo apresenta a figura do palhaço em toda a sua complexidade. Explico seus diversos significados e sua função na Folia como um “mal necessário”. Sua ambiguidade se expressa na sua significação e na sua função, assim como na recepção pelo público, pois, mesmo sendo o representante do mal, é querido e ansiosamente esperado pela plateia. Por fim, o mascarado é compreendido como o elemento antiestrutural da Folia dentro dos conceitos de *communitas* e de estrutura discutidos por Turner (2013). Analisando suas restrições, missão, obrigações rituais e toda situação de submissão e humilhação a que o palhaço se submete, posso percebê-lo em uma condição de liminaridade, onde a *communitas* se irrompe. Porém, ele transita entre o modelo de *communitas* e de estrutura.

As considerações finais do estudo são apresentadas em seguida, e logo após, seguem-se as referências bibliográficas.

Esses três grupos representam a tradição cultural, histórica e religiosa mantida e reinventada pela Folia de Reis em Leopoldina. Foliões e devotos, detentores de fontes inesgotáveis de saberes populares, encontram-se nas áreas rurais e urbanas do município, legitimando a existência, permanência e ressignificação dessa tradição. Dessa forma, a fim de que se compreenda e interprete essa manifestação popular, Libânio (1982) assevera que tais elementos “se processam dentro de um determinado momento histórico e são condicionados pelas circunstâncias sociopolíticas culturais” (LIBÂNIO, 1982, p. 119-120). A partir daí, apresento a seguir o contexto no qual as Folias em questão se estruturaram e como elas permanecem e seguem vivas adiante.

1 Catolicismo Santorial, festas e devoções: origens, ressignificações e permanências

Procuro conceituar, ainda que brevemente, o Catolicismo Santorial e suas principais manifestações em Minas Gerais. Início o debate a partir do conceito de sincretismo, demonstrando a porosidade desse Catolicismo, extremamente plástico e elástico desde sua gênese, operando mais pela lógica da soma e da fusão do que pela da subtração e exclusão.

É plausível admitir que as interações do Catolicismo com religiosidades outras foram se definindo por via de um processo de amálgama, o que permite considerar o Catolicismo Santorial enquanto um híbrido rico e complexo. Nessa perspectiva, assinalo outra ideia ainda pouco abordada na área de Ciência da Religião, a flexibilidade da religiosidade de matriz banto, como um elemento contribuinte dessa realidade sincrética. Observa-se que essa matriz cultural que se mostrava dominante, quase hegemônica nas senzalas do Sudeste do Brasil principalmente a partir de 1820, influenciou de forma sensível a maneira de se relacionar com o sagrado nesta região (SLENES, 2006, p. 279 -280).

Portanto, aponto lembranças de traços da religiosidade de origem africana pulsando nas festas desse Catolicismo Santorial, mesmo que de forma latente ou mesclada com a religiosidade ibérica herdada. Vale ressaltar que a estrutura banto e a católica se mostraram mutuamente abertas às trocas. Como exemplos das manifestações herdeiras desses encontros, fusões e apropriações culturais encontradas na Zona da Mata mineira podem ser citados e descritos de maneira sucinta os Congados, Charolas, Encomendação das Almas e Folias (GIOVANNINI, 2005).

Ao investigar o sustentáculo dessas manifestações festivas de cunho religioso, chego à devoção popular e seus desdobramentos no contexto da Folia de Reis. Primeiramente, abordo o universo do Catolicismo Santorial e as condições encontradas no Brasil para desenvolvimento da devoção aos santos. Logo, analiso os tipos de devoções que se estabelecem nesse contexto e os laços afetivos que se formam na relação santo/devoto. A comunicação entre esses elementos dispensa qualquer tipo de mediação, permitindo que o devoto faça seus pedidos diretamente, através de uma espécie de contrato com o santo, a promessa. No cenário devocional do Catolicismo Santorial, essa prática se configura como uma via legítima de compromisso do santo com o devoto e vice-versa, surgindo então uma relação de reciprocidade entre as partes.

Em seguida, exponho a origem da devoção em Santos Reis e suas ressignificações através dos tempos. Antes mesmo de chegar ao Brasil, a devoção nos Reis Magos já apresentava uma longa trajetória que remonta sua origem nos primórdios do Cristianismo

(ANTONIO; PELEGRINI, 2014). A imagem dos Magos se altera sensivelmente durante a Idade Média, transformando-os nos três Santos Reis Magos. A devoção se estabeleceu no Brasil por meio dos jesuítas no século XVI, ganhou as camadas populares, atraiu a devoção negra e permanece até os dias atuais.

Finalmente, apresento de maneira mais sistemática a Folia de Reis, explanando sobre a dinâmica da festa e seus rituais obrigatórios: da abertura ao fechamento do ciclo de suas visitas, passando pelos padrões seguidos pela maioria das Folias de Leopoldina, apresento essa manifestação em seus aspectos estruturais, ressaltando a hierarquia existente nas posições rituais, etapas e significados da visita às casas dos devotos e, concluindo a sequência, explico a festa de encerramento da Folia com a Entrega da Bandeira. Além disso, ressalto a importância da Bandeira e do poder que a ela atribuem foliões e devotos.

1.1 Catolicismo Santorial

Por Catolicismo Santorial pode-se entender o Catolicismo de cunho devocional praticado pelos leigos, com base na cosmologia oficial da Igreja Católica, mas sem interferência direta da instituição em suas práticas e manifestações, marcadas pela autonomia em relação à Igreja. O Catolicismo Santorial, muitas vezes conhecido como Popular, é entendido como um Catolicismo “autônomo expresso em festas tradicionais variadas, devoções aos santos com práticas de estilos mágicos” (MARIZ, 2006, p. 56).

Além disso, é compreendido como uma religião festiva, mas também penitencial, de modo que as duas características aparecem como relevantes e complementares. O Catolicismo Santorial é um campo onde ambiguidades e contradições se revelam, e aspectos que se julgam conflitantes ou incoerentes convivem de maneira harmônica. Símbolos, figuras, crenças e devoções ambíguas e polissêmicas podem admitir todos os seus significados nesse contexto. Por isso, as festas se mostram como sagradas, mas assumem seu lado profano. Nesse modelo de Catolicismo, “através da penitência realiza-se um processo de identificação entre o sagrado e o profano” (STEIL, 2001, p.23). Desse modo, muitas vezes as festas são entendidas como uma via para o leigo fazer o seu sacrifício, mas permeado pelo prazer e a alegria. É como na Folia de Reis, em que o sacrifício das longas caminhadas é permeado pelo prazer da festa, da boa comida, do encontro com os amigos e familiares.

A frase de Sanchis (1992, p. 33), “há religiões demais nesta religião”, expressa a lógica do Catolicismo que se delineou no Brasil. Uma religião plural e sincrética, que opera por mecanismos de fagocitose que parecem fazer parte mesmo de uma identidade católica

(SANCHIS, 1992, p. 33). Nessa religião podem-se encontrar realidades opostas convivendo. O que se observa realmente são catolicismos, nos quais são encontradas crenças e práticas.

Agarrando-se às tradições ou reinterpretando-se em função de situações todo dia emergentes, autodefinindo-se com exclusiva lealdade ou aceitando ajustar fidelidades numa consciência religiosa tranquilamente compósita, estritamente identificada a relações institucionais ou relativizando a sua referência à Igreja, modelando, enfim, os matizes de sua adesão, os conteúdos e a própria natureza do seu “crer”, a vivência do ser católico no Brasil foge de qualquer unicidade” (SANCHIS, 1992, p.33).

O Catolicismo que será aqui analisado é flexível e modelável, que demonstra sua plasticidade e sua incorruptível disposição para a ação e nunca para a estagnação. Assinalando a pluralidade da vivência católica no Brasil e contrariando a unicidade nominal que define uma variedade de grupos que constituem essa complexa rede, caberá aqui a discussão de uma delas, que será distinguida nesta pesquisa como Catolicismo Santorial. Entendido por Teixeira (2009) como uma das formas mais tradicionais de Catolicismo no Brasil, o Catolicismo Santorial apresenta como traços característicos o culto aos santos, a preeminência do leigo e o seu aspecto penitencial, mantendo alguma autonomia e liberdade em relação ao Catolicismo Institucional. Embora não se oponha à presença de representantes oficiais da Igreja, não depende deles em suas manifestações para sacralizá-las ou torná-las válidas enquanto experiências de acesso ao sagrado (TEIXEIRA, 2009, p. 20).

Por ser uma religiosidade expressa nas devoções populares, por muitos já foi definido como Catolicismo Popular. Para se evitar ambiguidades em torno do termo que assim o adjectiva, o qual pode caracterizar tanto algo que pertence ao povo, como também algo famoso e conhecido, etc., utilizo Catolicismo Santorial, já que essa faceta tradicional de ser católico é caracterizado principalmente pela devoção aos santos.

Além disso, expressões como Catolicismo Popular em oposição ao Catolicismo Clerical se tornaram categorias fechadas de análise e desgastadas, a ponto de perderem quase todo sentido para a compreensão do cenário religioso contemporâneo. O problema central desse tipo de análise é considerar esses catolicismos enquanto “sistemas fechados ou totalidades demarcadas por fronteiras claras, que refletiriam divisões estruturais de classe social ou de posição institucional” (STEIL, 2009, p. 153).

O instrumental de análise das Ciências Sociais, baseado nesses sistemas fechados, apresentava tradição e modernidade como elementos antagônicos que operam em sentidos contrários, além de idealizar uma visão de “povo” como sinônimo de uma massa homogênea

de “pobres” que deveria resistir ao avanço do “capitalismo” tido como o grande degenerador das práticas e crenças populares. O povo ficou compreendido ao mesmo tempo como sujeito político, capaz de resistir ao capitalismo, e como guardião da cultura popular (STEIL, 2009, p. 153).

É importante ultrapassar uma visão clássica que opõe formas institucionais e populares, modernidade e tradição, religião e magia como ideias e elementos excludentes e inconciliáveis, ao invés de complementares e cambiantes entre as fronteiras que se mostram porosas, mas também visíveis.

O que pude perceber, a partir das pesquisas de campo que realizei, é que a instituição não é negada pelos agentes populares. Da mesma forma, setores da Igreja Católica não mais se interessam tanto em combater as formas de expressão da religiosidade devocional popular. É perceptível a existência de duas tradições dentro do Catolicismo, a institucionalizada e a popular: “ao invés de estas tradições estabelecerem entre si uma relação de exclusão, elas se articulam num movimento de circularidade, onde uma se alimenta da outra” (STEIL, 2001, p. 34). Observo isso quando a Folia dos Colodinos é recebida na Igreja com euforia pelos devotos e quando o padre cede seu lugar para que os “sacerdotes de viola”, como diria Brandão (1981), simbolicamente assumam ao fim da missa o seu ritual, não pertencente ao contexto institucional, mas absorvido pelo mesmo.

1.1.1 Catolicismo Santorial e as contribuições africanas

Sobre Catolicismo Santorial é importante ressaltar sua origem sincrética. É fato que no Brasil pode-se observar um imenso sincretismo religioso fundado a partir do encontro cultural entre os indígenas nativos, portugueses e africanos. Abordarei, entretanto, as culturas portuguesa e a africana no que tange à construção do Catolicismo Santorial como um modelo sincrético.

Segundo Sanchis (1995), o sincretismo não opera somente dentro dos limites do universo religioso, mas permeia as relações de um universo cultural como um todo no momento em que diferentes grupos humanos mantêm contato sociocultural entre si. É um fenômeno universal que evidencia uma tendência de ressemantizar o próprio meio cultural a partir dos códigos apreendidos do mundo do outro. O sincretismo pode ser compreendido como “o modo pelo qual as sociedades humanas [...] são levadas a entrar num processo de

redefinição de sua própria identidade, quando confrontadas com o sistema simbólico de outra sociedade” (SANCHIS, 1995, p. 2).

O processo polimorfo que caracteriza o sincretismo prevê uma constante redefinição da identidade social e não uma confusão generalizada que produziria, quando aplicada ao contexto religioso, um desvio da “religião pura”. Portanto, a ideia de sincretismo enquanto confusão, mistura, degeneração ou degradação não é o alicerce da análise que empreendo, sendo entendido como um fenômeno que ocorre a partir dos encontros culturais.

O sincretismo no campo da religião prevê uma ligação com o conceito de trânsito religioso que não configura apenas a circulação de pessoas, mas também de conteúdos simbólicos e práticas rituais, delineando nesse processo religiões cada vez mais vivas e dinâmicas, afirmando que o campo religioso brasileiro está sempre em movimento, em contínua síntese e diferenciação. O trânsito define-se como um dinamismo generalizado e não como um simples deslocamento: circularidade e complementaridade são palavras-chave desse processo marcado pela diversidade (RUMSTAIN; ALMEIDA, 2009, p.31-32).

A religião católica no Brasil se mantém em diálogo constante, um espaço do trânsito, e como consequências observam-se as trocas, incorporações, contribuições e redefinições que esboçaram a silhueta do Catolicismo Santorial.

No contexto do Catolicismo Santorial, a autonomia em relação a Roma pode ser observada a partir de vários pontos e explicada a partir de sua estrutura sincrética. Um dos pontos pelo qual se observa a autonomia deste Catolicismo tange a questão da centralidade do leigo. Ele assume papel fundamental de criador e produtor da religião, sendo um “agente relativamente autônomo, capaz de iniciativa no campo religioso” (ANTONIAZZI, 1989, p. 28). Nessa perspectiva, o sagrado e o profano, mediados pelo leigo que transita livremente pelos dois campos, não possuem limites claros, e a linha que os separa se faz tão tênue que se dissolve na efervescência coletiva das festas religiosas.

Remetendo ao período colonial brasileiro, discutido pela historiadora Martha Abreu (1994), pode-se identificar uma das raízes do Catolicismo Santorial. Nesse período, de uma maneira geral, o clero tinha ação limitada. Seu trabalho de evangelização era pouco expressivo, devido também aos poucos recursos que a Coroa Portuguesa destinava a esta tarefa no Brasil. Os leigos assumiram o papel de agentes mais importantes desse Catolicismo, o qual compreende no seu interior diversas sobrevivências pagãs como superstições e feitiços, que atraíam também os negros, facilitando sua adesão (ABREU, 1994, p. 183). Na verdade, feitiços e superstições também faziam parte da contribuição dos negros na construção dessa forma peculiar de religiosidade brasileira. Pode-se dizer que o Catolicismo Santorial tem sua

gênese multipolar, calcada tanto em raiz ibérica quanto africana. Nessa mistura situa-se o Catolicismo Afro-brasileiro, o qual seria o produto de um processo de aproximação entre a cosmologia africana e a cristã no Brasil, através da interpretação desta pelas lentes daquela.

Segundo Marina de Mello e Souza (2001, p. 184) a adoção do Catolicismo pelos negros escravizados no Brasil foi uma forma de integração dos africanos e seus descendentes na sociedade escravista. Essa atitude, bastante estimulada pelos senhores e administradores coloniais, tinha nas comunidades negras que aceitavam o cristianismo um resultado criativo que agenciava um jeito próprio de vivenciar esta religiosidade. Incorporavam dogmas, ritos e símbolos de acordo com a sua cosmovisão. Seguindo seus preceitos culturais de origem, imprimia nos elementos novos o seu olhar e operava à sua maneira, o que gerou uma forma peculiar de Catolicismo, o Catolicismo Afro-brasileiro.

No entanto, esses processos de reinterpretação já eram comuns na África Centro-Occidental. Antes de fazer a travessia do Atlântico, muitos escravizados já haviam tido algum contato com a religião Católica em terras africanas e realizado processos de reinterpretação como o vivido por Kimpa Vita no Reino do Congo em fins do século XVII. Segundo Souza e Vainfas (1998), o movimento dos antonianos liderado pela congoleza Beatriz Kimpa Vita é um exemplo de como o Catolicismo foi interpretado pelos africanos. O Catolicismo proveniente desse movimento seria uma leitura banto da mensagem cristã, compreendida enquanto resultado de um processo de hibridismo cultural e de ressignificação do Catolicismo pela cultura banto (SOUZA; VAINFAS, 1998, p. 12 - 13).

Outro exemplo pode ser dado pela difusão do culto a Santo Antônio, por parte de Kimpa Vita, um santo muito popular na África e na América Portuguesa devido a atividades dos missionários europeus nesses territórios (SLENES, 2006, p. 290). Na África, um local com tão poucos padres, o Catolicismo contou com a ajuda de catequistas nativos, discípulos de missionários para a propagação da nova religião. Nesse processo, ritos e símbolos católicos passaram a ter uma dupla leitura, uma para os sacerdotes católicos e outra para os bango⁶. Na ressemantização desses elementos, Kimpa Vita adotou Santo Antônio como entidade máxima de seu movimento e afirmava que era possuída pelo Santo e frequentava o Reino Celeste através de sonos catalépticos, equivalentes ao processo de morte e ressurreição experimentado por Jesus Cristo e também pelos membros do Kimpassi, sociedade secreta existentes no Reino do Congo (SLENES, 2006, p. 290).

⁶ Baongo é o nome que identifica os habitantes da região onde hoje se encontram Congo e Angola (SOUZA, 2001, p.173).

Não é de se estranhar que Kimpa Vita fosse condenada à fogueira depois que seu Catolicismo, reinterpretado à luz da religião tradicional africana, ganhou força e seguidores. Tanto que até mesmo após sua execução em 1708, a seita continuou viva em parcela significativa da população bacongo. Souza (2001) acrescenta que, como represália, muitos dos antonianos foram enviados como escravos ao Brasil, o que também teria fortalecido o culto do Santo nestas senzalas, segundo Thornton (SOUZA, 2001, p. 174-175).

Mais um exemplo de equivalência construída a partir do encontro da cultura portuguesa com a bacongo se deu em torno do símbolo da cruz. Segundo Souza (2001, p. 178) a cruz não foi introduzida na África a partir do cristianismo; ela já existia lá anteriormente à chegada do Catolicismo como símbolo religioso. Para os bacosos, ela representava o ciclo contínuo da vida e da morte e a possibilidade de conexão entre esses dois mundos, que estariam interligados pela possibilidade de comunicação e divididos pela água, ou seja, acima da linha do horizonte seria o mundo dos vivos e, abaixo, o dos mortos. O desenho da cruz e seus quatro pontos indicavam o caminho percorrido pelo sol ao longo do dia, representando ao mesmo tempo o ciclo da vida, isto é, o nascimento quando aparece no horizonte, no ponto lateral da cruz, a maturidade no ponto mais alto e a morte no ponto oposto ao do nascimento. No quarto ponto, localizado abaixo da linha do horizonte, o sol iluminaria o mundo dos mortos (SOUZA, 2001, p. 178).

Dessa forma, o eixo horizontal representa o ciclo da vida, do nascimento à morte, como o nascer e pôr do sol. O eixo vertical revela a conexão entre os dois níveis de existência, permitindo pensar que o sol brilha tanto no mundo visível como no invisível. A cruz é a ponte que permitia a comunicação entre os vivos e os espíritos ancestrais, a quem os bacosos recorriam para resolver os problemas terrenos. Portanto, quando a cruz lhes foi mostrada como um símbolo sagrado dos cristãos, a equivalência foi possível: já a encaravam com respeito pelo seu significado em sua cultura, os missionários só vieram reafirmar o seu valor religioso (SOUZA, 2001, p. 178). Foram justamente essas reinterpretações que permitiram uma convivência não explosiva de universos abstratamente contraditórios. Elas muitas vezes permitiram também a sobrevivência, a prosperidade e o equilíbrio emocional coletivo e individual (SANCHIS, 1995, p. 3).

Por isso, é possível afirmar que o processo de aproximações culturais, reinterpretações, equivalências, que culminava na interpretação dos rituais cristãos pelas lentes cosmológicas africanas e vice-versa, começou antes da chegada dos escravizados africanos no Brasil Colônia e se desenvolveu através da relação de africanos e seus descendentes com os colonizadores.

O processo de reinterpretação se iniciou na África e os primeiros contatos entre os portugueses e os povos banto - habitantes da costa da África Central, onde se encontram Congo e Angola - foi compreendido por estes com uma experiência com o mundo sobrenatural. Segundo Souza e Vainfas (1998, p. 14), uma aproximação já haveria acontecido na África nos primeiros 200 anos de contato entre congoleses e europeus, através de uma ambiguidade na interpretação dos fatos e mitos, o que originou o Catolicismo Africano como uma institucionalização de um mal-entendido ou um diálogo de surdos (SOUZA; VAINFAS, 1998, p. 16).

Para o povo congolês, o mundo era dividido entre o mundo dos vivos, pessoas negras, e o mundo dos mortos, localizado no mar, “fonte de toda sabedoria, harmonia e poder” (SOUZA, 2006, p. 67) e habitado por brancos. O “oceano era para os congoleses, domínio do além, uma via de acesso para o outro mundo, espaço no qual estavam os mortos, que seriam brancos como os albinos” (SOUZA, 2006, p. 64).

O mundo invisível de certa maneira conduzia o visível, ditava regras e os espíritos de antepassados poderiam ser chamados para resolver problemas terrenos. Quando os colonizadores europeus chegaram ditando regras, mostrando seu poderio bélico através das armas de fogo, os africanos julgaram estar diante de uma manifestação das forças do mundo sobrenatural, atuando de maneira mais incisiva na vida das pessoas.

Segundo Souza e Vainfas (1998, p. 15), o povo congolês, em sua cosmologia, entendeu que os portugueses faziam parte do mundo dos mortos e que, adotando os ritos trazidos além-mar, lugar de domínio do sagrado, acumulariam mais poder. Afinal, a superioridade tecnológica dos portugueses pareceria apontar isso. Aparelhados com objetos nunca vistos e de comprovada eficácia, os bacongos não tiveram dúvida quanto à origem daquelas pessoas e acataram seus rituais católicos, reinterpretando mitologias e símbolos a partir de códigos culturais próprios, lendo a realidade através de suas concepções. Aceitaram inclusive o batismo, entendendo este sacramento como uma iniciação no novo culto, que para os nativos não passavam de uma nova versão do culto que lhes era familiar, mais poderoso por ser oferecido pelos mortos (SOUZA; VAINFAS, 1998, p. 14). Desenvolveu-se a partir daí o Catolicismo Africano, sendo incorporado pelos congoleses como uma releitura ambígua do Cristianismo europeu, como uma nova forma de lidar com as antigas crenças tradicionais africanas (SOUZA; VAINFAS, 1998, p. 15 - 16).

Há relatos escravos batizados antes de chegar ao Brasil. James Sweet (2007, p. 231) identifica, no início do século XVII, a prática de batismo em massa dos escravizados centro-africanos no litoral de Luanda, na qual até 700 pessoas poderiam receber o batismo em cerca

de três ou quatro horas. Esse ritual consistia em dizer ao negro o seu nome cristão, escrevendo em um papel e lhe entregando, logo lhe colocavam sal na boca e finalmente deitavam água sobre sua cabeça.

Sweet (2007, p. 229-230) alega que o sal fazia parte do ritual de batismo católico na África. Ao mesmo tempo, de acordo com as crenças tradicionais congolezas, o sal era um repelente de espíritos e pessoas más, oferecendo proteção. Sobre essa crença dos congolezes, não há evidências históricas para saber se ela se originou antes ou depois do contato com o Catolicismo.

De acordo com Sweet (2007, p. 231), os padres que realizavam o ritual não tinham qualquer intenção de catequizar essas pessoas, sequer dizer-lhes quem era o Deus Cristão. Isso gerou margem para que as interpretações acerca do ritual, que acontecia na praça central de Luanda ou na Igreja na véspera da travessia do Atlântico, fossem totalmente ressemantizadas no entendimento desses centro-africanos que recebiam a água batismal. A partir das lentes africanas, os escravizados faziam associações entre feitiçaria, poder espiritual e ritual cristão, analisando a escravidão como uma perniciosa forma de feitiçaria, na qual a água derramada sobre suas cabeças era o meio pelo qual os europeus poderiam manter o encantamento, afirmando seu poder sobre os escravizados (SWEET, 2007, p. 231-232).

Porém havia também uma parcela de batismos de centro-africanos, que não eram realizados em massa, mas nas aldeias, onde os congolezes esperavam pelo ato de comer sal, entendido por eles como batismo (SWEET, 2007, p. 229). A situação difere, até porque nesse caso os negros queriam receber o sal batismal, mas a compreensão do ritual mais uma vez foi balizada pela crença nas possíveis conexões entre o Catolicismo, feitiçaria e poder espiritual.

Em Angola, o batismo em massa não era a única via de conversão dos negros ao Catolicismo. Havia também escravos que viviam em Angola, aceitavam e seguiam a religião Católica e o batismo, e mesmo assim não se furtavam da livre adaptação dos preceitos da nova religião. A história de Luzia Pinta representa essa livre adaptação do Catolicismo pelo povo banto. Segundo Daibert Jr. (2012), essa angolana, nascida no final do século XVII, seguia a religião católica em Luanda, onde nasceu e passou boa parte de sua infância. Com 12 anos Luzia passou por uma experiência que julgou como uma premonição de sua travessia do oceano ao Brasil. Em uma manhã, a menina caiu como morta no quintal da casa de seu senhor. Nesse momento, ela parece ter entrado em uma espécie de êxtase e nele, Luzia, à margem de um grande rio, encontra algumas anciãs e um moço que lhe perguntavam aonde ela iria e lhe encorajavam dizendo que ela voltaria, mas a menina não sabia lhes responder qual o seu rumo (DAIBERT JR., 2012). A última anciã lhe deu a possibilidade de ultrapassar

o rio lhe ensinando a pegar a ponta de uma linha fina que secaria suas águas. Assim o fez, e quando chegou do outro lado, encontrou mais duas velhas que lhe indicaram um caminho sujo que ela deveria seguir querendo ou não, embora o caminho limpo estivesse aberto (DAIBERT JR., 2012). Ela seguiu o sujo e encontrou um velho com barbas compridas, de quem lhe tomou a bênção e que ordenou que ela fosse embora naquele momento. Foi quando retomou a consciência por conta dos remédios e da fumaça que o senhor mandou que lhe preparasse quando a viu caída ao chão. A menina católica contou ao padre sua experiência, o qual interpretou a imagem do senhor de barbas como Deus Nosso Senhor. Essa experiência foi interpretada pela menina como um presságio, e o maior problema foi que não conseguiu fazer a travessia do rio de volta para casa impedida pelo seu senhor que interrompeu a experiência (DAIBERT JR., 2012, p. 97- 98).

Na cultura banto da qual compartilhava Luzia, somente os anciãos poderiam dar respostas seguras sobre as incertezas da vida. Além disso, as figuras idosas que aparecem em seu êxtase representam os guias que lhe indicavam o caminho, a ancestralidade que poderia auxiliá-la na travessia. Uma das velhas e o moço encorajavam-na a seguir adiante anunciando seu retorno. Já a anciã que promovera sua travessia anuncia um aprendizado espiritual, quando lhe ensina a manipular as forças da natureza ao secar o rio. Após a travessia, não havia mais possibilidade de escolha. Apesar de existirem dois caminhos, ela só poderia seguir por um, ou seja, no Brasil ela deveria seguir seu destino até encontrar a recompensa, que seria a bênção do senhor e o retorno à casa, sempre como um horizonte a ser perseguido (DAIBERT JR., 2012, p. 99).

Essa experiência pode ser lida como “uma etapa de uma iniciação ritual capaz de habilitá-la espiritualmente a enfrentar o cativo sob uma condição diaspórica” (DAIBERT JR., 2012, p. 102). No Brasil, em Minas Gerais, a escrava conseguiu comprar a alforria e até acumular uma pequena fortuna oriunda dos serviços religiosos prestados no Calundu⁷ (DAIBERT JR., 2012, p. 103), a partir do processo de iniciação começado na África e concretizado no Brasil através de outra experiência sobrenatural.

Luzia Pinta relatou ao Santo Ofício suas experiências na situação de sua Inquisição, quando foi julgada como feiticeira e praticante de possessões demoníacas com seu Calundu, o que ela negava enfaticamente demonstrando conhecimento sobre orações e rituais católicos. Além disso, ela foi batizada em Luanda, recebera o sacramento da Crisma em Sabará e

⁷ Calundu, segundo alguns autores, é entendido como uma proto-umbanda, já que era uma religião que articulava símbolos e elementos oriundos do catolicismo e até mesmo de tradições indígenas, dentro de uma estrutura africana, que ordenava esses elementos em pressupostos fundamentais de sua cosmologia (DAIBERT JR., 2012, p. 110).

frequentava as missas. Os remédios que preparava eram oferecidos aos doentes em nome da Virgem Maria e suas adivinhações eram inspiradas por Deus e não pelo Diabo (DAIBERT JR., 2012, p. 109 - 110).

Nas sessões de tortura da Inquisição, a negra gritava por Santo Antônio e, mesmo depois de passar um ano em cárcere, não confessou pacto com demônio. Na ausência de provas, Luzia não foi levada à fogueira, mas também não foi considerada inocente, sendo condenada a quatro anos de degredo no Algarve, em Portugal, sem possibilidade de retorno a Sabará (DAIBERT JR., 2012, p. 112 - 113).

A atitude de negar a acusação de feitiçaria não deve ser compreendida como um disfarce de Luzia frente à repressão do Santo Ofício, mas uma dupla interpretação que lhe conferiu uma dupla legitimidade. O que se apreende da história dessa escravizada angolana e o que importa no contexto da presente pesquisa foi a riqueza da bagagem que trouxe ao Brasil silenciosamente e sua habilidade em articular dois repertórios simbólicos disponíveis, além de colocar duas tradições em diálogo, marcando a formação da religiosidade brasileira que mostra ainda hoje sua potência e disposição para articulações múltiplas e legítimas. Enfatizando assim a relevância de um Catolicismo Afro-brasileiro na construção deste contexto.

Mas, ao contrário do que parece, quando se observam as situações de “conversão” e batismos de africanos antes da travessia e seus Calundus no Brasil, Sweet (2007) enfatiza que a modificação das formas religiosas não foi um processo unidirecional, que aponta somente no sentido da pura conversão dos africanos. É importante lembrar que a lógica regente do Catolicismo construído no Brasil é a da elasticidade e que ele cresce incorporando as diferenças, com o seu conhecido hábito fagocitário (STEIL, 2001, p. 33). Não só a religião dos negros era modificada pela Católica, como esta também era modificada pela africana:

a adoção, por parte dos portugueses, das formas religiosas africanas era, em muitos aspectos, semelhante à adoção das formas católicas pelos africanos. Portugueses e africanos recorriam aos poderes religiosos uns dos outros para responder às necessidades temporais e espirituais com que deparavam (SWEET, 2007, p. 253).

O sincretismo “é uma rua de mão dupla. Tanto há elementos cristãos em meio às tradições africanas, como há elementos africanos na tradição do catolicismo brasileiro (principalmente em nível da piedade popular)” (BERKENBROCK, 1999, p. 177). Vale a pena

explicitar que o trânsito religioso, tão caro ao cenário religioso contemporâneo, já apresentava mobilidade nessa etapa da história brasileira marcada pelo diálogo.⁸

Interessa ressaltar aqui o processo de reelaboração cultural pelo qual passaram esses grupos sociais que em terras brasileiras coexistiram e participaram de um diálogo religioso e cultural intenso. As inter-relações culturais que ocorreram nesse território criaram pontos de convivência e convergência, mesmo entre os diferentes grupos trazidos da África e que lá pertenciam a distintas realidades (PEREIRA, 2005, p. 268).

A convivência caracteriza um modelo conhecido como paralelismo cultural, o qual se dá quando dois eventos culturais colocados um frente ao outro mantêm suas fronteiras, não admitindo entradas e saídas, firmando sua autonomia sem influências exteriores. Já a convergência é marcada pela interpenetração de elementos culturais, onde cada um busca no contexto social onde se inserem maior aceitação (PEREIRA, 2005, p. 268). Ambos os processos ocorreram simultaneamente. Pensar apenas no processo de convivência paralela seria admitir um possível estado de “pureza” das heranças africanas, por exemplo, que impede a percepção de sua interação com as outras culturas existentes e instaladas no Brasil. Por outro lado, reconhecer como válido somente o processo de convergência dificultaria o conhecimento das matrizes africanas e reduziria os conflitos referentes aos contatos entre os grupos apenas a um sincretismo não problematizado. Por isso, para compreender os caminhos de reelaboração e adaptação traçados por essas diferentes culturas é necessário admitir ambos os processos (PEREIRA, 2005, p. 268- 269).

Assim, no processo de conversão dos negros ao Catolicismo, muitos brancos nessa relação adotavam práticas da religiosidade africana, as quais provavam sua eficácia através dos resultados apresentados (SWEET, 2007, p. 255). Dessa forma, pôde ser notada uma crescente e generalizada crença nos poderes religiosos africanos, mesmo após a rígida codificação da doutrina católica pelo Concílio de Trento (SWEET, 2007, p. 256). Isso talvez não tenha tido grande impacto no cenário do Brasil no que tange à credibilidade dos elementos da religiosidade africana pelos brasileiros, já inseridos em um processo de convergência ativo. Pode-se supor que a extrema falta de padres no referido espaço e tempo

⁸ Enfatizando que o diálogo nem sempre pressupõe harmonia, mas também embate e confronto direto. A etimologia da palavra apresenta dois termos: “dia” e “logos”. Este se relaciona com a capacidade do ser humano de pensamento e raciocínio, ou seja, de construir uma lógica. E “dia” está atrelado a um duplo significado: separação, segregação e divisão, mas também ultrapassagem de limites (TEIXEIRA, 2008, p. 124). Dessa forma, diálogo é a percepção de uma lógica distinta, que apresenta divisas em relação à outra. Portanto, essa palavra pode representar segregação e não só união.

histórico, principalmente nas áreas rurais, tenha dado tal contribuição. O Catolicismo Santorial, enquanto religião popular presente nesses espaços, sofre um embate com a ideia de Romanização⁹. O processo instaurado no Brasil trouxe impactos consideráveis na forma tradicional da vida religiosa, mas as concepções basilares do Catolicismo Santorial, como autonomia e hibridismos, não foram extintas, pelo contrário, continuam vivas e pulsantes, mostrando o aspecto dinâmico dessa religião até ao incorporar criativamente traços da romanização, reinventando-se continuamente (TEIXEIRA, 2009, p. 21).

1.1.2 O habitus sincrético na gênese do Catolicismo Santorial

Muitos autores discutem a questão do sincretismo e seus resultados híbridos. Porém, seria interessante ressaltar aqui a visão de Campos (2009) e Mariz (2005), que por vezes compartilham ideias semelhantes, mas também divergentes. Ambas tratam o sincretismo brasileiro apontando Sanchis como uma referência sobre o tema.

O primeiro ponto é a docilidade do Catolicismo implantado no Brasil como a principal via que levou à construção de um habitus sincrético no país (CAMPOS, 2009, p. 140). Além disso, havia no período colonial uma escassez aguda de padres, em especial grandes cidades litorâneas (SWEET, 2007, p. 234). Os sacerdotes geralmente ficavam no litoral e faziam raras viagens ao interior. Tudo isso permitiu que a religião fosse propagada por leigos, como portugueses desbravadores do sertão, índios catequizados, africanos escravizados e quilombolas, que criavam seus próprios códigos de religiosidade longe do rigor eclesiástico (MENDES, 2007, p. 39-40).

Segundo a visão de Campos (2009), o sincretismo religioso brasileiro se baseia na docilidade do Catolicismo implantado aqui pelos portugueses. Por outro lado, ela admite que o grande contingente populacional negro no Brasil tenha influenciado de alguma maneira nesse processo. Mariz (2005), por sua vez, assevera que esse vultoso número de escravizados africanos foi um fator de extrema importância e que proporcionou o desenvolvimento desse universo brasileiro hibridizado, tanto religiosamente como culturalmente, observando que encontros culturais inevitavelmente levam a resultados híbridos.

Sanchis “parece assumir que os elementos internos ao catolicismo seriam os fatores mais importantes e suficientes para explicar o sincretismo” (MARIZ, 2005, p. 195). Por outro

⁹ Romanização foi um “processo de instauração no Brasil de um ‘catolicismo universalista’, caracterizado pelo maior controle sobre os leigos e suas associações e de adequação do catolicismo brasileiro às diretrizes centralizadoras de Roma” (TEIXEIRA, 2009, p. 21), iniciado já em meados do século XIX, mas instaurado de fato a partir do fim do sistema de padroado em 1890.

lado, Sanchis (1995, p. 4) afirma que o Cristianismo é sincrético em sua gênese, pois se formou através de uma confluência do judaísmo, por si só já sincrético, da Grécia Clássica e do helenismo tardio. Dessa forma, analisa o Catolicismo como uma religião sincrética por vocação, como a única a evidenciar essa marca sincrética por natureza, no mundo ocidental cristão, expondo que o Catolicismo “será constantemente chamado a modular-se e redefinir-se historicamente em função dos campos onde se implanta” (SANCHIS, 1995, p. 5).

Entre as religiões cristãs, o potencial sincretizador do Catolicismo é de fato significativo: se comparado ao Protestantismo Clássico, o Catolicismo é estruturalmente mais aberto e receptivo a releituras de símbolos e outros elementos culturais exteriores à sua matriz. Entretanto, se analisadas as religiões de matriz africana oriundas da tradição banto, chegar-se-á à conclusão de que elas também são, pela sua estrutura e mais ainda pela sua cosmovisão, tão afável às incorporações de símbolos e discursos outros quanto a religião Católica. Além de certos elementos da cosmologia centro-africana já citados tais como a noção de o mundo dos vivos e dos mortos ser separado por um rio ou pelo mar, chamado de Kalunga, assim como o mundo invisível ter plena influência e comunicação com o mundo dos vivos, existem mais alguns pontos que merecem maior atenção. A partir disso, é possível compreender como as tramas sincréticas da história da religiosidade brasileira foram tecidas com fios também da religião banto que se combinaram de maneira tão adequada com os fios da religião Católica que, de longe, os olhares desatentos podem entender como um todo fabricado por um só tipo de fio. Pois nas culturas há um momento em que se estabeleça uma igualdade entre os sistemas religiosos, de modo que eles passem a se reinterpretar mutuamente, sem que exista um sistema-matriz (SANCHIS, 1995, p.4) e se confundam as contribuições de cada sistema separadamente.

Angola, Congo, Gabão e Cabinda constituem a região de onde maior parte dos escravizados do Sudeste brasileiro partiu. É possível apontar continuidades culturais entre a África Centro-Occidental e o Sudeste do Brasil, alegando uma relativa homogeneidade cultural banto nas senzalas desta região brasileira (SLENES, 2006, p. 279-280).

Guardadas as devidas diferenças étnicas e particularidades de cada território e população, eles compartilhavam o mesmo tronco linguístico: a língua banto. Por conta disso, Daibert Jr. (no prelo) afirma que essa região na África se mostrava mais homogênea do que poderia parecer, apresentando uma cosmologia centro-africana como uma base a partir da qual cada povo singularizava crenças, ritos e mitos. Sendo um espaço de permeabilidades culturais, significados religiosos fundamentais eram compartilhados, fazendo parte da tradição

banto, já que a vida dessas pessoas era marcada necessariamente por seus valores religiosos (DAIBERT JR., no prelo).

De acordo com Daibert Jr. (no prelo), a cosmologia banto aponta a existência de um Deus único, supremo e criador do mundo e do cosmos, e que assume o topo da pirâmide vital, pela qual se define a hierarquia desses povos. O conceito chave para a compreensão da cosmologia centro-africana é a força vital. Todo ser é força. Esta seria atribuída pelo Deus supremo hierarquicamente, de cima para baixo na pirâmide vital. Esta era organizada da seguinte forma:

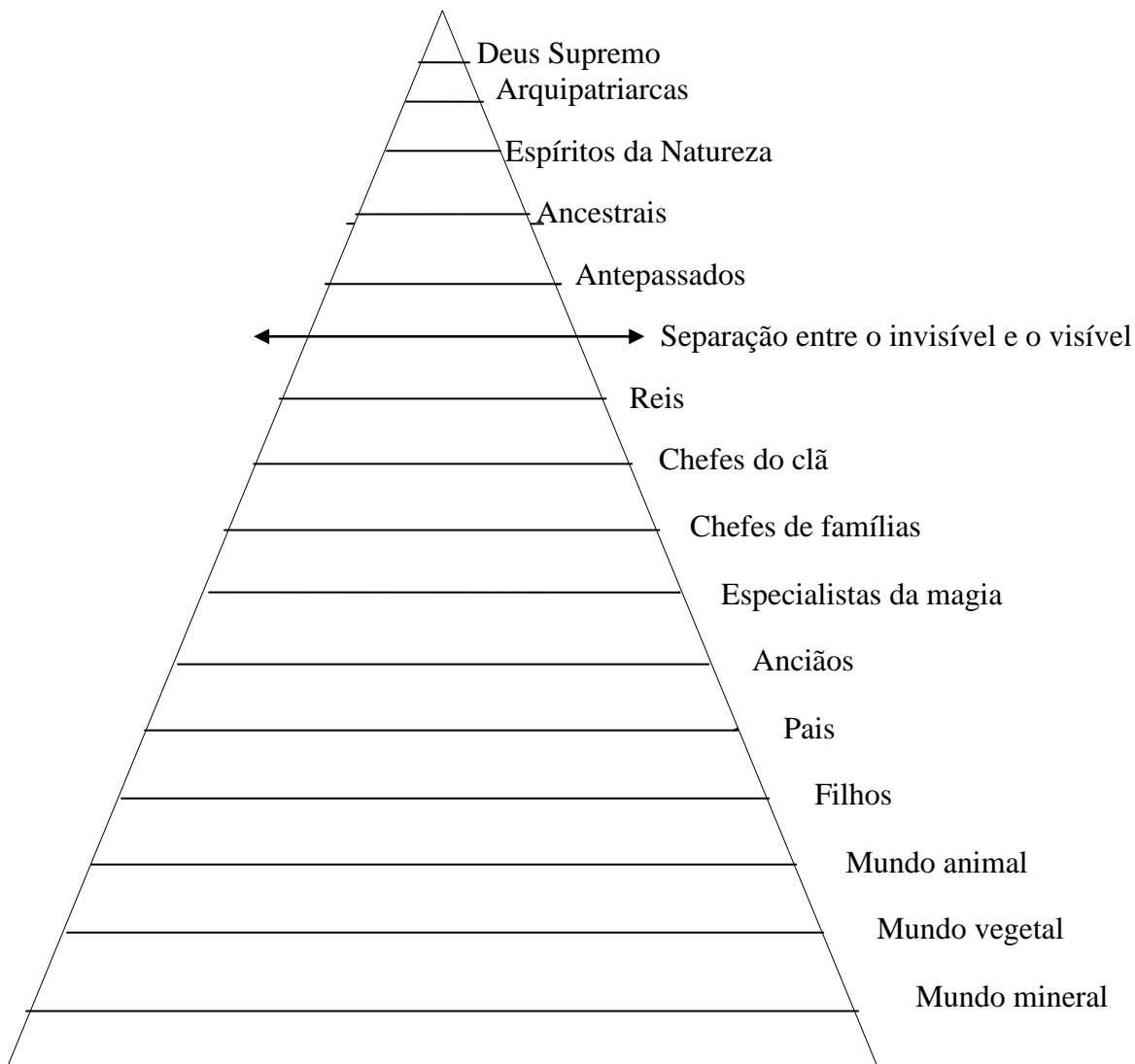


Figura 1: Pirâmide vital banto

Fonte: Autoria pessoal com base em Daibert Jr., no prelo.

A primeira parte da pirâmide vital representa o mundo invisível que governa o mundo visível, representado pela segunda parte. Quanto mais perto da primeira parte o indivíduo se encontrava, maior a sua concentração de força vital. Por isso, os anciãos, mais próximos da

morte, eram tão respeitados, pois são depositários da sabedoria; eles estariam também mais próximos de se tornarem antepassados e assim aumentarem sua energia vital através dos cultos que lhe seriam atribuídos (DAIBERT JR., no prelo).

Porém, todos os níveis estavam inteiramente interligados, de modo que a força vital na comunidade poderia aumentar ou diminuir de acordo com a interação das forças. As comunidades centro-africanas valorizavam o princípio da “solidariedade, entendida como vivência compartilhada dessa energia” (DAIBERT JR., no prelo). Os povos banto compreendiam a vida somente no sentido comunitário e nunca individual. Destarte, “viver não era simplesmente existir, mas sim interagir com a comunidade, estar em movimento nessa grande cadeia de relações e conexões expressas na pirâmide vital, movimentando-se pela comunidade, com a comunidade e para a comunidade” (DAIBERT JR., no prelo).

A manutenção e o fortalecimento da energia vital eram buscados por meio dos rituais e oferendas aos antepassados. Desse modo, o Deus supremo, por ser uma divindade distante, quase não recebia culto, tampouco era representado por imagens, diferente dos antepassados e ancestrais, a quem as comunidades deveriam cultuar sob pena de desequilibrar a energia vital e trazer um período de desventura para a comunidade (DAIBERT JR., no prelo).

Segundo Abreu (1994), os povos banto compartilhavam de um processo por ele denominado de complexo cultural ventura/desventura, que não implicava o abandono da própria cosmologia/ritual, mas a incorporação e aceitação de símbolos e ritos externos à suas vivências. Acreditavam que esses novos elementos poderiam trazer um novo ciclo de fortuna e felicidade. Essa flexibilização da religião africana não apontava necessariamente para uma conversão dos escravizados ao Catolicismo, tampouco a uma estratégia de esconder as divindades africanas por trás dos santos católicos. Abreu (1994) destaca ainda que foi “significava, principalmente, a incorporação das imagens católicas, dos novos símbolos, à religião da África Central” (ABREU, 1994, p. 192) através dessa lógica de ventura/desventura. Por outro lado, há quem defenda a dissimulação como uma das estratégias possíveis no início do complexo processo do sincretismo afro-católico, mas não como único e tampouco o mais relevante (BERKENBROCK, 1999, p. 176).

A cosmovisão banto se caracteriza pela sua capacidade de renovação, pela abertura a novos movimentos religiosos, pelas reinterpretações de símbolos, ritos e mitos a fim de prevenir a desventura e maximizar a ventura com a incorporação dos elementos estrangeiros. Portanto, a adesão ao Cristianismo seria uma espécie de reatualização, uma recombinação dos elementos novos com os já existentes, sem abandonar as práticas e crenças tradicionais (DAIBERT JR., no prelo).

A própria relação que os centro-africanos mantinham com seus antepassados e ancestrais era próxima daquela que os portugueses mantinham com seus santos. Os antepassados e ancestrais, assim como os santos, eram cultuados e exerciam a função de intermediário entre o Ser supremo e determinada comunidade, compreendidos como seres protetores. Além disso, para uma pessoa se tornar um antepassado, ele deveria ter apresentado em vida uma boa conduta moral, assim como os santos que foram figuras exemplares durante a sua existência terrena.

A partir desta breve explanação sobre alguns aspectos culturais da matriz banto, pode-se pensar que o Catolicismo oferecia mais aproximações com esta cosmovisão do que a Protestante, uma questão de plausibilidade ou de afinidades eletivas, como diria Weber (1989). Como a crença no poder dos santos foi uma porta de entrada dos africanos na cosmologia católica, a dimensão mítica da liturgia e as instâncias de mediação, por ser uma religião hierárquica, também facilitaram essa aproximação entre o Catolicismo e as religiões de matriz banto. Por outro lado, a improbabilidade de aproximação entre estas e o Protestantismo são enfatizados pela “falta de mediações, simplicidade ritual, ênfase no individualismo e relativo desencantamento do protestantismo” (MARIZ, 2005, p. 196); bem diferente das religiões de matriz banto que eram hierarquizadas e dependentes das mediações, com rituais de cunho mágico-religioso e essencialmente comunitárias.

Portanto, em um primeiro momento, comparando a América Católica com a Protestante, é possível perceber que há mais religiões africanas sincretizadas naquela do que nesta. Por outro lado, não se pode esquecer o Neopentecostalismo em especial, que, por sua ênfase no ritual, nas mediações e mediadores, apropria-se, de forma negativa, de elementos das religiões afro-brasileiras.

Não há dúvidas,

ao comparar a América católica com a protestante, sobre a maior presença de religiões africanas sincretizadas (tais como o candomblé/ umbanda no Brasil, a santería em Cuba, o vudú no Haiti, para citar algumas) na primeira. Esse tipo de comparação nos leva à conclusão de um maior potencial sincrético católico em relação ao protestante, ainda que não possa negar que o pentecostalismo possa ser interpretado como uma vertente do protestantismo que se sincretizou com a tradição africana (MARIZ, 2005, p. 195).

A partir disso, pode-se pensar que as religiões dos negros bantos também permitiam essa aproximação e também detinham esse potencial fagocitário e sincrético atribuído ao Catolicismo. É possível afirmar ainda que o sincretismo se deu pela plausibilidade entre as

partes sincretizadas. Além disso, existem os fatores externos que complementam o complexo quadro do processo sincrético, que não se pode supor que seja simples, pois “o sincretismo é um fenômeno demasiadamente rico para permitir, desde já, e mesmo num espaço limitado como o do Brasil, conclusões generalizantes” (SANCHIS, 1995, p. 3).

Sanchis (2001) cita a influência da matriz africana e da indígena, destacando a possessão¹⁰ por espíritos como uma contribuição contundente ao sincretismo brasileiro e aceita por mais da metade dessa população. A experiência da possessão poderia ser vista como elemento matricial do sincretismo, pois, assim como a antropofagia como hábito de algumas tribos indígenas brasileiras, a possessão apontava a possibilidade de colocar o outro em si mesmo, e por isso se mostra como um elemento fomentador das porosidades identitárias brasileiras (SANCHIS, 2001, p. 26).

Se o sincretismo fosse definido somente pela estrutura interna do Catolicismo, todos os países católicos deveriam ter a mesma potência sincrética. É neste ponto que se apoia a discussão introduzida por Mariz (2005), de que os fatores externos também fazem parte das causas desse processo, como o enorme contingente de escravizados africanos trazido para terras brasileiras.

Seriam

os elementos internos de determinadas culturas ou cosmovisões suficientes para explicar o sincretismo ou, em outras palavras, seriam esses elementos mais importantes que fatores diversos, tais como o contingente populacional de um ou outro grupo, o nível tecnológico de cada grupo, entre outros? (MARIZ, 2005, p. 198-199).

Assim, pode-se mudar o foco da análise e pensar o sincretismo brasileiro como um fenômeno multicausal, em que cada contexto pode gerar um híbrido diferente se definido a partir de inúmeras contribuições de origens diversas.

Admito a flexibilidade desse Catolicismo estabelecido no país, pouco atento à rígida ortodoxia institucional do Vaticano. Sua relevância como um fator que possa ter contribuído como parcela significativa no germinar de uma religiosidade híbrida e de um habitus religioso poroso tampouco será reduzida.

¹⁰ A possessão por demônios é um elemento notável da crença católica. Já a possessão por espíritos, sejam eles benéficos ou maléficos, parte da crença africana. Inclusive a possessão era considerada como um meio privilegiado de comunicação com os mortos, por meio do qual eles poderiam manifestar seus desejos e estreitar seus laços com a comunidade, preservando assim o equilíbrio social (DAIBERT JR., no prelo).

Porém, aponto que o grande número de negros trazidos para o Brasil não pode ser negligenciado ou minimizado no seu poder de reelaboração cultural. Este deve ser afirmado na medida em que a convergência e convivência, enquanto processos imbricados em uma rede muito mais densa e complexa no contexto social do Novo Mundo são reiterados continuamente. Seria imprudente propor uma visão em que somente o dominador possa imprimir no dominado a sua cultura, sem que esta seja alterada em contrapartida.

No contexto colonial brasileiro, onde o Catolicismo Santorial já se desenvolvia enquanto religião sincrética, havia atitudes repressivas e permissivas sobre as práticas religiosas dos negros, advindos de diversos. Até porque, como assevera Abreu (1994), o Catolicismo sempre foi, na medida do possível, tolerante em relação às manifestações afro-brasileiras, pois a tolerância se configura como uma “estratégia política e de controle mais eficaz que a simples repressão” (ABREU, 1994, p. 200).

Abreu (1994) afasta de sua análise a “ingenuidade” freyriana:

A religião tornou-se o ponto de encontro e de confraternização entre duas culturas, a do senhor e a do negro; e nunca uma intransponível e dura barreira [...]. A liberdade do escravo de conservar e até de ostentar em festas públicas [...] formas e acessórios de sua mítica, de sua cultura fetichista e totêmica, dá bem a ideia do processo de aproximação das duas culturas no Brasil (FREYRE, 1980, p. 356).

Havia “uma tolerância com relação a manifestações de origem africana quando estas se aproximavam ou se combinavam com elementos da comunidade senhorial, de origem lusitana” (SOUZA, 2002, p. 131). Assim, a Folia de Reis de origem claramente portuguesa não foi, inicialmente, alvo de perseguição quando os afro-descendentes imprimiram traços de sua religiosidade, cultura, estética e métodos¹¹ africanos. Para Abreu (1994), a liberdade apontada por Freyre era limitada e fazia parte de uma estratégia de controle, o que não pode ser entendida somente como uma abertura do Catolicismo portador de uma predisposição estrutural ao sincretismo.

Por outro lado, embora o fenômeno do sincretismo tenha envolvido fatores políticos, ele não deve ser entendido como uma mera estratégia política. Como mais um elemento participativo, Sanchis (1995) aponta outro aspecto da política, a dominação, na construção do processo sincrético religioso no Brasil.

¹¹ A estética mencionada pode ser observada na farda e na performance do palhaço. Os métodos que são referidos aqui se delinea como a forma africana de louvar e de atingir o sagrado através da tríade batucar-cantar-dançar, apontada por Monteiro (2010, p. 24).

O sincretismo se manifesta no seio de uma dupla desigualdade entre religiões ou culturas: “a primeira desigualdade corresponde a uma situação objetiva de hierarquia estabelecida: conquista, dominação de classe, dominação política, hegemonia, cultural ou especificamente religiosa, etc” (SANCHIS, 1995, p. 3). Mostra-se que as relações de poder interferem nesse processo, no sentido de que a religião do dominador seja imposta.

A segunda desigualdade é criada por uma “contrastada valorização, na consciência do grupo - e no sistema de valores codificado em seu inconsciente” (SANCHIS, 1995, p. 3), da religião do dominado. Inversamente à desigualdade promovida pela situação hierárquica, esta mostra o fascínio que a religião alternativa, entendida como mais próxima às pulsões naturais e à magia, pode exercer sobre a parte vencedora politicamente. Dessa forma, por mais que a esfera política participe desse processo, ela não se configura como um fator decisivo em relação ao resultado do fenômeno sincrético, e tampouco este fenômeno pode ser entendido apenas como uma estratégia de controle.

O advento do Catolicismo Santorial em Minas Gerais conta com esse perfil plástico da cosmologia dos africanos provenientes da matriz cultural banto. A cosmovisão banto aceita adições e não subtrações, os elementos se articulam, não se excluem, seguindo uma lógica inclusivista (ABREU, 1994). De acordo com Berkenbrock (1999, p. 174) nessa “lógica inclusivista não há lugar para elementos ‘estranhos’. Todos eles são ordenados dentro da existência”.

Portanto, o Catolicismo Santorial, que nasceu da relação das religiosidades existentes em solo brasileiro, é uma religião por definição sincrética e com suas raízes dispersas entre as culturas que lhe deram corpo. O que se encontra na prática etnográfica, observando suas festas e manifestações, é justamente um Catolicismo que conserva sua nomenclatura, mas que ressignifica seus elementos.

Muitos africanos trazidos para o Brasil e seus descendentes, coerentes com a lógica inclusivista dominante entre eles e entendendo Jesus e os santos dentro da perspectiva de suas divindades, cultuavam-nos assim como cultuavam os seus antepassados e ancestrais, não conferido-lhes nenhuma superioridade diante dos seus. Ou seja, leram o Catolicismo com as lentes africanas dando origem ao Catolicismo Afro-brasileiro, analisado por Souza (2001, p. 172) como uma forma particular de incorporação do Cristianismo por determinados grupos de africanos e seus descendentes. O Catolicismo Institucional não é reproduzido, mas interpretado a seu modo, com a plasticidade própria dos bantos.

A humanização dos santos foi mais um ponto inserido nesse processo e ressaltado por Sweet (2007): “Os africanos não permitiam que o caráter dos santos fosse petrificado pela

Igreja Católica. Muitas vezes, transformavam as características dos santos, tornando-os mais humanos e mais receptivos às necessidades específicas da sua comunidade imediata” (SWEET, 2007, p. 241).

Sweet (2007) aponta ainda que o culto dos santos foi uma porta de entrada dos africanos na fé católica, pois

o panteão das figuras religiosas católicas era, em muitos aspectos, semelhante ao panteão de espíritos ancestrais africanos. Jesus, a Virgem Maria e os santos eram seres humanos que tinham vivido um dia na Terra. [...] Além disso, tinham o poder mágico de mudar a vida das pessoas (SWEET, 2007, p. 240-241).

Assim como os espíritos ancestrais africanos, os santos também podiam ser invocados para resolver problemas temporais concretos, num contexto pragmático (SWEET, 2007, p. 241). Identificam-se, assim, influências da cosmologia africana sobre o Catolicismo Santorial, pautado no Catolicismo Institucional, mas profundamente modificado pela cosmologia africana.

De acordo com a cosmovisão banto, o mundo dos mortos governa o mundo dos vivos. Portanto, apelar aos ancestrais e aos antepassados a solução para os problemas práticos do cotidiano dos vivos correspondia no Brasil apelar aos santos. Esse traço foi fundido aos hábitos dos brancos que na Europa, seguindo o Catolicismo não oficial, também recorriam aos santos para a resolução de problemas cotidianos. Essa característica se faz presente no Catolicismo Santorial, tanto sob a forma de promessas quanto de pedidos aos santos milagreiros humanizados - e não colocados em um pedestal etéreo - como na prática de fazer pedidos a entes queridos que faleceram, e, por esse motivo, acredita-se nos seus poderes como intercessores junto a Jesus.

A humanização dos santos por parte dos africanos em terras brasileiras contribuiu na formação de um Catolicismo Afro-brasileiro afirmada na seguinte passagem:

Ao humanizarem os santos, [...] os africanos transformavam estes símbolos católicos em espíritos de antepassados, à maneira africana [...] o que criou um ponto de contacto entre as crenças africanas e o Catolicismo – acabando por contribuir para a formação de um Catolicismo afro-brasileiro (SWEET, 2007, p. 244).

Pode-se aferir que essa tendência à humanização se tornou uma característica do Catolicismo Santorial. Lima (1988) faz referência à devoção popular em Santo Antônio, e

suas inúmeras funções, e eficácia na resolução de problemas de todo o tipo, além da postura oficial da Igreja Católica diante do fato:

A tradição popular atribui a Santo Antônio muitas valias. Já o padre Antônio Vieira [...] denunciava a difusão popular das virtudes canônicas do Santo que ele tanto reverenciava: “Se vos adoce o filho, Santo Antônio; se vos fogue o escravo, Santo Antônio; se mandais a encomenda, Santo Antônio; se esperais o retorno, Santo Antônio; se requereis o despacho, Santo Antônio; se aguardais a sentença, Santo Antônio; se perdeis a menor miudeza de vossa casa, Santo Antônio; e, talvez, se quereis os bens alheios, Santo Antônio” (LIMA, 1988, p. 3).

A devoção extremada a um Santo Antônio milagreiro e humanizado desvia, em alguns pontos, da postura oficial da Igreja, corroborando um traço forte que tem suas origens também na cosmologia africana. Aliás, os santos no Catolicismo de cunho popular na Europa, assim como no Brasil, eram chamados a intervir, para a solução de problemas dos homens. O Catolicismo em Portugal também passou por um processo de sincretismo. Porém lá, de acordo com Sanchis (1998, p. 6), o sincretismo pode ser entendido como diacrônico e cumulativo, a Igreja é vivida como autóctone, identificando-se com as raízes históricas, dando origem a “um Catolicismo enraizado numa identidade local” (SANCHIS, 1998, p. 6).

O sincretismo em Portugal resultou em uma identidade unificada, que reassumiu etapas, símbolos, definições e práticas das culturas/religiões anteriores, resultando em uma identidade que ‘pro-vem’:

A identidade que resulta desse processo é sem dúvida uma identidade unificada e organicamente construída, tanto no plano institucional quanto no nível psicossocial. Mas a construção mesma dessa unidade não deixa de ser sincrética, pelo reassumir, a cada etapa, dos estratos anteriores de sua definição. Um sincretismo diacrônico, uma identidade ‘que pro-vem’ (SANCHIS, 1998, p. 6).

No Brasil, o processo foi diferente. Ao enraizamento do Catolicismo em Portugal se opõe um duplo desenraizamento: tanto do Catolicismo como sua identidade local, já absorvido pelo contexto português, como dos indígenas a quem tentaram imputar um Catolicismo pré-moldado, quando foram desenraizados de suas crenças e tiveram dissolvidos seus aldeamentos e a identidade de cada tribo (SANCHIS, 1998, p. 6-7). Mais tarde, foi a vez dos africanos, que também tiveram suas identidades arrancadas de seus locais. O “negro, como o português, como o índio manso, tinha sido arrancado à matriz - topológica e social -

de seu universo de significação” (SANCHIS, 1998, p. 7), dessa forma, as culturas foram se entrecruzando e formando identidades porosas. Ou seja, no Brasil se instalou um sincretismo “que ad-vem”. Aqui a Igreja Católica não constituiu uma continuidade do grupo social, como em Portugal (SANCHIS, 1998, p. 7).

Dessa forma, como o processo sincrético em Portugal diferiu do traçado aqui, o resultado desse sincretismo “que ad vem” acompanhou essa profunda alteração. Diante disso, a relação que o negro tinha com os santos no Brasil era diferente da relação que o português mantinha com eles, por mais que a humanização fosse uma característica atribuída por africanos e portugueses às imagens.

O Santo Antônio, por exemplo, foi o escolhido para atuar como intermediário entre os homens e os espíritos, e esta peculiaridade não era percebida pelos sacerdotes católicos, que não estranharam a relação que se desenvolveu entre os africanos e afrodescendentes com o santo (SOUZA, 2001, p. 182). Relatam-se castigos impostos à imagem do santo, os quais eram desaprovados pelos sacerdotes já no século XIX.

A postura oficial da Igreja Católica, ainda hoje se mantém e é percebida por muitas pessoas simpatizantes ou pertencentes a religiões afro-brasileiras e que se consideram também católicas praticantes. Enfrentam preconceitos, são chamadas de macumbeiras e são acusadas de castigarem a imagem de Santo Antônio¹². Além da crença popular em Santo Antônio e as atitudes junto à sua imagem, percebe-se a questão da dupla pertença, como um processo que se insere no contexto do Catolicismo Santorial. Esse Catolicismo é marcado pela multiplicidade de crenças encontradas no mesmo indivíduo, como uma prática possível e muito naturalizada. Tanto que em Leopoldina se escuta a seguinte frase: todo bom católico é também um bom macumbeiro. Essa frase ilustra a questão da aceitação de cosmologias duais na religiosidade brasileira: “não existem contradições teológicas intrínsecas que impedissem uma pessoa de ser, ao mesmo tempo, cristã e praticante de religiões africanas” (SWEET, 2007, p. 255- 256).

¹² Jorge, dono de um terreiro de Omolocô (fusão do Candomblé com a Umbanda) em Leopoldina e católico praticante, conta em entrevista cedida no dia 21 de abril de 2013, o preconceito sofrido diante de sua dupla pertença: Eu não vou na missa na Igreja do meu bairro. Chega todo mundo cochicha. Todo mundo aponta dedo. Porque todo mundo sabe, ê vem o Jorginho macumbero. [...] Sou católico, faço minha comunhão, comungo, confesso, adoro as procissões ...né! Sou espírita, mas sou praticante católico. [...] Me dá ni mim uma ira! Me dá uma revolta que eu nem sei o que que eu tô fazendo ali! [...] Igual tinha um padre aqui, que Deus o tenha, faleceu [...] Era só chegá um macumbero que ele começava a jogar essas piada na hora do sermão, da palavra. Que a palavra é o quê? É a palavra da Bíblia. Não é falá que o macumbero enfiô o Santo Antonho na cachaça, que o macumbero marrô o Santo Antonho de cabeça pra... não era esse o sermão. Tem condição de cê i numa Igreja dessa?

A busca do Catolicismo pelos africanos não se definia apenas como uma estratégia de dissimulação frente à opressão dos senhores aos seus cultos originários da África, mas muitas vezes como uma escolha seguindo uma lógica de empoderamento (SWEET, 2007). Por essa lógica, os vencidos vão cultuar os deuses dos vencedores, pois provavelmente são tão ou mais poderosos que os seus, já que foram submetidos à escravidão, como uma forma de complementaridade espiritual e fortalecimento, sem se desvencilhar das suas crenças tradicionais. Nessa visão de acúmulo de poder, os santos católicos foram incorporados ao panteão africano como forma de aumentar e intensificar a sua magia (MOTT, 1986, p. 143).

As condições de desenvolvimento e permanência dessas religiões no campo social sempre foram permeadas por adversidades, exigindo estratégias de sobrevivência que passavam pelo diálogo (SILVA, 2007, p. 23). A partir daí, é possível entender que o diálogo com as religiões que possuem uma origem africana deu-se também por vias adversas, entre elas a perseguição. Essas religiões “foram perseguidas pela Igreja Católica ao longo de quatro séculos, pelo Estado Republicano, sobretudo na primeira metade do séc. XX, quando este se valeu de órgãos de repressão policial” (SILVA, 2007, p. 23). Por outro lado, como pode ser notada através de entrevistas e na etnografia que realizei, a dupla pertença muitas vezes não contradiz a realidade e, portanto, não

consiste em eleger, dentre as várias opções religiosas, uma verdadeira, exclusiva, ou prioritária, a que se apresenta ao optante como a que reúne as melhores condições de “plausibilidade” em relação às outras – segundo o modelo de Berger (1985), – mas de *compór* dentro da totalidade “encantada” de “todos os santos”, *incluindo* sempre aqueles de “sua preferência, numa ação *complementar* infinita. Daí a fala do personagem de Guimarães Rosa, para quem “uma religião é pouco”, devendo-se “aproveitar de todas” (CAMURÇA, 2009, p. 176).

Corroborando com a visão do acúmulo de poder, Abreu (1994) aposta na lógica inclusiva da cosmovisão africana dentro desse processo de interação entre as diversas religiosidades encontradas em terras brasileiras. Portanto, com a aceitação dos símbolos e ritos de outra cultura pela lógica inclusivista, aliada à do empoderamento e à ideia de ventura/desventura, é possível acreditar que a cosmovisão dos africanos do grupo cultural banto se mostrava afeita ao sincretismo pela sua própria estrutura. Mesmo assim, esse não foi o fator preponderante ou exclusivo que definiria o processo sincrético no Brasil. A flexibilidade banto participa do conjunto de fatores que levou a esse processo complexo e contínuo, e que delinearía os traços da tradição festiva e devocional que se apresenta na Zona da Mata mineira.

1.1.3 Catolicismo Santorial e seu caráter festivo

A dinâmica sincrética que constitui o espaço do Catolicismo Santorial afirma e registra um forte caráter festivo. A Zona da Mata mineira, antes da queda do Ouro em Minas Gerais, era habitada por diferentes tribos indígenas como puris, coroados, coropós, botocudos, que vieram do litoral fluminense e do capixaba, herdeiros dos índios goitacás. Mais tarde foi a vez dos bandeirantes paulistas a se embrenhar por estas matas. Depois vieram padres, mineradores, soldados, aventureiros e lavradores (GIOVANINNI, 2005, p. 1).

Mas somente no século XIX a ocupação da região se deu de forma efetiva (GIOVANINNI, 2005, p. 12). Com a valorização do café, a região se tornou atraente e cada vez mais próspera com a presença dos negros. Da miscigenação dos diferentes tipos que nestas terras firmaram suas raízes pode-se sinalizar a constituição de uma cultura pautada na religião católica, permeada fortemente pela influência dos negros e algumas contribuições indígenas; isso porque, com a chegada dos brancos, as tribos foram dizimadas quase que em sua totalidade. Os índios que resistiram, retiraram-se pela província de Espírito Santo e até meados do século XIX já não se encontravam concentrações de indígenas na região (GIOVANINNI, 2005, p. 12).

A dinâmica social da região é marcada pela religiosidade devocional festiva, que deu origem a diferentes tipos de folguedos fundamentados pela fé cristã, mas atravessados por crenças, práticas, rituais e símbolos outros. Como manifestações religiosas tradicionais de maior expressão da região e que ainda hoje são encontradas, podem ser citadas o Congado, Charola de São Sebastião e de Nosso Senhor dos Passos, Encomendação das Almas e Folia de Reis e de São Sebastião (GIOVANINNI, 2005, p. 11-12).

O Congado é uma manifestação do Catolicismo Santorial em que se apresentam explicitamente a presença do sincretismo afro-católico e a marca dos negros nas manifestações religiosas populares. Isso porque é uma festa praticada inicialmente somente pelos negros escravizados, em que sua figura aparece de forma privilegiada no processo de comunicação com o sobrenatural. Nesse folguedo, a imagem de Nossa Senhora do Rosário tem centralidade mítica e simbólica (GIOVANNINI, 2005, p. 92).

O mito que sustenta o Congado tem diversas versões, mas a que se encaixa mais ao contexto mineiro e que é apresentada pelos congadeiros conta que a imagem da santa foi encontrada em uma gruta de pedras. Várias pessoas tentaram levar a imagem da gruta para a Igreja, até mesmo o padre, seguido de uma procissão, tentou trazê-la efetivamente, porém sem

sucesso, pois sempre voltava para o lugar onde foi encontrada na calada da noite. Depois de inúmeras tentativas, os negros congadeiros dançaram e cantaram em honra a Nossa Senhora do Rosário em sua gruta e assim a levaram à Igreja. Conta a história que somente depois da intervenção dos negros a santa assumiu seu posto e não mais fugiu de volta à gruta (GIOVANNINI, 2005, p. 92).

Esta história explica a devoção dos negros a Nossa Senhora do Rosário e a referenda como a protetora dos negros. A análise do mito também sugere a importância e a habilidade do negro junto às práticas de comunicação com o sobrenatural, afirmando que somente os seus cantos, batuques e danças tiveram a eficácia mágico-religiosa necessária para trazer a imagem definitivamente para o ambiente sagrado. Giovannini (2005, p. 93) ainda enfatiza que os congos¹³ eram expostos a todo tipo de humilhação e exploração em suas vidas cotidianas, como conta a história dos escravos no Brasil e em Minas Gerais, mas, nas atividades com o plano espiritual, eles detinham o poder e demonstravam a eficácia do mesmo através desses feitos contados e transmitidos oralmente a cada geração.

A história do Congado passa pela história da escravidão em Minas Gerais e assume no Estado uma importância considerável na compreensão da problemática da construção da identidade negra nesse contexto (SILVA, 2010). Este debate não será travado nesta pesquisa, mas a descrição do ritual do Congado de forma sucinta é apresentada a seguir, para que o leitor possa identificar o caráter festivo e devocional dessa manifestação que compõe o amplo leque de festejos religiosos do Catolicismo Santorial.

O Congado é caracterizado por um cortejo que passa pelas ruas da comunidade chamando a assistência para a festa. O Rei e a Rainha Congo são as personagens de maior relevância. O Rei precisa ter uma habilidade com o mundo sobrenatural e respeitar a religião acima de tudo. Para “ocupar esse posto, é necessária não somente a herança familiar, mas é preciso ter muita sabedoria sobre os mistérios do congado. É uma liderança que deve conhecer os rituais e os fundamentos míticos (quer dizer do mito) e místicos (quer dizer espirituais)” (GIOVANNINI, 2005, p. 101). O Rei do Meio, que será o herdeiro da Coroa, e o Capitão também assumem posições importantes no cortejo e no ritual como um todo.

O cortejo com a Bandeira sai da casa do Rei ou Capitão em direção à Igreja onde será erguido o mastro¹⁴, que marca o início da festa, no sábado à noite (GIOVANNINI, 2005, p. 98). Na madrugada de domingo, é cantada a Alvorada nas casas que desejam receber o

¹³ Os escravizados que participavam dos Congados eram chamados de congos. Hoje é mais comum o nome congadeiros.

¹⁴ O mastro é o elemento de ligação entre o plano material e o espiritual, terra e céu.

Congado, que é reconhecida pelo altar montado à sua porta. Ao fim da Alvorada, a Bandeira volta à casa de onde saiu e inicia o Reinado, a parte mais importante da festa.

No domingo é servido um almoço caracterizado pela fartura, uma marca das festas tradicionais mineiras. Após o almoço, os congadeiros vestem seus trajes específicos da festa. O Rei, Rainha, Capitão e Rei do meio assumem o centro do cortejo. A Bandeira, assim como na Folia de Reis, é o símbolo sagrado do grupo. No Congado, ela é levada por três mulheres, as três virgens (GIOVANNINI, 2005, p. 104). À frente delas, assumem a dianteira os bambas e os corta-ventos, membros do cortejo que com suas espadas e bastões assumem a função de abrir caminhos. Os corta-ventos atuam inclusive cortando o poder de mandingas possíveis que possam ameaçar o grupo, sempre dançando e batendo espadas (GIOVANNINI, 2005, p. 105). Nas encruzilhadas, as espadas são riscadas no chão fazendo um círculo que possui a eficácia simbólica de fechar o grupo contra feitiços e energias negativas (GIOVANNINI, 2005, p. 106).

O Reinado continua passando nas casas das pessoas relevantes do grupo, como Reis e Rainhas velhos. Para que os “nobres” acompanhem o Congado, é necessário que se faça um ritual chamado de Embaixada, o que “consiste em um canto onde o rei congo convida sua rainha e demais realezas a se juntarem ao séquito formado pelos outros componentes e caminharem pelas ruas até a igreja (GIOVANNINI, 2005, p. 107).”

Até a Igreja os integrantes da realeza são protegidos por guarda-chuvas que têm uma função espiritual, além de protetora, para amenizar os efeitos do sol e da chuva. Um antigo congadeiro relata que os antepassados e os congos velhos já falecidos são reverenciados e muitas vezes participam do ritual. O guarda-chuva então se manifesta como um protetor espiritual das cabeças dos integrantes da realeza (GIOVANNINI, 2005, p. 109).

Chegando à porta da Igreja para a missa (ou missa conga), na qual se fará a transferência da coroa para os novos Reis e Príncipes, é cantado o Bendito, um canto que o Rei Congo entoia em homenagem aos santos reverenciados pelos negros (GIOVANNINI, 2005, p. 1). Após a celebração da missa, a procissão segue para a casa onde a Bandeira é guardada. Lá se despedem da Bandeira cantando a Alvorada mais uma vez com muita alegria e dança, apesar da exaustão dos dias festivos.

Outros folguedos de relevo no cenário da Zona da Mata e que se manifestam de maneira muito intensa na região de Leopoldina são as Charolas de São Sebastião e as Folias de Reis. Entre as duas manifestações podem ser percebidas algumas proximidades. Assim como as Folias de Reis, as Charolas se caracterizam por uma caminhada ritual cantada à casa do devoto. Algumas possuem um andor, outras, a Bandeira. Mas a diferença primordial está

no período em que cada uma se manifesta. As Folias de Reis geralmente saem em jornada no período natalino até o dia de Reis, 6 de janeiro. As Folias e as Charolas de São Sebastião se apresentam a partir do dia 6 e se estendem até a data em que se celebra o dia do seu santo de devoção, 20 de janeiro. Nas Charolas de São Sebastião, tal como nas Folias de Reis, os charoleiros, todos homens, cantam em versos a história do santo a quem dedicam sua devoção. Os versos principais, chamados de martírio ou adoração, narram a trajetória do santo, desde a prisão até a sua morte, enfatizando elementos como o sangue derramado e os momentos de sofrimento e dor do mártir (GIOVANNINI, 2005, p. 53). Também passam de casa em casa pedindo espórtulas para a festa final e acreditam igualmente no poder taumaturgo de seu santo, pagando-lhe as promessas dos devotos (GIOVANNINI, 2005, p. 56). A formação da Charola é a mesma da Folia de Reis, com a Bandeira à frente guiando os charoleiros que vão atrás com seus instrumentos de corda e percussão. Chegam em silêncio nas casas e logo se posicionam para iniciar a cantoria com os versos da chegada, assim como nas Folias de Reis (GIOVANNINI, 2005, p. 57).

O que diverge é que nas Charolas não se percebe a figura do palhaço acompanhando o cortejo. Além disso, existe a obrigatoriedade de os charoleiros utilizarem o vermelho e o branco como cores predominantes dos uniformes e da Bandeira, fazendo menção ao sangue do martírio, símbolo do sacrifício e da redenção (GIOVANNINI, 2005, p. 54).

A Charola do Senhor dos Passos é bem diferente da de São Sebastião. É um ritual muito simples, realizado em cidadezinhas do interior na época da quaresma, comum na região de Muriaé em seus pequenos distritos. Essas Charolas não contam com a participação de instrumentos musicais. Segundo a tradição, na semana santa não se deve expressar alegria em respeito à morte de Cristo. Portanto, a cantoria que segue sem cessar pelas ruas se dá em uma toada monótona na ausência de instrumentos.

Diferente das Folias de Reis e Charolas de São Sebastião, estes grupos não aceitam refeições nas casas dos devotos. Apenas passam pelas residências oferecendo a bênção da imagem do Nosso Senhor dos Passos. Não é obrigatório aceitar a bênção, mas é de bom tom que o santo entre em sua morada e que o dono aceite o que ele tem a lhe oferecer.

Os devotos devem esperar a Charola com uma toalha branca sobre a mesa onde o andor será colocado para a adoração da família. Este andor é caracterizado por uma casinha envolta em um pano roxo, que é a cor que representa a quaresma e a paixão de Cristo, apoiada sobre duas varas para quatro componentes carregarem. Dentro da casinha de madeira está a imagem do santo carregando a cruz. Esta imagem do Nosso Senhor dos Passos de joelhos, com a expressão sofrida e a testa coberta de sangue sinalizando a dor provocada pela coroa de

espinhos, simboliza a caminhada de Jesus até o calvário onde foi crucificado, por isso a música festiva acompanhada de instrumentos como se observa nas folias não é adequada a este ritual. À frente do andor vem um menino carregando em suas mãos uma cruz com a imagem de Jesus crucificado (GIOVANNINI, 2005, p. 81).

Os charoleiros não lancham na casa do devoto, mas pedem a esmola, assim como a Folia aceita a oferta de dinheiro à Bandeira. A soma recolhida pela Folia é destinada à festa de encerramento do grupo, conhecida como Entrega da Bandeira. O dinheiro recolhido pela Charola é doado à Igreja, recebendo em troca a graça dos pedidos realizados em oração (GIOVANNINI, 2005, p. 82). Dentro da casa, a cantoria segue comandando o ritual que prevê acender de velas, depositar as espórtulas dentro da casinha e beijar a fita que pende do andor. Os versos envolvem toda a assistência, e os versos improvisados não dão a despedida até que todos tenham participado de alguma forma (GIOVANNINI, 2005, p. 84).

A crença popular diz que no período da quaresma as pessoas devem rezar muito, pois é época de “assombração”, visto que as forças do bem estão enfraquecidas pelo sofrimento de Jesus. Portanto deve-se tomar cuidado ao passar por encruzilhadas nas noites de sexta-feira de quaresma, pois seria comum encontrar um bode chifrudo de olhos vermelhos bufando e cheirando a enxofre. Logo, é preciso rezar muito, principalmente no sexto dia da semana e fazer sacrifícios como a tradicional privação da ingestão de carne entre os católicos. Dizem que, por Jesus ter sido morto neste dia, alguns feiticeiros escolhem a sexta-feira da Paixão para poder evocar espíritos maus (GIOVANNINI, 2005, p. 79-80). Diante disso, tanto quanto a oração das Charolas, a da Encomendação das Almas é muito importante nesse período.

A origem deste ritual data do século X na Europa, e era uma mistura de rituais cristãos e pagãos, em que se rezava para as almas que acreditavam que estavam no purgatório (GIOVANNINI, 2005, p. 86). Após o Concílio do Vaticano II, este ritual perdeu força, mas é encontrado em lugarejos da Zona da Mata mineira e em algumas cidades barrocas, como São João Del Rei. Provavelmente, o ritual foi trazido pelos migrantes que vieram dessas regiões para a Zona da Mata com a queda do ouro (GIOVANNINI, 2005, p. 87). A crença nos espíritos, como já apresentado anteriormente, também sofreu influência dos povos negros que aqui vieram cativos. Portanto, esse ritual pode ter sido bem recebido pelos africanos e afrodescendentes que se instalaram nestas terras depois da queda do ouro.

O cortejo da Encomendação das Almas é realizado às quartas e às sextas-feiras no período da quaresma e passa cantando e rezando pelos cruzeiros e cemitérios, lugares entendidos pela crença popular como específicos das almas. É um ritual repleto de misticismo, devendo ser realizado no silêncio da noite quando todos já se recolheram, o que

atualmente é mais difícil devido à atividade noturna das cidades. Por isso este ritual é realizado em poucos lugares nos dias de hoje (GIOVANNINI, 2005, p. 87).

Em contrapartida, as Folias de Reis são vigorosas na região de Leopoldina, que compreende seus distritos e pequenas cidades vizinhas como Recreio. Como ritual do Catolicismo Santorial, a Folia de Reis se configura como um importante folguedo encontrado em várias regiões do país, operando fusões de situações diferentes e até opostas entre si, como as ideias de festa e penitência, alegria e dor.

O Catolicismo Santorial por si só já apresenta essas duas faces, é uma religião excessivamente festiva, mas, por outro lado, nutre esse aspecto penitencial que não deixa de ser uma de suas características centrais. Dessa forma, os foliões festejam, comem bem, divertem-se, mas o corpo deve suportar as noites e madrugadas não dormidas, o cansaço extremo das longas caminhadas e a dor proveniente de todo esse esforço. A penitência associada ao prazer e à festa está presente na Folia de Reis e em todas as manifestações apresentadas. É entendida como um elemento intrínseco ao próprio ato de adorar os santos, entrar em contato com o sagrado e praticar a religião.

É possível afirmar que o Catolicismo Santorial é uma forma religiosa permeada pelas manifestações festivas de cunho devocional e penitencial, e que essas manifestações estão presentes no cotidiano das cidades mineiras. São muito fortes nas pequenas cidades da Zona da Mata, como Leopoldina, onde a devoção e as promessas criam e recriam constantemente o contexto ideal para manter as Folias de Reis em atividade, marcando o ciclo natalino com suas orações cantadas e brincadeiras versadas.

Para compreender melhor o sentido de uma festa como a Folia de Reis, é preciso antes de tudo compreender a sua essência, ou seja, o que move as pessoas em direção a esse tipo de experiência com o sagrado. O que leva os foliões a passarem noites e madrugadas caminhando e cantando de casa em casa, ou o que leva as famílias a abrirem suas portas e oferecerem sua comida a essas pessoas? A fé, a devoção, a crença nos Santos Reis. É justamente em torno desses temas e da relação santo/devoto, característica central do Catolicismo Santorial, que a discussão a seguir será traçada.

1.2 Devoção e promessas

O sustentáculo da festa de Folia de Reis é a devoção em Santos Reis e a crença em seu poder taumaturgo. Para discutir esse tema crucial para compreender a estrutura que garante a continuidade da manifestação, seja em ambiente rural ou urbano, é preciso antes observar o

cenário e o contexto que possibilitou o desenvolvimento das devoções aos santos em terras brasileiras.

Dessa forma, importa expor as características dionisíacas do Catolicismo que se desenvolveu no Brasil, voltado ao espetáculo e às experiências sensoriais do corpo, vivenciado e experimentado como uma religião plástica sempre aberta a conciliações. Nesse Catolicismo, o leigo assume posição central. Desde agente propagador da fé a sacerdote popular não institucionalizado, ele lidera os rituais e estabelece uma relação direta com o santo. Essa relação é munida de tanta intimidade que a divindade se torna uma figura próxima e familiar. A comunicação com esse amigo ou compadre dispensa a mediação da instituição ou do padre, e os favores a ele direcionados são recompensados por meio das promessas.

Assim, a compreensão da promessa também se configura como um tema pertinente. Compreender a lógica afetiva da troca que se estabelece através da relação santo/devoto na prática do promesseiro é primordial para entender a complexidade dessa rede de devoção que se forma em torno da figura do santo. À medida que as promessas vão apresentando sua eficácia, o santo a quem foram destinados os pedidos vai ganhando o status de milagreiro através de seus feitos contados pelos devotos promesseiros e seus testemunhos de graças alcançadas. Dessa forma, esse santo vai merecer um culto ou uma festa em sua homenagem, como a Folia de Reis.

Logo, descrevo brevemente sobre os tipos de devoções encontradas no interior desse Catolicismo Santorial e aquelas mais presentes no contexto da Folia. A partir daí, se faz necessário explanar específica e historicamente a devoção em Santos Reis, desde sua origem, passando pela chegada ao Brasil pelos jesuítas e seu desenvolvimento nos dias atuais. Por isso observo a sua origem nos primórdios do Cristianismo, passando pelas alterações sofridas nas representações imagéticas dos Magos, fazendo uma análise iconográfica das suas imagens a partir de obras do medievo, período em que as alterações mais efetivas ocorreram, até as ressignificações operadas no Brasil.

A complexidade do contexto do Catolicismo Santorial passa obrigatoriamente pela dinâmica das devoções e promessas. Dessa forma, não há como furtar a pesquisa de explanar sobre esses conceitos tão caros à Folia de Reis, enquanto festa religiosa em homenagem aos Santos Reis do Oriente e que também se configura como uma via legítima de pagamento de promessas dos devotos.

1.2.1 “Muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”. O santo e o leigo: uma relação de reciprocidade

Seguindo o mote maior do Catolicismo Santorial brasileiro, “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”, já se pode aferir a participação dos sacerdotes institucionalizados neste contexto que dispensa mediação, quando o interlocutor é uma figura tão íntima e familiar como o santo.

O Catolicismo em terras brasileiras contou com amplo corpo sacerdotal: uma ínfima parcela de sacerdotes institucionalizados, que em sua maioria residia no litoral enquanto poucos se ocupavam do interior, e uma ampla gama de “sacerdotes” não institucionalizados, formada por leigos que exercem atividade religiosa através da magia e manipulação de forças sobrenaturais, com base na fé nos santos. Foi utilizando de sua elasticidade que o Catolicismo no Brasil seguiu crescendo, na soma e não na divisão em denominações, na incorporação das diferenças e não na subtração de elementos. É nesse processo de superação das fronteiras que se torna acessível a multiplicidade do sagrado.

O sincretismo encontrado na religiosidade popular se apresenta como uma via legítima para se chegar à experimentação da plenitude do sagrado:

A experiência religiosa proporcionada pela tradição popular é a de que o sagrado irrompe no mundo de muitas formas e por muitas mediações, assumindo expressões múltiplas e diversificadas para além das fronteiras das religiões institucionalizadas. Cabe ao praticante beber de todas as fontes, de modo que o sincretismo é a própria condição de acesso à plenitude e multiplicidade do sagrado (STEIL, 2001, p. 32).

Desta forma, a religiosidade brasileira se fez não através de códigos fixos e uma moral rígida, mas, sim, através de uma plasticidade própria que exacerba os elementos de uma dimensão estética e de recreação, favorecendo assim o surgimento de uma religiosidade dionisíaca (PEREZ, 2002, p. 45). Essa cultura religiosa se mostra:

carnal, sensual e festiva, [...] plena de cultura dos sentidos, envolta pelo emocional. Idolatria da criatura, da carne, avessa à ortodoxia e ao ascetismo. Uma religiosidade menos atenta ao sentido íntimo das cerimônias que as cores e à pompa exterior, ou seja, voltada mais para o concreto do que para o abstrato, sempre pronta a fazer acordos e conciliações (PEREZ, 2002, p. 44).

O Catolicismo que se desenvolveu no Brasil foi uma religião do espetáculo, experimentada de maneira coletiva, pública e corporal através da teatralidade (PEREZ, 2002,

p. 46). Desde os jesuítas, que em terras brasileiras implantaram a prática das festas cristãs em homenagem aos santos, que a religiosidade popular em constante construção veio se apoderando dessa faceta católica para lhe imprimir a sua dinâmica. Esta que se caracteriza pela amálgama coloca em evidência o corpo e sua performance prazerosa, mesmo que a instituição a repudie, operando nessa ambiguidade entre exaltação e repressão da carne.

O Catolicismo se estabeleceu como religião majoritária no Brasil com base nesta religiosidade dionisíaca, pautada no espetáculo, com o corpo assumindo certa centralidade nas festividades, altamente iconoclasta e com exacerbada valorização estética com ênfase nas cores. Essa religião foi se tornando cada vez mais íntima dos brasileiros, mais doméstica e familiar. Uma religião de santos compadres e santas comadres, com uma relação tão próxima e íntima entre santo e devoto que os santos eram tratados como membros da família (PEREZ, 2002, p. 45).

Essa relação se dá a partir da reciprocidade e em total interdependência, na medida em que não existe devoto sem santo e nem santo sem devoto, um exige necessariamente a existência do outro no cenário devocional popular. Um santo passa a ser mais cultuado no momento em que seus feitos passam a ser de conhecimento de todos e sua eficácia “comprovada”. “Ou seja, se o santo faz milagres, o devoto não apenas o recebe, mas também retribui difundindo através do discurso os feitos e as glórias do santo, de modo que um não existe sem o outro” (STEIL, 2001, p. 35). A reciprocidade se manifesta no momento em que o santo é adorado, adulado, adornado, bem tratado, referendado e acima de tudo acreditado pelo seu devoto na medida em que atende a seus anseios e lhe concede a graça almejada. A partir daí, ele mostra a sua eficácia e passa a ser reverenciado como um santo milagreiro e poderoso.

A promessa segue a lógica da reciprocidade, de dívida e pagamento conforme o combinado e pode ser considerada como um “trato” com o santo, um amigo íntimo com quem o fiel pode contar a qualquer hora e se apegar quando a aflição toma conta, uma esperança no mundo sobrenatural quando o natural já não lhe oferece mais saídas. A fé desempenha um papel importante: oferecer alento e crença de que o velho amigo de todas as horas, o seu santo de devoção, não vai lhe faltar nesse momento de dificuldade. O devoto se “agarra” com o santo geralmente em situações-limite, “de desespero e falta de alternativas, muitas vezes em caso de descrença na ciência ou na justiça humana, em que o apelo ao santo apareceu como a última e definitiva chance de vencer a dificuldade” (MENEZES, 2009, p. 130).

Os devotos vivem esse apego e amizade com o santo de um modo tão intenso que não se admite qualquer lógica que contrarie essa realidade, que já está arraigada na cultura

nacional de maneira tão sólida que os santos e seus cultos fazem parte dela de modo significativo e irreversível.

Durante muito tempo, ser católico estava ligado a uma relação mais íntima com os santos do que com a instituição, em uma esfera mais concreta do que abstrata. Em “muitos contextos sócio históricos, ser católico significava cultivar os santos, promover ou participar de suas festas, pagar-lhes promessas, venerá-los – muito mais do que o comparecimento à missa e a participação nos sacramentos” (MENEZES, 2009, p. 109).

O culto aos santos significa atualmente um demarcador de identidades no Brasil. Enquanto em um passado colonial a partilha dessa crença significava ser brasileiro e estar inserido de alguma forma naquela sociedade, hoje isso não se configura mais como uma totalidade. Em um país em que 90% da população se estabelece sob o grande dossel do Cristianismo, mas não mais sob o do Catolicismo, é possível pensar no culto dos santos como um demarcador de fronteiras religiosas. Pois, se para os católicos esse culto se mostra legítimo, para os evangélicos ele se configura como inaceitável idolatria (MENEZES, 2009, p. 110).

Porém, ainda hoje em certos contextos, regionais e locais em sua maioria, a identidade católica de caráter eminentemente santorial se mantém como um recurso organizador da vida em comunidade e, em muitos casos, como o elemento norteador da crença individual e que rege as atitudes e experiência com o sagrado. Nesses cenários, o culto aos santos se apresenta como experiência religiosa plena de sentidos e significados. Essa vivência individual e coletiva balizada pela fé nos santos é o que se apresenta em Leopoldina, tanto na zona rural como na urbana, seja na periferia ou no centro. A popularidade da Folia de Reis evidencia esse fato. A festa, enquanto atividade religiosa coletiva configura-se como uma forma de lazer para a comunidade. Por outro lado, a promessa, enquanto forma de sacrifício e manifestação de fé, como experiência individual do devoto com o seu santo, é um recurso naturalizado e eficiente na concepção dos devotos, foliões e assistência. Consideram o santo como um excelente mediador entre o homem e Deus, pela sua característica intrínseca de conjugar o humano ao sobrenatural. Sua origem seria de carne e osso, mas seu poder opera milagres.

A promessa é uma marca tradicional do Catolicismo Santorial, largamente utilizada no passado e na atualidade por pessoas de diferentes níveis sociais, independente da escolaridade ou posição econômica. As próximas discussões se ocuparão de esclarecer os meandros desta prática e seus desdobramentos no cenário devocional de Leopoldina.

1.2.2 Devoção e promessas: a lógica afetiva da troca

A promessa se apresenta como uma prática apoiada na crença de uma possível manipulação das forças sobrenaturais através de um contrato com o santo a favor do próprio contratante. Em troca, o milagreiro receberia do fiel um agrado, sob alguma forma de louvor. Mas não deve ser entendida através de uma simples ótica mercantil, do “quem deve paga”, ou estabelecendo a fé como moeda de troca. Adotar este modelo para explicar a relação santo-devoto pode ser extremamente redutor e deve ser abandonado, por desconsiderar dimensões afetivas e identitárias envolvidas de maneira intrínseca nessas relações (MENEZES, 2009, p. 132). O modelo mercantil parece não ser adequado para tratar dessa relação íntima entre o santo e seu devoto, que envolve acima de tudo fé e devoção, tanto aspectos coletivos quanto individuais.

O conceito de devoção implica um processo de identificação entre o devoto e o santo. Amizade, fé e confiança são sentimentos que permeiam essa relação, que não se caracteriza como uma simples rede de trocas que envolve apenas pedidos, graças e agradecimentos (MENEZES, 2009, p. 131). Diante disso, a ideia que se constrói em torno do pagamento de promessas no sentido não mercantilista se configura mais como um agrado e louvor ao seu protetor, o saber agradecer as graças almejadas. Portanto, entendo a expressão “pagamento de promessa” como relativa a uma esfera afetiva, de confiança e dádiva, não no aspecto comercial da palavra pagamento.

As formas de pagamento de promessas são inúmeras. No caso dos Santos Reis, são oferecidos almoços e jantares anuais para as Folias, considerados como os representantes diretos dos Reis do Oriente. Às vezes são promessas que duram uma vida inteira, e ninguém, além do devoto e do seu santo, sabem ao certo que graça foi pedida e se foi alcançada. Mas há aquelas que são pagas em apenas um ano e cabe ao devoto querer ou não receber a Folia novamente em sua casa no próximo Giro ou Jornada. Segundo os mestres, o convite para o ano seguinte, quando não atrelado ao pagamento de promessa, acontece a partir da consciência de cada um. Se os santos lhe fizeram bem, o fiel vai querer recebê-lo sempre em sua morada, até para garantir a fartura e saúde para aquela família todos os anos.

Há também práticas ensinadas pelo próprio mestre folião. Na qualidade de sacerdote popular, ou seja, sabedor de técnicas eficazes na manipulação das forças sobrenaturais, ele indica o caminho certo para o fiel agradar o seu mediador, que neste caso seriam os Santos Reis. Mestre Turino conta um método que ele ensina aos devotos para se alcançar uma graça.

Esse agrado que mais se assemelha a uma simpatia, ou a um trabalho¹⁵, é entendido pertencente ao universo das promessas e é transmitido pelo mestre da seguinte maneira: o devoto que fez a sua promessa para os santos receberá a Folia em sua residência pelo menos por três anos. Em cada ano ele receberá uma fita da Bandeira, cada uma com a cor referente ao uniforme de cada folião que representa os Reis Magos daquele grupo. Em cada ano o devoto deve guardar a fita por sete dias e depois se desfazer da mesma em água corrente, seja em uma cachoeira ou um rio. Segundo Seu Turino, dentro de três anos o devoto terá a sua graça alcançada e caberá a ele querer continuar recebendo a Folia como uma forma de gratidão, além do pagamento da promessa.

Através dessa prática ensinada pelo mestre, podem-se analisar as promessas e os trabalhos sob a mesma ótica, afinal o princípio de ambos é o mesmo, o que difere é como se paga e a quem se destina o pagamento. O princípio seria entrar em comunicação com as divindades, sejam elas entidades, orixás, ancestrais, santos, etc., e lhe oferecer algo em troca de uma graça ou um desejo a ser alcançado. Geralmente nos trabalhos se agrada a divindade antes de ter a graça recebida, numa relação de confiança, já nas promessas o pedido é feito e só depois de alcançado o santo recebe o pagamento.

Há diferentes formas de se realizar esse pagamento: estando em contato com a natureza ou não, oferece-se comida para as entidades ou para a Folia representante dos santos; sacrifícios por parte do devoto muitas vezes relacionado a uma privação de algo que goste muito; ou sacrifícios de animais em certos trabalhos. Na prática ensinada por Seu Turino, pode-se perceber que as formas se misturam. O pedido é feito para os Santos Reis, mas é pago junto à natureza, e a graça será alcançada à medida que o pagamento vai sendo honrado. Isso acontece dentro do período de três anos, nem antes, nem depois.

É importante perceber como no Catolicismo Santorial a mescla se dá de maneira naturalizada. O pedido é feito aos santos, de origem europeia, mas o pagamento é feito junto à natureza, lugar muitas vezes destinado aos trabalhos e oferendas aos orixás, e o momento do recebimento da graça simplesmente não se define. Não é antes do pagamento como nas promessas católicas, nem depois como nos trabalhos das religiões de matriz africana, a graça se alcança durante o pagamento. E essa mescla é percebida em muitos momentos na Folia, até nos versos dos palhaços.

¹⁵ Nome que se dá à atividade de oferecer algo à divindade em troca de seus préstimos para se alcançar o desejado nas religiões de matriz africana.

Observe a bem humorada fala versada do palhaço leopoldinense Jorge, da antiga Folia dos Madeira, hoje conhecida como Folia dos Irmãos:

A vida de casado é boa, Mas sê casado me enjoa, fico triste aborrecido,
quando vejo alguém falá que sogra já foi muito boa.
Isso traz recordação da mãe da minha patroa.
Se a sogra mora com o genro, aquilo é mosca na ferida, cinco hora da manhã
num dá o sinal da partida, e a gente fica ali puto, danado da vida.
*Entreguei um bode pra Santa Sofia, uma cabrita pra Santa Luzia,
eu rezava dia e noite, noite e dia só pra vê se a velha murria.*
Quanto mais eu rezava, mais a danada da véia vivia.
No caminho que eu já ia, a danada da véia vinha trazeno na mão esquerda a
semente da murrinha, entendeu?
Então, eu tentei nesse momento, para não aborrecer, eu queria matar a sogra,
mas primeiro que viesse a morrer, então eu chegano na minha casa, veja o
caso que aconteceu, botei o fogo na casa, deixei a véia lá dentro, mas o que
eu esperava nada disso aconteceu, a casa queimô tudo, mas a velha não
morreu.
Era bunita de rir, uma péssima figura, que tinha canela seca, muita banha na
cintura, um burro dum nó na garganta, tinha engolido a dentadura, se um dia
ela morrê, que seja sem mesquinha, o diabo nunca aceita uma sogra igual a
minha.
Eu espero que ocê ficou feliz com essa apresentação minha.¹⁶

Através de sua fala sobre um tema tão polêmico quanto engraçado, pode ser analisada a sua crença. Nesse grupo todos se dizem católicos, afirmando sem hesitação. Fazem parte desse Catolicismo Santorial, que absorve plasticamente experiências outras com o sagrado e incorpora práticas inusitadas. Por isso o palhaço brinca dizendo que ofereceu um “bode para Santa Sofia e uma cabrita para Santa Luzia” para que sua graça fosse alcançada, mesmo que fosse a morte de sua sogra.

A prática, imprevista aos olhos de quem espera encontrar neste universo da Folia de Reis um Catolicismo puro e livre de influências, parece plausível para este palhaço que vivencia a sua crença no cotidiano e que cria os seus versos de acordo com ela. Sacrifícios de animais são comuns no Candomblé, feitos para os orixás. Transplantar essa prática para o Catolicismo em oferta aos santos, antes mesmo de a graça ser alcançada, pode ser inusitado, mas não desrespeitoso para estes foliões, como poderiam supor alguns puristas. Mais uma vez seria olhar o Catolicismo com as lentes africanas sem contradições ou incongruências, operando pela dinâmica do amálgama.

Independente da escolha do método, de como proceder no pedido e no pagamento de uma promessa, é importante ressaltar que o santo vai aparecer sempre como um bom

¹⁶ Entrevista com o palhaço Jorge, na residência de Seu Nelson Madeira, dono da Folia dos Irmãos, antiga Folia dos Madeira, em Leopoldina, em 2010.

mediador. Menezes (2009, p.112) assevera que “um santo é capaz de provocar graças ou milagres. Ele é um mediador ideal, pois por sua proximidade com Deus e Jesus é capaz de conseguir coisas para as pessoas”.

Muitas vezes “se agarrar com o santo” se mostra como a única alternativa capaz de acalmar a pessoa e atenuar seu sentimento de impotência e desespero diante de uma situação limítrofe, em que a descrença na ciência ou na justiça humana faça com que ela teça seus apelos ao santo como a única forma de vencer a dificuldade. Este devoto é comparado a um trapezista que se lança sem rede de segurança em direção ao santo, portando somente a sua confiança nele, mas sem saber como será recebida, mas no momento certo recebe a sustentação necessária como dádiva (MENEZES, 2009, p.130-131). Há no contexto devocional diversos tipos de devotos. O conceito de devotos pode ser esclarecido como um “grupo de pessoas que se consideram vinculadas a um santo em relações marcadas pela fé, a amizade, a confiança e a intimidade” (MENEZES, 2009, p. 123).

Menezes (2009) explana sobre devoção entendida como natural e outra herdada. Existem também devoções que se desenvolvem diante de alguma graça alcançada, por exemplo, quando a pessoa se torna devota diante do seu desejo realizado a partir da promessa ou ainda quando a eficácia é experimentada pela pessoa sem que ela se envolvesse de maneira direta com a crença em um primeiro momento.

A devoção por “ligação natural” é aquela que se manifesta como uma espécie de “patrimônio pessoal” do devoto, uma série de ligações virtuais com o santo referentes há tempos e espaços, que ele pode articular a seu favor, quando necessário. Essas são transmitidas pelo calendário: quando o fiel nasce no dia do santo e, por isso, ganha seu nome, ou se casa ou recebe o batismo nesta data, ou ainda pelo seu lugar de origem, quando ele acaba adotando o santo padroeiro de sua terra natal como o seu próprio. Outras vezes essa devoção nasce também por frequentar a igreja de determinado santo ou por terem celebrado nela ritos importantes para si, como o casamento ou batizados (MENEZES, 2009, p. 124-125).

Já a devoção herdada se manifesta quase através de uma imposição ao devoto. Talvez imposição seja uma palavra muito forte, mas pode-se dizer que a pessoa já nasce envolta por aquele sentimento que adere à sua personalidade, e o mesmo é incorporado sem perceber. Muitas vezes, os pais oferecem o rebento como afilhado de determinado santo, outras vezes a mãe teve um parto difícil ou qualquer problema com a saúde da criança na primeira infância, neste momento faz-se uma promessa para o seu santo de devoção que envolva o filho no comprometimento do pagamento. De qualquer forma, é uma devoção herdada de família,

“nesse caso, o devoto estaria perpetuando laços entre gerações. Os santos de devoção da família representam uma espécie de patrimônio acumulado, que um católico pode canalizar em seu favor” (MENEZES, 2009, p. 125). É o que acontece com frequência nas famílias inseridas nas manifestações das Folias de Reis. Quem nasce nesse meio aprende a respeitar e acreditar nos poderes dos Reis Magos, já que desde criança vivencia os ritos, os mitos, os fatos atribuídos. É um movimento que acontece de fora para dentro e que provoca uma devoção “automática” ou “naturalmente” absorvida.

Um tipo de devoção que também se mostra comum no cenário do Catolicismo Santorial é o que se manifesta no fiel a partir de uma graça a ele concedida, que acredita ter sido alcançada por intermédio do santo a quem recorreu quando precisou. Muitas vezes, o beneficiado escutou várias histórias em relação àquela figura taumatúrgica e seus feitos, e, diante desses relatos, percebe que ele também pode ser agraciado se tiver fé. Quando seu pedido é atendido, ele também se torna um devoto.

Por outro lado, os foliões dizem que até quem não tem fé pode receber graças. A devoção que é adquirida pela vivência pode ser descrita como aquela que o devoto não escolhe, mas é como se ele fosse escolhido por ela. É possível verificar as graças concedidas pelos Santos Reis em Leopoldina até para aqueles que não lhe direcionavam nenhuma devoção anterior. Muitas vezes a pessoa que recebe a graça não fez a promessa para os santos, porém, depois de tê-la recebido por intermédio de um apelo de um parente aos santos, começou a adorá-los também. Às vezes a promessa é feita para o próprio beneficiado pagar, e como agradecimento, além de pagar, ele acaba acreditando no poder dos santos e se tornando um devoto a partir da eficácia apresentada diante do resultado prático vivenciado.

Em Leopoldina, dentre foliões e devotos, os Santos Reis gozam de boa reputação de santos poderosos, protetores e milagreiros. Se “um santo é aquele que conjuga a eficácia de um mediador, um taumaturgo e um exemplo ao altruísmo de pôr essa eficácia a serviço dos outros”, pode-se aferir que os três Reis se adéquam perfeitamente a essa definição, inclusive com eficácia afirmada pelos seus devotos, através dos resultados práticos experimentados em suas vidas, muitas vezes considerados como graças alcançadas por sua mediação (MENEZES, 2009, p. 131). Poderiam ser citadas aqui inúmeras histórias dos pedidos atendidos por essas figuras bíblicas que foram eleitas como santos pela devoção popular, porém selecionei duas que serão apresentadas a seguir.

Seu Sebastião vive na zona rural de Leopoldina, no Arrasta Couro, próximo à Serra dos Barbosas, e possui essa devoção aos Santos Reis adquirida por uma experiência “involuntária”. Sua história, contada através de sua fala simples, de seu olhar longínquo e sua

esperança devota, torna-se emocionante. Seu Sebastião deixou lágrimas escorrerem pelo rosto em meio às palavras engasgadas e lembranças de um tempo triste. Conta sobre o antigo cotidiano, as dificuldades financeiras e como se tornou um devoto dos três Reis do Oriente:

Sebastião: Eu me casei em 77, em 79 foi a primeira folia na minha casa, eu tinha um filho, que Deus os tenha, tadinho, é deficiente, ele num andava, ele num falava, ele vivia em cima das cama. Ele tava com um ano e pouco, meu sogro mandou falá pra mim que ia uma folia na minha casa almoçá comigo, e eu tava passando, eu num vou dizer que num faltava água, não, mas o pão tinha dia que num tinha, tão boa que tava minha situação. Tinha dia que eu ganhava o leite pra dá o meu filho, tava sem condições de comprá. Eu falei com a mulher: “Teu pai vai mandar a folia vim aqui em casa almoçá? Comé que é esse negócio?” “Mandá vim folia aqui almoçá, nossos parente vai vim aqui com a folia, vai almoçá aqui”. “Ah, mas quantas pessoas é?” “Ah, muita gente”. Falei: “Ah, e aí? Num tem aqui nem pra nós.” “Mas vai vim”. “E agora?” Eu, pra ir na minha casa, passava num arroizero, onde plantava arroz, tava atolando quase um palmo. Um dia, levantei cedo, chovendo e êvem a turma lá! Eles usava os boné tipo aqueles guarda de primeiro. Folia de Seu Sebastião Cabral, esse que eu te falei que é daqui de Ribeiro Junqueira. Eu chamei a mulher: “Ih, é a folia”. Eu falei: “Vamo fechá a casa!” Ela falou “Mas eles vai batê, o menino vai acordá e vai chorá”. Eu falei “É mesmo. Ah, deixa chegá”. Eu saí pro terreiro, chegaram e tal. “Ah, primo, que nós viemos aqui passá o dia com você, almoçá com você, cantá o rei pra você, mas eu quero que você vê também que eu quero pagá as despesa.” Eu falei: “Quei isso, rapaz? Despesa quem paga sou eu”. Eu batia nos peito: “Quem paga sou eu”. Mas no meu “pago aqui”, eu tava sentindo uma dor danada, porque eu não tinha nada pra dar pra eles comerem. Minha filha, isso era seis horas da manhã mais ou meno, peguei com a mulé lá uns saquinhos branco, que alvejava aquilo de primeiro, que vinha com açúcar. Fui numa venda que tem aqui onde eu durmi aqui hoje, morava ali José dos Santo Vargas, era meu padrinho, conversei com ele. Ele falou: “Ah, meu filho, procê tratá dos outros?” Eu falei “Sim, padrinho”. “Se fosse pra você, eu vendia, cê já tá me devo aqui, comé que eu vou fazê? Eu vou tratá de pessoal que tá na sua casa?” Eu falei: “Não, padrin, eu dou um jeito, eu pago o senhor”. “Eu sei que cê me paga, uai, mas, uai, eu não...”. Aquela listazinha que eu levei, ele me vendeu metade de tudo, só a metade. No fim ele me deu um litro de cachaça. Ele falou: “Esse litro de cachaça eu vou te dá, mas eu vou te dá dado, eu num vou pô na sua conta que a sua conta já ta um poquin mei alta aqui, porque lá o pessoal às vez gosta de uma cachaça”. Eu falei “É sim, senhor”. Ele arrumou aquilo ali e eu falei “Padrin Zé, cê me dá uma no copo?” “Cê ainda qué uma?” Eu falei “É, sim senhor”. Fui se embora. Mas quando eu avistei minha casa, falei “Ó, vou lá não”. Falei “Vou voltá”. A quantidade de gente que eu já avistava na minha casa, tinha três vezes mais que o pessoal que tinha chegado. “Eu já vou só com essa merrequinha aqui, comé que eu vou tratá daquele pessoal?” Eu empaquei, fiz igual esses burro. Falei “Eu num vou não”. Mas falei “Gente, eu tenho que ir, minha mulé tá lá, eu tenho que ir”. Mais perto eu chegava, mais movimento eu avistava. Aí eu vi um fogo no terrêro, fumaça subino, o negócio cheio. “Tem algo diferente lá, ué”. Minha filha, com Deus no coração e Santo Reis do Oriente na minha mente, quando eu cheguei uns 15 a 20 metro pra chegá no terreiro da minha casa, tinha galinha morta à vontade, pessoal depenando frango, aquela mercadoria que eu levei, eu fui

usá ela a partir de uns dois dia em diante, aquela quantidade de mercadoria que tava dentro da minha casa que os vizinho levou, levaram aqui na minha casa almoçá duas, três folia, tem dia de almoçá duas num dia só, num falta não. Se aparece um com meio quilo de feijão no fogo, parece que vai pra dez quilo. Então multiplico tudo, quer dizer, num foi só no dia das folias não.

Daí em diante...

Sebastião: A miséria sumiu, pra onde ela foi, eu num quero sabê, ela que fique pra lá.¹⁷

Pode-se aferir sobre a fama dos três Reis de prover a fartura para as famílias o ano inteiro: o homem tinha vida difícil, seu cotidiano era marcado por necessidades e miséria. O sogro, conhecedor da fama dos Santos Reis e atento às condições de vida da filha, marca a visita para sua casa, mesmo sabendo que o genro não tinha nenhuma devoção. No momento em que a Folia visita pela primeira vez a casa do Seu Sebastião, sem lhe exigir nada em troca, ao contrário oferecendo o que comer, contando juntamente com a generosidade e solidariedade dos vizinhos, a miséria se dissolve e se afasta a partir desse momento, para não mais voltar, segundo o testemunho do devoto.

A graça se dá sob a forma da fartura: o devoto afirma que a multiplicação da comida não se deu apenas naquele dia, mas cotidianamente. E qualquer Folia que chega à sua casa, claro se for com a Bandeira a sua frente e respeito aos Santos Reis, será bem recebida, e todas as pessoas usufruirão da fartura que elas mesmas lhe trouxeram, segundo Seu Sebastião.

Segundo os foliões, as graças concedidas pelos Reis do Oriente não se resumem à fartura e resolução dos problemas financeiros, mas pedindo com fé, qualquer graça pode ser alcançada. Pois os santos apresentam uma

“plasticidade”, isto é, a capacidade de suportar projeções e absorver significados, deixando ou não os outros de lado; de transformar-se e adequar-se a demandas variadas, apresentando facetas distintas no tempo e no espaço, colocando-se numa certa abertura em relação aos grupos que os cultuam (MENEZES, 2009, p. 114).

Seu Geraldo, representante da Folia dos Colodinos, narra um fato que enfatiza e comprova, para ele, a força e o poder dos Santos Reis. Neste caso, os pais de um menino preocupados com o não desenvolvimento na fala de seu filho, resolveram procurar a Folia e buscar ajuda. Antes disso, consultaram os médicos e foram até em centro de macumba segundo o folião, porém eles não puderam definir a causa da mudez. Diante da

¹⁷ Entrevista com o Seu Sebastião na cidade de Leopoldina em sua residência, dia 1º de novembro de 2010.

impossibilidade de a ciência médica resolver ou apontar algum caminho, os pais resolveram apelar para os Santos Reis, aos quais não tinham devoção especial:

nóis temo muita fé aos Santos Reis, então, qualquer coisinha a gente tem uma nutrição fora do comum nos Santos Reis, se Deus quisé, ele vai, eles sempre tá ajudando a gente. É tanto que, quando a Folia era do meu pai, na casa dum ex-cunhado meu, nóis, nóis chegamo, tinha um minino que tava com, acho que, nove, pra nove, nove pra deiz ano, era uma faixa dessa assim, o minino não falava nada. Aí a dona chegou pedino, o rapaz chegou, até um rapaz que a gente conhece: “Tio Geraldin, eu tenho um filho que tá nessa pa, num fala nada, só ‘hum, hum’, só sinal, tendeu? Hum, hum, hum. Nóis já fizemo várias coisa por ele, já rezamo, já fizemo vários tratamento, num conseguimos, comé que eu faço que eu vou pegá com Santos Reis”. Eu falei: “Não, pra pegá com os Reis, tem que tê fé neles, se num tive fé, num adianta cê fazê”. Ele falou assim: “Ah, porque eu quero que a Folia vai na minha casa, ma eu num sei recebê, eu tô todo enrolado, comé que faiz, né?” Eu peguei, dei umas dica ele, expliquei comé que chega, a chegada duma Folia, uma saída tal, tal. Ele pegou, fez uma fé, fez uma promessa de dá o almoço à Folia sete ano em seguida se o fio dele voltasse a conversá, falá alguma coisa, se conversasse. Ele pegou a mim. O minino hoje gostô da palavra, ele vê, brinca, né? “Ah, meu Deus, se eu soubesse desse pobrema, o minino fala demais já, fala em tudo”. Agora ele fala “Fala até demais”. Graças a Deus, então fez a promessa pra ele, a promessa foi cumprida [...] Até ontem ele tava na igreja, ajudou a tocá instrumento, tendeu? Aí chamou por mim: “Ô Tio Geraldin, num posso pegá um, um pandeiro, um triângulo?” Eu falei: “Cê tem que batê devagarin pra ninguém notá que cê tá errano, né? Que a pessoa que tá aprendendo tem que ir ensinano, mas num, na hora assim, porque tá fora do grupo, né? Ele falou: “Não, pó dexá que eu quero”. Ele já prometeu que ano que vem vai saí direto com nóis.¹⁸

Pode-se observar a devoção que o folião dedica aos Santos Reis e como um pai, em um momento de desespero, recorre ao poder deles. O homem viu na Folia uma via de acesso direto a esse poder, pois, ainda não sendo devoto, não tinha intimidade com as divindades para lhes fazer tal pedido. Com a mediação da Folia com os Reis do Oriente, ele alcançou a graça e depois disso fortaleceu seus laços com os Santos, tornando-se um de seus devotos.

A partir daí, vai nascendo outro fiel, o filho que recebeu diretamente a graça. Nesses sete anos em que viu a Folia bater em sua casa, como pagamento da promessa, tomou gosto pela manifestação e, o mais importante, cultivou sua fé no poder dos Santos, já que sua fala é uma prova disso. Em 2011, demonstrou sua vontade e prometeu que vestiria aquele uniforme no próximo ano. Em 2012, 2013 e 2014, sua presença já pôde ser notada entre os foliões e aplaudida pela mãe, que também se tornou devota depois de ter recebido o que considera um milagre.

¹⁸ Entrevista com Seu Geraldo no dia 7 de janeiro de 2011.

Esses e outros relatos de milagres e graças concedidas pelos Santos Reis não são raros em Leopoldina. Em conversa com folião, devoto ou com qualquer pessoa da assistência, ouvi histórias fantásticas, de feitos extraordinários que aconteceram com um conhecido, parente, vizinho ou amigo. Dessa maneira, é importante analisar historicamente essa devoção aos Santos Reis, quando e onde começou antes mesmo de chegar ao Brasil.

1.2.3 Devoção a Santos Reis: ressignificações criativas na história

Importa neste momento traçar o histórico da devoção em Santos Reis que dá origem à Folia de Reis e move foliões e devotos em direção à vivência da religião por meio da festa.

A devoção nos Santos Reis se iniciou na Europa muito antes da chegada dos portugueses ao Brasil. A construção da imagem dos Reis Magos foi criada e recriada desde os primórdios do Cristianismo, porém, entre os séculos XIII e XV, observam-se transformações no imaginário social, que levou a mudanças mais efetivas na cultura artística e popular da época (ANTONIO; PELEGRINI, 2014, p. 1592). A figura dos Magos foi sendo modificada paulatinamente, mas não deixa de ser um elemento da cultura artística e popular do medievo que chegou à contemporaneidade.

Essas personagens são citadas na Bíblia no Evangelho segundo Mateus, capítulo 2, nos versículos de 1 a 12, como simples Magos, que, guiados por uma estrela, foram em busca do Menino Jesus, o rei dos judeus. Porém as mudanças nos significados e representações dos Magos se inserem em uma história da ‘prática’ do seu culto e não sobre a teologia construída em seu entorno (ANTONIO; PELEGRINI, 2014, p. 1595).

A Idade Média assistiu a diversas modificações na representação dos Magos. As mais significativas foram a transformação dos Magos em Reis, sua santificação e posteriormente a demarcação da etnia de cada Mago, com a inserção do Mago negro. Uma pintura na Catacumba de Santa Priscilla, datada do século III, evidencia que desde os primórdios do Cristianismo os Magos já eram alvos de devoção. Na referida pintura, pode-se perceber que o número de três Magos já havia sido determinado, possivelmente em uma associação com o número de presentes oferecidos a Jesus em seu nascimento, referidos no Evangelho de Mateus (ANTONIO, 2012, p. 5). Na Bíblia, o número de Magos não é citado, mas, sim, os presentes, a saber, incenso, ouro e mirra. Portanto, é possível aferir que, no século III, o número três já habitava o imaginário popular.

No século VI, no mosaico denominado Adoração dos Magos, na Basílica de Santo Apolinário, o Novo, localizada em Ravena, na Itália, observa-se a inclusão dos nomes pelos

quais hoje os Santos Reis são conhecidos: Belchior (ou Melchior), Baltazar e Gaspar. Entretanto nessa época a devoção não estava atrelada à realeza dos mesmos e não havia problema em associá-los à magia (ANTONIO; PELEGRINI, 2014, p. 1595).



Figura 2: Mosaico Adoração dos Magos, século VI, Basílica de Santo Apolinário, o Novo, Ravena, Itália

Fonte: Antonio; Pelegrini (2014, p. 1595)

As alterações mais efetivas começaram por volta do século IX, quando os Magos foram transformados em Reis por meio do uso da coroa evidenciada em representações artísticas da época (ANTONIO, PELEGRINI, 2014, p. 1596). A ideia de relacionar a majestade ao sagrado é uma prática das religiões mais antigas, nas quais o rei é o deus visível e encarnado ou seu legítimo representante (ANTONIO; PELEGRINI, 2014, p. 1599).

Do século VI ao XII, em especial neste último, pôde ser observado um movimento em direção à santificação dos Reis Magos, impulsionado pelas longas peregrinações em busca das supostas relíquias atribuídas a eles. Quando da sua morte, os Magos foram enterrados em um mesmo local. Após conflitos e o esquecimento da devoção, os corpos foram transladados cada um para sua terra. Posteriormente, Helena, mãe de Constantino, foi à procura dos restos mortais e reuniu-os novamente, levando-os para Constantinopla, na Igreja de Santa Sofia. Mais tarde, os milaneses os transladaram para a sua cidade. Depois de 1144, quando Milão se rebelou contra o imperador Frederico I, o arcebispo Reinaldo transferiu as relíquias para Colônia, ao norte da Alemanha, na Igreja de São Pedro (ANTONIO, 2012, p. 9).

A sacralidade dos Reis Magos foi ressaltada por Giotto, em seu afresco Adoração dos Reis Magos, de 1303-1305. A presença da auréola, que não era inicialmente um símbolo cristão, mas, sim, asiático, representante do sol ou da coroa de reis observado na arte helênica

nas figuras dos deuses, ratifica a sacralidade dos Magos. A auréola passa a ser usada nas representações de santos na Idade Média, como já havia ocorrido nas imagens de Jesus e Maria (ANTONIO; PELEGRINI, 2014, p. 1599).



Figura 3: Afresco Adoração dos Reis Magos, Giotto, 1303-1305
 Fonte: <https://idademedia.wordpress.com> Acesso em 28 nov. 2014

Na Baixa Idade Média, ao se aproximar da Idade Moderna, há a inclusão do Rei negro, simbolizando um sábio representante da África. Nas obras de artistas contemporâneos de Giotto, é possível perceber entre os três Reis Magos um negro ou um mouro (ANTONIO; PELEGRINI, 2014, p. 1599). Mas a origem mitológica cristã da Folia de Reis se baseia na localização dos restos mortais desses Reis. De acordo com essa versão, por onde passavam as relíquias até chegarem em Colônia, na Alemanha, cânticos contando a história da peregrinação dos Reis Magos eram produzidos, o que em Portugal foi chamado de Folia (SOUZA, 2012, p. 4).

O processo de elaboração das festas populares tem sua origem na Europa das reformas. Os reformados católicos estavam mais interessados na “adaptação” dos ritos populares já existentes e não sua aniquilação. Empenhavam-se na ideia de destruição de ídolos, mas não de seus templos, que seriam convertidos em Igrejas. Estavam interessados na conservação de festas pagãs, mas com os ritos adaptados aos cristãos (SOUZA, 2012, p. 5).

Esses novos rituais adaptados ganham expressão teatral com as missões jesuíticas de conversão, empreendidas nas cidades e nos campos europeus no século XVII (SOUZA, 2012, p. 6). Destarte, as ordens religiosas ibéricas posteriormente incorporaram os dramas litúrgicos dos outros países europeus para ensino e propagação da doutrina cristã. “Na quadra natalina, grupos peditórios iam de casa em casa, pelas aldeias e freguesias: na Espanha, o costume dos ‘Villancicos’ e, em Portugal, os ‘Cantares de Janeiras e Reis’” (SILVA, 2010, p. 3).

Os jesuítas que aportaram em terras brasileiras em 1549 trouxeram consigo as tradições populares ibéricas, como dramatizações e grupos peditórios. Sob a forma de canto, dança e encenação, utilizaram essas tradições na catequese e no ensino lúdico da doutrina católica a indígenas e colonos portugueses (SILVA, 2010, p. 3). Nessa conjuntura, a Folia de Reis, adaptada em forma musicalizada e teatralizada, foi utilizada pelos padres jesuítas em solos americanos no processo doutrinário dos indígenas (SOUZA, 2012, p.6).

Nos séculos XVI e XVII, percebe-se entre os jesuítas esse apreço pela devoção aos Reis Magos. Na catequese utilizaram de uma analogia deles próprios com os Reis peregrinos, pois os jesuítas eram também estrangeiros no Brasil e queriam alcançar o seu alvo, que nesse caso eram os indígenas. “No processo de catequização dos índios esta imagem acaba se tornando importante para a transmissão da religião cristã por conta de um ponto em comum, os Magos também eram ‘estrangeiros’” (ANTONIO; PELEGRINI, 2014, p. 1600). Nesse novo contexto, os rituais utilizados na doutrinação dos índios foram disseminados nas camadas populares e incorporados, complementando um extenso calendário cristão no Brasil (SOUZA, 2012, p. 6).

Mais tarde, os negros africanos chegaram ao Brasil, e a figura do Rei negro acabou atraindo a devoção desses escravizados, que se identificaram com São Baltazar.

Para falar da importância da representação de Baltazar como o Rei Mago negro, é preciso citar a participação dos negros nos grupos sociais e religiosos. Os Santos negros exerciam forte influência sobre os escravizados. São Benedito era tão popular quanto o São Domingos, também conhecido como São Baltazar, o Rei do Congo, o terceiro Rei Mago. É de notável relevância frisar que o Rei Mago, sendo representado como o Rei do Congo, era o protagonista das festas de Coroação do Rei do Congo no Brasil escravista, que acontecia nos dias de Reis (SOUZA, 2012, p. 8).

Na sociedade escravista, os negros poderiam se reorganizar e rememorar suas identidades dentro da religião católica. Daí afirmar o surgimento de irmandades religiosas leigas, onde recriavam uma comunidade africana no Brasil. Dessa forma, criavam-se espaços de apropriações e representações, onde os processos de síntese cultural realizavam

combinações de uma forma criativa e geravam para os africanos a manutenção da comunidade escrava em uma nova terra (SOUZA, 2012, p. 10).

Em relação ao Rei Baltazar, é interessante analisar como o preconceito racial deixou suas marcas no imaginário popular brasileiro, suscitando a criação de uma narrativa em torno dessa figura. Seu Dedé, folião experiente da Folia dos Colodinos em Leopoldina, conta que quando os Reis Magos saíram do Oriente em busca do Menino Jesus, guiados pela estrela, cada qual peregrinou sozinho até a metade do caminho. Em um dado momento, os três se encontraram e prosseguiram juntos. Quando pararam para dormir, às escondidas, os dois Reis brancos, Gaspar e Melchior, confabularam contra o Rei Negro, Baltazar. Combinaram que acordariam mais cedo e partiriam sem a sua presença. Antes que Baltazar pudesse notar a ausência dos outros dois, eles já estariam diante do Menino, pois não seriam bem vistos se andassem por aí na companhia de um negro. Assim o fizeram. Porém, quando Baltazar acordou e se viu sozinho para prosseguir a jornada, a estrela apareceu em sua frente e o levou tão rapidamente ao encontro de Jesus que chegou antes de Melchior e Gaspar. Quando estes chegaram, ao se depararem com o negro entregando o presente ao Menino, ficaram surpresos. Por isso, no imaginário popular, o Rei negro foi o primeiro a reverenciar o Menino Jesus.

A cultura é algo vivo e se modifica e se ressignifica continuamente no seio da sociedade na qual se encontra inserida. Por isso, observa-se no Brasil um modelo de Folia bem diferente dos grupos peditórios que se encontravam em Portugal e na Espanha no século XVI. As modificações se estabeleceram não só por uma questão temporal, mas também pelas condições aqui encontradas para a disseminação popular desse culto e dessa devoção. Ainda hoje os grupos e suas tradições são alterados, remodelados e ressemantizados, de acordo com as necessidades, carências, urgências, preferências dos atores sociais que participam da festa, imprimindo-lhes suas especificidades ao sabor das demandas cotidianas.

1.3 Folias de Reis

Na região da Zona da Mata de Minas Gerais, especificamente no pequeno município de Leopoldina, a Folia de Reis é uma manifestação popular bastante expressiva. Nessa cidade e em suas adjacências, urbanas ou rurais, é muito comum encontrar-se com os cortejos de Reis pelas ruas e estradas, principalmente entre os dias 1 e 6 de janeiro, período de atividade

da maioria das Folias de Reis. Os costumes ditam o dia 24 de dezembro como início. Porém, algumas só iniciam o giro¹⁹ a partir do dia 1 de janeiro.

Durante noites e madrugadas, os foliões que representam os três Reis Magos saem em longas caminhadas para anunciar a boa nova do nascimento do Menino Jesus. São acompanhados pelo palhaço que representa o lado nefasto da história, assumindo o papel do perseguidor (Rei Herodes ou um de seus soldados) que estavam à procura de Jesus para matá-lo.

A Folia de Reis, enquanto manifestação religiosa, possui símbolos e rituais sagrados. Embora cada grupo apresente suas especificidades, todos tendem a seguir um mesmo padrão em relação à ritualística inicial e finalizadora do giro, o ritual da visita à casa do devoto e o significado dos objetos sagrados e também de como se portar diante deles. Além disso, existe um padrão referente à hierarquia que se estabelece nas posições rituais e se amplia para além da manifestação, permeando as relações interpessoais dos foliões durante o ano inteiro.

Adiante, explano sobre essa hierarquização e as posições rituais que assume cada folião de acordo com sua função no grupo e a importância da Bandeira²⁰. Apresento sucintamente a sequência padrão dos principais rituais: a Coroação que inicia o giro, as visitas e a Entrega da Bandeira, que finaliza a jornada da Folia.

As informações aqui disponibilizadas acerca da Folia de Reis, assim como a ordem sequencial dos rituais seguida pelos grupos, é um resultado da observação conjunta dos giros dos três grupos analisados nesta pesquisa: Folia da Serra, Folia dos Colodinos e Folia da Maú. Descrevo o padrão ritual e organizacional comum nas três Folias, embora respeite as especificidades de cada uma.

1.3.1 A hierarquia das posições rituais na Folia de Reis e a relevância da Bandeira

A hierarquia na Folia de Reis organiza espacial e simbolicamente os foliões de acordo com a sua função ritualística. O início do séquito é ocupado pela Bandeira, objeto sagrado que guia o grupo. Atrás dela se forma a fila dupla em que se dispõem os integrantes. A ordem respeita a relevância das funções, de modo que os primeiros são as pessoas que assumem

¹⁹ É chamada de giro a jornada da Folia de Reis, as longas caminhadas de uma casa a outra à semelhança dos Reis Magos, anunciando o nascimento do Menino Jesus. Geralmente o giro de uma Folia de Reis inicia no dia 24 de dezembro e termina em 6 de janeiro.

²⁰ A Bandeira é o objeto sagrado da Folia de Reis. De acordo com os foliões, ela lhes confere a proteção, tem o poder de cura e oferece a bênção às famílias que a recebem em seus lares. É a guia da Folia e um oratório de caminhada.

posições proeminentes no ritual e os últimos, conseqüentemente os mais afastados da Bandeira, ocupam posições de menor importância. Desse modo, a organização espacial se estabelece seguindo a relevância simbólica dos membros.

Uma Folia geralmente adota a seguinte estrutura hierárquica: o mestre vem como figura principal e de maior relevância, abaixo dele o contramestre que também apresenta certa liderança, podendo até, em alguns casos, substituir o mestre em sua ausência se já apresentar o conhecimento ritual e espiritual avançado o bastante. Logo vêm os cantadores de frente, aqueles que acompanham mestre e contramestre na cantoria, na resposta²¹ dos versos lançados. A seguir estão os foliões que tocam instrumentos de corda e o sanfoneiro, por último os instrumentos de percussão.

A organização da fila dupla de foliões que segue em jornada obedece à ordem hierárquica, observando que a Bandeira vai à frente guiando a Folia nas mãos do bandeireiro. Portanto, mestre, contramestre e cantadores de frente ocupam o início da fila logo atrás da Bandeira, na maioria das vezes tocando instrumentos de corda. Atrás deles outros foliões com instrumentos de cordas seguidos pelo sanfoneiro. Do meio para o fim da fila vêm as percussões de pequeno porte, como pandeiro, triângulo, agogô, chocalho. Os instrumentos grandes como caixa e bumbo ocupam o fim da fila. Os menores se encontram mais a frente não porque tenham maior importância na hierarquia dos instrumentos de percussão. Na verdade, eles não devem ficar por último porque muitas vezes são tocados por crianças que devem ser protegidas ficando no meio da fila.

Já os palhaços são integrantes de posição cambiante. Segundo os foliões, desde que não ultrapassem a linha da Bandeira, podem ficar onde quiserem, com a orientação de não afastar demais do objeto sagrado para não ficarem desprotegidos, longe de seu poder. A figura do dono da folia, às vezes chamado até de presidente, também é de extrema importância, mas não ritual. Ele cumpre as funções burocráticas e mantenedoras do grupo. É ele o responsável pela compra dos uniformes, manda costurar, mantém os instrumentos, guarda a Bandeira e marca as visitas a cada ano. Mas ele não assume posição de destaque na fila, às vezes só acompanha a Folia e não entra na organização da fila, a não ser que ele ocupe no grupo uma posição ritual relevante e não por ser o dono. A posição na fila expressa a sua importância ritual e não fora dele.

²¹ A cantoria da Folia de Reis é composta pelo verso lançado pelo mestre que é acompanhado pelo contramestre ao mesmo tempo. Os foliões que se encontram atrás deles na fila dupla cantam a resposta, ou seja, a repetição do primeiro ou outro verso que completa este.

Para facilitar o entendimento das posições rituais e hierárquicas, assim como suas respectivas funções, foi elaborado um quadro. Esse abrange de maneira facilitadora tais posições, seguindo o lugar que cada folião ocupa na fila dupla, onde se organizam para seguir a jornada:

Posições rituais (ordem da fila dupla)	Posições Hierárquicas	Função
1º - Bandeireiro Depois dele inicia-se a fila dupla	Apesar de se posicionar antes de todos por segurar a Bandeira, apresenta relevância mediana no ritual.	Carrega a Bandeira durante a jornada. Faz a mediação entre Folia e dono da casa.
2º- Mestre	Posição de maior relevância no grupo e no ritual.	Liderança. Agenciamento dos conhecimentos de ordem espiritual. Detém o conhecimento das Profecias. Compõe o grupo dos cantadores. Compõe o grupo dos instrumentistas.
2º- Contramestre	Segunda posição de maior relevância no grupo e no ritual.	Liderança. Compõe o grupo dos cantadores. Compõe o grupo dos instrumentistas.
3º - Foliões da frente	Alta relevância no ritual.	Compõe o grupo dos cantadores. Compõe o grupo dos instrumentistas.
4º- Foliões com instrumentos de corda e sanfoneiro	Relevância mediana no ritual.	Compõe o grupo dos instrumentistas.
5º- Foliões com instrumentos de percussão	Baixa relevância no ritual.	Compõe o grupo dos instrumentistas.
Palhaço Não tem posicionamento definido na fila, é um elemento cambiante	Ambíguo: Baixa relevância entre os foliões, pelo significado do seu papel, mas grande relevância aos olhos da assistência.	Representante do Rei Herodes ou de seus soldados, é a representação do mal, do perseguidor do Menino Jesus. Dança, versa e diverte a plateia com a performance interativa.

Tabela 1: Posições rituais e hierarquia dos foliões na Folia de Reis.

Fonte: Autoria pessoal, 2014.

A hierarquia espacial se estabelece de acordo com o posicionamento da Bandeira, pois ela é a referência sagrada da Folia. Os foliões mais importantes se encontram. É necessário apresentar sua estrutura física e explicar o alcance do seu poder simbólico junto aos foliões, devotos e assistência.

A Bandeira de uma Folia é entendida como o símbolo sagrado, um oratório de caminhada. É um objeto revestido de sacralidade e poderoso instrumento de proteção. Como guia da Folia, deve ser reverenciada e protegida pelos foliões, assim como ela também lhes oferece a proteção necessária nas longas jornadas.

A Bandeira de Santos Reis é composta por três camadas. A primeira é o tecido de base onde é afixada a imagem dos Três Reis Magos, o que é variável. A imagem pode conter também o Menino Jesus ou a cena da noite em que ele nasceu, com todos os personagens principais, Jesus, Maria, José e os Reis do Oriente guiados pela estrela no céu. Sobre essa imagem, são acrescentadas, no decorrer dos anos, inúmeras fitas de cetim, que representam pedidos e pagamentos de promessas, além de presentes e lembranças. Cobrindo a densa camada de fitas, um tule de cor clara, geralmente branco ou bege claro, protege as duas camadas anteriores mais importantes, as que contêm o aspecto sagrado. Sustentando a imagem, as fitas que comprovam o poder do objeto e o tule protetor, um mastro assume sua função sem passar despercebido, sendo enfeitado por toda sorte de adornos, como festão, flores artificiais, terços, correntinhas natalinas, etc.

O objeto é compreendido como um símbolo, mas também como presença viva dos santos, é uma representação e a comprovação material do poder dos Santos Reis. Se tiver muitas fitas, alguns pontos relevantes devem ser evidenciados. Primeiro, as pessoas acreditam em seu poder lhe fazendo pedidos por meio das fitas. Segundo, os pedidos foram atendidos acarretando o acúmulo de mais tiras de cetim. Terceiro, as pessoas o veneram justamente pela crença em seu poder atestado pela presença maciça desse adorno, oferecendo-lhe mais enfeites como um regalo à Bandeira e às vezes como uma lembrança, atestando que ela visitou a sua casa e abençoou os seus familiares no ano em que se escreve na fita, acompanhado do nome da família. O objeto mantém de forma sutil e quase imperceptível uma dinâmica autossustentável de sua sacralidade, um ciclo alimentado pelos devotos e que nunca é interrompido.

Foliões, devotos e assistência²² confiam no poder de proteção e cura da Bandeira, pois nela se encontra o poder dos Santos Reis. Por isso, diante dela as pessoas se ajoelham, pedem a sua bênção, beijam suas fitas e fazem orações e pedidos aos santos de devoção.

²² Assistência é o nome que se refere a quem assiste o ritual, o mesmo nome que se dá a quem assiste a uma gira de Umbanda. Percebe-se que há uma aproximação das nomenclaturas, até porque não existem limites definidos entre essas religiosidades. O Catolicismo Santorial acaba “visitando” as religiões de matriz africana e vice-versa, num movimento contínuo e sem restrições claras. É importante ressaltar que as interinfluências não são vagas, muito menos se encontram esquecidas em um passado distante, perdidas no tempo.



Foto 1: Senhor da assistência faz sua reverência à Bandeira da Folia da Maú beijando suas fitas
Fonte: Acervo pessoal, 2014.



Foto 2: Fila na Igreja do Rosário para beijar as fitas da Bandeira da Folia dos Colodinos
Fonte: Acervo pessoal, 2013.

1.3.2 Sequências rituais: Coroação, Visita e Entrega da Bandeira

A Coroação é entendida como a legitimação dos foliões em representantes dos Reis Magos. Esse ritual é realizado na primeira noite de giro, na casa do dono da Folia, antes do grupo sair em jornada. Geralmente a oração do terço²³ dá início ao ritual. Logo os foliões posicionados começam a cantoria desse momento específico. Mas a Coroação de fato se realiza a partir do momento em que recebem o chapéu enfeitado, que é chamado de coroa, e

²³ Objeto de contas que se define como a terça parte do rosário.

em seguida a bênção da Bandeira. Essa bênção se caracteriza por passar a Bandeira três vezes sobre a cabeça do folião que está ajoelhado em sua frente, fazendo círculos, como se quisesse formar um invólucro protetor sobre o corpo do integrante. Ao final, traça com a Bandeira o sinal da cruz nas costas da pessoa, que a beija e se benze com o sinal da cruz, finalizando e transferindo o lugar para outro folião. Finalizado, e com os foliões devidamente protegidos pelo poder da bênção da Bandeira, o grupo pode iniciar sua jornada com as visitas aos lares dos devotos.

Durante o giro, as Folias passam nas casas de devotos comprometidos com promessas aos santos milagreiros, mas também em muitas famílias que apreciam a festa e o ritual. Também cantam em cruzeiros em homenagem às almas, assim como em Igrejas, Capelas e Centros de Umbanda, de acordo com a orientação religiosa e compromisso de cada grupo. Os compromissos de uma Folia de Reis são tantos e tão importantes que o giro de 6 dias (se o giro iniciar dia 1º de janeiro) ou 14 (se começar dia 24 de dezembro) é pouco para contemplar todas as residências que desejam a visita dos Santos Reis. Além disso, a visita não deve ser muito apressada, pois o devoto pode não gostar, mas, se for um caso de necessidade, o mestre costuma pedir desculpas ao anfitrião pela pressa.

Em suma, a visita é composta pelos versos de Chegada, depois a dona ou dono da casa recebe a Bandeira em mãos e dá a licença pedida em versos para a entrada dos foliões. Se na sala houver um presépio, é necessário salvá-lo. Logo, a cantoria continua no interior da residência com as Profecias. Após, há a brincadeira do palhaço do lado de fora, fazendo a alegria da assistência e dele próprio, que recebe seu “pagamento” com as moedinhas ofertadas. Em seguida, os anfitriões servem uma refeição à Folia.²⁴ Assim que terminam de comer, os foliões retomam seus instrumentos e versos para agradecer, e pedem a Bandeira de volta. O devoto ou devota amarra em suas fitas uma doação em dinheiro, a Folia agradece novamente a oferta e faz sua despedida. As etapas rituais da visita e seu desenvolvimento são descritos de maneira sistematizada na tabela abaixo:

Etapas Rituais	Desenvolvimento do Rito
Chegada	A Folia se aproxima silenciosamente da casa a ser visitada. Quando se encontra de frente à varanda inicia a cantoria da Chegada, que são os versos que anunciam a visita da Folia à casa do devoto. Cantam pedindo para que a dona ou o dono da casa acenda as luzes da varanda, quando são acesas é entendido que a visita foi aceita. Quando o devoto quiser, ele abre a porta e a Folia encerra os versos da Chegada para

²⁴ O jantar pode vir antes ou depois da Brincadeira do palhaço dependendo da Folia. Alguns palhaços preferem brincar antes de comer, para evitar sentir mal-estar posto que sua atividade pode atrapalhar a digestão.

		entrar em sua casa.
Recebimento da Bandeira	da	Quando o devoto abre a porta, toma a Bandeira em suas mãos. Alguns fazem uma oração de joelhos antes de recebê-la, outros beijam suas fitas. A maneira com que cada devoto se relaciona com o objeto sagrado é individual e pessoal. Depois de receber a Bandeira, o dono da casa vai se afastando com a Bandeira de frente para a Folia e dá espaço para o grupo entrar em sua sala.
Salvamento do Presépio	do	Salvamento do Presépio significa cantar os versos em homenagem a este objeto considerado sagrado pelos foliões. Diante da imagem dos três Reis e do Menino Jesus, a Folia entoava os versos que contam o mito bíblico, a peregrinação dos Magos, o encontro com Jesus e o desfecho da história. Essa etapa só se realiza se houver um presépio na sala. Algumas Folia só o salvam se nele houver uma vela acesa, sinal de que o devoto quer o salvamento.
Profecias		Após o salvamento, são entoadas as Profecias, versos tradicionais de cada Folia, que contam a história do nascimento do Menino Jesus e da viagem dos Reis Magos ao seu encontro.
Bênção da Bandeira		Nesse momento, o devoto leva a Bandeira em todos os cômodos da casa, para que seja dada a sua bênção aquele lar. Logo, levam-na para o quarto em que ela será guardada junto com os instrumentos no momento da Chula e do jantar.
Brincadeira/Chula do palhaço	do	Chula é o ritmo tocado pelos foliões para o palhaço dançar e interagir com a plateia. Também é conhecida como chula a brincadeira do palhaço, que é o momento da sua performance. Quando os foliões batem a chula com os instrumentos de percussão e a sanfona o mascarado entra em cena para fazer a sua brincadeira, arrancar sorrisos da plateia com seus versos irreverentes, bem humorados e com a sua dança.
Jantar/almoço da Folia		Após a performance do palhaço, é a hora da refeição. Alguns devotos oferecem um jantar, outros um lanche ou apenas um café com broa, mas a fartura é a marca dessas refeições.
Agradecimento		Após o jantar, os foliões reassumem as suas posições na fila e retomam seus instrumentos que foram guardados junto com a Bandeira em um quarto reservado. Nesse momento, agradecem a refeição com versos cantados.
Oferta à Bandeira		Logo, a Folia pede em cantoria que o devoto traga a Bandeira de volta. Amarrada em suas fitas vem a oferta do devoto à bandeira, geralmente dinheiro. O valor não é padrão, mas os devotos costumam ser generosos ofertando notas de vinte, cinquenta e até cem reais.
Agradecimento despedida	e	Em versos a Folia agradece a oferta à Bandeira e cantam a despedida saindo da casa do devoto ainda de frente para a Bandeira. No final, o devoto devolve a Bandeira ao folião responsável por ela.

Tabela 2: Etapas rituais da visita padrão da Folia de Reis e seu desenvolvimento.

Fonte: Autoria pessoal, 2014.

No último dia de giro da Folia de Reis, geralmente dia 6 de janeiro, realiza-se a Entrega da Bandeira, festa de encerramento do giro da Folia naquele ano. Geralmente é feita na casa do dono da Folia, mas, na Serra dos Barbosas, ele é feita na Igreja porque abrange maior número de pessoas e também para seguir a tradição. Os Colodinos, por sua vez, realizam a Entrega na casa da devota Dona Zezé. Portanto, não se configura como uma

obrigatoriedade entregar a Bandeira na casa do dono, contudo esse procedimento é mais usual, seguido também pela Folia da Maú.

Esse ritual final é tão solene quanto o inicial da Coroação. Ao chegar à casa do dono, a Folia procede como uma visita comum desde a Chegada até o almoço da Folia. Depois se acrescentam quatro partes específicas: o Agradecimento da Mesa Posta, como uma representação da Santa Ceia, logo após este momento vem a Comunhão, depois o Pedido de Perdão do palhaço, diante de seu arrependimento, e finalmente a Descoruação dos foliões. Na verdade, o Agradecimento é corriqueiro, e a Comunhão faz parte da ritualística da visita de algumas Folias, mas no momento da Entrega essas duas etapas ganham um toque de solenidade e são feitas de maneira diferente por se desenvolver no dia da Entrega da Bandeira.

Etapas rituais	Desenvolvimento
Agradecimento	A Folia agradece o almoço/jantar cantando a fartura da refeição e o trabalho das cozinheiras. Geralmente é um cantoria mais prolongada que no Agradecimento nas visitas habituais
Comunhão	À semelhança do milagre da multiplicação de Jesus, são oferecidos dois peixes, cinco pães e um copo de vinho. Esse parco alimento garante que todos os foliões, devotos e assistência recebam a comunhão, em um ritual comandado pelos leigos. Todos recebem um pedacinho de peixe, um de pão e um gole de vinho das mãos dos foliões.
Perdão do Palhaço	Nessa etapa, o palhaço se arrepende de todo mal, por ser considerado como a representação do rei Herodes ou um de seus soldados. Vai chorando de joelhos ou mesmo arrastando até a Bandeira se despindo da máscara e da farda. Simbolicamente vai se despindo do mal. Quando está diante da Bandeira pede o seu perdão e, perante seu arrependimento, recebe finalmente a bênção da Bandeira.
Descoruação	Descoroar seria o ato de retirar a coroa do folião e dar a bênção da Bandeira. Geralmente é o dono da Folia o responsável pela Descoruação. Cada folião, com seu instrumento, segue até a Bandeira e se ajoelha diante dela. Alguns beijam o símbolo, outros fazem o sinal da cruz e há os que levantam o tule que cobre a imagem dos Santos Reis para beijá-la e fazer uma oração diante da imagem.

Tabela 3: Etapas rituais da Entrega da Bandeira e desenvolvimento.

Fonte: Autoria pessoal, 2014.

Após a Descoruação dos foliões, o ritual da Entrega da Bandeira está encerrado. O dono da Folia guarda o objeto para a jornada do próximo ano. Muitas vezes, depois do fim da Entrega, a festa continua. Os amigos, familiares e vizinhança continuam no local, conversando, rindo, e agora os foliões estão liberados para fazer uso da bebida alcoólica, já que foi declarado oficialmente o fim do giro.

2 Folia de Reis da Serra: etnografando o presente, observando o passado com vistas para o futuro

A partir da compreensão do universo sincrético católico no qual se inserem essas manifestações religiosas, das devoções e a prática das promessas que permeiam o contexto da Folia de Reis pela apresentação de sua estrutura básica e a história dessa devoção, torna-se mais fácil acessar a Folia de forma mais específica.

Depois de analisar o padrão seguido pelas folias, torna-se necessário analisar os grupos a partir de suas especificidades. Tomo como ponto de partida o grupo Folia da Serra, tradicional em Leopoldina, cidade onde realizei a pesquisa de campo.

A Folia da Serra é um grupo tradicional e o mais antigo de Leopoldina, fundada em 1816. Essa Folia encontrada na área rural da cidade mantém essa forma festiva de adorar o sagrado e manifestar suas crenças e devoção aos Santos Reis²⁵ há quase dois séculos. Em torno dessa fé, várias narrativas vão ganhando corpo e se adensando dentro da estrutura da Folia da Serra e cada vez mais se tornando presentes no imaginário da comunidade que participa coletivamente da festa. São essas narrativas que mesclam elementos do mundo natural e sobrenatural, que legitimam certos aspectos do procedimento ritual do grupo.

Através da etnografia, pude analisar seus rituais, crenças e a importância dessa Folia na vida dos foliões e da comunidade. A Folia da Serra se mostra, tanto para foliões como para devotos, como uma via de adorar e entrar em contato com o sagrado, manifestar a fé e a devoção de cada um, pedir proteção, cura e realização dos anseios pessoais. E para todos, incluindo as pessoas que não recebem a Folia em sua residência, mas a assistem, apresenta-se como um misto de fé e festa, lazer e devoção.

Portanto, apesar de seus foliões valorizarem o passado e se orgulharem de sua presença bicentenária no local, o grupo vive o presente sempre apontando para o futuro, que se delinea de forma bastante clara e segura no horizonte da Folia da Serra, que supera a morte, vence desafios e garante o cumprimento da jornada e de seus respectivos compromissos ano após ano.

²⁵ Os foliões se referem aos Reis Magos mais como “os três Reis do Oriente” ou como “o Santo Reis”, sem plural mesmo, como se os três fossem um santo só, bendito e poderoso.

2.1 Folia da Serra: tradição bicentenária

A possibilidade de acompanhar o giro de uma Folia de Reis tradicional se mostra como uma oportunidade de entender etapas, significados, pontos e elementos específicos de um ritual complexo, que só se faz compreensível diante da vivência contínua e ampliada oferecida pela etnografia.

Apresento a Folia da Serra, observando aspectos relevantes como as posições rituais assumidas pelos foliões e orgulho da presença bicentenária de sua Folia na região. Os foliões costumam dizer que ela é a mãe de todas as Folias da cidade, da qual todas as outras partiram.

Dessa forma, analisei a longevidade do grupo a partir da ideia de estrutura familiar, contexto local e flexibilidade da tradição como fatores que auxiliam diretamente nesse processo. Existe obediência e respeito aos líderes mais velhos que são avós e tios dos foliões mais novos, e as regras por eles ditadas são seguidas, do contrário há possibilidade de expulsão do grupo.

2.1.1 Apresentação da Folia da Serra

A Folia dos Medeiros, popularmente conhecida como Folia da Serra, localiza-se na zona rural da cidade, na Serra dos Barbosas, próximo à cidade de Recreio. O grupo ganhou a alcunha de acordo com o nome deste lugar de origem.

Diferente de outras folias leopoldinenses, que nasceram no campo, mas acabaram se transferindo para a cidade de acordo com a nova vida dos seus atuais componentes, a Folia da Serra permanece no ambiente onde surgiu há quase dois séculos, segundo relatos dos foliões.



Foto 3: Folia dos Medeiros, popularmente conhecida como Folia da Serra
Fonte: Acervo pessoal, 2014

Há 198 anos, o grupo sai em jornada em adoração à Bandeira, que é a mesma desde 1816, ano do primeiro giro da Folia dos Medeiros. Os foliões gostam de ressaltar sua tradicionalidade através de objetos que possam comprová-la. Além da Bandeira, outro elemento que se conserva ainda hoje e é utilizado nos giros pela Folia é o triângulo. Até a estética do instrumento acusa sua idade, ele também não foi substituído, é o mesmo desde 1816²⁶.



Foto 4: A Bandeira e o triângulo: originais de 1816
Fonte: Acervo pessoal, 2014

O símbolo sagrado da Folia da Serra é muito reverenciado por todos na Serra dos Barbosas devido sua tradicionalidade e taumaturgia evidenciadas. Sua Bandeira se torna pesada pelo acúmulo de fitas que foram adquiridas através de seus 198 giros e do poder que seus devotos creem que dela emana. Sob a camada de tiras coloridas se encontra a imagem dos Três Reis Magos, que, dizem os foliões, veio de Portugal. Quando se torna necessária uma reforma da Bandeira, devido ao desgaste provocado pelo tempo, apenas o tecido de base é trocado para não perder a estampa original.

A Bandeira da Serra sempre recebe ofertas nas casas por onde distribui suas bênçãos. Segundo Seu Alair²⁷, a oferta pode ser feita sob a forma de dinheiro, que o devoto pendura ou amarra em uma das fitas, ou em enfeites, como flores e fitas novas, ou até mesmo como perfume. O adorno de cetim não se configura apenas como um ornamento, pois aparecem

²⁶ Não só os foliões atestam a origem bicentenária da Bandeira e do Triângulo e sua utilização ininterrupta desde então, como também a assistência gosta de exaltar esse fato. A comunidade sente orgulho da tradicionalidade da sua Folia.

²⁷ Folião antigo do grupo e detentor de amplo conhecimento sobre Folia de Reis.

escritos os pedidos endereçados aos Santos Reis ou ainda o nome da família que ofertou e a data, como uma lembrança. O tule²⁸ ladeado por renda que cobre as fitas ressalta a importância, mostrando que elas também devem ser protegidas do vento e da poeira assim como a imagem dos Santos Reis. Além de conferir beleza ao objeto, as tiras coloridas têm uma dimensão afetiva e devocional.

Seu Alair diz que quando o devoto faz uma oferta à Bandeira, ele o está fazendo à semelhança dos Três Reis do Oriente, que ofertaram presentes ao Menino Jesus: “Uma oferta à Bandeira é uma oferta a Deus”, completa o folião. Ele disse que todas as fitas da Bandeira foram presentes dos devotos e que às vezes o objeto sagrado fica tão pesado pelo acúmulo de fitas que é necessário retirar algumas.

Em quase duzentos janeiros, quantas casas já foram visitadas e quantas fitas já receberam em jornadas? É difícil calcular, pois cada casa oferece o que quer e o que pode à Bandeira, mas ela nunca sai sem um regalo do patrão ou da patroa.²⁹ Durante a pesquisa nunca presenciei uma casa visitada pela Folia que não ofertasse dinheiro à Bandeira. Até as mais humildes são generosas e as notas de 20 e 50 reais aparecem com frequência penduradas em suas fitas. É muito comum, porém não obrigatório, que o palhaço também faça a sua oferta, sempre com dinheiro conseguido no giro daquele ano. Nenhuma oferta é obrigatória, senão não seria um presente e sim pagamento, o que não configura um propósito da Folia. Nem a comida, nem os enfeites tampouco o dinheiro, tudo que for oferecido à Bandeira e ao grupo deve, e sempre é dado de bom grado. A lógica que se percebe é a seguinte: Doar para não faltar. Tudo que é ofertado de maneira generosa tem retorno garantido, segundo a crença dos foliões e devotos.

Fiquei tão envolvida por todo esse cenário, que às vezes me apanhei crendo em certas coisas que me levaram a prestar mais atenção ao distanciamento necessário à pesquisa. Um dia ofertei ao palhaço uma nota de dois reais, pois ele estava triste devido às poucas ofertas do dia e até em verso pediu que aparecessem as notas de dois e de cinco. Depois, pensei em dar-lhe a referida nota de cinco. Minha mãe, que me acompanhava nesse dia, conteve-me e disse que ela mesma daria mais uma nota de dois, e assim ocorreu. Na manhã seguinte, achei uma nota de dois reais no bolso, da qual não me recordava. Na mesma hora, veio-me à memória a figura do palhaço, quando desenrolei a nota, lá estava mais uma, de cinco. Pensei então como pensaria um folião ou devoto: tudo que vai volta. Até aquela que não foi, a de cinco reais, estava ali “de volta”. Pois se a nota de cinco fosse ofertada ao palhaço, teria sido de bom

²⁸ Tecido muito leve e transparente, filó.

²⁹ Na Folia de Reis, utiliza-se a denominação de patrão para o dono da casa e patroa para a dona.

grado, por isso deveria ser restituída. Pois, segundo os foliões, a generosidade sempre é recompensada, para quem doa nunca falta.

É relevante ressaltar como a lógica que rege os grupos é absorvida pela convivência, sem que se perceba de imediato a sua presença. Um olhar mais cauteloso e afastado do universo do Catolicismo Santorial e da Folia de Reis especificamente, desconfia desse fato. Um observador compreensivo diria que a pessoa interpreta uma situação casual de acordo com as suas vivências e experiências, influenciada pelo contexto no qual a mesma está inserida, mesmo que provisoriamente. Mas um folião interpretaria tal fato de maneira natural e diria: “Viu? É assim mesmo que acontece!” Afirma isso sem espanto nenhum, pois acredita que se trata de uma manifestação divina e a confirmação de uma lógica instituída há pelo menos dois séculos em Leopoldina, que rege as Falias de Reis de um modo geral.



Foto 05: Bandeira da Folia da Serra. Imagem dos três Reis Magos, que, segundo os foliões, seria originária de Portugal

Fonte: Acervo pessoal, 2014

A lógica que rege o grupo ao mesmo tempo se depreende e reflete uma estrutura tradicionalmente fortalecida por uma prática ritual intensa, na qual a Bandeira é um fator preponderante e símbolo de um poder afirmado. Mas essa estrutura faz parte de uma organização maior e hierarquizada, que deve ser analisada de maneira criteriosa se se pretende alcançar a compreensão da longevidade deste grupo. A longevidade referida passa por diversos fatores que são analisados a seguir.

2.1.2 Longevidade: Estrutura da Folia, laços familiares, contexto social, flexibilidade e rigor

Dentre os fatores preponderantes que contribuíram para que a Folia da Serra se estabelecesse de forma mais prolongada na região, posso citar os laços familiares e sua ampliação, na medida em que a obediência e o respeito aos parentes mais velhos e às suas orientações são condições de manutenção da estrutura da Folia de Reis. A dinâmica do contexto social da Folia da Serra também garante sua continuidade local, mantendo as relações de vizinhança e devoção ativas e renovadas. A flexibilidade da tradição e suas pequenas alterações, por sua vez, mostram-se relevantes, evitando que a manifestação perca sua aderência e plausibilidade com o passar do tempo. Por fim, a organização rigorosa da Folia em relação à sua estrutura e à conduta de seus foliões contribui igualmente para que a manifestação siga em frente rumo à posteridade.

Hoje em dia, a Folia da Serra conta com a participação de 28 foliões e 1 palhaço. Apresenta 4 mestres, número bem maior do que em outras Folias. Somente assume tal função uma pessoa que detém o conhecimento das Profecias, apresenta espírito de liderança e é respeitado pelos outros foliões por sua sabedoria e experiência. Portanto, pode-se dizer que “a distribuição desigual de saberes e poderes é estruturante do próprio grupo” (CHAVES, 2003, p. 27).

Esse conhecimento dentro do grupo ritual não é homogêneo, o mestre sabe mais do que todos os outros integrantes, donde se conclui que o saber gera poder dentro da Folia. Decorrem daí a hierarquização e diferenciação de papéis, responsabilidades e funções. O mestre centraliza saber e poder junto ao grupo ritual devido a sua ampla experiência. Esse homem religioso sabe mais e por isso pode mais, inserido em um contexto religioso e social.

O mestre mais antigo do grupo era o Seu Nacionil³⁰, com 93 anos. Hoje, depois de sua morte, a Folia da Serra conta com os mestres Alair, Paulinho, Nilo e Nicodênio, este com 77 anos, o mais velho. Os quatro são mestres, mas, na prática, Seu Nicodênio tem maior visibilidade. De acordo com a fala de Seu Alair, não parece haver um mestre principal, mas pude perceber que o Seu Nicodênio é o mais respeitado, inclusive por ser o mais antigo: ele mostra maior liderança e representa a Folia em eventos solenes³¹. Os foliões preferem dizer

³⁰ Em 2012, o grupo perdeu um importante folião, o mestre mais antigo da Folia, de grande saber popular. Aos 93 anos faleceu em Leopoldina o Seu Nacionil, que chegou a me conceder uma rica entrevista.

³¹ No Encontro de Folias organizado por Giovannini (pesquisador de manifestações religiosas tradicionais mineiras) nas Palmeiras, região próxima à Serra dos Barbosas, no dia 19 de janeiro de 2014, a Folia da Serra foi homenageada por um grupo que incentiva as manifestações religiosas populares. Este grupo do Rio de Janeiro homenageia a Folia oferecendo a faixa de mestre e a estrela ao Seu Nacionil in memoriam, por ter representado a

que a Folia tem quatro mestres, mas pode-se também pensar que existem um mestre e três contramestres.

Além de mestre, Seu Nacionil assumia a função de dono da Folia junto com seu sobrinho Sebastião Valério, o Tão. Diante da perda do tio, Sebastião Valério assumiu a função. Assim, ele e os novos mestres dão continuidade à tradição de sair em jornada entre os dias 1 e 6 de janeiro e participar todos os anos, no dia 19 de janeiro, do Encontro de Folias que acontece nas Palmeiras, região próxima à Serra dos Barbosas. Afirma-se, assim, o caráter hereditário dessa manifestação.

Os laços de parentesco são expressivos na Folia da Serra e seu aspecto hereditário pode ser considerado parte constitutiva da perenidade do grupo. Segundo o finado Seu Nacionil, essa Folia é realmente uma herança de família: “Isso foi passano de geração pa geração, geração pa geração, quem fundou foi Francisco Luís de Medeiros, foi fundado por ele em 1816. Hoje, o grupo que tem quase tudo inda pertence ele, é bisneto, é tataraneto, se é uns dois ou três que num é do sangue dele.”³² Diante disso, percebe-se que quase todos os integrantes são “aparentados” (como os próprios foliões se caracterizam) sanguineamente com o criador do grupo, o tão referido Medeiro velho. São raríssimas as exceções, que acabam se integrando à família como afilhado de uma figura eminente do grupo, ou um folião que se casa com uma mulher da família Medeiros, que vão sendo integrados à família. Desta maneira, todos estão diretamente ligados à família Medeiros. Como a grande maioria do grupo apresenta laços sanguíneos com o Medeiro velho, uma figura quase lendária, sua memória respeitada se apresenta como um elo que une todos os foliões ao seu entorno.

O que acontece de fato é que a família ganha contornos mais amplos quando se trata de Folia de Reis. A devoção tem essa propriedade de criar elos tão fortes entre as pessoas que por vezes se confundem com os sanguíneos. E, se o que garante que uma pessoa seja considerada da família não é o seu aspecto biológico e sim afetivo, é plausível que certa flexibilidade se estenda à conotação de família. Em Leopoldina, no contexto das Folias de Reis, essa ideia acaba se estendendo aos componentes do grupo e, quando o folião não segue as regras estabelecidas, ele é expulso da Folia, sendo este da família de sangue ou de giro. Essa família de giro é justamente essa ampliação dos laços sanguíneos através dos laços afetivos promovidos pela vivência na Folia. O devoto Seu Sebastião aponta nessa direção dizendo: “Se entrou alguém na Folia da Serra dos Barbosa, a Folia dos Medeiros, lá, entrou lá

Folia da Serra com tanto vigor até os seus 93 anos. Quem o representou, recebendo e portando no peito a faixa e a estrela, foi o mestre Nicodênio, pela sua relevância no grupo.

³² Entrevista realizada com o Seu Nacionil e com o Seu Nilo, na Serra dos Barbosas, Leopoldina, dia 1º de novembro de 2010.

é irmão, lá é irmão.”³³ Portanto essa questão de extensão dos laços de parentesco é muito forte na Serra dos Barbosas, aqueles que não têm vínculo sanguíneo com o fundador são tão respeitados como os outros e têm a mesma responsabilidade, segundo os foliões.

Mesmo diante de todas as adversidades, seja das condições atuais de trabalho ou da alteração dos contextos sociais e os cenários atuais, a Folia da Serra não se abala. Chaves (2003, p. 14) aponta que existe uma relação tensa entre emprego e Folia, não chegando a ser um entrave para a realização da mesma, mas um empecilho que acaba dificultando o cumprimento dos rituais como “manda o figurino”, ou seja, seguindo a ortodoxia³⁴ da Folia. O que pode sanar ou amenizar as consequências dessa relação conflituosa é a estrutura familiar das Foliás. Essa estrutura familiar gera estabilidade para o grupo, justamente pela lealdade e comprometimento: “poder contar com filhos, sobrinhos e netos é motivo de satisfação para qualquer folião, sinal de que sua Folia é estável e estruturada” (CHAVES, 2003, p. 22). Por ser a Folia um espaço familiar por excelência, Chaves (2003, p. 23) assegura que a ausência de familiares sanguíneos pode provocar o desmantelamento do grupo. No contexto de Leopoldina, a questão não se manifesta na ausência de laços sanguíneos, mas, sim, na ausência do respeito, afeto e compromisso que se constrói quando o folião faz parte da família de giro e mantém esse sentimento vivo.

Não só o aspecto familiar, mas também a devoção aos Santos Reis e ao Menino Jesus, assim como as relações de vizinhança na Serra dos Barbosas, Serra das Virgens, Arrasta Couro, Palmeiras³⁵ e redondezas, têm participação decisiva na longevidade da Folia da Serra. Nessas localidades vizinhas, as pessoas desejam receber a Folia em seus lares e creem na bênção da Bandeira. Isso tudo revela a estabilidade das crenças nessa região.

O que pode ser ressaltado é que no lugar de origem da Folia da Serra o Catolicismo Santorial mantém o seu predomínio em oposição ao crescimento evangélico acelerado e principalmente pentecostal na cidade de Leopoldina. Embora valha ressaltar que “a força e o enraizamento de uma ‘teia de símbolos e valores católicos tradicionais’ em determinadas regiões têm exercido, na prática, uma forte resistência à penetração de outras experiências religiosas, em particular das tradições pentecostais” (TEIXEIRA, 2009, p. 22), seria imprudente querer determinar as causas desta estabilidade de forma mais específica.

³³ Entrevista realizada com o Seu Sebastião em sua residência localizada no Arrasta Couro, próximo à Serra dos Barbosa, em Leopoldina, dia 1º de novembro de 2010.

³⁴ Se é que podemos utilizar a expressão ortodoxia em relação a uma manifestação do Catolicismo Santorial, onde quase tudo apresenta uma apropriação criativa e uma margem de flexibilidade pela própria constituição desse Catolicismo.

³⁵ Localidades vizinhas, todas situadas na área rural de Leopoldina.

Mesmo que a região seja predominantemente católica, percebi nas falas dos foliões um incômodo diante das críticas dos evangélicos às suas crenças. O Seu Nacionil, em entrevista, contou uma história sobre o pastor que ficou conhecido por chutar a imagem de Nossa Senhora Aparecida, no dia 12 de outubro de 1995. O gesto teve ampla repercussão na época, mas hoje já não se ouve falar tanto do ocorrido. Seu Nacionil, apesar da idade avançada, não esqueceu o fato e contou o que o pastor passou depois do chute:

Diz que tinha um homem muito poderoso no Rio de Janeiro, muito rico, muito poderoso, mas ele mudou de religião, ele chutou a imagem de Nossa Senhora da Aparecida com o pé, presta bem atenção. Mas aí foi dando uma dor na perna dele, mas ele era muito poderoso de dinheiro, ele foi pros Estados Unidos no maior hospital. Então, os médico tratava dele, as enfermeira oiava ele, cuidava dele, mas toda noite ia uma criôla lá na beira na cama dele, passá a mão na perna dele “Não, você pode crê que você vai sará, pode crê que você vai sará, cê num vai morrê não, cê vai sará”. Logo que ele ficô bom, ele resolveu fazê uma festa lá no hospital com os médico que olhô ele, com as enfermeira, lá no hospital, mas a criôla num apareceu. Ele falou assim: “Cadê aquela criôla?” “Não, aqui num tem gente escura que trabalha aqui não.” “Tem, de noite ela vai lá no quarto me vê, fálá que eu vou sará, comé que num tem?” Mas quando ele num conseguiu nada, quando ele veio embora, aí que ele levou o pensamento na cabeça, na cabeça, aquela pessoa que ia lá era Nossa Senhora da Aparecida. Eu acredito nisso, tem gente que num acredita, num acredita. Ele tinha que chutá a imagem? Largava ela em pé aí. Se num acredita nela, num precisa, mas também chutá ela não³⁶.

Dessa forma, pode ser percebido certo incômodo no tom da fala do mestre em relação ao gesto, que considerou uma falta de respeito do pastor da Igreja Universal com a sua crença, pois, para os católicos, a imagem do santo não é apenas uma representação simbólica, mas sim um “sacramento”, ou seja, “algo que torna presente no mundo visível, de forma eficaz e real, personagens que transitam entre os vivos e os mortos” (STEIL, 2001, p. 23). Dessa forma, quando o pastor chutou a imagem, ele chutou na verdade a própria santa de acordo com os católicos, já que no entendimento destes “há uma relação entre imagem e o santo que os torna uma única e mesma coisa” (STEIL, 2001, p. 23). Mas, com a história, o Seu Nacionil quis ressaltar a infinita bondade da Santa e seu poder inquestionável, em sua opinião, que mesmo depois de ser chutada pelo homem lhe oferece a graça da cura.

A crença dos evangélicos vai de encontro à ideia de culto aos santos e às suas imagens que pregam os católicos, principalmente os praticantes do Catolicismo Santorial. Importa

³⁶ Entrevista realizada com o Seu Nacionil e com o Seu Nilo, na Serra dos Barbosas, Leopoldina, dia 1º de novembro de 2010.

ressaltar que o crescente número de evangélicos na cidade acaba mudando um pouco certos pontos da dinâmica das Folias.

Esse volume de não católicos, avessos às manifestações do Catolicismo Santorial, outrora praticamente inexistente, tende a provocar uma alteração na organização das jornadas de alguns grupos. Para se evitar o mútuo constrangimento, tanto por parte do bandeireiro que faria a mediação entre Folia e donos da casa, quanto para estes, aprecia-se dentre as Folias o planejamento prévio do giro. Além de prevenir recusas, a alteração também prevê uma economia do tempo de jornada de cada noite e um melhor aproveitamento: mais devotos poderão ser contemplados com a visita tão esperada em menor tempo.

O caminho pode ser planejado pela proximidade das casas a serem visitadas, e, com o roteiro já traçado, a caminhada se torna menos penosa para os integrantes. Assim, conseguem visitar até 4 ou até 5 casas por noite/madrugada. Já a Folia da Serra prefere cantar em apenas 2, pois suas visitas são mais demoradas. As Folias Reis hoje, de uma maneira geral, fazem o contato prévio com o devoto e agendam o dia em que os Santos Reis vão bater em sua morada. Isso aponta para uma modificação da tradição diante do novo cenário ditado pelas condições sociais da modernidade.

Porém, no contexto da Serra dos Barbosas, os evangélicos não se mostram como um problema, já que não configuram um número considerável. Embora não se tenha acesso a dados estatísticos sobre religião específicos da Serra dos Barbosas e bairros vizinhos, percebi que a grande maioria da comunidade se diz católica. Para dar apenas um exemplo dentre tanto outros, nessa localidade, a comunidade se manifesta e se mobiliza para promover a festa da Entrega da Bandeira na Igreja da Serra. É um grande evento comunitário, que se estende por todo o dia 6 de janeiro. A Igreja repleta de fiéis assiste à cantoria da Folia. Enquanto isso, as mulheres preparam o almoço, outras organizam a mesa da comunhão e algumas ocupam o espaço do altar por elas decorado. E ainda existem aqueles menos devotados que ocupam o pátio da Igreja e ficam por ali só conversando com os amigos, mas que não deixam de registrar sua presença na festa.

A programação pelo menos parcial do giro nessa localidade se legitima pela necessidade de alguns devotos promesseiros em oferecerem o almoço³⁷. Geralmente, a promessa feita aos Santos Reis exige tal pagamento, outras vezes o devoto gosta mesmo dessa prática, ou também é da família e tem o maior prazer em ofertar a comida. Isso varia, cada

³⁷ A Folia da Serra se refere à refeição oferecida pelo devoto como almoço, mesmo que seja à noite. Isso no início me confundia um pouco. Eles falavam que iam almoçar na casa de um devoto, e eu perguntava que horas estava programado o encontro, e eles respondiam que por volta das 17 horas, para começar a tocar às 18.

casa é uma história. Refiro-me à programação parcial, pois, de acordo com os foliões, eles só programam a visita daqueles devotos que sempre oferecem almoço todos os anos. Por outro lado, continuam visitando sem avisar os que não têm por hábito fazer o almoço para a Folia. Não há um agendamento, mas os foliões sabem quem deseja a sua visita, que, no fundo, nunca é totalmente inesperada. Quem é devoto sempre vai querer receber a Folia, e o pagador de promessa sempre vai precisar cumprir o seu compromisso. Como os laços de vizinhança são muito fortes nessa região, os foliões se sentem à vontade para chegar sem agendar a visita e eles já sabem quais pessoas desejam receber a Bandeira em sua residência, por mais que as mesmas não tenham muito a oferecer. Seu Sebastião, devoto de Santos Reis, ex-folião e ex-palhaço da Folia da Serra, demonstrou esse gosto por receber os grupos em sua casa nos dias de Reis:

Pra minha casa, todos os anos, cabei de dizer pra você, eu quase num saio de casa, porque se eu saí chega uma folia, se eu saí, chega uma folia. E eu gosto, eu gosto. Porque, é o seguinte: vem porque eu gosto. Minha casa, bateu, pode chegar, entrar. Agora, chega com respeito, chega com religião³⁸.

Nas palavras do devoto, salta à vista o respeito pela crença. Todo grupo que tem a Folia de Reis como uma religião, não só como diversão, é bem vindo em sua residência. Se for uma Folia organizada dentro das tradições religiosas, na qual os integrantes respeitem a Bandeira e creem no poder dos Três Reis, ele recebe, aceita a sua benção e até oferece um café com broa. Mas se ele perceber que é bagunça, que determinada folia sai mais em jornada sem o sentimento religioso, nem abre a porta.

Um folião da Folia dos Irmãos, Nelson Madeira, condena a prática dessas folias que saem em jornada sem a fé, o elemento mais importante. Ele faz uma distinção entre os foliões que a consideram apenas como uma manifestação folclórica, e aqueles que encaram a Folia enquanto uma vivência e expressão coletiva de uma religiosidade. E ressalta a importância da postura adequada de um folião em giro:

Só que muitos têm a folia como folclore, eles brinca, eles bebe, eles bagunça, eles faz o que qué. Nós temos como religião, tendeu? Então a gente respeita, faz tudo, a não sê que a gente seja agredido aí na rua, tem que se defender, mas a gente procura não brigá com ninguém, tratá todo mundo bem, respeitá o ambiente que a gente está, né? Então esse é folclore religioso. Agora quem tem a folia como folcório, ele é igual carnaval, cê bebe, cê brinca, cê vai preso³⁹.

³⁸ Entrevista realizada com o Seu Sebastião em sua residência localizada no Arrasta Couro, próximo à Serra dos Barbosa, em Leopoldina, dia 1º de novembro de 2010.

³⁹ Entrevista realizada com Seu Nelson Madeira, em sua residência, na cidade de Leopoldina.

Na Serra dos Barbosas e redondezas, em Leopoldina e nas cidades vizinhas, a Folia da Serra é respeitada e sua Bandeira reverenciada. Segundo devotos e foliões, a Folia da Serra é a folia mãe de todas as outras da cidade. Às vezes, um folião sai por conta de briga ou desentendimento com o dono do grupo e monta outra Folia. Há também quem se muda da zona rural e monta uma na cidade. De fato, é possível notar semelhanças nos versos de outros grupos em relação aos seus. A Folia dos Colodinos, por exemplo, tem um verso de agradecimento à oferta da Bandeira igual ao da Folia da Serra. Até porque o próprio Juca participava da Folia da Serra antes de montar a sua. É provável que os Colodinos tenham se apropriado do verso da Serra, já que sua origem é mais recente e localizada na Serra das Virgens, bem próxima à Serra dos Barbosas.

De acordo com Seu Alair, há algum tempo era comum ter “espiões” de outras folias assistindo à cantoria de um grupo respeitado na região para copiar suas Profecias. A cantoria não é facilmente compreensível pela forma como é cantada. “Muitas terminações de palavras se juntam com o início das outras [...]. Essa prática é comum na cantoria da Folia e, junto ao estilo de impostação e entonação da voz, torna as letras de difícil entendimento” (CHAVES, 2003, p. 33).

Quando o mestre percebia que havia alguém na assistência que estava ali só para aprender e copiar os versos de suas Profecias, fazia questão de exagerar nessa prática e cantar de uma maneira que se fizesse mais incompreensível ainda para quem não conhecia. Outras vezes, mudavam o final de um verso para o original não ser alvo de plágio. Utilizava vários artifícios para evitar a cópia de suas Profecias. Um folião me disse inclusive que, se fosse naquela época, eles não permitiriam que eu filmasse o ritual, com medo de vazar as informações, mas hoje é diferente e nada disso faz mais sentido.

A rivalidade exacerbada entre as folias diminuiu, visto que os Encontros de Folias⁴⁰ não são mais usuais, mas ela ainda existe, de forma menos explícita. Alguns foliões dizem que a rivalidade é coisa do passado e que hoje isso não existe mais, porém o palhaço da Maú afirmou se referindo ao contexto de todas as Folias: “Se você ouvir falar que uma folia gosta da outra é mentira!”⁴¹ É possível perceber nas falas, nos gestos e nas expressões que a rivalidade que se pretende ocultar ainda está viva. Isso evidencia que o Catolicismo Santorial não é tão solidário como se pode supor. Ainda hoje, a competição nesse cenário se faz

⁴⁰ Quando uma Folia encontrava com a outra no caminho de seu giro, muitas vezes eram travados os Encontros de Folias. Neles, os grupos duelavam com versos, até que um vencesse através da sabedoria das Profecias e subjugasse a outro, confiscando-lhe todos os instrumentos e a Bandeira. Muitas vezes, o grupo perdedor não aceitava a humilhação, partindo para a agressão física, chegando por vezes à morte de foliões.

⁴¹ Entrevista realizada com o palhaço MJ, no dia 6 de abril de 2014, na residência de Maú.

presente, e as brigas ou discussões quando duas folias se encontram no caminho são possíveis e não raras, de acordo com as falas dos foliões.

É complicado manter um grupo ativo, vencendo as adversidades impostas por diversos fatores, dentre eles a própria dinâmica dos giros que permitiam que Encontros de Folias fossem travados. Mas, como já dito anteriormente, a estrutura familiar e o contexto local contribuem para que a tradição se perpetue, mas ela se mantém também pela sua flexibilidade. Muitas vezes, a adaptação se mostra como um fator de preservação muito mais eficaz que a pura resistência. Pequenas alterações que não comprometam a essência do ritual são permitidas. Hoje é possível não sair todos os dias da jornada, como era uma exigência outrora. Por conta do emprego dos foliões, é possível se estender o giro para que um número maior de devotos seja contemplado. A participação de mulheres nos giros e até mesmo na direção de grupos hoje já pode ser observada. Isso não era admitido antigamente, pois a Folia de Reis era uma manifestação essencialmente masculina.

Diante disso, a tradição se flexibiliza para não se perder. E, ao contrário do que muitos pensam, essa flexibilidade não gera um enfraquecimento da tradição, a partir daí ela se torna cada vez mais forte insistindo em permanecer. Todas essas transformações, dentre outras, são frutos de um processo de adaptação legítimo. Essa flexibilidade impede que foliões deixem o grupo por qualquer motivo, e também que uma folia inteira se dissolva por falta de alguém que tenha disposição para dirigi-la. A própria permissão para a pesquisa e filmagem do ritual, que o folião dissera que em tempos outros não seria dada, é uma forma de perpetuação da tradição por meio da academia. Portanto, as transformações que não afetam a devoção e fé dos devotos e foliões e que não impedem o cumprimento dos giros e dos compromissos da Folia podem e devem ser incorporados como um meio eficaz de “preservação” da tradição. Desta forma, a tradição é entendida como viva e dinâmica. Não é preservada como algo parado no tempo, mas que acompanha suas alterações sempre se reinventando.

Claro que o processo de modificações não é homogêneo em todas as Folias. Existem exigências seguidas por alguns grupos, mas outros consideram que elas caíram em desuso. Por exemplo, a Folia da Serra considera como uma regra inalterável o comprometimento individual do folião com o giro, ou seja, o folião só para na hora que a Bandeira para, só repousa na hora em que a Bandeira recebeu o pouso⁴². Não é permitido a um folião da Serra

⁴² Pouso ou pousada é a palavra utilizada pelos foliões para se referir ao lugar onde a Bandeira fica guardada para ser pega novamente no dia em que a Folia retomar o giro, geralmente no dia seguinte. A última casa visitada é a que oferece pouso ao objeto sagrado, e isso se configura como mais uma bênção a esta família.

dos Barbosa abandonar o giro no meio da noite, fato que percebi em outras folias. Na verdade, nem sempre é possível seguir a tradição, a qual se reinventa continuamente.

Porém, alguns aspectos ligados à força da tradição ganham forte relevância, considerando que a longevidade do grupo e a dinâmica de manutenção da tradição não são produtos de breves, poucos e simples fatores. Pelo contrário, os elementos que fazem parte dessa rede de ações e comportamentos que corroboram com esse processo contínuo são bastante complexos. Faz-se necessária neste momento uma abordagem de aspectos internos da estrutura da Folia, como a atitude adequada dos foliões quando estão em giro.

As condutas ética e moral do folião são sempre julgadas nos dias de jornada pelo mestre, por outros foliões ou pela assistência. Se a bebida alcoólica é um tabu na grande maioria das folias, para os foliões da Serra, no período de giro, é uma proibição enfatizada, pois atinge diretamente a imagem do grupo que deve continuar respeitada. Segundo Seu Alair, com o uniforme da Folia dos Medeiros ninguém entra em botequim. Este folião de 52 anos está desde os 18 nesta Folia e conhece o rigor em relação à conduta. Conta também que os valores morais são ressaltados e exemplifica com o intuito de gerar credibilidade ao discurso. Certa vez, em giro, um jovem folião foi para um lugar escuro junto de uma moça com quem trocava olhares. Seu pai, folião que ocupa posição de destaque, devendo dar o exemplo, na mesma hora em que se deu conta do sumiço do filho, foi atrás dele e o retirou da jornada, levando-o até em casa. Em entrevista, o devoto Seu Sebastião aponta na mesma direção e afirma:

a folia deles num tem jeito de falá de ninguém não, porque se errou, é mandado embora na hora, eles põe no carro e leva na casa. Se errou, eles põe no carro e leva. ‘É aqui que eu te tirei’. Num tem onde errá, tem? É família, é família, é família. E quem trabalha que não for da família, é considerado como família, é respeitado como família.⁴³

Essa atitude afirmada pelos foliões e antigos foliões mostra o rigor com o qual essa Folia trata seus membros. Segundo meus informantes, ou o integrante acata as regras ou está excluído, independente se é filho do mestre ou do dono. De acordo com a imagem da Folia construída e transmitida pelos seus integrantes, dentro dela todos são respeitados desde que respeitem as regras do grupo e, independente de quem seja o folião, todos são parentes. Aliás, como já explicitado anteriormente, a Folia é uma extensão dos laços de parentesco. Se não for propriamente da família de sangue é da “família de giro”, e todos têm os mesmos direitos e deveres, a regra é para todos e deve ser cumprida.

⁴³ Entrevista realizada com o Seu Sebastião em sua residência localizada no Arrasta Couro, próximo à Serra dos Barbosa, em Leopoldina, dia 1º de novembro de 2010.

Para os foliões da Serra, para que a Folia seja respeitada pelos de fora, primeiro ela deve ser respeitada pelos de dentro. Os foliões zelam pela reputação que construíram nesses dois séculos e não permitem que o nome da família seja colocado em xeque, afinal a Folia da Serra é uma extensão da família Medeiros. Daí decorre a relevância dada em entrevistas às condutas ética e moral que deve ser seguida pelos integrantes diante da exigência do grupo.

Essa organização criteriosa explica também o prestígio e o reconhecimento da Folia da Serra na região. E não é algo alcançado recentemente, foi sendo construído ao longo dos séculos. Seu Sebastião dá um depoimento que ilustra a “honra” que significa participar da Folia da Serra.

nessa Folia dos Medeiro que eu saí nela, eu me sinto muito honrado pela oportunidade que eles me deram. O dia, o dia em que o presidente foi na minha casa falá comigo, adivinha o que me aconteceu? Ele foi à noite, eu tinha uma pequena vendinha, igual essa aqui memo, aí eu, ele saiu, foi se embora, aí a muié se preocupou comigo ‘Quê que tá acontecendo?’ ‘Nada’. ‘Quê que tá acontecendo?’ ‘Não tá acontecendo nada’. Aí eu levantava, ia lá pro quarto da venda, tomava mais uma pinguinha. ‘Você tá passando mal?’ Eu falei ‘Não to, muié’ ‘Mas o quê que tá acontecendo?’ ‘Nada’. Eu num durmí, num durmi não, eu fiquei tão assatisfeito, a minha emoção foi tanta que eu achei que eu nunca ia ter aquela oportunidade. ‘Eu num sou ninguém’, pensei assim comigo, ‘Eu pra isso num vou servir’, tendeu?

Sua fala deixa clara a admiração que o Seu Sebastião cultivava pela Folia da Serra. Em sua visão, ele nunca teria oportunidade de participar daquele grupo. Achava que não estava à altura dos outros integrantes e que não era bom o bastante. Ele considerou isso uma grande oportunidade em sua vida e deixa transparecer sua gratidão pelos foliões terem confiado nele para fazer parte daquela família. É possível perceber a alegria e o orgulho de ter participado da Folia da Serra. De acordo com sua opinião de devoto e conhecedor do ritual, é a melhor e mais organizada da região:

Mas no dia que eu recebi o convite, que chamaram Sebastião Valério, aquela noite eu num durmí não, não, não, de jeito nenhum, ué. Num tinha jeito d’eu durmí, eu rodava a casa toda. E a mulé preocupada ‘Cê tá passano mal?’ ‘Passano mal coisa nenhuma’. E ela preocupada. No outro dia que eu falei com ela. Ela falou ‘Cê tá ficano bobo, homi?’ Falei ‘Né bobo não, eu tô assatisfeito, uai’. E foi, quer dizer, pra mim, é um sonho que eu tinha e eu não pedi. Ninguém vai ter coragem de chegar e pedir. O bom é que me chamaram, eu fui convidado. ‘Eu vou te dá uma oportunidade de você tá junto com meus outros companheiro lá, cê vai ajudá eles’. Eu fui pra ajudá e acabei ficando sendo o responsável certo, o chefe, fiquei seno o paião principal da folia, o pessoal gostava de mim, meu respeito, minha educação...⁴⁴

⁴⁴ Entrevista realizada com o Seu Sebastião em sua residência localizada no Arrasta Couro, próximo à Serra dos Barbosa, em Leopoldina, dia 1º de novembro de 2010

Toda essa disciplina não é alcançada somente pelo pulso firme dos líderes do grupo. Além do respeito dispensado aos mestres e dono da folia (conhecido até como presidente), existe toda uma narrativa que legitima as ações em torno de um bem comum. O cumprimento dos compromissos individuais dos integrantes e dos compromissos coletivos da Folia se configura como esse bem comum.

O compromisso individual é aquele que cada um tem com os Santos Reis: nenhum folião pretende decepcioná-los faltando com o seu dever de adorá-los saindo em giro com a Folia de Reis. E, caso esse compromisso envolva o pagamento de uma promessa feita pelo folião, há uma carga de obrigatoriedade significativa. Completar a jornada é um compromisso individual e abandonar a Folia no meio do giro não é permitido. Não se pode cantar em uma casa e não em outra, tampouco ir a um dia e faltar no outro. Manifesta-se também o compromisso de cada um sair em giro com a sua Folia por pelo menos sete anos. Em algumas folias, esta obrigação já não se faz presente ou se direciona somente ao palhaço. Na Folia da Serra, salvas exceções⁴⁵, esse compromisso ainda é válido.

Já os compromissos coletivos são aqueles que a Folia assume enquanto coletividade. São compromissos coletivos da Folia: sair em giro no dia 24 de dezembro a 6 de janeiro, cantar no Cruzeiro da Serra das Virgens no dia de Reis e fazer a Entrega da Bandeira na igreja da Serra dos Barbosas no mesmo dia.

Acredita-se que o descumprimento de algumas dessas obrigações possa provocar a ira dos santos ou das almas, que permeiam o imaginário das pessoas que vivem sob a égide de uma lógica que afirma a necessidade de trazer ofertas e homenagens para se agradar os santos e ficar bem com as almas que têm o poder de alterar o curso de suas vidas cotidianas.

2.2 Dia 6 de janeiro, dia de Reis

O dia 6 de janeiro, no qual se comemora o dia de Reis, é considerado uma das datas mais relevantes para uma Folia de Reis. Para a Folia da Serra, é dia de cumprir compromissos com os santos, com as almas e atender aos pedidos dos devotos, entregando aos santos as suas promessas no Cruzeiro. A Entrega da Bandeira se configura como o outro ritual indispensável. É o encerramento do giro, com várias obrigações rituais a serem cumpridas.

⁴⁵ Este compromisso da Folia da Serra só se flexibiliza em situações mais graves, como em caso de doença ou perda do emprego do integrante que garante o sustento de sua família nuclear.

Diante disso, analiso os compromissos honrados pela Folia da Serra no dia de Reis, seguindo a ordem do roteiro do grupo: iniciado com a Cantoria no Cruzeiro da Serra das Virgens, seguido pela visita à casa do devoto e encerrando na Igreja da Serra dos Barbosas com a Entrega da Bandeira.

A Cantoria no Cruzeiro, apesar de ser comum entre os grupos, não é obrigatória. Os foliões apenas mencionam que, se no caminho em que a Folia passar houver um Cruzeiro, é necessário parar e fazer sua reverência, ou seja, é uma obrigação da Folia cantar alguns versos nesse instante. Na Folia da Serra, a Cantoria no Cruzeiro é um compromisso irrefutável depois que um antigo folião do grupo exigiu, depois de morto, o seu cumprimento anual no dia de Reis.

Todos esses compromissos são honrados a cada ano, e as narrativas que perpassam a história da Folia da Serra afirmam e exigem sua obrigatoriedade. A seguir, uma dessas narrativas é contada e analisada em seu poder de coesão e coerção. A potência coesiva dessa história se constrói sobre uma figura ancestral comum aos foliões, já que a maioria pertence à mesma família e seu poder pode ser notado na disciplina com que os foliões se comprometem com o giro. E o mesmo elemento que promove a coesão também se mostra como um elemento coercitivo, que impede que o cumprimento dos compromissos seja negligenciado.

2.2.1 Quando a História se torna Mito

No contexto da Folia da Serra, algumas narrativas se adensam e junto à comunidade vão tomando forma mítica. Duas histórias que se entrelaçam de maneira peculiar merecem atenção pela sua força e potência junto aos foliões e suas atitudes, apontando para o futuro e o passado do grupo ao mesmo tempo.

Há uma grande variedade de versões da mesma narrativa, mas todas vão culminar na mesma “moral da história”. A narrativa, atestada como verídica pelos foliões, parece que ganhou na região o status de mito, ou melhor, está sendo gradativamente mitologizada. Essa narrativa anuncia uma eficácia permanente e, de certa forma, sustenta o rito, portanto será comparada a um mito momentaneamente e, dessa maneira, admite muitas versões que devem ser assumidas (LÉVI-STRAUSS, 1975). Um “mito” já consagrado como tal possui inúmeras variações, “não existe versão ‘verdadeira’, da qual todas as outras seriam cópias ou ecos deformados. Todas as versões pertencem ao mito” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 252). Seguindo essa lógica, todas serão consideradas.

Todas as versões têm como foco o cumprimento do primeiro compromisso do dia 6 de janeiro. Tradicionalmente, a Folia da Serra canta no dia de Reis no Cruzeiro de uma localidade vizinha à Serra dos Barbosas, a Serra das Virgens. Esse é um compromisso da Folia com as almas dos escravos que lá morreram no período da escravidão em Leopoldina, que começou a ser cumprido já com o Medeiro Velho, fundador da Folia. Não se tem conhecimento do ano exato em que esses escravos morreram, nem a partir de quando a Folia faz essa homenagem. Aliás, a informação não é precisa nem no aspecto de ser uma simples homenagem; segundo alguns foliões o ritual acontece a partir de uma promessa feita pelo mestre fundador, o que se mostra plausível por ser mantida durante tanto tempo.

A população conta que o Cruzeiro da Serra das Virgens foi erigido em homenagem a dois escravos que morreram ali, no tempo da escravidão. Um homem com sua esposa grávida cometeram suicídio. Alguns contam que a tragédia foi movida pelo medo dos castigos que o senhor poderia vir a lhes aplicar, visto que perderam um boi de sua propriedade ou não conseguiram salvar o animal que agonizava em um mata-burro, segundo duas versões que ouvi da mesma história. O motivo é incerto. Parece até que se confunde um pouco com a lenda do Bumba meu Boi do folclore brasileiro, em que pai Francisco mata o boi para lhe cortar a língua e saciar o desejo da esposa grávida, mãe Catirina. Porém, toma conhecimento de que o animal era o preferido do senhor e, dessa forma, com medo dos castigos que lhes seriam impostos, chamou um feiticeiro, que com suas pajelanças ressuscitou o boi.

Pode até ser uma simples coincidência e o motivo do suicídio dos escravos da Serra ser este mesmo, que, não achando saída diante da situação, preferiram a morte. Mas não se pode descartar a hipótese de que essa versão possa ser fruto da criatividade popular para explicar o motivo da tragédia. Visto que nessa época não era raro escravos cometerem suicídio, é possível considerar também a hipótese de que eles o fizessem com o intuito de dar prejuízo ao senhor e cessar uma vida de sofrimento; neste caso, iriam poupar mais uma que estava a caminho.

Independente do motivo, a morte dos escravos foi o fato que levou a população a erguer três cruces no local em respeito ao sofrimento desses negros. As cruces originais foram retiradas, pois estavam danificadas pelo tempo. Foram substituídas por uma estrutura coberta com telhas, construída para abrigar as três cruces, que foram pintadas em relevo em uma de suas paredes. Uma espécie de casinha, ou quem sabe uma capelinha, onde a Folia entra para cantar, como se estivesse entrando na casa desses negros para lhes fazer a homenagem. O que leva a pensar que este grupo apresenta uma interessante relação com o passado escravocrata de Leopoldina. O local é tão expressivo para os moradores da região que o Medeiro Velho fez

uma promessa incluindo a cantoria ali como pagamento. Dizem que o pagamento previa a cantoria no Cruzeiro em todos os dias de Reis, enquanto a sua Bandeira empreendesse jornadas. Portanto, é um compromisso da Folia da Serra e não do seu fundador.

A partir de conversas com devotos e assistência, percebi que, no âmbito do Catolicismo Santorial, é comum as pessoas fazerem promessas em intenção a outras e o alvo da mesma continuar pagando enquanto viver. Talvez o trato do Medeiro Velho com os santos poderia estar relacionado à sua Folia, ou à longevidade dela. Por isso passa-se o pagamento da dívida ao grupo. Promessas muitas vezes têm seus motivos ocultados, como já explanado anteriormente, mas, se essa se direcionou ao contexto do grupo, pode-se dizer que sua eficácia foi comprovada. Portanto, na perspectiva nativa, é possível que a perenidade do grupo possa ser atrelada à ideia de um poder sobrenatural, divino.

Mas a história não termina assim. Contam foliões e a assistência que a Folia da Serra sempre se reunia nesse Cruzeiro para entoar seus cantos, às dez horas da manhã no dia de Reis, como reza o pagamento da promessa. Mas, num determinado ano, o grupo não cumpriu com sua obrigação. De acordo com o relatado em conversa com a assistência, diante da falha, o escravo apareceu para um dos foliões e lhe cobrou o ritual no Cruzeiro. A partir desse momento, nunca mais a Folia deixou de realizar o ritual no local. Essa história revela a consolidação da influência africana no imaginário popular, com a sua relação de respeito com os mortos e possibilidade de comunicação. Além disso, é interessante perceber a solidariedade dos foliões para com os escravos, que mesmo em posição subalterna, merecem a homenagem.

Em outra versão contada pelo Seu Alair, a Folia parou de cantar no Cruzeiro, desrespeitando o compromisso com as almas e não cumprindo a antiga promessa feita pelo fundador do grupo. Assim, em um dia de giro, um mestre folião antigo, já falecido, incorporou em Manuel Martins Madaleno, o Seu Nequinha, pai de Seu Alair. Segundo o folião, seu pai mudou completamente. Seu jeito, seu olhar, sua voz, “não era ele”, afirmando veementemente que se tratava de outra pessoa. Nesta versão, meu informante ratifica que seu pai não era folião e tampouco “mexia com essas coisas de espiritismo”; estava apenas recebendo a Folia em sua casa, e, com a Bandeira nas mãos, no momento do agradecimento, o mestre “baixou” nele, segundo a expressão utilizada por Seu Alair.

Ainda existe uma terceira versão contada por outro folião. Ele explicita que não era um mestre folião qualquer que incorporou em Seu. Nequinha, mas o próprio Medeiro Velho, requerendo o cumprimento de sua promessa ano após ano. Acrescenta ainda que o Seu

Nequinha era um médium, daqueles que frequentavam mesmo centro espírita⁴⁶. Por isso foi ele o escolhido para emprestar seu corpo ao espírito, para que este pudesse anunciar os seus anseios por meio do médium aos foliões.

Segundo Seu Alair, o visitante inesperado fez dois pedidos, diante de todos, que escutaram estarrecidos: o primeiro solicitava que a Folia dos Medeiros realizasse o Salvamento da Bandeira, tão almejado por ele (Medeiro Velho), mas nunca alcançado. Isso demandaria a presença de duas folias para acontecer: cruzam-se as Bandeiras e os mestres começam a cantar versos falados de improviso. O pedido foi realizado na igreja da Serra dos Barbosa. O segundo exigia o cumprimento da promessa do mestre feita há muitos anos e nunca antes negligenciada. A promessa ditava que em todos os anos a Folia cantasse no dia de Reis o Padecimento de Jesus em respeito ao sofrimento dos escravos no Cruzeiro da Serra das Virgens, entre dez horas da manhã e meio dia. Esse pedido também vem se realizando todos os anos.

Qual versão realmente aconteceu, ou se isso tudo é fruto da criatividade das pessoas, ou se a verdade está em um compilado das versões, não há como precisar, mas isso pouco importa. Lévi-Strauss (1978, p. 58) já problematizara isso com a pergunta: “onde acaba a mitologia e onde começa a História?”. Urge salientar a visão do autor quanto à oposição geralmente construída entre Mitologia e História: “a oposição simplificada entre Mitologia e História que estamos habituados a fazer – não se encontra bem definida, e que há um nível intermediário” (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 61). A ideia reificada admite que a primeira é “estática”, enquanto a segunda é “aberta e dinâmica”. Portanto, não importa se a narrativa aconteceu daquela forma como é contada para ser histórica, o que assegura esse caráter, segundo o autor, são as “inumeráveis maneiras de compor e recompor as células mitológicas” (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 61).

Não cabe aqui enveredar a pesquisa a um caminho tão obscuro quanto infértil como se mostra essa busca implacável por uma “verdade absoluta”, que de fato não existe. A verdade nesse contexto é uma construção arbitrária e talvez utópica, pois todas as verdades existentes no campo fornecidas pela fonte oral estão permeadas por impressões pessoais, opiniões, sentimentos, crenças, especulações, perguntas, sugestões de respostas e até devaneios. Segundo Lévi-Strauss, não só a fonte oral apresenta esse privilégio, mas também fontes históricas, escritas a partir de documentos escritos e aí se encontra o ponto central interpretado por historiadores. Assim:

⁴⁶ O informante não explicita se o centro espírita frequentado por Seu Nequinha era Kardecista ou Umbandista.

se se tomarem dois relatos de historiadores, de diferentes tradições intelectuais e com alinhamentos políticos diversos, de acontecimentos como a Revolução Americana, a guerra Franco-Inglesa no Canadá ou a Revolução Francesa, não ficamos de facto nada espantados ao constatar que eles não nos contam exactamente a mesma coisa (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 63).

Portanto, o que aqui se torna necessário é buscar a eficácia dessas narrativas na sua função de nunca deixar de cumprir um compromisso e sustentar um ritual, neste caso o que acontece no Cruzeiro.

Steil (2001, p. 30) aponta que essas narrativas, longe de serem entendidas como mentira, são produtoras de verdades e, por meio delas, a memória de determinado grupo social é guardada e seus comportamentos e valores, prescritos. Além disso, através da narração repetida, as novas gerações são introduzidas a partir da oralidade no contexto deste determinado grupo, aprendendo os seus costumes, dominando com o tempo seus códigos e sendo paulatinamente cultivados para a sensibilidade dominante.

Dessa forma, a importância do Cruzeiro da Serra das Virgens vem sendo reafirmada a cada geração e por isso é alvo da devoção da comunidade. Os Cruzeiros em geral são por si só um local de devoção por excelência. Steil (2001, p. 30) afirma que “os lugares e as imagens têm no catolicismo tradicional um sentido particular e uma singularidade que ultrapassa qualquer tentativa de racionalização ou generalização.” E o Cruzeiro é um desses lugares, sacramentado por representar a paixão e morte de Cristo.

O Catolicismo Santorial, pelo seu forte viés penitencial, apresenta bons motivos para reverenciar o lugar, já que fazer parte desse Catolicismo se define mais pela identificação do fiel com o sofrimento e a morte do Bom Jesus do que pela sua adesão a um determinado corpo de verdades ou cumprimento de determinados códigos morais (STEIL, 2001, p. 23). Por isso, em todos os Cruzeiros se cantam ou se recitam os versos que contam o padecimento de Cristo, já que a paixão está no centro desse modelo de Catolicismo (STEIL, 2001, p. 23).

Porém, o Cruzeiro da Serra, como relatado acima, tem outra especificidade que também o consagra dentro desse universo penitencial, onde a dor e o sofrimento têm o poder de sacralizar pessoas e lugares. Através do suicídio dos escravos lá, tanto essas pessoas, que se transformaram em personagens, quanto o ambiente, foram sacralizados.

Dessa forma, o Cruzeiro da Serra é um desses locais: “densamente significativos, onde seus membros podem sempre de novo beber da fonte de uma tradição que tece diuturnamente os laços de sociabilidade e solidariedade entre aqueles que se reconhecem como um ‘nós’” (STEIL, 2001, p. 12). E, por toda essa sacralidade e importância para as pessoas que

desfrutam desses laços, essa espécie de santuário gerou mais narrativas repletas de significados, como o episódio da incorporação, compartilhado entre os nativos de diversas formas. A relevância cultural e devocional do Cruzeiro da Serra das Virgens se construiu, mantém-se e seguramente povoará o futuro por ser ele um lugar significativo e que guarda a memória e a história dessa comunidade em Leopoldina. Todas as sociedades possuem mitos, narrativas e lugares que são capazes de promover uma conexão entre o passado, presente e o futuro (STEIL, 2001, p. 12) e esse Cruzeiro traz tudo isso em si mesmo.

2.2.2 A cantoria no Cruzeiro

Mesmo os grupos que não encerram suas atividades no dia 6 de janeiro, optando por estender a jornada, possuem seus compromissos neste dia, como a cantoria no Cruzeiro, o qual figura como um dos pontos mais relevantes por sua sacralidade e espiritualidade, segundo os foliões.

O ritual realizado no Cruzeiro da Serra das Virgens, que se mostra tão relevante para a Folia da Serra, é caracterizado pela cantoria do Padecimento de Cristo às 10 horas da manhã do dia 6 de janeiro, diante das três cruzes que representam os três escravos que lá morreram no século XIX.

No dia 6 de janeiro de 2014, a Folia se encontrou no horário definido pelo antigo mestre folião que fez a promessa. Em pouco tempo, todos já assumiram seus postos, e uma devota ajudou no ritual acendendo três velas, uma ao pé de cada cruz. A Folia começa a tocar a toada triste referente ao Padecimento de Cristo, que tradicionalmente os grupos cantam diante de um Cruzeiro⁴⁷.

É importante frisar a relevância que este ambiente devocional assume no seio de uma Folia. Diante da explicação de seu informante, Chaves (2003, p. 104), afirma que o Cruzeiro é a morada das almas, e “para ter as almas ao lado é preciso ter fé e principalmente agradá-las. Nada melhor que cantar na morada das almas para deixá-las satisfeitas.” Portanto, como uma homenagem às almas dos escravos e em respeito e obediência à alma do Medeiro velho, a Folia da Serra mantém seu compromisso ano após ano.

É também diante de um Cruzeiro que os foliões costumam entregar as promessas feitas pelos devotos, sempre no dia de Santos Reis. Nesse ambiente tudo acontece: lá as promessas e pedidos são efetivamente comunicados e ganham importância junto aos santos, já

⁴⁷ Algumas Folia de Reis preferem não cantar em respeito à morte de Jesus Cristo e só recitam os versos, como é o caso da Folia da Maú.

que foram entregues por seus representantes diretos, os foliões, que, nesse sentido, têm mais prestígio com os Reis Magos, segundo a crença dessas pessoas.

Um folião recita um verso cantado no Cruzeiro que diz o seguinte: “Naquele Monte Calvário tem uma cruz como esta/Nesta estamos reunidos para cumprir sua promessa”. Outro que corresponde a esse momento de entrega das promessas diz: “Repara nessa Bandeira/ veja que imagem é essa/ é a imagem dos três reis/ que vem cumprir sua promessa”.

Diante desses versos recitados pela Folia da Serra no Cruzeiro, é possível notar que eles estão ali para agradecer as almas, louvar os Santos Reis, entregar a eles as promessas dos devotos e cumprir a promessa do antigo mestre folião. Importa dizer que a assistência compareceu e observou o ritual com o mesmo sentimento de respeito e devoção que pode ser observado nos integrantes da Folia.

Depois de cantar o Padecimento de Cristo diante das cruzes, com o bandeireiro de frente a elas e os foliões enfileirados atrás seguindo a ordem hierárquica dos instrumentos da Folia, é o momento de devoção individual de cada folião e de cada devoto que ali se encontra.

Os integrantes da Folia, um de cada vez, colocam-se diante das cruzes e se ajoelham, retirando a coroa em sinal de respeito. Tocam as três cruzes com a mão direita, benzem-se com o sinal da cruz e dão a vez para o próximo. Alguns somente se curvam diante das cruzes tirando a coroa, sem se ajoelhar, e tocam-nas fazendo o sinal da cruz. Por outro lado, há aqueles que fazem questão de se ajoelhar, mesmo quando suas condições físicas não são favoráveis⁴⁸ ao ato, o que se mostra como uma ousadia, ou melhor, como mais um sacrifício em honra aos santos de devoção e às almas que ali residem. Também se encontram os que se demoram diante das cruzes e, com a mão direita no peito, fazem silenciosamente uma oração, como o Seu Nicodênio. A movimentação de cada um é expressiva em um momento em que os gestos dizem mais que as palavras.

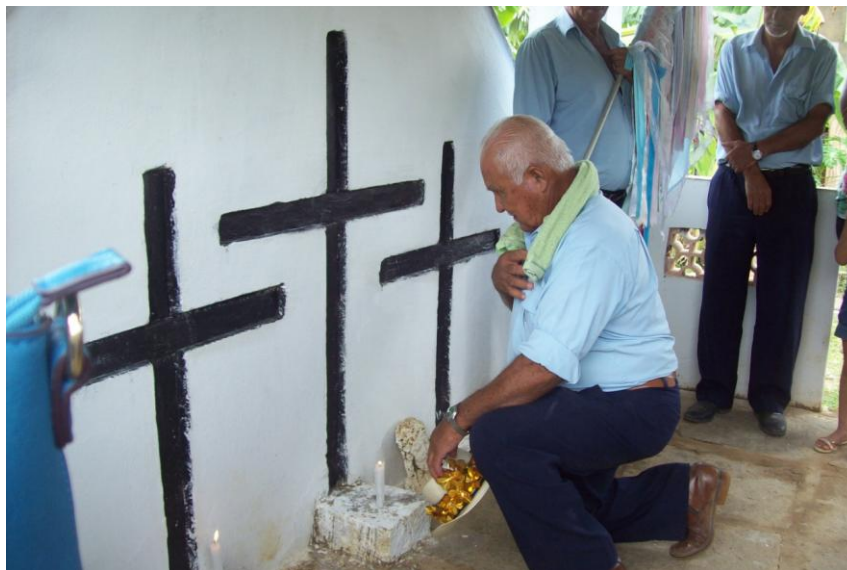


Foto 06: Respeito e devoção: Seu Nicodênio, com a coroa na mão esquerda, faz uma oração diante das cruzeiras, com a mão direita sobre o peito

Fonte: Acervo pessoal, 2014

Depois que todos os integrantes da Folia já prestaram suas reverências às cruzeiras, uma devota tomou a palavra e propôs a todos os presentes que rezassem um pai-nosso e três ave-marias em homenagem aos foliões, aos entes queridos já falecidos e também para si próprios. Pode-se perceber a partir da etnografia que nas Folias em geral o número três é importante pelo mito que sustenta o próprio ritual da Folia. Afinal, sabedoria popular deduziu a partir do mito que eram três Magos, que por fim foram transformados em Reis e em santos. No caso do ritual do Cruzeiro, o número três apresenta maior notoriedade pela narrativa que conta a morte dos três escravos, a qual sustenta este ritual específico.

Depois das orações, chega o momento dos devotos prestarem sua homenagem às cruzeiras. Um a um se coloca de frente a elas e segue os mesmos gestos ritualísticos. A performance ritual de cada um que devotamente repete os gestos, cria um ambiente quase mágico, no qual a eficácia simbólica de cada ação é reafirmada a cada instante.

Logo após o momento solene da cantoria no Cruzeiro, cumprido todos os anos pela Folia da Serra, os devotos seguem em direção à última morada a ser visitada neste giro, a casa do devoto Lucimar. Mostra-se como um ambiente simples, de pessoas pobres, localizado próximo ao Cruzeiro.

Cumprem todo o ritual da visita da Folia Reis: fazem a Chegada, cantam as Profecias, tocam a chula do palhaço e chega a hora da oferta, o almoço. Essas refeições são tradicionalmente fartas e bem feitas. Mesmo em uma casa em que a falta de recursos financeiros é aparente, a comida alimentou a todos, foliões e assistência, e a recusa ao prato oferecido se caracteriza como falta de educação.

Após o almoço, é o momento de agradecer a refeição e a oferta à Bandeira. Ao fim, depois de uma longa estadia, o mestre Nicodênio pede desculpas ao devoto Lucimar por não poderem ficar mais e por terem feito uma visita às pressas. Percebi que ele realmente se sentiu desconfortável, pois se caracteriza uma prática da sua Folia fazer visitas demoradas, sem hora para sair. É comum chegarem à casa de um devoto às 5 ou 6 horas da tarde e partirem por volta das 10 ou 11 horas da noite e ainda seguirem jornada em direção a outra residência. Geralmente uma visita é mais prolongada que a outra por conta do almoço; eles costumam comer em uma casa só durante a noite. Porém, naquele dia não se dirigiram a outra residência e sim à igreja da Serra dos Barbosas. Eles não puderam alongar a visita de Lucimar para não atrasar a Entrega da Bandeira, um ritual demorado.

2.2.3 Entrega da Bandeira

A Entrega da Bandeira é considerada mais um ritual solene do giro, pois se caracteriza como o encerramento da jornada do grupo naquele ano, ou seja, a conclusão das obrigações, o dever cumprido. Infelizmente, não acompanhei o ritual até o fim. No dia não estava me sentindo muito bem, tive uma queda de pressão logo ao amanhecer, agravada pela suspeita de ter contraído dengue e pela necessidade de ainda seguir a cantoria no Cruzeiro dos Pirineus às 6 horas da tarde com a Folia da Maú e presenciar a Entrega da Bandeira dos Colodinos no fim da noite. Infortunadamente, por minha impossibilidade física, não foi possível assistir à Entrega dos Colodinos. Felizmente eu já havia presenciado em 2013. Contudo, acompanhei a primeira parte do ritual da Folia da Serra, composto pela reverência ao Cruzeiro, Chegada à igreja, Salvamento do Presépio e cantoria das Profecias, que terminou por volta das 16:30h.

A Folia da Serra se posicionou distante da igreja para iniciar o cortejo. Neste, notei a participação de dois devotos que seguram a Bandeira junto com o bandeireiro e conduzem a Folia até o Cruzeiro que se encontra no pátio da igreja. É comum um devoto pagar a sua promessa por meio da sua participação no ritual da Entrega da Bandeira, segurando a Bandeira na caminhada até a igreja. Neste momento, outro devoto acende ao pé da cruz uma vela. Desse modo, diante da cruz, é entoada a cantoria para lhe fazer uma reverência.



Foto 07: Igreja de São Sebastião, fundada em 1925 pela comunidade da Serra dos Barbosas. Em primeiro plano, o Cruzeiro da Igreja localizado em seu pátio

Fonte: Acervo pessoal, 2014

O Cruzeiro da foto acima apresenta uma estética interessante, muito comum nas pequenas comunidades e áreas rurais. Ao longo do lenho, ou seja, da madeira da cruz, pode-se perceber a presença de vários objetos, que são chamados de martírios. Muito comuns são a lança com a qual Jesus fora ferido, o prego e o martelo, objetos utilizados para pregar suas mãos e pés na cruz, o pano que enxugara o seu rosto e a veste que cobrira seu corpo, representados pelo tecido que pende no encontro dos lenhos vertical e horizontal e pela túnica. Além desses, o dado aparece como elemento que faz alusão a um jogo, por meio do qual a roupa de Jesus fora disputada pelos soldados romanos (GIOVANNINI, 2005, p. 29).

Outros objetos menos comuns são a turquesa, a caveira, a escada, a faca e outras figuras que fazem referência à paixão de Cristo. No topo da cruz, há a inscrição JNRJ, que significa Jesus Nazareno Rei dos Judeus. Por isso um Cruzeiro se mostra tão importante para o Catolicismo Santorial, que possui essa identificação com a paixão de Cristo (GIOVANNINI, 2005, p. 29).

Após a saudação à cruz, a Folia prossegue sua caminhada até a igreja. O bandeireiro e os dois devotos se colocam na porta e inicia-se a cantoria da Chegada. Cumprida essa etapa, a Folia adentra o templo e se posiciona diante do altar. A devota beija a Bandeira e assenta junto com o outro devoto no primeiro banco da igreja. Após alguns instantes em que a Folia cantava, o bandeireiro coloca o objeto sagrado no altar e volta para a fila conduzindo os foliões até o presépio. A vela sobre o presépio está acesa, como um sinal de que o patrão quer

que a Folia salve o seu presépio, como já explicitado. É importante frisar que na igreja são os leigos que cumprem o papel de dono e dona da casa, como se aquele lugar fosse de fato uma extensão de suas casas.

Teve início o Salvamento do Presépio com os seguintes versos:

Ô Deus oi salve este presépio
 Do nascimento de Jesus
 Aonde fez a semelhança
 Oi nascimento de Jesus, oiá iá
 E os três rei quando subero
 Do nascimento de Jesus
 Oi sairo a viajar
 Oi e seguiri aquela luz uz aiá, iá
 Oi aquela luz que clariava
 Oiá vem lá do Oriente
 Oi prá mostrá os três reis
 Aonde estava o poder eiá, iá
 [...]
 Aonde foro encontrado
 Oi José Maria e o seu filho aiá, iá
 Oi os três rei se encantaro
 E sorriro de alegria
 Oi acharo o rei do povo
 O filho de Virgem Maria iá, aiá⁴⁹

Mais adiante no Salvamento do Presépio, os foliões cantam “Ai em nome do Pai Eterno/Ai vamos todo ajoelhá, aiá, aiá”. A partir daí, todos se ajoelham e ficam nesta posição por muito tempo. Dizem que é penoso, mas os foliões suportam por causa da fé que têm. A devota Vera, que está atrás do altar segurando uma vela e um terço, também se ajoelha e acompanha de perto o ritual participando do mesmo. Depois os foliões se levantam cantando por mais tempo. Em um determinado momento ditado pela cantoria, quando se fala da oferta dos três Reis do Oriente, o bandeireiro coloca três moedas douradas no presépio, simbolizando os três presentes ofertados ao Menino Jesus. A cantoria prosseguiu com as Profecias e ao fim a assistência, que ocupou todos os bancos da igreja, bateu palma entusiasmada.

Chega a hora da saudação individual diante do objeto de devoção. Nesse momento, ressalto a diferenciação dos gestos dos foliões. A ação mais comum observada foi ajoelhar e tocar três vezes a beirada do presépio da direita para a esquerda, fazer o sinal da cruz e passar a vez ao próximo folião. Porém alguns não seguem esse modelo. Há folião que beija a toalha que cobre a mesa onde está montado o presépio e faz o sinal da cruz, outros encostam a mão

⁴⁹ Transcrição dos versos do Salvamento do Presépio na Igreja de São Sebastião, localizada na Serra dos Barbosas, dia 6 de janeiro de 2014.

somente uma vez na beirada e fazem o sinal da cruz, alguns beijam a imagem dos três Reis do presépio ou beijam apenas uma delas e completam com o sinal da cruz.

Portanto, parece não haver um padrão, somente o sinal da cruz apareceu em todas as reverências. Mas existe uma maneira de se portar diante do objeto sagrado, todavia, mesmo alterando-se os gestos, estão sempre presentes a atitude, a postura de respeito e a devoção. Nesse contexto, o presépio assume a centralidade do ritual pela sua sacralidade, sendo mais importante que o altar.

Na Entrega da Bandeira da Folia da Serra, manifesta-se de maneira mais evidente a questão da supremacia do leigo no ambiente do Catolicismo Santorial. O ponto crucial que ratifica essa superioridade é acima de tudo a ausência do padre nesse evento, onde realmente sua presença é dispensável. Os devotos têm total autonomia nesse espaço que foi construído pela comunidade.



Foto 08: Placa afixada na parede da Igreja indicando a data de sua fundação e a responsabilidade pela construção; Institui-se dessa forma a comunidade como a responsável pelo espaço
Fonte: Acervo pessoal, 2014

Observei a ação das mulheres que não aparecem como protagonistas do ritual, porém sem elas nada aconteceria. Quando cheguei à igreja, antes do início do cortejo da Folia, devotas arrumavam o altar com velas, do lado de fora, na varanda perto da cozinha da igreja, mulheres picavam a verdura que seria oferecida no almoço. Ao final das Profecias cantadas dentro do templo, a mesa da comunhão⁵⁰ já estava posta, com os pães picados, os peixes e o vinho já dispostos, e o almoço praticamente pronto.

Quando eu estava saindo, os foliões se surpreenderam dizendo que eu iria sair na melhor parte: a hora do almoço. Desculpei-me pela ausência, pois sabia que seria considerada

⁵⁰ Na grande maioria das casas visitadas pela Folia da Serra, a presença da mesa da comunhão, com um copo de vinho, peixe e pão picado, é notável. Os foliões, enquanto sacerdotes populares, oferecem a comunhão sem a necessidade da hóstia ou de um agente religioso institucionalizado.

uma desfeita não comer o almoço da Entrega da Bandeira, mas não seria possível, pois meu corpo não estava mais aguentando. Iriam almoçar, e mais tarde seria realizado o Agradecimento da Mesa Posta. Logo procederiam com a Comunhão servida a todos os foliões e assistência, operada sem a necessidade de um sacerdote ou da hóstia consagrada. Por último, haveria a Entrega da Bandeira propriamente dita com o pedido de perdão do palhaço e a Descoroação dos foliões.

A explanação de todos os rituais que compõem o grande ritual da Entrega da Bandeira pode ser encontrada no quinto capítulo desta pesquisa. Apesar de cada Folia ter plena autonomia na realização da Entrega da sua Bandeira e ter suas especificidades e diferenças em relação às outras, alguns elementos se conservam, principalmente aqueles que estão relacionados à estrutura do ritual. O que se modifica é o modo como procedem e a ênfase dada a determinadas partes, elementos e símbolos, por isso em alguns casos o ritual pode ser mais simples e rápido e outros mais demorados e rebuscados.

Para os devotos e foliões, o que vale é a fé e não a presença do padre. Antes da fundação da igreja, datada de 1925, a Folia da Serra já existia há mais de um século, e seus foliões já assumiam a função de sacerdotes de viola, como bem percebe Brandão (1981). A preponderância do leigo nesse cenário já estava consolidada antes da construção da igreja e assim continuou depois dela.

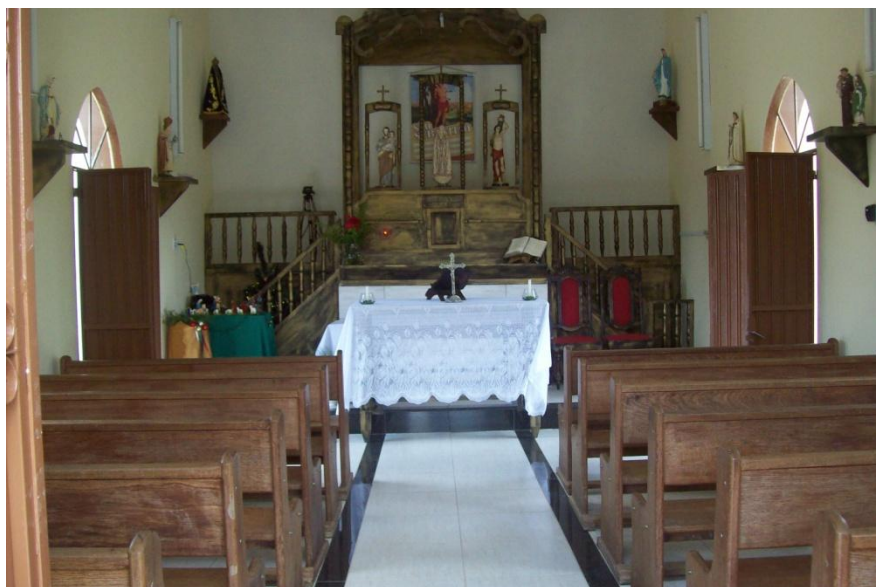


Foto 09: O interior da Igreja São Sebastião, localizada na Serra dos Barbosas. Nota-se que é muito bem conservada pela comunidade que a construiu.

Fonte: Acervo pessoal, 2014

Por conta de toda a organização da Folia da Serra, que envolve sabedoria e tradição, o grupo goza de amplo prestígio na cidade. Os conhecimentos rituais de seus integrantes, que

são seguidores de uma tradição sempre renovada e toda a sua riqueza em narrativas, constroem todo um imaginário que exerce um misto de fascínio e medo.

A organização interna da Folia costura esses elementos num todo coerente no contexto social desses indivíduos, tornando as partes indissociáveis. Portanto, a memória do Medeiro Velho se manifesta como um elo, e o episódio da incorporação reforça o compromisso coletivo. Dessa forma, cada folião não pode falhar em seu compromisso individual com os santos, com as almas do Cruzeiro nem com a Folia para não prejudicar o compromisso coletivo, de cumprimento indispensável e inquestionável.

3 Folia dos Colodinos: visibilidade e sucesso no cenário leopoldinense

A Folia dos Colodinos é um dos grupos de Reis mais conhecidos na área urbana de Leopoldina. Muito de sua fama se deve ao fato de cantar tradicionalmente na Igreja do Rosário⁵¹ na missa do Dia de Reis, 6 de janeiro⁵². E, por ser uma Folia relativamente antiga e estável, sua longa existência no cenário festivo leopoldinense acaba contribuindo para o seu reconhecimento na cidade. A Folia dos Colodinos está “na estrada” desde 1955, sem falhar sequer um ano.

Hoje essa Folia conta com a presença de 19 foliões e um palhaço. Essa função é cumprida com maestria por Roninho, um palhaço completo, pois ele apresenta já bem desenvolvidas todas as habilidades físicas e mentais que um mascarado deve ter. Além disso, um palhaço deve ser carismático para conquistar a assistência. Roninho apresenta grande habilidade com as rimas e com a dança; com simpatia e alegria consegue arrancar gargalhadas e dinheiro da assistência que se entusiasma com a sua presença.

A Folia dos Colodinos é um grupo de caráter urbano, embora tenha suas raízes na zona rural de Leopoldina. Apresenta-se tanto em periferias, como na área central do município e também na zona rural. Pude acompanhá-la em 2011 quando já pesquisava o tema da Folia de Reis no bairro São Cristóvão, periferia da cidade, como também na região mais central. Fiz parte da sua assistência durante toda a minha infância na casa de meus vizinhos, assim como na zona rural, no sítio onde bateu⁵³ em 2013 e agora em 2014.

É uma Folia bastante disputada, muitas vezes tem que partir para Recreio⁵⁴, rumo às casas de devotos que esperam todos os anos sua visita. Recreio, assim como Leopoldina, é um município que tem numerosos grupos respeitados e tradicionais. Mesmo assim, cada devoto tem suas preferências, e a presença da Bandeira dos Colodinos em sua casa todos os anos é uma delas.

Certa vez, minha vizinha ficou chateada por perder a data de sua visita para um devoto de Recreio que havia agendado antes dela. Houve um pequeno desentendimento, pois ela marcou com o folião de Leopoldina, e o outro devoto marcou com o folião que mora em Recreio; somente perto da data perceberam a coincidência do dia. Como os foliões e minha vizinha são da mesma família, tudo terminou bem, marcando outro dia para a visita dela.

⁵¹ A Igreja do Rosário se localiza na área urbana e central da cidade de Leopoldina.

⁵² Neste ano, a cantoria foi na Igreja São José por uma impossibilidade na Igreja do Rosário.

⁵³ Termo utilizado pelos foliões que significa tocar os instrumentos. Ou seja, “bater” nesse sentido equivale a “visitar”.

⁵⁴ Cidadezinha vizinha de Leopoldina, próxima à Serra dos Barbosas.

As datas são concorridas na agenda dos Colodinos: são apenas seis dias para ir à casa de todos os devotos que desejam receber sua Folia. Seu Geraldo, o responsável pela Folia, ressalta esta questão em entrevista dizendo:

Ô menina, eu vou te falá a verdade, com a licença da palavra, é tanto chamado que a gente num dá tempo, tendeu? Que já tem mais ou menos assim as casa dos amigo, de parente que vai, tendeu e se você dexá aquela casa, ele fica chateado. Como graças a Deus tá seno muito chamado, mas tem que explicá a pessoa porque o motivo que nós num vamo, porque nós sai em período de poucos dia, tendeu? Nós sai no período assim de, dos dias dos Reis mesmo, dia primeiro de janeiro a seis de janeiro, nessa data nós encerrâmo, que sempre meu pai fez isso.⁵⁵

No dia 6 de janeiro, a visita à casa de Dona Zezé é certa. Todos os anos, ela oferece um farto jantar para a Folia fazer a Entrega da Bandeira. Depois a Folia vai bater na missa da Igreja do Rosário, que fica razoavelmente próximo à residência de Dona Zezé, e depois voltam para sua casa para fazer a Entrega da Bandeira.

Porém, em 2014, o padre responsável por essa Igreja foi transferido, e outro assumiu o posto. Segundo os foliões, o novo padre saiu de férias, e a igreja não realizaria a tão esperada missa do Dia de Reis. Esta missa costumava encher a igreja, obrigando muitos fiéis a assistirem-na de pé. Devido à impossibilidade de marcar a cantoria na igreja do Rosário, o grupo procurou a Igreja São José⁵⁶, uma Igreja maior que a do Rosário, que também foi tomada pelos fiéis. O único desconforto se instala na distância da casa de Dona Zezé, mas isso não fez com que a devota e os foliões desanimassem; ela fez tudo como em todos os anos, pagando sua promessa no encerramento da jornada da Folia dos Colodinos.

Neste capítulo, descrevo também alguns acontecimentos relevantes, que fazem parte da história da Folia. Conto o caminho percorrido com certos percalços pelos quais o grupo passou e o enfrentamento para seguir a sua longa jornada de mais de meio século.

3.1 Tradição perdida? O que se ganha e o que se transforma nas “perdas”

Sendo a única Folia abordada na qual se pode observar a experimentação de um impacto tão expressivo como a mudança de um espaço para outro, sendo obrigada a criar novos laços sociais e solidificá-los para que pudesse prosseguir com seus giros, foi necessário refletir sobre alguns aspectos. Compreender os aspectos dinâmicos da tradição, na cidade ou

⁵⁵ Entrevista realizada com Seu Geraldo no dia 7 de janeiro de 2011, na Praça da Bandeira, em Leopoldina.

⁵⁶ Igreja localizada no bairro Nossa Senhora de Fátima, próximo ao centro da cidade.

no campo, e do Catolicismo Santorial, enquanto religiosidade plástica passível de mudanças, é fundamental. Ao

contrário da concepção de que o catolicismo popular é passivo e estático, há uma flexibilidade nos gestos, uma articulação social e cultural. O povo vai, a seu modo, construindo sua história nas cidades, no campo, no interior. No seio de suas práticas irrompem a palavra e várias formas de manifestação articuladas com a vida e a história (PASSOS, 2002, p. 179).

É importante ressaltar que a tradição oral, tão cara às sociedades africanas, mostra-se como via legítima de continuidade da tradição das Folias de Reis (MONTEIRO, 2005). O ritual passado de geração para geração, de pai para filho, num processo hereditário, mantém seus traços essenciais por meio da tradição oral. Não há um roteiro escrito a ser seguido, mas uma ritualística experienciada por esses foliões desde cedo e que acaba sendo interiorizada, a partir do vivido. Também não há outro modo de se transmitir a performance do palhaço senão pelas palavras esclarecedoras dos mais antigos e pela observação e participação mesmo como plateia, do momento da chula.

A tradição oral é forte e viva em Leopoldina e através dela a tradição continua sua trajetória rumo à posteridade, não sem as ressignificações ricas e necessárias. Para se compreender o processo pelo qual a Folia se mantém com vigor no município, é preciso considerar a tradição oral como ponto importante do processo de continuidade cultural, como parte significativa de um todo.

A longevidade da tradição não encontra um forte aliado apenas na oralidade, mas também no processo de ressignificação, o que pode ser definida como a capacidade de adaptação a novas situações. Importa-me compreender então a relação que os foliões mantêm com as festas religiosas no sentido de manter e construir sua tradição, como atores da sua própria história.

Nesse contexto, convém explicitar que essa tradição não corresponde a um tradicionalismo estático, estagnado no tempo e no espaço como uma mera repetição de práticas e rituais obrigatórios. Capone (2004, p. 255) afirma que tradicionalidade é diferente de tradicionalismo. Este é entendido como um comportamento ligado à perpetuação da tradição, já a tradicionalidade é uma qualidade inerente ao tradicional, configurando-se como os traços essenciais de uma prática ou de um grupo.

A tradição não está imune às transformações que operam no seio da sociedade na qual está inserida. As mudanças estão presentes na tradição e, nesse sentido, ela passa por “uma arrumação constante e inconsciente do passado operado pelo presente” (CAPONE, 2004, p.

256). Se há algo de perpétuo, preservado de maneira imutável, é a capacidade de readaptação da tradição, através de sua ressignificação, o que impede sua “falência”. A tradição não é um dado pronto e acabado, mas é continuamente reinventada e construída a partir da interação social. Além disso, esse processo interacional conduz a construção da identidade do grupo (CAPONE, 2004). Dessa forma

Não se pode pensar a tradição como um simples reservatório de ideias ou elementos culturais: ela é antes de tudo um modelo de interação social. E, por isso, torna-se um dos principais instrumentos de construção da identidade, por meio da seleção de um número determinado de características que ajudam a estabelecer as fronteiras entre nós e os outros (CAPONE, 2004, p. 257).

Portanto, a tradição é elemento vivo, em constante ressignificação, que trilha um caminho coerente com a modernidade e não em oposição a ela. Nesse sentido, não estabeleço como horizonte a defesa de um estado de pureza que legitime uma possível verdade para a Folia de Reis. Isso poderia inclusive definir rigidamente uma fronteira intransponível do que é certo e errado em uma dada tradição de um determinado grupo.

Tendo a tradição um caráter eminentemente interacional, construída coletivamente e notoriamente plástica, é possível perceber variações em cada grupo. A Folia da Maú, por exemplo, segue encerrando seu compromisso com os Santos Reis somente no dia 20 de Janeiro, dia de São Sebastião. Já os Colodinos só saem em jornada depois do dia 1º de janeiro. Essas remodelagens afirmam que a tradição não é algo dado, “mas continuamente reinventado, sempre investido por novas significações” (CAPONE, 2004, p. 257).

Quando determinada tradição perde sua plausibilidade para um grupo, deixando de fazer sentido, as pessoas não se identificam mais, perdendo assim aderência. Como aconteceu com a ideia dos integrantes terem de cumprir os sete anos no grupo, já abortada pelos Colodinos, entendida como arcaica, mas ainda presente na Folia da Serra e na da Maú. Ou com a prática dos Encontros de Folias, que foram se tornando cada vez mais perigosos e, por isso, quase extintos em sua totalidade. Sobre esses Encontros, os foliões relatam que muitas vezes o duelo não ficava apenas no universo das Profecias, saía do controle e partia para a agressão física. Maú contou que por vezes o óbito de foliões era o resultado dos Encontros. Por isso eles são tão temidos e evitados atualmente. Diante disso, é possível compreender a necessidade de proteção da Bandeira, reiterada pelos foliões, ou da reza de pais ou mães de santo, patuás e guias usadas durante os giros. Qualquer elemento que possa repelir o mal,

tanto no plano espiritual como físico, conferir proteção ao folião durante a peregrinação, são bem vindos. Até mesmo o cajado do palhaço se torna uma arma nessas situações perigosas.

Portanto, essas transformações impulsionadas pelas alterações sociais e de outras naturezas diversas devem ser encaradas como participativas de um processo de permanência e não de perda. A plasticidade da tradição é o que a mantém viva como um elemento de interação social, tornando a identificação permanente, o que faz parte do processo de construção da identidade daquele grupo de pessoas.

Assim, a tradicionalidade da Folia de Reis não pode ser entendida como uma essência que se extingue e, por isso, ser necessário o seu resgate, como uma sobrevivente, ainda protegida dos solavancos do mundo atual em um pequeno lugarejo. Também não é plausível analisar Leopoldina como um lugar perdido no caos da modernidade, que resiste a ela e se torna um reduto que abriga a tradição. Essa oposição binária entre tradição e modernidade, já problematizada por Capone (2004, p. 256), não se aplica na perspectiva desta pesquisa. Pretendo seguir o caminho contrário, o que não propõe uma visão de puro versus impuro, que não legitime uma posição de pureza em uma manifestação que em sua gênese já se encontra “degenerada”, permeada por influências outras incontestáveis. Portanto, não há perda de tradição. Nesse sistema há soma, transformações e ressemantizações, próprias do contexto do Catolicismo Santorial no qual se insere o folguedo de Reis.

Permeando a tradição, adentrando o território plástico do Catolicismo Santorial e enfatizando toda a dinâmica da Folia de Reis enquanto um conjunto de crenças múltiplas, operadas por pessoas simples em um campo complexo, encontram-se as narrativas vividas, criadas ou construídas por essas pessoas. Nesse campo interacional, estabelecido coletivamente, as vivências se expressam e são carregadas de significados rizomáticos que apontam a riqueza da Folia enquanto manifestação religiosa. E para conhecer essas narrativas densas em conceitos e significados próprios dessa festa e coerentes com o contexto em que ela se insere, é preciso recorrer aos mais velhos, àqueles que detêm o conhecimento ritual e das histórias que perpassam esse ambiente.

3.2 Histórico da Folia dos Colodinos

Seu Geraldo escreveu um pequeno histórico da Folia, indicando local e data de fundação, nome original (inicial) do grupo, o nome do antigo dono e trajetória da Folia dos Colodinos. Com base nesses escritos que me foram entregues de bom grado pelo folião e baseado em informações colhidas no trabalho etnográfico, em conversas informais e

entrevistas, serão adiante relatados os pontos centrais que podem situar o leitor no contexto da Folia dos Colodinos.

Abordo aqui a origem do grupo na Serra das Virgens, passando por sua mudança para a área urbana e adaptação nesse novo cenário, entre acontecimentos engraçados e discussão sobre o surgimento de tabus em torno das folias.

Além de contar a história e trajetória do grupo de maneira mais detalhada, explano narrativas que fazem parte do imaginário e identidade dos foliões. São narrativas contadas, criadas e recriadas em torno de figuras emblemáticas da família dos foliões, como o próprio Juca Colodino, antigo dono da Folia e pai dos atuais responsáveis pelo grupo, Seu Maceno, sogro de Juca e Tio Jacinto, tio desses foliões. Esses personagens se incluem em um grupo de sacerdotes populares, que, entre outras atribuições, “concentra o poder inquestionável de redimir, salvar, abençoar pessoas e propriedades, atualizar dívidas e regrar as obrigações simbólicas dos vivos e dos mortos” (BRANDÃO, 2007, p. 296).

A questão do aprendizado oral e hereditário nesses contextos também foi abordada de maneira a não contrapor a oralidade e a escrita, afirmando que uma forma não exclui a possibilidade de uso da outra.

Dessa forma, o leitor vai se aproximar do histórico da Folia dos Colodinos e das histórias que permeiam seu universo, compreendendo sua dinâmica e os meios de reprodução utilizados para a permanência da tradição, recriando-a de acordo com os novos contextos.

3.2.1 Origem e trajetória do grupo

Fundada no dia 4 de julho de 1955, data de aniversário do Seu José Morais da Silva, mais conhecido como Juca Colodino, a Folia inicia seu giro no final desse ano. Juca fez nessa ocasião uma reunião com seus filhos, cunhados, compadres, afilhados, vizinhos e amigos mais próximos, na qual ficou decidida a saída da Folia, sob o seu comando no dia 24 de dezembro até o dia 6 de janeiro. Hoje a Folia dos Colodinos realiza suas visitas do dia 31 de dezembro a 6 de janeiro.

Observa-se que Colodino não é o sobrenome da família, fazia parte do apelido herdado do pai do Seu Juca Colodino. Seu Geraldo em entrevista diz: “Meu vô chamava José Craudino⁵⁷. [...] e nós num tem nada de Colodino, meu nome é Geraldo Morais do Vale,

⁵⁷ Para ser mais fiel ao relato do folião, transcrevi conforme sua fala, mas o nome do avô era José Claudino, o que gerou o nome Colodino.

então, mas vem da família do pai, né? então é Folia dos Colodino.”⁵⁸ Os foliões decidiram manter o apelido do pai, que herdou do avó, para se identificarem enquanto coletividade em torno de sua memória.

Pode-se dizer que é uma Folia de “condição mista”, pois foi fundada na zona rural e depois se deslocou para a área urbana. Como escreve Seu Geraldo, seu local de origem é a “boca da mata, na divisa de Recreio/MG e Leopoldina/MG”, mais especificamente na Serra das Virgens, no mesmo cenário da Folia da Serra, só que mais de um século depois. Tocava tanto na zona rural como na cidade de Recreio. Mais tarde, em 1970, estabeleceu-se definitivamente em Leopoldina, mas todos os anos passa uma noite na cidade vizinha contemplando seus devotos de lá.

Durante muitos anos, a Folia tocou em Recreio, onde ficou muito conhecida, afinal é a cidade de origem do Seu Juca Colodino. É importante frisar que os integrantes da Folia precisam estabelecer laços sociais no ambiente onde atuam: o folião “deve estar imerso numa teia de relações sociais para sair com sua Folia. Caso contrário, corre o risco de não ser recebido pelos devotos, que também são vizinhos, parentes e conhecidos” (CHAVES, 2003, p. 77).

Dessa forma, sendo o Seu Juca Colodino nascido e criado na cidade de Recreio, conhecia muitas pessoas por lá que gostariam de receber a Folia em sua casa. Em sua cidade natal, os laços sociais fundamentais para que a Folia seja bem recebida já estavam construídos e solidificados. “Percebe-se, portanto, ser necessário a existência prévia de um espaço social para que a Folia de Reis possa sair e ser recebida nas casas” (CHAVES, 2003, p.78).

Mais tarde, os foliões estabeleceram também em Leopoldina as relações necessárias para que o giro se firmasse neste local. Como se pode notar, a Folia depende dessas relações de vizinhança e parentesco *a priori* e ao mesmo tempo cria mecanismos que reafirmam e mantêm tais laços coesos. Ela precisa dessas relações para ser aceita no contexto social em que atua e, visitando as casas, ela consolida essa ligação e a torna mais forte a cada giro, nutrindo a rede de relações sociais que sustentam a tradição da Folia de Reis e a mantêm sempre viva.

Em 14 de julho de 1970, a Folia do Juca Colodino foi forçosamente transferida para o contexto urbano, devido à mudança do Seu Juca do campo para a cidade de Leopoldina, onde até hoje o grupo encontra-se estabelecido. A década de 1970 foi o momento em que o

⁵⁸ Entrevista realizada com Seu Geraldo no dia 7 de janeiro de 2011, na Praça da Bandeira, em Leopoldina.

município sentiu fortemente a queda do número de habitantes na zona rural, o que continuou nas décadas que se seguiram, chegando nos anos 2000 com a marca de 6.604 habitantes.

A queda do preço do café nos fins do século XIX fez com que o município no século XX procurasse outros meios de produzir riquezas, trocando as enormes plantações de café, que exigia grande quantidade de mão de obra, pela produção de leite, que demandava menos pessoal. Isso provocou uma paulatina migração das pessoas do campo para cidade, em busca de melhores condições de vida. A tabela abaixo demonstra a queda do número de habitantes da zona rural de Leopoldina a cada década a partir de 1970 até 2000.

	1970	1980	1991	2000
Feminina	8.313	5.213	4.101	3.088
Masculina	8.923	5.921	4.754	3.516
Total	17.236	11.134	8.855	6.604

Tabela 4: queda do número de habitantes na zona rural de Leopoldina de acordo com os decênios
Fonte: <http://www.leopoldina.mg.gov.br>

Com a mudança para a periferia da cidade, no bairro Alto do Cemitério⁵⁹, a Folia teve de se adaptar ao novo contexto e aos hábitos urbanos. O Seu Dedé, simpático folião de expressão no grupo devido a sua idade e experiência, relata-me uma história interessante, com um toque de humor, que ilustra essa nova condição. Narra que, assim que mudaram para a cidade, o Seu Juca Colodino estabeleceu que os foliões não andariam mais descalços como na roça; eles estavam na cidade e deveriam andar calçados como as pessoas da cidade.

Porém, um dos foliões, tio do Seu Dedé, gostava de “tomar uma cachacinha” e, por isso, tinha os pés inchados. Ele ressalta que antigamente “usava” beber, mas hoje nenhum folião bebe durante o giro. Mesmo com os pés nessa situação, ele respeitou a decisão do dono da Folia, que era soberana, e calçou os sapatos novos. Os foliões cumpriram o seu giro naquela noite com os pés “aprisionados”, andando durante a madrugada inteira. Quando chegaram em casa, todos os integrantes se sentiram aliviados em retirar os sapatos, mas o tio do Seu Dedé não conseguiu tirá-los. O fato é que com a longa caminhada os seus pés incharam ainda mais e não conseguiu retirar o calçado. Seu tio teve que dormir calçado e somente no dia seguinte conseguiu soltar os pés.

Pode-se notar que a mudança do dono da Folia para o cenário urbano provocou também uma transformação dos hábitos daquelas pessoas. Além disso, com os anos, a questão

⁵⁹ Bairro situado nas redondezas do cemitério da cidade de Leopoldina.

da “cachacinha”, que era comum entre os foliões, tornou-se um tabu. Seu Geraldo disse o seguinte em uma conversa comigo: “Beber, todo mundo bebe, mas nos dias de giro não pode, eu não deixo!” Contou que um de seus foliões chega em casa embriagado constantemente, perde até emprego por conta do vício. Mas, nos dias de Reis, ele chega em casa “inteiro”. A mãe do rapaz fala com Seu Geraldo para sair com a Folia o ano todo para que ela possa ver o filho sóbrio.

Muitos donos de Folias respeitadas proibiram o uso de álcool durante a jornada, não só em Leopoldina, mas também em outros lugares onde as Folias passaram com o tempo a serem mal vistas. Bastos (1973, p. 32), na década de 1970, ressalta que em Juiz de Fora as Folias de Reis tinham praticamente desaparecido nessa época devido “inclusive à sistemática prevenção das forças policiais que sempre consideraram esse tipo de folguedo como arregimentação de marginais”. Hoje as folias juizforanas reapareceram, inclusive com o apoio da prefeitura, mas ficou na população fixada aquela ideia de que folião é sinônimo de cachaceiro. Mesmo que em Leopoldina isso não tenha acontecido de maneira tão severa como em Juiz de Fora, a bebida alcoólica foi suspensa nos dias de giro, para definir que naquela Folia não tem “bagunça”. A ausência da bebida transmite credibilidade e assim a Folia passa a ser encarada com respeito pela população como uma forma de devoção.

Chaves (2003) destaca a fala de mestre Tachico de Rios das Flores (Rio de Janeiro) a respeito dessa proibição: “não quero cachaça atrás da bandeira. Aquele que tiver bebido um gole de cachaça faz favor de ficar em casa, num cumpanha essa missão, porque não quero bebida de álcool atrás dessa bandeira sagrada” (CHAVES, 2003, p. 91). É possível perceber que a seriedade que hoje os mestres costumam ressaltar é uma construção social e uma estratégia de ocultar uma suposta falha na organização de sua Folia. Querem escamotear o que sai de seu controle e por isso são enfáticos ao afirmar reiteradamente que seus foliões não bebem em giro. Porém, tal afirmação parece ser mais uma forma de se defender de possíveis acusações acerca da falta de seriedade e crença de algumas folias e foliões específicos. Dessa forma, acreditam afastar de seu grupo a possibilidade de taxá-lo como uma Folia que sai somente pela diversão e não pela devoção. Mas, na verdade, esses dois elementos andam de mãos dadas no giro das Folias, sendo impossível dissociá-los. Já presenciei vários foliões da Maú tomando cerveja em um bar depois da Cantoria no cruzeiro e nem por isso são menos devotos que o mestre, quem proíbe tal conduta. O que Seu Geraldo afirma é que chegar à casa a ser visitada com cheiro de cachaça diminui a credibilidade do grupo frente aos devotos que os encaram como representantes de Santos Reis. O que ele não pontua é que vigiar o que cada folião faz depois das visitas é uma tarefa impossível.

A tarefa de exigir a conduta adequada dos foliões sempre foi do Seu Juca Colodino, como mais uma das atribuições de dono e mestre da Folia. Porém, em 10 de julho de 2002, ele veio a falecer, sem faltar sequer um dia no seu compromisso com os Santos Reis. Diante da situação, Seu Geraldo reunido com seus irmãos, filhos, sobrinhos, compadres e amigos decidiram que ele seria o responsável pelo grupo que passou a se chamar Folia dos Colodinos. Mas a memória do antigo dono continua pulsante tanto nos foliões como nos devotos. É notável que os integrantes não conseguem chamar o Seu Geraldo de dono da folia e a população continua se referindo a eles como Folia do Juca Colodino.

A Folia dos Colodinos é o grupo que apresenta grande visibilidade no cenário devocional da cidade de Leopoldina. O compromisso que os foliões apresentam em relação ao giro da Folia é movido pela fé e devoção aos Santos Reis, o que não os deixa esmorecer na longa jornada quase sexagenária.

Seu Geraldo conta que já morou em Petrópolis, e dois de seus irmãos moraram em São Paulo. A distância não foi um obstáculo. Programavam as férias para esta época do ano, para poderem louvar os Santos Reis. Nem problemas de saúde ou impossibilidade de locomoção pararam esses homens movidos pela fé:

Os Santo Reis pra nós, nós tem uma fé nele, uma fé nele fora do comum, graças a Deus. Eu memo, eu falo memo, eu memo, eu fui acidentado numa ocasião, muito mal, fiquei mal mesmo, mas, graças a Deus, tô aí. Foi em 2001, eu tava trabalhano, eu ia pra Curitiba buscá mudança, mexia com negócio de mudança, num caminhão. Nós sofremo um acidente no caminhão e eu fiquei desmaiado dezesseis hora, o acidente foi na base de três, dez pras três da madrugada, eu fui dá “se” seis hora da tarde, essa hora se ocê me contá o que aconteceu, num sei de nada. Então, graças a Deus, eu tô aí. Cê vê: foi em setembro, quando foi em janeiro, a Folia saiu e eu saí junto! Quebrei a perna em cinco lugar, quebrei uma perna em dois lugar e a outra quebrei em três lugar, tendeu? Então, pra mim, eu andava de muleta e fiz uma cadeira de bar, de botequim, de ferro, levantei os pé dela, pra mim tocá sentado, eles que carregava pra mim, tendeu? Eles carregava, eu num carregava pra casa, eu só andava com a muleta, um carregava minha viola, outro carregava a cadeira, eles abria ela, eu sentava e cantava com meu irmão na frente. Graças a Deus, eu tô aí, e tô continuano com essa Folia e vou continuá.⁶⁰

Os foliões creem que é nesse momento que devem mesmo sair com a Folia, pois, além de agradecer a graça de não morrerem no acidente, acreditam que os Santos Reis expulsam o

⁶⁰ Entrevista realizada com Seu Geraldo, no dia 7 de Janeiro de 2011, na Praça da Bandeira, em Leopoldina.

mal do corpo e curam qualquer enfermidade. A prática das promessas é tão usual no contexto das Folias de Reis e a sua eficácia é afirmada com exemplos de pessoas próximas aos foliões.

A Folia dos Colodinos é bem estruturada e, no que depender da fé desses foliões nos seus santos de devoção e da recepção dos seus devotos, ela ganhará a posteridade. Se muitos consideravam as condições do mundo atual como o maior entrave para a sobrevivência desses grupos, a intensidade e exuberância dessas Folias na atualidade evidenciam o equívoco. Redefinem-se sem perder a essência, que é justamente a fé e a devoção dessas pessoas, que deixam tudo para seguir a sua Bandeira, pois atrás dela as necessidades são sanadas, e a proteção é alcançada.

A partir desse breve histórico da Folia dos Colodinos, tratarei adiante questões como tradição, tradicionalidade, resignificação e permanência, que perpassam o universo das Folias de um modo geral. E sob um aspecto mais específico, tange também a história deste grupo que se viu obrigado a se redirecionar, remodelar, reorganizar e se ressemantizar sem deixar de “manter” a tradição, diante de um contexto totalmente novo, o urbano.

3.2.2 A Folia dos Colodinos e outras histórias

A Folia dos Colodinos apresenta, assim como as outras, alguns foliões muito antigos, que dominam o ritual pela experiência. Além do conhecimento ritual, também há muitas histórias para contar.

Seu Dedé começou a tocar em Folia ainda jovem⁶¹ e hoje, com 75 anos, ainda se mostra com bastante entusiasmo para prosseguir com o seu compromisso. Além dele, seu irmão Carlos Eleno e o afilhado de seu pai, o sanfoneiro Darilo, iniciaram com 8 anos cada, e este ano completam respectivamente 63 e 68 anos.

O atual mestre do grupo, Seu Luiz, entrou com apenas 7 anos e, segundo os foliões, com 8 já afinava os instrumentos e com 13 já conhecia as Profecias. Seu Geraldo conta em entrevista que ele e os irmãos já saíam em outras folias desde pequenos:

Mas aí saía em outras Folia, tendeu? Eu e meus irmão. Eu tenho irmão, tem irmão que com 8 anos começou a saí em Folia, tendeu? E tá até hoje na Folia, tendeu? Então eu já comentei, comentei atrás, falei contigo, nós era muitos irmão, com muitos amigo, por isso nós ajudava outra Folia, então a Folia dava na base de uns cinquenta, quase sessenta folião, era muita gente, aí por isso que nós fizemo a reunião, né?⁶²

⁶¹ Seu Dedé não se lembra com que idade exatamente ele iniciou na Folia, mas afirma que era muito novo.

⁶² Entrevista realizada com Sr. Geraldo, no dia 7 de Janeiro de 2011, na Praça da Bandeira, em Leopoldina.

Seu avô, Seu Sebastião Damaceno, mais conhecido como Maceno, sogro do Seu Juca, também tinha uma Folia. Juca Colodino iniciou no grupo do sogro aos 17 anos, mas já saía em outros desde os 6 e não parou mais até a sua morte aos 87 anos. Maceno era um homem analfabeto e, de acordo com os foliões, sabia de cor mais de três mil versos. Contam que sua mãe ajudava o avô a decorar versos novos, ela escrevia e depois “tomava dele os pontos” como se fosse uma tabuada.

Essa capacidade de memorização é muito apreciada entre os foliões, pois o grupo depende dela. Se o mestre possui esta habilidade, como Seu Luiz, que parece tê-la herdado do avô, ele tem um grande atributo a seu favor para ser bem sucedido nesta função. Chaves (2003) assinala que

A capacidade de armazenar grande quantidade de versos sequenciados, que compõem a memória de um folião⁶³, é um passo fundamental na sua formação. Nesse caso, o folião coloca-se como uma espécie de “guardião do saber e da memória”, como alguém que guarda um repertório que deve ser usado e atualizado a cada ano, durante a jornada da Folia (CHAVES, 2003, p. 67).

O esforço do mestre é individual, e muitos se empenham no estudo das cópias escritas que seu mestre anterior lhe deixou, fazendo assim uma análise sobre o saber oral e o escrito (CHAVES, 2003). No caso supracitado, o esforço individual é evidente, porém não é solitário. Como Maceno era analfabeto, guardava o saber apenas na memória e seu aprendizado se dava tão somente a partir da oralidade. Esse era o método em que “a métrica das palavras, seu caráter versejado, parece ser elemento importante para entendermos a memorização de grande quantidade de informação” (CHAVES, 2003, p. 67). Era a filha quem organizava de maneira escrita tais versos a fim de ajudar o pai na tarefa de decorar novos versos sem nada perder. É por isso que não se mostra pertinente apontar uma oposição entre o aprendizado oral e o escrito nessa tradição de conhecimento (CHAVES, 2003, p. 69).

Seu Maceno adquiriu seu conhecimento apenas pela oralidade e na vivência do ritual, consagrando assim a eficiência desse método de aprendizagem. Porém, nada impede que a escrita também seja uma via possível e que caminhe uma junto com a outra. É fato que o método escrito sozinho não elimina a vivência e a oralidade, pois o jeito de se cantar só pode ser aprendido experimentando e observando o ritual, mas a escrita pode ser uma via legítima para ajudar a perpetuar um conhecimento oral.

⁶³ Quando Chaves (2003) diz folião ele se refere ao mestre. Na cidade de Rio das Flores, onde realizou seu trabalho etnográfico, o mestre é tratado como mestre folião ou somente folião, os outros integrantes da Folia são chamados de companheiros.

É comum, hoje, que os mestres ou donos das Folias tenham um caderno contendo os versos que cantam, porém nem sempre disponibilizam aos olhares curiosos, pois é um saber guardado com discrição. Mesmo que se revele o contrário, a ideia de que alguém possa “roubar” seus saberes ainda aflige as Folias mais tradicionais. Sabem que estão sendo filmados, registrados e que seus versos podem ser transcritos e até concordam com isso. Mas no fundo sempre revelam, mesmo sem perceber, uma sombra de desconfiança num olhar, num gesto, numa palavra e mesmo com uma mentira, como “o livro que se perdeu na mudança”. O pesquisador nunca irá saber se de fato se perdeu ou é apenas uma mentira para proteger o saber, não proteger do pesquisador, mas das outras Folias que podem ler o que o etnógrafo veio a escrever a partir de sua pesquisa. Alguma parte sempre se consegue alcançar, mas o material completo na íntegra tem veiculação limitada.

Segundo os Colodinos, Seu Maceno era o “rei dos foliões”, dizem que “com ele ninguém podia”, e o Seu Juca Colodino aprendeu muito com o sogro. Muitos integrantes inclusive de outras Folias relatam que no giro as cordas do instrumento arreventam sem parar, o folião perde a voz, o palhaço fica sem ação, tudo isso como resultado de fenômenos sobrenaturais operados por outro folião, por inveja, maldade ou outro motivo. Observo que o mestre e o palhaço da Folia da Maú comentam que já aconteceram coisas parecidas na Folia deles.

Segundo os integrantes da Folia dos Colodinos, Seu Maceno era temido na cidade por conta dessas habilidades com as forças sobrenaturais. Afirmam que ele desafinava instrumentos só de olhar, “rouquejava” foliões em Encontros de Folias e se ele não quisesse ser visto as pessoas simplesmente passavam por ele sem notá-lo. Percebe-se que, por conta de sua desenvoltura com o plano sobrenatural, ele era temido e respeitado e essas habilidades são atribuições que um mestre de Folia deve apresentar para exercer sua função com maestria. Por isso eles dizem que o avô era o “rei dos foliões”. Perguntei como ele fazia essas coisas, responderam que ele tinha certas orações para isso. Insisti e questionei que orações eram essas; eles respondem que não sabem, mas o Juca Colodino sabia algumas que o sogro lhe ensinara.

O Encontro de Folias era uma situação muito temida pelas Folias iniciantes e preocupante até para as mais tradicionais, com os seus mestres já consagrados pelo tempo. Isso testava a sabedoria dos mestres, quando um versava o outro tinha que saber responder à altura. Porém, nesses momentos, os mestres não hesitavam em utilizar conhecimentos de outra ordem, os saberes dos segredos, escondidos a sete chaves e não revelados a pessoas de fora do círculo familiar, por vezes desconhecidos até pelos próprios foliões do grupo.

Segundo Chaves (2003), fazem parte desses saberes rezas fortes, práticas de cruzamento⁶⁴, cantar no centro espírita, geralmente de umbanda, pedindo proteção e cantar para as almas no Cruzeiro. E “diferentemente da parte da cantoria, que é pública e qualquer um pode ouvir, os conhecimentos guardados não são revelados” (CHAVES, 2003, p. 75).

Seu Maceno utilizava de seus saberes dos segredos para vencer a disputa. Em Encontro de Folia, todo conhecimento é válido para subjugar o adversário, pois quem perdesse tinha seus instrumentos confiscados junto com a sua Bandeira. A maior humilhação para uma Folia é voltar para casa sem a sua guia⁶⁵.

Seu Dedé diz que, para ter os instrumentos e a Bandeira de volta, a Folia perdedora tinha que se preparar para “cantar bonito” e até se humilhar, cantando ajoelhado na lama, se fosse necessário. Diante da sabedoria de Seu Maceno, já conhecida por todos nas redondezas, muitas folias fugiam do Encontro, mudavam a rota quando sabiam que quem vinha era a sua Folia. Os Colodinos contam isso com orgulho da sabedoria do avô.

No Catolicismo Santorial, existem dois tipos de sacerdotes: “O primeiro é formado por uma variedade de agentes religiosos leigos, não-ordenados: os benzedores, rezadores, mestres de folias, beatos, etc. O segundo, mais definido, está constituído pelos bispos e padres” (STEIL, 2001, p. 26). Seu Maceno, enquanto mestre da Folia e manipulador de forças sobrenaturais, está inserido na primeira definição de sacerdotes, aqueles que não têm o seu poder legitimado pela instituição, mas pela eficácia simbólica de sua atividade religiosa, produzida e reconhecida pelo seu grupo social (STEIL, 2001, p. 26). Sobre esses sacerdotes populares, Brandão (2007, p. 295) afirma que

Sacerdotes e feiticeiros do sistema não eclesiástico e não sectário do catolicismo e os de cultos populares de possessão são avessos a pregar, [...] não desempenham nenhum tipo de atividade proselitista em estado de missão: preferem ser lembrança acesa de repertórios consensuais de crenças e práticas, de tal sorte que, quanto mais consagradas, tanto mais suas fórmulas de trabalho são acreditadas.

Esses sacerdotes não institucionalizados são detentores da força conhecida como o poder do fraco, discutido por Turner (2013, p.101) quando descreve a relação entre os lundas, militarmente fortes, e mbwelas o povo autóctone subjogado, e seus respectivos chefes

⁶⁴ As rezas fortes e o cruzamento são medidas profiláticas utilizadas pelos foliões para alcançar a proteção necessária durante as jornadas. A reza forte é a oração que se diz partir das pessoas pejorativamente chamadas de macumbeiras. Nesse caso, a reza serve para “fechar o corpo” do folião, como se fosse uma redoma espiritual. O cruzamento tem a mesma função, é uma prática popular na maioria das folias. Podem-se cruzar os uniformes e instrumentos dos foliões e a indumentária do palhaço principalmente, pois ele é o integrante que mais precisa de proteção por representar o mal. No terceiro capítulo, a prática do cruzamento será melhor apresentada.

⁶⁵ Muitas vezes a Bandeira é também chamada de guia, pois é ela quem guia e protege os foliões. Como a estrela guiou os magos até o Menino Jesus, a Bandeira vai à frente guiando a Folia para anunciar a boa nova aos devotos. A Folia de Reis segue sempre esse movimento de fazer o ritual à semelhança do mito bíblico.

representantes Kanongesha e Kafwana. Nessa relação, os mbwelas, na posição de povo estruturalmente inferior e subjugado, possuía um poder ritual superior aos dos militarmente fortes, o qual pode ser chamado de poder dos fracos.

Sweet (2007, p. 260) também assegura que os africanos no Brasil possuíam esse tipo de poder, que detinha uma eficácia simbólica tão forte que foi capaz de ser reconhecida pelos padres, pelo poder judicial e até, de certa forma, inverter a ordem social. A tal ponto de um branco abastado ir à cadeia em busca de um negro feiticeiro lhe oferecer presentes em troca de seus favores espirituais. Esse negro foi preso justamente por seus feitiços terem sido reconhecidos como criminosos diante do olhar judicial, o que afirma mais uma vez a eficácia simbólica de suas atividades no plano espiritual.

Apesar dos esforços da Igreja Católica em converter os negros, essa ideia de pura conversão não fazia parte do universo religioso africano (com exceção dos islâmicos), por conta de todas as interfaces da cosmovisão africana, permeada por práticas inclusivistas e de empoderamento já discutidas no primeiro capítulo (SWEET, 2007, p. 255). Destarte, o Catolicismo brasileiro foi alterado de maneira permanente por conta da religiosidade dos negros que exercia um forte fascínio nas pessoas, por apresentarem resultados que podiam ser vistos, sentidos e narrados. Dessa forma,

Apesar dos vários obstáculos físicos e filosóficos que a Igreja enfrentou nos seus esforços de evangelização dos escravos africanos, o período colonial conheceu a emergência de uma forma distinta de Catolicismo afro-brasileiro. O núcleo fundamental de crenças africanas permaneceu inalterado, mas foram introduzidos alguns elementos do Catolicismo, o que contribuiu para complementar e fortalecer as práticas rituais africanas. Este processo de africanização dos símbolos e crenças católicas transformou de forma permanente a Igreja Católica do Brasil, crioulizando-a de tal maneira que mesmo alguns brancos adotaram alguns dos novos significados, incluindo os crescentes poderes temporais da “pedra d’ara” e do culto aos santos (SWEET, 2007, p. 252).

É possível mais uma vez observar o sincretismo operado pelos negros que buscaram somar os símbolos católicos às suas crenças e dessa forma, inaugurar um novo tipo de Catolicismo, o Afro-brasileiro que se encontra na gênese do Santorial (SWEET, 2007). Pode-se aferir que os benzedores, rezadores, mestres de Folias e outros sacerdotes do Catolicismo Santorial são herdeiros dessa sensível transformação, que fez permanente a crioulização do universo católico no Brasil. Esses sacerdotes leigos, legitimados pela eficácia simbólica dos seus poderes dos fracos e respeitados por isso, são figuras emblemáticas em seu círculo social e suscitam a criação e veiculação de narrativas que demonstram o seu poder.

Depois de Seu Maceno, Juca Colodino também se tornou uma dessas figuras. Os foliões dizem que ele aprendeu com o sogro algumas rezas de proteção e as utilizava quando necessário. Contam os foliões que, em uma ocasião, Seu Juca se desentendeu com seu cunhado. Este muito nervoso, empunhou uma espingarda em direção ao folião e atirou. A arma mascou, e Seu Juca continuou ileso. Em outra ocasião, tentaram lhe enfiar uma faca no peito, a faca envergou, mas não entrou. E continuaram contando histórias fantásticas a respeito dos seus familiares que possuíam habilidades com o plano sobrenatural.

Narraram também com orgulho os poderes de Tio Jacinto, um mulato benzedor que conhecia a “ciência” do mudo espiritual. Onde o tio pisava, não precisava aceiro⁶⁶, ali o fogo não alastrava, parece que ele benzia o lugar. Cobra também não pegava: só com um olhar de Tio Jacinto o animal morria.

Esses sacerdotes não institucionalizados estavam munidos de muita fé, sejam em seus santos de devoção, nas almas ou em seus guias. Por outro lado, segundo Seu Geraldo, aqueles que ridicularizam a fé alheia ou não se “pegam” com os Santos Reis para sair em giro se colocam em situações desconfortáveis. O folião contou que o primeiro palhaço da Folia do Juca Colodino preferia “mexer com coisa ruim” e não se apegava aos Santos Reis. Um dia, ele levou uma surra de um espírito que ninguém via, ele tomou tanto tapa na cara que chegou a ficar toda vermelha. Seu Geraldo concluiu que faltou fé nos Santos Reis. Um caso mais recente foi o do rapaz que gostava de sair com a Folia só por conta da diversão. Era um bom cantor, segundo o folião, o rapaz tinha um vozeirão, mas um dia chegou em sua casa e começou a dizer que santo não existe e que os Santos Reis era uma invenção, não tinham poder nenhum. Seu Geraldo ficou bravo e perguntou por que então ele saía com a Folia e colocou-o para fora de sua casa. No outro dia, quando foi cantar na Folia, só o primeiro verso saiu, o segundo já saiu rouco, no terceiro não saía mais nada. Na segunda casa visitada, tentou de novo e nada. Ao fim da visita, aproximou-se de Seu Geraldo e disse: vou embora, não sei o que está acontecendo com a minha voz. O folião prontamente respondeu: eu sei! Não bateu no Santo, agora apanha!

Todas essas narrativas demonstram a crença no poder do sobrenatural e na comunicação com o mesmo, acreditando de fato que a partir da fé é possível manipular essas forças a seu favor. Tio Jacinto, Seu Maceno e Juca Colodino são pessoas compreendidas dentro do grupo especial de sacerdotes do Catolicismo Santorial:

⁶⁶ Faixa de terra carpida e limpa que protege o restante do terreno de incêndio ou queimada.

Combatidos por alguns setores do clero como magia ou superstição, e idealizados por outros pelo seu caráter popular e laico, os agentes religiosos populares exercem uma função sacerdotal de intermediários entre o sagrado e o profano dentro de um sistema de crenças e rituais pouco institucionalizados. Seu poder não advém de uma delegação institucional, como acontece com o poder do clero oficial, mas de um poder que é produzido pela própria comunidade ou grupo social no qual se radicam suas práticas (STEIL, 2001, p. 24-25).

Todavia essas práticas não morreram ou desapareceram. São vivenciadas na Folia dos Colodinos, na da Serra, na da Maú e em outros grupos. Em entrevista, MJ, palhaço da Folia da Maú, afirma que nessa função o brincante não pode ser “bobo” e tem que ficar atento ao mestre. Se na casa há alguém doente, e o mestre Turino começa a expulsar a enfermidade do local, o palhaço não pode ficar na porta, tem que sair porque senão a doença bate e entra nele. Se o palhaço for desatento, ou “bobo”, como disse MJ, ele fica lá esperando de “peito aberto”. Muitas vezes, ele avisa ao palhaço a hora de sair da porta para que ele não seja o alvo da enfermidade que está sendo expulsa. Na conversa, ele deixa claro que isso se aprende com o tempo e com os erros, mas tem que ficar sempre atento às orientações do mestre e dos palhaços mais velhos.

3. 3 A festa: o melhor jeito de adorar é festejar

A Folia de Reis, assim como o Catolicismo Santorial de uma maneira geral, tem o caráter penitencial e o festivo. Essas características díspares e opostas na mesma manifestação religiosa apresentam o leigo como elemento fundamental: “Esse leigo ativo do Catolicismo Santorial dinamiza as rezas, as devoções e a própria festa. Traz também as marcas de uma concepção mítica da religião, através do milagre, do sacrifício e da penitência” (PASSOS, 2002, p. 173). A Folia de Reis faz parte de um contexto no qual a festa assume uma posição central ao lado do sacrifício e da penitência. Importa salientar o papel da festa como força propulsiva do Catolicismo Santorial e como a devoção aos santos se manifesta por meio delas.

Se tomar algumas frases de Berkenbrock (2002, p.218-219) como: “Não é a religião que faz a festa, é a festa que faz a religião”, ou quando afirma sobre a importância das festas em algumas religiões: “A religião é organizada, institucionalizada, compreendida a partir desse pressuposto. Sem ele, estas religiões cairiam por terra como um balão que perde seu ar quente. Não teriam qualquer força propulsiva”, poderia se pensar que o autor está se referindo ao Catolicismo Santorial e suas incontáveis festas em homenagem aos seus inúmeros santos

padroeiros, de devoção ou milagrosos. Porém, o autor aponta para as religiões afro-brasileiras, afirmando ser a festa o ponto de partida das mesmas. Sob esse ponto de vista, há uma confluência entre o Catolicismo Santorial e as religiões afro-brasileiras. Ambos apresentam a festa como um elemento propulsor. Destarte, mais uma vez, manifestam-se as proximidades entre o Catolicismo e as religiões de matriz africana, afirmando o processo sincrético pelo qual passaram.

O sincretismo é entendido como diálogo entre lógicas ou sistemas diferentes, no qual um modifica o outro por conta dessa interação (BERKENBROCK, 1999, p. 168). Como consequência desse processo foi se moldando uma religiosidade devocional híbrida que está no cerne do Catolicismo Santorial. Como exemplo de manifestação inserida nesse contexto, pode ser citada a Folia de Reis.

A devoção e a festa têm na vida dos foliões papel central; a Folia representa para eles uma das poucas formas de lazer que lhes cabe, enquanto membros de uma camada social economicamente desfavorecida. É um espaço de alegria e diversão, onde todo o trabalho e as madrugadas em claro são recompensados, onde toda penitência é leve se apoiada no grupo e todo sacrifício é cumprido com prazer. A Folia “configura-se como uma cerimônia de festividade e troca, desenvolvendo-se como entretenimento e ritual para toda uma população de foliões” (MONTEIRO, 2010, p. 9).

Inicialmente, as festas religiosas não passavam de uma imposição do modelo europeu em terras brasileiras sem qualquer concessão aos elementos indígenas ou africanos. Mas, com o tempo, o controle clerical foi-se diluindo, e o povo passou a lhe imprimir uma conotação mais lúdica (PASSOS, 2002, p. 187). Essa forma de religiosidade, rica em cores, movimentos, danças e hibridismos, é própria do *homo festivus*: “dançar, cantar, rezar, fazer invocações são formas do *homo festivus* que se entrega ao louvor, para renascer na esperança” (PASSOS, 2002, p.172). Esse *homo festivus* pode ser encontrado em cada folião, em cada devoto que recebe a Folia em seu lar, em cada promesseiro que oferta o jantar, em toda criança com os olhos a brilhar ao ver o palhaço brindando a assistência com sua presença performática.

Mas de qual festa estamos falando? daquelas entendidas como divertimento das classes populares e sobreviventes arcaísmos, estagnadas no tempo, alocadas no campo do exotismo e figuradas como objeto histórico em vias de extinção que carecem de um projeto de salvamento em nome da memória? Não. Mas a festa como “forma lúdica de socialização e como um fenômeno gerador de imagens multiformes da vida coletiva, buscando mostrar como o vínculo social pode ser gerado a partir da poetização e da estetização da experiência humana em sociedade” (PEREZ, 2002, p. 17).

As festas religiosas populares, como a Folia de Reis, não deixam de ser um divertimento, mas não são só isso. Elas são um misto de sagrado e profano, devoção e prazer, penitência e gozo, uma fé que se manifesta na alegria do coletivo e que não envelhece com o tempo porque é permanentemente atualizada. A festa não pode ser entendida como uma sobrevivente, pois não há um processo de morte, como propõe o mito de morte da festa com o advento da modernidade. “Como se a modernidade, tal como um rolo compressor, acabasse com a festa de modo inelutável” (PEREZ, 2012, p. 26).

Modernidade e tradição não se apresentem como conceitos excludentes. É impossível separar o que é moderno e o que é tradicional na festa, já que o que se percebe é um processo vivo de hibridação entre esses elementos, entendido como uma dinâmica de amálgama e adaptação e não enquanto uma dialética da ruptura. As sociedades, enquanto produtoras das festas, não estão fixadas em um tempo finito, mas se encontram em estado dinâmico e por isso mudam (PEREZ, 2012, p. 32-33). As transformações estão dentro do movimento legítimo da sociedade e não podem ser consideradas “como se fosse uma perda de cultura, uma espécie de crime de lesa-majestade relativamente à integridade e à integralidade da tradição” (PEREZ, 2012, p. 32).

Da mesma forma, a festa não deve ser vista como um fóssil, congelada no tempo e no espaço, pelo contrário, ela está em plena atualidade, como uma explosão de vida. Ela é a produção de vida para o grupo social que a desfruta e não como sua simples reprodução (PEREZ, 2012, p. 33).

Ainda há pesquisadores que, seguindo o rastro dos antigos folcloristas, pensem as manifestações festivas das culturas através do prisma da alegoria da perda, que condena as mudanças em prol de uma pureza que nunca existiu. Eles afirmam que o conteúdo original e originário da festa está se perdendo. Ocorrem com as descaracterizações que levam às degenerações. Balizada pela alegoria da perda, surge uma espécie de “pastoral do salvamento” da história e da memória, que produz “simulacros vazios que servem a explorações políticas e comerciais de toda ordem, bem ao gosto dos sempre vivos colecionadores de borboletas” (PEREZ, 2012, p. 30-31).

Vale ressaltar que “a lição maior do catolicismo popular, com seu aspecto afetivo e festivo, é revelar a possibilidade de o homem interpretar, criar e recriar sua cultura, conferindo-lhe significado” (PASSOS, 2002, p. 189). Nesse sentido, os hibridismos são recorrentes nesse universo. A partir daí, é necessário pensar a festa, a cultura e a tradição como elementos vivos, dinâmicos, mutáveis e mutantes, sempre aptos a se reorganizar e ressignificar. Assim, tomo o conceito de festa à brasileira, proposto por Amaral (2012), como

mediação. A festa concilia o inconciliável, promove o diálogo entre elementos e realidades opostas, revelando e exaltando as contradições da vida:

A festa é, ainda, mediação entre os anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, o passado e futuro, entre “nós” e os “outros”, revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana. Mediando encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis. A festa é mediação; diálogo da cultura com ela mesma (AMARAL, 2012, p. 74).

As vias de produção de significados e de ressignificação se constroem sobre essas pontes que permitem que realidades paralelas se toquem e produzam no encontro novos híbridos culturais. A comunicação intersubjetiva de conteúdos de diversas ordens, sejam elas culturais, sociais, políticas ou econômicas, permite entender a festa sob a ótica da composição e compreender a mediação como sua função primordial e, além disso, como sua própria condição de existência.

O que importa sugerir aqui é que a festa, enquanto forma lúdica de socialização, nunca vai exaurir a sua força porque é uma necessidade humana. A partir daí, é possível concluir que em Leopoldina, enquanto houver devoto, haverá Folia de Reis e, enquanto houver Folia de Reis, haverá devoto; dois fatores interdependentes ligados pela fé e que sustentam a prática festiva, pois a festa é a imanência da própria fé.

Dessa maneira, mostra-se relevante nesse contexto descrever essa prática festiva como forma de homenagem aos Santos Reis. Desde a saída dos foliões do bairro Alto do Cemitério até a chegada ao sítio da devota, observei os elementos estruturais da festa, como a preparação do ambiente, desde o presépio cuidadosamente adornado até a presença do amplificador de som e microfone para os leigos assumirem a direção do ritual. Os elementos devocionais também são ressaltados, dentre eles aqueles que não sofreram alterações, mas também as inovações.

Analisei a festa oferecida por Nair, uma devota leopoldinense que recebe a visita da Folia dos Colodinos em seu sítio, seguindo a tradição deixada por seu pai que recebia o mesmo grupo anualmente em sua casa quando era vivo. A partir daí, é possível analisar a importância da festa para foliões e devotos, que agendam a visita com um ano de antecedência.

3.3.1 A festa no sítio da devota Nair

Há dois anos, 2013 e 2014, em janeiro, Nair oferece em seu sítio, próximo a Piacatuba, distrito de Leopoldina, uma festa em homenagem a Santos Reis. Em janeiro de 2012, a Folia dos Colodinos, por meio do Seu Dedé, convidou-me para comparecer no próximo ano a esta cantoria, disseram que seria um “festão” já marcado para dia 3 de janeiro de 2013. Tiveram minha presença confirmada. Em 2014 também não pude faltar. A festa foi realizada no sábado, dia 4 de janeiro. Combinei com os foliões de acompanhar a Kombi que os levaria até o local, dessa forma na hora marcada estava eu no Alto do Cemitério, onde ainda moram muitos filhos do falecido Juca Colodino, com exceção do Seu Geraldo que reside em uma área mais central da cidade, local conhecido como Praça da Bandeira. Percebe-se dessa forma como Seu Geraldo, apesar de ter assumido a função do pai, não centraliza o poder. Como ele ocupa a função de dono, a Bandeira poderia sair da casa dele, mas sai do Alto do Cemitério, onde o pai residia e ainda concentra a moradia de parte dos integrantes.

Fui de carro atrás da Kombi. Chegando no local da festa pude observar que Nair aperfeiçoou a estrutura para receber a Folia, que já era adequada em 2013. Avistei de longe uma grande área verde livre para o estacionamento dos carros, luzes fora do ambiente da cantoria para o palhaço não ficar no escuro ao fazer a sua Chegada⁶⁷, mesas espalhadas no salão destinadas à assistência, caixa amplificadora e microfone para os leigos assumirem o controle do evento religioso. Duas enormes mesas foram dispostas no salão: uma central para o jantar da Folia, coberta por uma toalha de renda para os foliões mais proeminentes do grupo cearem, ou seja, os mais velhos, e outra mais ao canto, perto da cozinha, para dispor o jantar destinado à assistência. A comida era a mesma, mas a Folia deve ter prioridade, pois a festa é em homenagem a Santos Reis e os foliões são representantes diretos dos santos nesse cenário devocional.

⁶⁷ Assim como a Folia tem os seus versos de Chegada, o palhaço também apresenta os seus. Chegada do palhaço é o nome do conjunto de versos iniciais recitados pelo bincante para pedir licença aos patrões para fazer sua performance, também conhecida como brincadeira, e se apresentar à assistência.



Foto 10: Jantar da Folia dos Colodinos no sítio de Nair
Fonte: Acervo pessoal, 2014

Nair ofereceu o jantar a fim de seguir a tradição de sua família, que parecia esmorecer com a morte do patriarca. Durante minha infância, assistia à Folia do Juca Colodino na casa do Seu Fabiano⁶⁸. Segundo Nair, quando o pai fazia as compras de supermercado para o jantar da Folia, não economizava, gastava com maior prazer para adorar os seus Santos de devoção. Quando ele morreu, a família preferiu que a Folia não cantasse para eles, pois traria recordações. Mas, em 2013, a filha do Seu Fabiano decidiu que seguiria a tradição de anos que seu pai sustentava em sua casa, mas agora teria novo endereço e novos patrões. E da mesma forma, reúne toda a família em torno da devoção em Santos Reis, aliás até a devoção é uma herança deixada pelo Seu Fabiano.

A Chegada da Folia no sítio foi caprichada. Começou lá da estrada de terra até o interior da propriedade. O palhaço Roninho veio dançando entre as filas, muito animado, esbanjando simpatia. Quando se aproximaram do local da cantoria, a Folia retrocedeu de costas e coreograficamente os foliões de frente puxaram as filas dando a volta por trás e se colocando novamente à frente, sempre tocando os instrumentos e dançando. Começam então a entoar esta música tocada na igreja, mas numa versão bem animada:

⁶⁸ Na verdade, Seu Fabiano chamava-se José de Souza Oliveira; Fabiano é apenas um apelido, mas todos o conheciam assim. Tanto que seu filho chama-se Luís Fabiano. Como aconteceu com o nome Colodino que era apenas um apelido, que veio do pai do Juca, mas que ganhou o status de sobrenome da família. Em Leopoldina, como em muitas cidades pequenas, o apelido é mais comum que o próprio nome da pessoa. Nas outras Folias isso também é notável: Sebastião Valério é o Tão, Marluce virou Maú, Victorino virou Turino, José Cristóvão é Zé Cristóvão, Marcílio é MJ e Guru, o neto de Maú, não conheço seu nome.

Está família será abençoada porque o Senhor vai derramar o seu amor. (bis)
 Derrama ó Senhor
 Derrama ó Senhor
 Derrama sobre ela o seu amor (bis)

Os devotos fazem um coro, cantando junto com a Folia. Um folião para de tocar seu violão para gesticular com as mãos como quem estivesse jogando as bênçãos dos Santos Reis sobre aquela família. Neste momento, quem segura a Bandeira é o Seu Geraldo, o responsável pela Folia. Logo depois dessa chegada atípica⁶⁹, reassume seu posto junto ao seu violão e transfere o objeto sagrado ao bandeireiro. Agora se inicia a Chegada tradicional.

Ainda do lado de fora, o folião que gesticulava abençoando a família e o local se concentra, retira a coroa em sinal de respeito ao fazer o sinal da cruz e faz uma pequena oração antes de começar a tocar. A partir desse gesto, pode-se presumir que ali tem início a etapa sagrada do ritual. Porém, o momento sagrado está inserido no contexto profano da festa de maneira tão indissociável, que se torna uma tarefa infrutífera separá-los, pois estão fundidos neste contexto.

Iniciam então os versos tradicionais da Chegada dos Colodinos, ressaltando a importância de receber a Bandeira em sua morada:

Oi pra fazer esta Chegada
 Peço licença ao senhor
 (bis)
 Oi quero dar uma boa tarde
 Oi pra senhora e pro senhor
 (bis)
 Oi pá os jovem e as criança
 Oi que Jesus lhe abençoa
 (bis)
 [...]
 Oi meu senhor e minha senhora
 Oi por favor pegue a Bandeira
 (bis)
 Oi ela mantém abençoada
 Oi a sua família inteira
 (bis)

Nesse momento, a dona da casa recebe a Bandeira das mãos do bandeireiro Zezé de frente para si e a beija. Vira o objeto de frente para a Folia para completarem o ritual da Chegada. Na Folia de Reis, as ações são conduzidas pela cantoria, há uma eficácia das palavras na condução das ações (CHAVES, 2003, p. 96).

⁶⁹ Geralmente a aproximação da Folia à casa do devoto, antes de entoar os versos de Chegada, é silenciosa. Nesse aspecto há uma inovação da Folia dos Colodinos: a música cantada antes da Chegada não faz parte do repertório tradicional de uma Folia de Reis, e a coreografia não faz parte do gestual dos foliões.

Então Nair cede espaço para a Folia entrar e continuar a cantoria no local a ela reservado. Depois desse longo primeiro momento, composto pela Chegada e pela cantoria das Profecias, é a hora da Comunhão. Há na mesa operada pelos foliões os objetos rituais como a vela acesa, o pão, o vinho e o peixe. Quem prepara a comunhão, sem a hóstia, é o bandeireiro Zezé, que oferece o pão e o peixe, o vinho é oferecido pelo Seu Dedé. Primeiro, os foliões fazem fila, recebem um pedacinho de pão e peixe, bebem um gole de vinho, todos na mesma taça e só depois a comunhão é oferecida à assistência. Como na igreja, em frente ao folião, forma-se uma fila de fiéis. A irmã de Nair, Luzia, pega o microfone e começa a cantar acompanhada pela assistência a música “Oração pela família” do Padre Zezinho, enquanto a comunhão é oferecida. Em sequência, lê uma pequena oração destinada à família e inicia um Pai-Nosso.

É perceptível que nesta Folia a influência dos sacramentos institucionais na Igreja Católica é maior, porém ressalto que são os leigos que dominam a cena, principalmente as mulheres. Portanto, os conceitos de circularidade, reinterpretação e apropriação criativa são adequados a esse contexto (CHAVES, 2003). Percebo que há a circularidade de elementos oficiais da Igreja Católica no ambiente popular, sendo reinterpretados à luz das vivências devocionais de um grupo social que se apropria desses símbolos, orações e cânticos da liturgia oficial de maneira criativa, compondo um novo cenário de múltiplos significados. A ideia de submissão das práticas populares em relação às práticas do Catolicismo Oficial não é adequada neste panorama. Ressurgem em uma dimensão em que a fé é experimentada no/pelo corpo e se mostra viva e pulsante, sendo reinventada e atualizada a cada instante.

Os elementos referentes à instituição e os populares se entrecruzam, e um não se apresenta como superior ao outro. Porém, as músicas da Folia parecem ter um nível maior de sacralidade, assumindo a função de oração e bênção, enquanto as outras aparecem para empolgar a assistência no momento da Chegada, sendo apropriada criativamente pela Folia, ou como fundo musical no momento da Comunhão. Pode-se perceber a sacralidade das toadas da Folia, por exemplo, no momento em que Seu Dedé retira a coroa e faz uma oração silenciosa antes de começar a tocá-las.



Foto 11: O bandeireiro Zezé preparando a comunhão da Folia, com o pão, o peixe, o vinho e a vela à mesa. À sua direita o folião Seu Dedé, quem serve o vinho

Fonte: Acervo pessoal, 2014

Após a Comunhão, chega o momento da oferta do jantar. Nair seguiu os passos de seu pai: as mesas estavam repletas e a fartura, como marca do jantar da Folia, fez-se presente. Havia arroz, tutu, macarronada, carne de porco assada, salpicão e farofa. Foliões e assistência se fartaram e logo foi posta a mesa de sobremesas, com grande variedade: docinho de leite, de amendoim, de mamão, cocada e até palha italiana.

Mais tarde, é a vez da Chula do palhaço. Do lado de fora, pedindo licença aos patrões, Roninho faz a sua Chegada:

Opa!
 Que aqui eu vô vivo
 Apruveitano a minha vida
 Rima todas poesia
 São meu ponto de partida
 [...]
 Andá com a cabeça erguida
 Os verso eu dô valor
 Da rima eu quero sabê
 A poesia hoje eu agradeço
 Esse dom de hoje eu tê
 Muitos me julgam de mal
 E falam que eu sô o cão
 Mas sô apenas aquele soldado
 Naquela repartição
 Mas em cima dessa terra
 Jesus me dá perdão
 Que fez soldado de Herode

Se transformá im cristão
 Para quem não me conhece
 Eu me apresento intão
 O meu nome é Roninho
 Filho da bênção
 Poeta de alta estima
 Que rima com perfeição
 Sou considerado por todos
 Muito bom na trovação
 O Roninho ninguém segura
 Quando tá cum inspiração
 A cuca jorra poesia
 Conforme a ocasião
 Jesus Cristo poderoso
 Num dexta faltá unção
 A Ele que eu devo respeito
 Que me insina perfeito
 A compor composição
 Em cada linha uma frase
 Em várias frase são rimada
 Na arte contagiante
 Da minha cabeça danada
 Sempre criando e compondo
 É minha marca registrada
 Deus põe a mão na minha mão
 Aí eu não erro nada
 As letra sai perfeita
 Todas elas desenhada
 Só isso só me acontece
 Quando Deus me abastece
 Dexando a marca inspirada
 Qui aqui eu peço licença
 Eu quero a licença dada
 É ca permissão de voeis que eu vô fazê minha Chegada
 Intão vai...⁷⁰

Depois, Roninho entra no recinto conquistando toda a assistência. Esse palhaço ganha muito dinheiro. Além de ser muito carismático, ele possui um público heterogêneo, apresentando-se tanto para as classes menos favorecidas como também para uma plateia que possui melhores condições financeiras, como esta da família do Seu Fabiano. Apresenta-se também na Praça da Igreja, onde a assistência é composta por um grande contingente de pessoas. Além daqueles que participavam da missa (um número significativo de fiéis), assistem também à performance do mascarado todos os que esperavam do lado de fora o momento da Chula e os curiosos que param ao ver a movimentação da Folia. Mais um ponto que garante seu sucesso é a sua capacidade de memorização e improvisação de versos, que parece inesgotável. Ele é capaz de conversar durante horas. No sítio de Nair não se oferece

⁷⁰ Versos de Chegada do palhaço Roninho recitados no giro de 2014.

moeda a ele, somente notas. No último giro, um homem lhe ofertou uma nota de R\$ 20,00, as de R\$10,00 são comuns.

A assistência no sítio é bastante criativa, coloca-se o dinheiro nos locais mais inusitados, como na aba do boné, arremedando um bigode com a nota, no cabelo, atrás da orelha, no pé, etc. Isso oferece mais possibilidade de criação ao palhaço, é aí que “a cuca jorra poesia conforme a ocasião”, como ele mesmo cita em sua Chegada.

Depois de um longo período de diversão e descontração, o mascarado faz a sua despedida e os foliões voltam a assumir o cenário. Salvam o presépio e agradecem a mesa posta e a oferta da Bandeira, que nesta casa é generosa. Muitas notas são penduradas nas fitas das Bandeira pela devota e pelas crianças, que aproveitam e participam de cada momento da festa.



Foto 12: Crianças ao lado de Nair ajudando a amarrar a oferta da Bandeira em suas fitas
Fonte: Acervo pessoal, 2014

Essa família é de grande relevância na história da Folia dos Colodinos. Na parede do local, estava exposto um quadro de fotos antigas e recentes, onde aparece o Sr. José de Souza Oliveira, o Sr. Fabiano e a esposa também falecida Dona Maria Inês junto com os foliões, os palhaços, relembrando os anos em que o grupo esteve junto deles. O uniforme que os foliões utilizam no sítio foi uma doação de Nair e nele está escrito “Lembrança de José Fabiano e Maria Inês – Folia de Reis Colodino”.

Há quem pense que quem se envolve com a Folia de Reis é só para pagar promessa, tanto o folião quanto o devoto que a recebe. Muitos realmente tocam e recebem em forma de pagamento de uma graça alcançada, mas a Folia não existe só como forma de pagamento.

Mas a atitude de Nair em receber a Folia segue, também, um costume do pai que se estendeu como herança para os filhos. Seu Fabiano recebia a Folia por gosto e não por obrigação com os Santos. E a filha, que cresceu nesse ambiente devocional, tomou gosto pela festa e continua recebendo também em homenagem à memória de seu pai. A Folia é “coisa de família”, que passa de geração para geração, tanto do lado dos foliões como dos devotos.

3.3.2 A Entrega da Bandeira e a missa do dia de Reis

O dia 6 de janeiro é o derradeiro momento da Folia dos Colodinos. Tornou-se costume do grupo fazer a Entrega da Bandeira não na casa do dono da Folia, como é comum em outros grupos, mas sim na casa de Dona Zezé, uma senhora amável que oferece todos os anos o jantar da Entrega da Bandeira.

O ritual de Entrega da Folia dos Colodinos não é longo, pois há outro compromisso a seguir: tocar na missa do dia de Reis, às 19 horas, na Igreja do Rosário, um ritual feito todos os anos. Começa no fim da tarde, Dona Zezé oferece o jantar, a sobremesa e ainda sobra tempo para conversar e chegar à igreja para guardar lugar.

A igreja fica repleta de fiéis. Quando Zezé, o bandeireiro, entra com a Bandeira pelo corredor central, todos querem beijar ou tocar as fitas, como manifestação de respeito, pedido de bênçãos e proteção. Os foliões entram tocando e sentam nos primeiros bancos da igreja, que já estão reservados para eles. Assistem à missa e ao final fazem a cantoria, salvam o presépio situado no altar, diante da imagem do Menino Jesus.



Foto 13: A Igreja do Rosário em Leopoldina repleta de fiéis; os primeiros bancos centrais são reservados e ocupados pelos foliões
Fonte: Acervo pessoal, 2013

À semelhança dos Reis Magos, três foliões se ajoelham diante dela, retiram as coroas e a beijam. Embora nesta Folia não se definam os papéis de quem assume o Baltazar, Gaspar ou o Melchior, como na Folia da Maú que apresenta essa especificidade, Zézé e o mestre Luís geralmente participam dessa representação. De acordo com os foliões, todos eles são considerados como representantes legítimos dos Reis, por isso todos são coroados no primeiro dia de giro. Mas como o bandeireiro e o mestre estão na frente devido a suas funções, acabam representando os Reis Magos. E narram a jornada e o encontro na letra da cantoria.

Na missa de 2013, participaram três jovens vestidos com figurinos⁷¹ e levando até o altar objetos que representavam os presentes oferecidos a Jesus, incenso, ouro e mirra. Esses rapazes eram a representação dos três Reis Magos e ilustravam a missa. O padre fazia o sermão a partir dessa passagem bíblica, sem se preocupar se nas escrituras os magos são reis ou são no número de três como consolidou a apropriação popular; ele apenas reproduzia a história conforme o gosto dos devotos.

Tanto a presença da Folia como da pequena cena teatral atraem os fiéis para a missa do dia de Reis. É perceptível que há uma inquietação da Igreja Católica com o esvaziamento dos templos, com o êxodo dos católicos para outras religiões e com o afastamento dos jovens, aumentando assim a taxa dos sem religião como confirma o último censo (TEIXEIRA, 2009, p. 23). Portanto torna-se uma preocupação constante e crescente do pároco conservar os seus fiéis e atrair aqueles que estão dispersos e os não-praticantes. O padre da Igreja do Rosário atrai os fiéis inserindo a Folia de Reis na missa como um atrativo.

Leopoldina ainda é uma cidade de maioria católica. Afinal, como diria Pierucci, (2009) é fácil ser católico no Brasil, pois

o catolicismo tem uma noção muito clara de que nem todos os seres humanos têm ouvido musical para a religião. Fazer parte do catolicismo, portanto, ainda mais num país tradicionalmente católico como o Brasil e que continua contando com ampla maioria católica, significa poder escolher (ou oscilar) entre ser católico praticante e ser católico não praticante (PIERUCCI, 2009, p. 15-16).

Acrescenta ainda que “o ‘barato’ de ser católico é fazer parte de uma religião que não precisa ser seguida à risca pela maioria dos fiéis” (PIERUCCI, 2009, p. 15).

Porém, segundo Steil (2001, p. 9): “a cada novo censo, a diminuição numérica dos católicos no país ganha visibilidade estatística. Enquanto alguns deixam de se declarar

⁷¹ Roupas utilizadas pelos atores em representações teatrais que auxiliam na definição de seus personagens.

religiosos, outros tornam-se protestantes pentecostais, espíritas ou assumem sua identidade religiosa afro-brasileira.” Mesmo que o senso no Brasil não reflita a realidade de forma fiel, pois eles “não conseguem captar essa plasticidade religiosa, e muito menos a realidade cada vez mais presente do trânsito religioso ou da dupla (ou tripla) pertença religiosa” (TEIXEIRA, 2009, p. 19), a partir deles é possível ter uma noção do panorama religioso no país e como ele se desenvolve.

Independente da eficácia do método⁷², que questiona sobre a identidade religiosa do informante, mas deixa escapar suas práticas e crenças (TEIXEIRA, 2009, p. 19), é fato que, dessa maioria católica, muitos não são frequentadores assíduos da igreja, outros tem dupla e até múltiplas pertenças, frequentando outros espaços religiosos, e ainda há aqueles que apenas “nasceram” católicos, como ressaltou Seu Zé Cristóvão⁷³ com a frase “todo mundo nasce católico”. Esses podem inclusive vir a fazer parte do crescente número dos “sem religião”. Por isso é que hoje se diz que o Catolicismo se tornou o doador universal de fiéis, e eu diria até de “infiéis”, diante do número daqueles que se declaram “sem religião”, apontado pelo censo de 2000.

Apesar dos números apontados pelo censo, a missa do dia de Reis da Igreja do Rosário em Leopoldina fica repleta de pessoas, que não se importam em assistir à missa de pé, ou sentadas na escada da Igreja. Quando o padre faz esse movimento de inserir o elemento popular no contexto oficial, ele arregimenta os católicos dispersos, que são atraídos pelo lúdico. Cede o espaço do altar e se coloca literalmente de lado, enquanto os leigos assumem o controle do ritual popular dentro do espaço institucional.

Acrescentar o elemento lúdico, no caso a Folia de Reis, ao ritual oficial é uma estratégia bem antiga, já utilizada pelos jesuítas na catequese dos indígenas. Os missionários utilizavam recursos atrativos e promoviam um culto em que os cânticos, as representações teatrais e as danças ocupavam lugar de destaque. Foi por meio dos jesuítas que a Folia de Reis foi inserida no Brasil, enquanto uma festa paralitúrgica e não profana (OLIVEIRA, 2003, p. 28).

No momento da Chula do palhaço, o número de pessoas parece duplicar para ver a parte profana do ritual.⁷⁴ Apesar de ser do lado de fora da igreja, pois a entrada do palhaço

⁷² Não pretendo estender aqui essa discussão, tampouco tratar dos dados do censo de Leopoldina, ou questionar se refletem a realidade ou não, de que forma são aplicadas as perguntas em torno da religiosidade das pessoas e como elas se manifestam diante desses questionamentos, pois isso não cabe no âmbito desta pesquisa.

⁷³ Marido de Maú e contramestre de sua Folia. A Folia da Maú será analisada no quinto capítulo desta pesquisa.

⁷⁴ Não se deve entender a palavra profana inserida em uma ideia de polaridade com sagrada, pois como já explicitiei, não é possível dissociar o sagrado do profano no contexto da Folia de Reis. O palhaço sendo a parte considerada profana do ritual, fala em Deus, Jesus, Maria e José todo o tempo, demonstrando sua crença. Às

não é permitida pelo ritual, a performance atrai os fiéis e principalmente as crianças, que apresentam um misto de fascínio e medo pelo mascarado. O sacerdote atinge o objetivo de atrair católicos dispersos para a igreja, afinal a pracinha onde se bate a Chula faz parte de seus limites. Porém, no ano de 2014, o padre do Rosário foi transferido e os Colodinos não puderam se apresentar lá. Por conta disso, foram tocar na Igreja São José, provocando animação e lotação.



Foto 14: Palhaço Roninho, na Praça da Igreja do Rosário
Fonte: Acervo pessoal, 2013

Após a missa, a Folia volta para a casa de Dona Zezé para completar o ritual da Entrega da Bandeira. Cantam para agradecer a mesa posta e fazer a despedida. Aqui, há um ritual interessante: o Perdão do Palhaço, personagem que representa, segundo uma das versões, o soldado de Herodes, e seu arrependimento por perseguir Menino Deus é digno de perdão. Roninho retira a máscara e de joelhos vai se despindo da farda até alcançar a

vezes cita histórias bíblicas em seus versos e se submete a diversos rituais religiosos ao pedir proteção para sair em jornada. Além disso, ele tem que ter conhecimento do universo religioso em que está inserido, pois se um patrão pedir para ele salvar o presépio ou as imagens dos santos em sua casa e ele não souber recitar versos de salvamento, fica humilhado diante dos companheiros e da assistência. Apesar de não fazer parte de sua função propriamente dita, pois é uma atribuição do mestre, é comum os patrões em Leopoldina pedirem que o palhaço o faça.

Bandeira. O pranto, real ou teatralizado, “prova” o arrependimento sincero do soldado e sua conversão.

Alguns foliões gostam de dizer que seu palhaço chora de verdade, como Seu Geraldo que garante que o pranto de Roninho não é encenação: “Ele tá chorano memo, é muita emoção!”. E quanto maior a humilhação, maior o valor desse momento. Quando o palhaço se apresenta diante do objeto sagrado, coloca a cabeça sob seu véu e suas fitas fazendo uma oração e beija a imagem dos três Reis do Oriente, ele recebe as suas bênçãos e o seu perdão. A Bandeira então é passada sobre suas costas e sobre todos os foliões, como um gesto de bênção generalizada⁷⁵. Os foliões terminam a cantoria e assim se encerra mais um giro da Folia dos Colodinos.

⁷⁵ O ritual da Entrega da Bandeira da Folia dos Colodinos é mais sucinto. Na Folia da Maú, por exemplo, a bênção da Bandeira é individualizada, cada folião recebe a bênção, faz sua oração diante do objeto e beija suas fitas ou a imagem sob elas. Na folia dos Colodinos, somente o palhaço tem essa oportunidade.

4 Folia da Maú: a presença da matriz africana na festa católica

Este capítulo é dedicado ao giro do Grupo Folclórico Estrela do Oriente, mais conhecido como Folia da Maú. Além da etnografia realizada, conceitos pertinentes à análise deste grupo e de seus integrantes e funções rituais por eles assumidas, também serão abordados.

As especificidades da comemoração do dia de Reis levam à descrição minuciosa de seus compromissos. Sua peculiar apresentação no Cruzeiro como o principal compromisso do dia de Reis evidencia o caráter multívoco do palhaço, assim, merece uma descrição e análise sistemáticas.

O dia 20 de janeiro, como o derradeiro dia do giro da Folia da Maú, com seus grandes festejos, é o de maior relevância para o grupo. A festa da Entrega da Bandeira da Maú se estabelece sem pressa ou urgência de acabar, impondo seu ritmo e dinâmica durante todo o dia do feriado municipal leopoldinense. A suspensão da tradição manifesta-se como atitude mantenedora da mesma, em seus aspectos por eles considerados essenciais e inexoráveis. A riqueza simbólica de seus rituais será explanada com os detalhes que lhe são pertinentes, evidenciando assim a beleza e complexidade desse universo ímpar em que se insere a Folia da Maú.

4.1 Os Santos Reis visitam e os Santos Reis são visitados: uma análise sobre a Folia da Maú, a Coroação e suas visitas ritualizadas

A Folia da Maú, localizada na periferia de Leopoldina, no bairro Nova Leopoldina, é um grupo de amplo relevo no cenário devocional da cidade e, em alguns momentos, mostra-se como referência por suas especificidades. É constituída atualmente por 23 foliões e dois palhaços. Marluce, mais conhecida como Maú, assumiu o giro do grupo em 1996. Anteriormente, seu cunhado era o responsável e a Folia ainda não era registrada.

O mestre Seu Turino, o contramestre, Seu Zé Cristóvão e Maú, a dona deste grupo, todos participavam da Folia anterior. Segundo Seu Turino, o grupo contava com 70 anos de idade quando Maú assumiu e a registrou em cartório com o nome Grupo Folclórico Estrela do Oriente.

Por ser um grupo formado em grande parte por foliões umbandistas, as influências das heranças africanas se apresentam de maneira muito clara. Além da crença na comunicação com os mortos ou na estética peculiar do palhaço, comum entre as outras folias, configura-se

também como influências da religiosidade de origem africana a confiança no centro de umbanda no pedido de proteção. Para sair em jornada com o grupo, muitos foliões ostentam as guias como pulseiras e pedem a proteção de seus guias espirituais como parte deste processo. Muitos carregam em um braço o terço e no outro a guia.



Foto 15: Neto da Maú com uma guia no pulso direito, um terço no esquerdo e outro no pescoço

Fonte: Acervo pessoal, 2014



Foto 16: Gurú, neto da Maú com uma guia no pulso esquerdo e um terço no direito

Fonte: Acervo pessoal, 2014



Foto 17: Foliões da Folia da Maú portando suas guias

Fonte: Acervo pessoal, 2014



Foto 18: O contramestre Seu Zé Cristóvão portando sua guia
Fonte: Acervo pessoal, 2014

Esses fatores fazem parte do universo em que os rituais da Folia da Maú se inserem, entre eles a Coroação, necessária para dar início ao giro e a ritualística seguida nas visitas às casas dos devotos.

4.1.1 Trajetória do grupo e um olhar sobre suas crenças e histórias

A Folia da Maú está em giro há quase vinte anos. Maú conta que antigamente as Folias não tinham nome, o que se pode aferir que esse processo de organização das Folias de Leopoldina é recente. Em entrevista ela assevera:

Porque na época era assim: Folia de Reis. Agora não. Agora cada um arrumô um nome di di di Folia aí. Por exemplo, a minha é Grupo Folclórico Estrela do Oriente, a da Carolina já é São Rafael, né? Gabriel. Rafael é do Zé Paulo. Aí, qué dizê, cada uma passô a tê um nome. Cê tá intendo? Antes num tinha, ninguém tinha nome nada não. É ah a Folia de Reis do Mané Dutra, Folia de Reis do Sô Tão [...] agora que começo cada um botá um nome aí.⁷⁶

Na prática pode-se perceber que receber um nome registrado em cartório não altera a maneira como é conhecida e chamada cada Folia. Pois, mesmo após a mudança, todos conhecem seu grupo como Folia da Maú, assim como a Folia da Serra não é referida como Folia dos Medeiros e muitos ainda se referem à Folia dos Colodinos como Folia do Juca

⁷⁶ Entrevista realizada dia 3 de abril de 2014, na casa de Maú.

Colodino. Pode-se notar inclusive que esta alcançou maior êxito na afirmação de sua nova identidade por manter grande semelhança com o nome anterior.

Em 2014, a Folia da Maú ganhou uma nova voz de comando. Como um processo natural, presente na maioria das Folias, Maú cede o posto de dona da Folia para seu filho Rodrigo, que assume a gerência do grupo. O novo dono deixou sua função de palhaço só por este ano por conta de uma promessa que fez e que não conta a ninguém, nem para sua própria mãe. Desconfio que tenha relação com o futuro do grupo diante da situação, pois só tomou as rédeas da Folia depois que foi anunciado definitivamente o seu fim.

Em janeiro de 2013, já estava traçado que era o último giro da Bandeira. No dia 20 de janeiro de 2013, na Entrega da Bandeira, na suposta despedida da Folia da Maú, a foliona e muitos devotos da assistência choraram. Em setembro do mesmo ano, foi realizada uma feijoada em sua casa para resolver de vez a situação. Até o mestre Turino e o então palhaço Rodrigo desistiram de sair em jornada no ano de 2014. O palhaço até poderia ser substituído, já que Rodrigo tinha um discípulo pronto para assumir a função na sua ausência, o palhaço MJ, mas o mestre não. E sem mestre, não há Folia. É ele que detém o conhecimento das profecias, quem orienta os mais jovens como devem proceder e se proteger, e também quem resolve qualquer problema de ordem espiritual na jornada através dos Saberes dos Segredos⁷⁷. Não é qualquer folião que pode assumir esta função, tem que ter liderança, ser experiente e respeitado pela sua sabedoria e atitudes. Se alguém “passar mal”, como os foliões se referem a quem incorpora no giro da Folia, o mestre Turino sabe como proceder e resolver o impasse.

Seu Zé Cristóvão, marido da Maú, contramestre e afinador dos instrumentos da Folia e figura de destaque no grupo, dispõe informações relevantes acerca de incorporações em um giro de Folia. Em uma conversa informal, no dia 6 de janeiro de 2014, ele conta que somente uma vez, em uma visita da Folia a um centro espírita de umbanda, um folião incorporou. Furtou-se de detalhar o fato naquele momento, mas conta que foi facilmente resolvido.

Quando perguntei em entrevista se algum caso de incorporação já havia acontecido na Folia, Seu Turino nega. Maú prontamente reage e com a voz alterada com autoridade de dona da Folia, desmente o mestre. É interessante notar que essa entrevista era direcionada ao mestre, mas Maú, Seu Zé Cristóvão e o palhaço MJ estavam presentes no local e acabaram participando das respostas.

Seu Zé Cristóvão começa a descrever de maneira bem humorada a situação. Em tom de pilhéria, conta de forma mais detalhada o ocorrido: a entidade incorporada no folião

⁷⁷ Conhecimentos ocultos relacionados ao ritual. São rezas e todo tipo de procedimento necessário em momentos em que as forças sobrenaturais precisam ser acionadas.

cumprimentou Welber, hoje o dono do centro ao lado da casa de Maú, com o gestual próprio da umbanda, e que depois disso Welber se escondeu atrás da foliona. Acrescenta que não tinha perigo porque era entidade do folião mesmo, não era espírito “de fora”.

O contramestre esclarece que o perigo está na rua e não nas casas. Ratifica ainda que é muito raro acontecer isso no seu grupo porque os uniformes e os instrumentos são cruzados, para evitar que alguém incorpore. Sobre o cruzamento, também se esquivou de esclarecimentos acerca do procedimento, mas relatou que ele é o responsável por essa função, aliás, ele não, o seu guia espiritual. O cruzamento dos utensílios utilizados no giro é realizado por um espírito de luz, em sua linguagem influenciada pelo Kardecismo, por uma entidade incorporada nele que é o cavalo, quando se explica por uma via mais umbandista. O folião relata que quando ele ou Seu Turino percebem a presença de algum espírito não doutrinado seguindo a Folia, eles param, e o mestre já inicia uma oração com todos juntos, para mostrar o caminho àquele espírito, que busca a luz. Portanto, o mestre deve ter um poder espiritual e Seu Turino é respeitado por isso. Segundo Seu Zé Cristóvão, Seu Turino é um médium vidente, ou seja, aquele que não incorpora, somente vê ou sente a presença dos espíritos desencarnados, dessa forma, de acordo com a sua crença, consegue perceber os sinais do sobrenatural à sua volta.

Pude notar que o mestre Turino é tão respeitado pelas suas habilidades espirituais que até outros grupos o procuram quando estão em uma situação de difícil solução, como uma incorporação. Ouvi um diálogo entre ele, Maú e um folião. Este iniciou dizendo que uma folia estava procurando o Seu Turino porque um folião deles estava “passando mal”⁷⁸. O mestre prosseguiu dizendo que já estava cansado de repetir que tinha que cruzar as roupas antes de sair e, se eles não o fizeram, não foi por falta de aviso. Maú completou: “o dono dessa folia não é metido a macumbeiro? Então deixa ele se virar!”. Ainda é possível perceber traços daquela antiga rivalidade que existia no passado entre as Folias, que não foi extinta, apenas apaziguada. Neste momento, é notável a importância de um mestre experiente no grupo, e sem ele a Folia não sai em giro.

Diante disso, quando Seu Turino se recusou a sair com a Folia em 2014, pensei que de fato era o fim e não havia mais nada a ser feito. Porém, ao meu lado estava um rapaz que disse para esperar “a poeira abaixar” e que tudo iria se resolver, não era o fim. Sábias palavras. Logo depois da feijoada, fui conversar um pouco com o mestre, e ele se empolgou recitando os versos do Padecimento de Cristo oferecidos no Cruzeiro todo dia 6 de janeiro.

⁷⁸ Quando os foliões dizem que alguém passou mal, estão se referindo à incorporação.

Ao fim da entrevista, aproximou-se da Maú e fez uma recomendação, com tom de ordem a ser cumprida e ao mesmo tempo com uma delicadeza ímpar: pediu para ela me ligar no dia 6 de janeiro (2014), para eu poder assistir à cantoria no Cruzeiro. Maú o fitou com um olhar reticente e interrogativo. Mas em seu rosto se esboçou uma pequena esperança diante das palavras do mestre e preferiu não dizer nada para não reduzir aquela possibilidade, já que Maú desejava tanto colocar a sua Bandeira em jornada no ano seguinte. Eu ainda buscava uma explicação para as palavras do mestre, encontrada no “deixa a poeira abaixar” do rapaz que conversava comigo há poucos instantes.

Sob a coordenação de Rodrigo, no dia 24 de dezembro de 2013, a Folia iniciou seu giro novamente bem organizada e composta por 23 foliões uniformizados. Até Deivson⁷⁹, com 5 anos, estava com a sua nova farda em miniatura, vestindo uma calça branca minuciosamente passada exibindo o vinco feito. O pequeno disse à Maú que ele iria sair na Folia de sua outra avó, mas já que o seu grupo estava saindo, ele não podia faltar ao compromisso. Essa noção de compromisso, apesar de ser mais difundida em relação ao palhaço, deve ser cumprida por todos os foliões: sair pelo menos por 7 anos consecutivos com o grupo. O pequeno Deivson entendeu essa dinâmica. Diante disso, ele também foi coroado no primeiro dia.

4.1.2 O ritual inicial: a Coroação

No dia 24 de dezembro de 2013, iniciei uma última vivência etnográfica. Na noite de Natal, saí da companhia dos meus pais, irmãs, tios, primos e avó, para comparecer a outra reunião familiar, a da Folia da Maú. O ritual de abertura do giro, a Coroação, estava marcado para às 23 horas. O mestre toma a palavra pedindo um minuto de silêncio em intenção dos foliões falecidos, dizendo que eles poderiam participar, sem atrapalhar. Ou seja, eles poderiam acompanhar a Folia na sua jornada desde que não se manifestassem para não alterar a dinâmica do giro. Nas palavras do mestre, torna-se nítida a crença na comunicação e interação com espíritos, o que não é aceito pelo Catolicismo oficial, mas muito comum ao Catolicismo Santorial, influenciado pelas heranças africanas impregnadas na memória popular. Não se trata aqui de uma busca das origens africanas nas práticas religiosas populares, mas buscar a África na memória dos participantes (SILVA, 2010, p. 10), os que

⁷⁹ Um dos foliões mais novos do grupo, neto de Maú.

são negros, umbandistas e atores sociais praticantes de uma manifestação religioso-devocional e católica.

Após o minuto respeitado e a preparação vocal dos cantadores (com limão e sal espremido direto na garganta), deu início o ritual de Coroação na varanda da casa de Maú. Os foliões começam a tocar e logo sai da casa o primeiro palhaço, Nicolás, o qual não tem compromisso com a Folia da Maú, por isso brincou em poucos dias. Nesse momento, escutam-se os fogos de artifício que sempre acompanham os rituais solenes do giro desta Folia, como a Coroação, abrindo os festejos, a Cantoria no Cruzeiro, cumprindo o compromisso do Dia de Reis, e a Entrega da Bandeira, encerrando a jornada. Enquanto o grupo canta, o palhaço, posicionado lá atrás, balanceia o corpo, quando as vozes cessam, o mascarado recita algumas palavras ao som dos instrumentos.

Sem muita demora, o segundo brincante, Marcílio, conhecido como MJ, entra em cena reverenciando a Bandeira. De frente para ela vai se afastando em direção a seu posto junto ao outro palhaço, sem dar as costas para o objeto sagrado em sinal de respeito. Os foliões continuam tocando e cantando, e a cada pausa vocal os palhaços se alternam nos versos. Arriscam também alguns passos e giros da dança.

Logo se aproxima o início da coroação. Nesse dia quem estava entregando as coroas era Maú, porém a função estava destinada à sua netinha Raíssa, filha de Rodrigo, que entrou no grupo este ano, 2014. Mas, como não a menina pôde comparecer, a matriarca assumiu a função, que sempre foi sua mesmo. A primeira integrante a ser coroada é a dona da Folia, que, embora tenha deixado a função, ainda é vista e respeitada da mesma forma. Maú abre este momento no primeiro dia do giro e fecha no último. Como a netinha não estava presente, quem a coroou foi Welber, o folião pai-de-santo do centro de umbanda onde a Folia canta na madrugada do dia de São Sebastião.

No ritual de Coroação, após receber a coroa, cada folião ainda ajoelhado recebe a bênção da Bandeira manipulada por Welber. O ritual se inicia com a coroação de Maú, seguida pelos representantes dos Santos Reis do Oriente. O primeiro a ser coroado é o mestre, o segundo Seu Zé Cristóvão e o terceiro chama-se Leandro. Representam respectivamente Melchior, Gaspar e Baltazar. É notória a importância da hierarquia, pois, de acordo com a história que os foliões contam, o primeiro que chegou ao encontro do Menino Jesus foi Baltazar, o rei negro. E como Seu Turino é o mestre e Seu Zé Cristóvão o contramestre, coroam antes de Leandro, que, apesar de cantar profissionalmente fora da Folia e saber acompanhar as profecias lançadas pelo mestre, não tem a mesma importância dos dois veteranos.

O papel do rei Baltazar não está fixado em um folião, e parece estar sendo pleiteado por um jovem cantor de frente que anda se esforçando para ter seu empenho reconhecido e assim poder assumir o papel, ocupado por Leandro. É importante frisar que as coroas desses foliões que representam diretamente os três Reis são diferenciadas do resto do grupo. O chapéu do mestre é enfeitado com festão dourado, o do Seu Zé Cristóvão recebe o adorno branco e prata, e o do Leandro recebe o ornamento de festão vermelho, todos os outros foliões têm no chapéu o enfeite prata. Isso não se observa em outras Folias, somente na da Maú existem foliões específicos para representar os três Reis e por isso possuem coroas diferenciadas. Além disso, o mestre e o contramestre da Maú possuem uniformes específicos, lilás e branco respectivamente, o que configura mais uma diferença em relação aos outros grupos.

Após a Coroação dos representantes dos três Reis do Oriente, cada folião, de acordo com hierarquia instrumental, caminha até o símbolo sagrado e se ajoelha diante dele para ser coroado e receber a bênção. Os únicos integrantes da Folia que não são coroados são os palhaços, pois em Leopoldina eles não representam os Santos Reis. Logo que todos recebem suas coroas e estão devidamente protegidos, Maú vai se aproximando dos foliões jogando um pouco de água em cada um deles, como quem arremata um processo. Comparo essa água a uma espécie de água benta, que também confere proteção. A Folia termina a cantoria e se prepara para seguir a jornada.

4.1.3 Os Santos Reis visitam a morada do devoto

A Folia seguiu a pé para o bairro Pirineus, onde mora a primeira devota a ser visitada. O beco que dá acesso ao terreiro dela não tem portão, por isso a Folia pôde fazer sua entrada clássica. Aliás, em nenhuma das casas visitadas foi encontrado qualquer empecilho que impedisse a silenciosa entrada até a varanda, se houvesse portão este era mantido aberto para receber a Folia. Esse padrão se conserva por ser Leopoldina uma cidade pacata com índices de violência ainda não alarmantes. Além disso, as casas visitadas pela Folia da Maú estão localizadas na periferia e nesses locais todos se conhecem, muitos são parentes ou compadres, e assim o perigo é reduzido.

Segundo Giovaninni (2005, p. 19-20), a chegada tradicional é feita da seguinte forma:

A chegada nas casas não é feita de qualquer maneira: segue um padrão ritual que é repetido a cada ano. O grupo, ao se aproximar da residência a ser

visitada, caminha em total silêncio e, chegando na varanda da casa ou no terreiro, faz a formação da coluna com os instrumentos. À frente de todos, seja na caminhada, seja na chegada em uma casa, sempre vai a bandeira, símbolo sagrado. [...] Uma dupla de violeiros, mestre e contramestre, posiciona-se logo à frente dos músicos e puxa os versos; uma segunda dupla logo atrás faz a segunda voz, cantando na resposta. Em seguida vem o sanfoneiro, ladeado por violas, violões e cavaquinho seguido pelos percussionistas tocando bumbo, caixa, pandeiro e triângulo. Estando os instrumentos devidamente afinados, entoam os versos de chegada.

Antes de entrar, ainda na rua, Seu Zé Cristóvão confere a afinação dos instrumentos. Cumprida a tarefa, a Folia segue silenciosamente na total escuridão da madrugada, adentra o terreiro e a alcança a varanda. Os foliões se posicionam em fila e iniciam a cantoria, anunciando a chegada e pedindo à dona da casa que acenda a luz da varanda, como um sinal de que aceita a visita dos Santos Reis. Os palhaços não podem entrar, portanto ficam no terreiro, soltando versos entre o canto dos foliões e arriscando já alguns giros ao balancear o corpo. É vetado ao mascarado adentrar o lar do devoto, só quando ele retira a máscara. Porém, enquanto representante do perseguidor do Menino Jesus, do mal incorporado, deve ficar na rua ou no terreiro. Não é tão usual permanecer na varanda, embora seja possível.

A dona da casa não demora e acende a luz da varanda. Os foliões agradecem e pedem para abrir a porta para a Folia entrar. Depois de alguns minutos de cantoria, a devota abre a porta e recebe a Bandeira em suas mãos. Ao fim dos versos que caracterizam a chegada, a mulher vai cedendo espaço ao andar para trás, para a Folia entrar, sempre empunhando a Bandeira de frente para os foliões. Iniciam então as Profecias. Havia duas mulheres, um homem mais idoso e uma jovem que segurava o telefone fora do gancho voltado para os foliões a fim de captar o som de seus instrumentos e suas vozes.

Um dos foliões revelou que todos os anos, quando a Folia anuncia a sua chegada, a devota liga para a irmã que se mudou há tempos para São Paulo e, do outro lado da linha, a mulher acompanha os sons da visita, da Chegada ao Agradecimento e despedida. É possível que ela tenha feito uma promessa para Santos Reis, de receber a Folia todos os anos em sua residência para ter alguma graça alcançada. Na impossibilidade de cumprir sua promessa em São Paulo, cidade em que as Folias não têm tanta expressividade, ela acompanha pelo telefone na esperança que os Santos Reis entendam sua dificuldade e a perdoe pela falta, diante da nobreza da intenção. Outra hipótese para a ligação telefônica é que a mulher peça para escutar só para ter lembranças da sua terra natal e por gosto de ouvir a Folia por devoção. As possibilidades são inúmeras, mas o que interessa nessa situação peculiar é ressaltar o que a

Folia de Reis representa na vida dessas pessoas, e como a distância geográfica não se configura como distância devocional.

Após cantar as Profecias, é a vez dos palhaços. A Folia já chamou a atenção da vizinhança, que, mesmo na madrugada do dia de Natal, comparece ansiosa pela brincadeira. É interessante notar que a plateia é numerosa mesmo nesta hora e faz uma grande roda como uma arena, ocupando todo o amplo terreiro da casa. Os palhaços versam, dançam e divertem a assistência. Não conseguem muito dinheiro. Após a chula do palhaço, a Folia volta a cantar para se despedir da casa e retirar a Bandeira. O telefone continua na mão da moça.

Nesta casa, não foi oferecido jantar ou lanche, mas a oferta da Bandeira lá estava pendurada em uma de suas fitas. A refeição não é obrigatória, e sabe-se que a Folia se apresenta nas casas pela devoção e não em troca de comida ou dinheiro, apesar de alguns foliões ficarem um pouco desapontados pela ausência do lanche.

Agora a Folia se prepara para ir à segunda residência e segue para o bairro Seminário, próximo à casa do mestre. No caminho, Welber e Bruno, filho da Maú e ex-folião, mas que ainda acompanha a Folia, recomendaram-me que filmasse o ritual na casa do “Sandália”, homem de devoção inestimável. Dia 27 de dezembro, o grupo iria visitá-lo e contam que seu presépio é enorme, e o ritual é maior, pois esse devoto é exigente.

Na segunda residência, o acesso é mais problemático. Os foliões tiveram que passar por uma escada bem estreita, com subida íngreme e mal iluminada. Maú teve de ser amparada pelos filhos para vencer os degraus. A escada levou ao terreiro da casa, onde a Folia se posicionou para cantar a Chegada. Os devotos ouviram o pedido para se acender as luzes na cantoria e ele foi obedecido. Não demorou muito, a devota abre a porta para receber a Bandeira. Entretanto, não pude entrar para filmar, pois era muito pequena para receber tantas pessoas e o calor ali dentro era intenso.

Permaneci no terreiro observando como se portam os que se encontram em um patamar menos privilegiado na hierarquia da Folia, os responsáveis pelos instrumentos de percussão, pois eles sempre ficam atrás na jornada. Logo não couberam dentro da casa e ficaram ainda no terreiro depois que a Bandeira entrou. São foliões mais jovens, dependem de força física e resistência para suportar o peso desses instrumentos durante as madrugadas. Para driblar esse tipo de problema, os foliões constantemente revezam os instrumentos como a sanfona, caixa e bumbo, os mais pesados, com os outros que carregam o pandeiro, o chocalho, etc. Esses foliões ficaram um pouco mais dispersos. Fora da casa não podiam ouvir muito bem a cantoria e acabavam se rendendo à conversa, já que ali nem o mestre, nem Maú poderiam ouvi-los. A situação acabou permitindo tal comportamento.

Logo, chega a hora dos palhaços. Eles já estão na rua esperando a patroa e o patrão para fazerem sua Chegada. Assim que eles aparecem, já com o dinheiro que será oferecido aos palhaços nas mãos, a Folia toca a chula, ou como os foliões preferem dizer, a Folia “bate”, e os palhaços fazem a sua Chegada.

Os mascarados versam, dançam, ganham alguns trocados da plateia, que às quatro horas da madrugada já não é tão numerosa, e depois de algum tempo brincando fazem a despedida. Quando a chula dos palhaços termina, eu me despeço do mestre na rua mesmo e vou embora me desculpando de não poder ir à sua casa. Já estava exausta e a Folia só pararia de “bater” lá pelas seis horas da manhã, pois eles ainda iriam jantar naquela casa. Depois, notei que Maú não gostou que eu saísse sem jantar. Disseram que foi um banquete e que a feijoada servida estava maravilhosa. Além do prato principal, havia também salpicão, carne de porco e outras variedades servidas com tamanha abundância que ainda alimentaria um batalhão.

Pode-se perceber que os devotos não medem esforços e tampouco os gastos quando o assunto é fé. A crença na recompensa e a devoção é tão forte que realmente o dinheiro é o que menos importa. Mestre Turino garante que quem recebe a Folia em casa não passa necessidade em relação à comida, é uma espécie de garantia de mesa farta o ano inteiro. Para as famílias da periferia tão numerosas e desfavorecidas financeiramente, essa esperança se torna um alento pela certeza de dias melhores.

Após saírem de lá seguiram para a casa do mestre Turino, onde a Bandeira recebeu pouso até o dia 27 de dezembro, quando a Folia bateria novamente. Chegando lá, a Folia fez o mesmo processo de entrada silenciosa, pedindo para acender as luzes do terreiro, para a esposa do mestre abrir a porta e receber a Bandeira, e a Profecia foi cantada.

No dia 27 de dezembro, às 18 horas, a Folia se encontrou na casa do mestre, no Bairro Eldorado, também conhecido como Agreste. O acesso é difícil. A rua é sem saída, e a casa do mestre fica no fim dela, com apenas um escadão ao lado que dá acesso à via de baixo. A rua é bem longa e estreita: se um carro entra de frente deve sair de ré, pois não há espaço para manobras. Por isso, assim que alguns foliões foram localizados, logo parei pedindo informação sobre a residência de Seu Turino. Gurú, neto de Maú, recomendou que eu deixasse o veículo ali mesmo. É importante ressaltar que todos são muito solícitos. Senti isso desde o primeiro encontro, quando pedi informação sobre a Folia da Maú para aquele bando de homens vestidos de branco tomando cerveja no barzinho da esquina, sentados no meio fio, no dia 6 de janeiro, sem saber que pertenciam à mesma. Eles nem me conheciam e mandaram

o Willian, neto da Maú, um menino, entrar no meu carro e me conduzir até a casa de sua avó. Confiaram em uma estranha, mas, na verdade, foi uma confiança mútua.

Logo que nos aproximamos do local, comentei com Gurú que eu já estivera ali em janeiro de 2011. E o rapaz respondeu que sim, que eu já tinha assistido à Folia ali, ele só ficou em dúvida se havia sido em 2010 ou 2011. Como esses rapazes se lembravam de mim e eu não deles? Mas a presença da filmadora sempre chama a atenção em contraste com as filmagens desinteressadas dos celulares. Só quando reconheci a casa que me veio à memória o grupo vestido de branco. Seu Zé Cristóvão até conta em entrevista que a Folia da Maú já foi apelidada de Folia das almas, por conta do uniforme branco sempre utilizado, embora este ano tenha sido adotado o verde.

Chegamos à casa, ao terreiro do mestre. A esposa dele me ofereceu água, café e doces e aceitei, pois se há uma coisa que a vivência da pesquisa me ensinou é que recusar a comida que lhe oferecem em uma reunião da Folia pode soar como uma desfeita. E não é nenhum sacrifício comer um docinho e beber uma água fresquinha naquele calor das seis da tarde no verão implacável de Leopoldina. Fiquei ali esperando a Folia bater e conversando com Maú, Seu Zé Cristóvão, com o próprio mestre e com um rapaz bêbado que chegou dizendo que adorava Folia de Reis e que não perdia uma. A ele também foi oferecido um café que aceitou. Geralmente um homem bêbado é humilhado e escorraçado em qualquer casa que entre, ou pelo menos recebido com hostilidade. Aquele homem foi acolhido como uma visita com direito a cafezinho.

Os palhaços se preparam para fazer sua Chegada. Mas por que começar com os palhaços? Porque, no dia 24, a casa do mestre foi a última a ser visitada. Naquela madrugada, a Folia já anunciou sua visita solicitando a luz do terreiro, pediu para a porta ser aberta, a patroa tomou a Bandeira nas mãos e, em seu lar, o oratório de caminhada recebeu pouso até o dia 27. É bom ressaltar que é um privilégio dar pouso à Bandeira. Somente quem possui a confiança plena dos foliões e respeita o símbolo sagrado pode lhe oferecer a pousada. A Bandeira só é guardada na casa de Maú no dia de sua entrega. Enquanto a Folia ainda está em giro, o objeto deve ficar na casa do último devoto a ser visitado na noite. Após o estandarte ser alocado em lugar seguro, os foliões podem ir para casa descansar.

Dando continuidade ao ritual, é a hora da chula dos palhaços. Esperam a presença de Turino na porta, que neste momento é o patrão, para iniciarem a performance. Primeiro, o palhaço de menor relevo se apresenta. Logo, é a vez do palhaço MJ, oficial da Folia. Ele inicia os versos da Chegada do lado de fora da casa.

As primeiras palavras não foram registradas, mas foram aqui transcritos, a partir do registro audiovisual, os versos da primeira parte, que tem a duração de dois minutos e quarenta segundos:

... não convém dá cabeçada / pode errá e pegá na pedra
 saí cas fuça quebrada /Turco morre de fome mas não pega na enxada/ É a
 chegada do MJ junto com a rapaziada, mexe os coro de novo que eu vô fazê
 minha Chegada, sanfonero!
 Licença meu povo todo / eu não vim aqui fazer drama, mas como é bom a
 gente fazer / as coisas que a gente ama
 Estou respirando cultura / e o folclore está em chama
 os habitantes do planeta / nos meus verso faço soma
 Olariá um tigume⁸⁰ / na pureza do aroma interpretando os meus verso / em
 24 idiomas nação das graças de Roma /que hoje aqui eu começo
 Através da poesia / rimo consciente verso vinte por cento que falo / oitenta
 por cento é gesto sem redução sem aumento / na rima sou um talento pra
 trová no improviso / no inconsciente gesto
 no mundo dos trovadores / MJ é o maestro
 meu conhecimento testo / com minhas trovas serenas
 Apesar de muito novo / não fico fazendo cena
 pois meu coração é grande/ e minha força é tão pequena
 de ver um mundo tão triste / até Jesus sente pena.
 Pra que há de melhorar / de uma forma mais o mena
 pra transformação do mundo/ depende da gente apenas
 Gente de pele morena / negro e outras raízes
 vai juntando o mundo inteiro / nação de todas matrizes
 Nas rimas que elaborei / se for no mar vira onda
 se formam versos de aço/ se for morar numa sonda
 Toma cuidado repentista / Que Seu Turino⁸¹ tá de ronda
 É na boca do MJ /Toda trova sai redonda
 Eu quero que a árvore se esconda / por detrás daquele monte
 conheço todas cratera / caminho de todas fonte
 Muitas vezes vi o sol / se pôr no horizonte
 Me disse a relva molhada: /quero que você me conte
 pra alcançar o seu destino / já construiu quantas ponte?
 Eu disse: relva abençoada / que eu já estou pronto desde ontem!
 Cutuca rapaziada!⁸²

Ainda dentro do contexto da Chegada, é o momento de cumprimentar a assistência. A plateia é parte integrante da Folia de Reis e muito cara ao palhaço. Ele cativa a assistência com os seguintes versos:

⁸⁰ Segundo Marcílio, o palhaço MJ, “Olariá um tigume” não tem nenhum significado específico, é só para compor o que estava faltando e conferir sonoridade ao verso.

⁸¹ Segundo Marcílio, o palhaço MJ, o nome correto neste verso é Rodrigo, que é o palhaço mais experiente e professor de MJ. Porém, se houver na assistência outro palhaço, ele prefere trocar o nome para evitar que o verso soe como uma provocação. Em entrevista, Marcílio conta que outros palhaços às vezes ficam “rezando” aquele que está em cena, ou seja, jogando mal agouro no outro, para ele se atrapalhar, ou seja, parar. Então ele avisa, cuidado que Rodrigo está tomando conta e, se ele vir alguém “rezando”, ele vai até a pessoa e a distrai para que se desconcentre na “reza”, ou toma qualquer outra atitude, dependendo da situação e da pessoa.

⁸² Versos de Chegada do palhaço MJ, gravado em 27 de dezembro de 2013, na casa do Mestre Turino.

Eu transformo pão em vinho / o ódio em aquarela
 Eu lembro da minha mãezinha / debruçada na janela
 Ela dizendo: meu filho / afaste de seus inimigo
 que a falsidade do homem/ conheço desde minino
 Eu respondi: ô mamãe / Deus mandou o anjo comigo
 Mas eu tenho que rever / o povo dessa cidade
 Comé que vai? / Como ceis tá?
 Vim sabê das novidade!
 E desse povo tão querido / tava loco de saudade!
 A presença de Jesus / vem retirando os incosto
 Trás a paz, a alegria / pois seu nome já foi posto Deus sabe que as poesia / é
 o que eu faço com mais gosto
 E hoje eu vim rever vocês / com o sorriso no rosto trago o fortalecimento /
 de todos os anjo da guarda que são enviado de Deus que acompanha a
 criançada porque no meio de vocês, meu povo / não sinto falta de nada.
 Ai seu Turino/ só tá faltando a licença pra eu fazê minha Chegada
 Se o senhor me der licença/ eu vou seguir o meu caminho
 Eu quero pedir ao povo/ como pede um garotinho que a partir desse
 momento/ vamo combiná assim; eu vô orá por vocês/ e vocês ora por mim.
 O meu verso de Chegada/ já tá principiando do fim
 mas se alguém quisé fazê/ uma demonstração de carim
 bate aí uma salva de palma/ que eu tenho certeza que é prá mim!
 Balança, rapaziada!⁸³

Encerrada a Chegada, o palhaço MJ faz verso até para pedir licença para atravessar o portão da casa do Mestre, fazendo uma saudação agora aos seus amigos foliões, que tocam a chula para que ele possa brincar:

Eu pego minha espingarda / e loto de munição
 Eu boto bucha, chumbo e prego / enxofre e alcatrão
 Mas eu não vim sozinho / vim com meu batalhão
 Armado de caixa e bumbo / sanfonero muito bão
 E o poeta saliente / que dá memo um trabalhão
 Ô patrão / ocê dá licença que eu vô atravessá o seu portão.
 Balança, rapaziada!⁸⁴

É a hora de cumprimentar o patrão que não gosta muito de palhaço e deixa bater a chula só para cumprir o roteiro. Encara o mascarado como o lado mal presente na Folia e por isso se nega a conceder oficialmente a licença e cumprimentar o palhaço da maneira mais usual.

Foi a primeira vez que pude presenciar o mascarado pedindo a licença e esta ter-lhe sido negada:

⁸³ Idem.

⁸⁴ Versos do palhaço MJ, gravado em 27 de dezembro de 2013, na casa do Mestre Turino.

Quando eu chego dentro da roda / todo mundo me arrodeia
 Igualzinho assassino / quando vem lá da cadeia
 Dá três pancada no bumbo / e a sanfona incendeia
 E depois cê dá licença, seu Turino / pro bicho da cara feia?⁸⁵

Nesse momento, Turino não deixa sequer o verso terminar e brada: “Eu num dô licença pra paição não!”. Pega uma nota de R\$ 5,00 e dá de qualquer maneira, fazendo um gesto com a mão como quem quer que o visitante vá embora. O mestre sai de cena e vai para o interior da casa. O mascarado, ainda meio sem graça, mas com uma presença de espírito marcante, própria dos bons palhaços, com raciocínio rápido, aproveita a situação para fazer um verso debochado. Como quem pede apoio, o poeta popular descreve o ocorrido à assistência, esta que, ao contrário de Seu Turino, não quer que o mascarado vá embora: “Eu faço rimas e verso / Eu venho trepado em carambola Seu Turino pagou cinco reais e mandou o paição embora!”⁸⁶

Dessa situação, pode-se pensar sobre o lugar que o palhaço ocupa na hierarquia do grupo. É perceptível que o pouco prestígio que o mascarado detém está relacionado à figura que ele representa. Sendo a representação direta do mal e, segundo Sr. Turino, “do coisa ruim memo”, o mesmo não pode e não deve ter qualquer tipo de consideração. Em certos momentos, ele assume o papel de Herodes, em outros do diabo e até de Judas. Diante disso, aos olhos dos foliões e dos devotos mais fervorosos, ele não é digno de apreço; não se trata do homem que está dentro da farda e debaixo da máscara, mas o seu personagem. Mesmo assim, ele envolve toda a gente com seu carisma e é o preferido da assistência, tendo o seu apoio incondicional.

Mas é chegada a hora do palhaço sair de cena e os foliões voltarem para agradecer o pouso da Bandeira. Então o mascarado recita seu verso de despedida:

Vai chegado nessa hora/ meu corpo me dá arrelia
 Nesse momento sagrado / de tristeza e alegria
 Um feliz 2014 / pra vocês e prá família
 Sei que vai ficar saudade / pro home e prá mulhé
 Mas dexo um abraço apertado / e também um cafuné
 Eu já vim como Deus quis / e lá vai eu como Deus qué
 Ceis esquentá a bateria / que eu vô dispará aqui no pé
 Ô sanfonero!⁸⁷

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ Versos de despedida do palhaço MJ, gravado em 27 de dezembro de 2013, na casa do Mestre Turino.

Nesse momento, o palhaço dança um pouquinho e sai de cena. É possível entender porque o palhaço é tão querido apesar de sua má aparência e de sua representação do vilão da história do nascimento do Menino Jesus. Há um conflito entre a representação do mal e o carinho que ele dispensa às pessoas e principalmente às crianças, ele ganha a simpatia de todos, mas o mascarado é de natureza ambígua.

Todos os foliões, exceto o mestre, que neste dia assumia a função de patrão, retornam a seus lugares com seus instrumentos. Turino empunha a Bandeira de frente à Folia enfileirada. Então eles começam a cantar os versos de agradecimento pelo pouso e pela oferta da Bandeira. Depois desse momento de cantoria, a Folia segue em direção à casa do devoto “Sandália”.

Esta é a visita tão esperada, do presépio mais comentado por todos pela sua beleza e do devoto mais exigente. Sandália também é umbandista, e, devido à sua crença, não são muitas Folias que o visitam, por medo. Segundo Maú, a casa dele tem uma energia um pouco pesada. Mas eles não têm nenhum tipo de problema quanto a isso. Afinal o grupo se sente seguro por acreditar na proteção oferecida pela sabedoria inquestionável de Seu Turino em relação à presença do sobrenatural. Além disso, Seu Zé Cristóvão apresenta certa desenvoltura em situações desse tipo, e Welber, o folião pai-de-santo, também pode resolver tais problemas. Portanto, todos os anos eles batem lá e são recebidos com todo o carinho pelo devoto e sua família.

Essa é uma das casas que recebe as visitas mais longas. Um folião falou comigo em tom de brincadeira que o Turino não pode ver um Menino Jesus que ele dispara a cantar, referindo-se ao presépio e ressaltando com essa fala a relevância do mesmo. O mestre é o responsável pelas escolhas dos versos que serão recitados em toda a cantoria.

Dessa forma, quando ele vê um presépio, ainda mais todo enfeitado como o do Sandália, estende a visita e vai recitando muitos versos que os cantores devem acompanhar. Bruno disse que na casa do Sandália eu deveria filmar tudo, pois o ritual seria prolongado e também me avisou que esse devoto demora a abrir a porta da casa. Ele gosta de ouvir bastante os versos de pedido da abertura da porta antes de abri-la.

A Folia entra silenciosa, mas, assim que Sandália percebe a presença dela, disponibiliza uma cadeira para Maú se sentar. Ela pede que ele me leve para dentro da casa para que eu pudesse filmar a entrada da Folia. Esse registro para ela é tão importante quanto para mim, por motivos diferentes. Dentro da casa, peço a permissão para fazer as filmagens, e Sandália autoriza, já pedindo uma cópia, que lhe foi enviada assim que a edição ficou pronta. Posicionei-me ao lado do presépio não sem antes filmá-lo. De fato, era de uma beleza e de

uma importância inefável para aquelas pessoas. Era um objeto de devoção, de afeto, de admiração e até de decoração. Ficava em local privilegiado da casa, na sala de frente à porta de entrada, qualquer um que entrasse logo se deparava com o objeto sagrado. Esse era sustentado por uma estrutura de madeira em formato de casebre, como um móvel feito exclusivamente para aloca-lo. Estava todo enfeitado com pisca-pisca, festão, bolas de natal e fitas coloridas, e uma grande estrela brilhando sobre a cobertura de palha do casebre. Enquanto a casa estava toda escura, ouvindo a Folia pedir para acender as luzes da varanda, somente o presépio iluminava a sala. Até que o devoto acende as luzes da varanda, da sala e, posteriormente, após uma longa espera cantada, abre a porta de sua residência.

Sandália se ajoelha diante da Bandeira, ainda nas mãos do bandeireiro, beija-a, faz o sinal da cruz se benzendo e faz uma oração. Toma o oratório de caminhada em suas mãos, ainda de joelhos, vira-se e posiciona-se de frente ao presépio. Antes da entrada da Folia, aos poucos vai se aproximando do objeto que simboliza o nascimento do Menino Jesus com a Bandeira, sempre de joelhos, até colocar os objetos sagrados um frente ao outro. Apóia a mão direita sobre o presépio com a palma para cima, como se estivesse rezando um Pai-Nosso, logo coloca a mão sobre a imagem do Menino Jesus na manjedoura, põe-se a rezar por mais um momento. Levanta-se autorizando e cedendo espaço para a Folia entrar em sua casa.



Foto 19: Sandália faz uma oração ajoelhado diante da Bandeira ao recebê-la em sua casa.
Fonte: Acervo pessoal, 2014

O momento de adoração do presépio já foi iniciado pelo patrão, agora é a vez dos foliões, que entram cantando diante do objeto, reverenciando-o. Essa parte do ritual, chamada de Salvamento do Presépio, é tão importante quanto a Profecia, que conta a história do nascimento do Deus Menino. Em todo lugar em que o objeto possa ser visto, a adoração deve ser feita. Giovannini (2005, p. 15-16) apresenta sucintamente as etapas da Folia em uma passagem introdutória:

Cantando nas casas que visitam, contam a história do nascimento do Filho de Deus, anunciando a “boa nova” aos homens e às suas famílias. A cada presépio encontrado no caminho, uma adoração, em cada casa ou varanda uma oração com cantos rimados e acompanhados por violas, pandeiro, caixa e bumbo.

Em um dado momento, Seu Turino, Seu Zé Cristóvão e Leandro, os representantes dos Reis Magos, ajoelham-se diante do objeto de devoção, acendem uma vela no pratinho que ali já se encontra para tal uso diante da imagem do Menino. Cantam longamente naquela posição, já com a moeda de R\$ 1,00 no bolso do roupão⁸⁸ cedida pelo quarto cantor que participa da cantoria, mas que não representa um Rei Mago naquela situação específica.

Logo, é cantado o momento da oferta ao presépio, e, à semelhança dos Reis do Oriente, que trouxeram a Jesus três regalos, os três foliões colocam uma moeda no pratinho que se encontra aos pés da imagem do Menino; essas moedas simbolizam os presentes. Seu Turino conta que o certo mesmo era levar incenso, ouro e mirra, mas, como não é possível, colocam as “pratinhas” como oferta. Logo se levantam e lentamente alcançam o centro da sala.

Após o Salvamento do Presépio, a Folia dá início às Profecias, caracterizada por uma longa cantoria diante da Bandeira que é segurada pelo patrão de pé durante todo o tempo. Ao fim desta, chega a hora da chula tão ansiosamente esperada pelas crianças do bairro. A rua é tomada por uma multidão de pessoas de todas as idades que ficam no portão da varanda. A roda vai abrindo à medida que o palhaço, fazendo sua Chegada da varanda pra a rua, vai requerendo o seu espaço.

O poeta mascarado faz a alegria da numerosa assistência e consegue certa quantia de dinheiro. Depois de sua brincadeira, é a hora do lanche. A mesa já está posta na parte externa. Os foliões guardam os instrumentos no quarto a eles destinado enquanto a patroa leva a

⁸⁸ Roupão é o nome dado à camisa do uniforme dos três Reis Magos da Folia da Maú, que é diferenciada dos outros foliões e muito almejada por aqueles que têm condições de vesti-la, ou seja, aqueles que cantam na posição de frente.

Bandeira em todos os cômodos, crendo no poder de sua bênção quando a casa inteira receber a presença do objeto sagrado. Logo, recolhe a Bandeira no mesmo quarto dos instrumentos.

A mesa do lanche estava repleta de cachorro-quente, salgados diversos fritos naquele momento, refrigerante, etc. A enorme mesa ficou pequena para a quantidade de pessoas que havia ao seu redor, e a comida não acabava, ao contrário, sobrava. Não posso negar que me delicieei também com os quitutes. Depois que os 24 integrantes (os foliões e um palhaço) da Folia da Maú se fartaram, ainda foi servido lanche aos vizinhos e às pessoas mais íntimas do dono da casa que ali se encontravam. A lógica seguida pelos devotos é de dividir com generosidade para sempre ter o que oferecer. Quem tem, oferta, quem não tem, recebe a Folia para nunca mais faltar. É comum inclusive a Folia levar os mantimentos quando visitam uma casa em que as pessoas passam por necessidade. Oliveira (2003, p. 27) conta que um de seus colaboradores entrevistados se emociona ao revelar sua felicidade ao levar mantimentos para uma casa em que as pessoas não têm o que comer.

Em conversa com mestre Turino, ele disse que as pessoas querem ser visitadas pelos Santos Reis por diversos motivos. Às vezes é para fazer ou pagar uma promessa, outras é só porque gostam mesmo e são devotos, e há quem receba para garantir a fartura na mesa o ano inteiro. Percebo que, na maioria das vezes, os três motivos estão imbricados. O mestre afirma que quem recebe a Folia para fazer pedidos ou pagar uma promessa comumente não deixa mais de receber, mas vai depender da consciência de cada um, ressalta ele.

Foi o que aconteceu com Seu Sebastião. Conta em entrevista como foi a primeira vez em que a Folia bateu em sua porta em 1979. Afirma que desta data até hoje: “nos Dias de Reis, as minhas porta é aberta pra elas, a hora que chegar, o que tiver nós come e esses dia nunca falta de comê, com certeza.”⁸⁹

Mas nem sempre foi assim. Em seu relato, ele diz emocionado que o início da sua vida de casado foi difícil e chegou até a passar fome antes de receber a Folia. O devoto conta que depois da primeira visita de uma Folia de Reis em sua casa, ele as recebe todos os anos para agradecer a graça alcançada da fartura em sua mesa o ano inteiro e retribui com a mesma abundância de alimentos. Segundo Steil (2001, p. 27), nas festividades do Catolicismo Santorial, “a abundância e a fartura de mesas repletas de iguarias e de certa liberalidade nos gastos e nos costumes” é algo corriqueiro e natural.

Após a fartura do lanche, é hora dos foliões voltarem ao interior da casa para agradecerem a refeição e a oferta à Bandeira. Em um dado momento, o palhaço, sem a

⁸⁹ Entrevista realizada com o Seu Sebastião na cidade de Leopoldina em sua residência, dia 1º de novembro de 2010.

máscara, entra de joelhos e se coloca diante do presépio para fazer a sua reverência a ele. Essa atitude caracteriza o Salvamento do Presépio feito pelo palhaço. Ele não canta como os foliões, ele recita os versos como uma oração.

Segundo Marcílio, o MJ, originalmente a função de salvar o presépio é do mestre, o palhaço não seria obrigado a fazê-lo, nem digno de entrar na morada do devoto e tampouco reverenciar seu presépio. Mas alguns devotos já sabem da capacidade do mestre folião, e querem atestar a do palhaço, saber se ele também tem o conhecimento necessário para ocupar aquela posição. Qualquer patrão que conheça um pouco do ritual da Folia sabe que não deve permitir a entrada do palhaço mascarado em sua morada, pois seria o mesmo que permitir a entrada do perseguidor de Jesus. Porém, sem a máscara, o palhaço se torna um integrante da Folia como outro qualquer. Como um devotado cristão e seguro de sua fé, diante do presépio, ele a manifesta recitando versos que contam a saga de Maria e José para esconder a criança de seus perseguidores.



Foto 20: Palhaço MJ, de joelhos e sem a máscara, salvando o Presépio de Sandália
Fonte: Acervo pessoal, 2014

Em entrevista, Marcílio conta que aprendeu a fazer o salvamento com Rodrigo e ressalta que este não lhe deu nenhum papel escrito com os versos a serem recitados, mas aprendeu só ouvindo, afirmando assim o caráter oral do aprendizado na Folia e sua eficácia. O aprendizado de outros especialistas populares sempre foi essencialmente prático:

O aprendizado do contramestre, assim como se nota em relação a diferentes tipos de especialistas populares, é um processo fundamentalmente prático. É durante a performance que ele passa a dominar a linguagem formalizada característica de um ritual (CHAVES, 2003, p. 33).

Não só o aprendizado de mestre e contramestre, mas de todos os integrantes da Folia é dado de forma oral e essencialmente prática. Muitos são analfabetos, semianalfabetos ou com um letramento muito precário, como é o caso do mestre Turino.

Mas na oralidade são bem desenvolvidos e muitas vezes com um conhecimento lexical ampliado, mesmo quando falado de maneira equivocada em relação à norma culta da língua. Rodrigo confessou a Marcílio que ele próprio já foi o pior palhaço de Leopoldina, e Seu Zé Cristóvão confirma dizendo que Seu Turino, que já foi palhaço, teve muito trabalho para ensinar tudo que o rapaz sabe. E hoje todos ali concordam e creem que Rodrigo é o melhor palhaço da cidade.

Aprendendo na prática, aliando talento e experiência, hoje ele “bate” em qualquer um. Em todo evento, se ele brinca antes, outros palhaços não brincam depois, pois qualquer um “apanha”⁹⁰ dele no verso. Além disso, os foliões afirmam que Folia da Maú sempre se apresenta por último, para segurar a plateia, tamanha sua qualidade. Se a sua performance for a primeira, todo mundo vai embora depois que ela se exhibe⁹¹. Dizem que quem conhece e já está acostumado com Folia, só sai depois que eles se apresentam.

Depois que o palhaço salvou o presépio, Sandália ouviu respeitosamente a cantoria de agradecimento. Quando a letra pede a presença da Bandeira, o devoto traz o objeto em suas mãos, já com o dinheiro pendurado em uma de suas fitas. O agradecimento também foi longo. Depois a Folia se retira, cantando sem dar as costas à Bandeira, vai se afastando em direção à porta sempre de frente. À medida que se afasta, o patrão vai se aproximando com a mesma até chegar à porta. Quando termina, toda a família beija a Bandeira, despede-se com respeito e fé, e a entregam de volta ao bandeireiro.

Ao fim do ritual, escutei um comentário do mestre com Sandália sobre as cordas dos instrumentos se arrebatando, mas não como uma coisa natural pelo desgaste da longa cantoria, mas como se fosse ação de algo sobrenatural. Quando me intrometi interrogando, pois estava perto e não parecia que estavam falando em segredo, o mestre “engasgou”, calou-se, e o devoto respondeu como quem cobria o amigo pela falha cometida: “É muita fé, né?! É muita religião!”

⁹⁰Bater e apanhar na linguagem da Folia significa fazer uma espécie de competição entre os palhaços utilizando apenas seus versos. Um provoca, o outro responde e as ofensas não são raras.

⁹¹No Encontro de Tradições Mineiras realizado em Leopoldina em 2010, quando eu ainda não conhecia a Folia da Maú, não pude assistir a sua apresentação, pois essa foi a última e eu já havia deixado o local. O Encontro começou no início da tarde e foi acabar no final da noite. Existem outros eventos nos quais o grupo se apresenta, como reunião de Foliás promovida por foliões antigos. Maú disse que teria uma festa desse tipo para eles irem em Abaíba, distrito de Leopoldina, no dia 26 de abril, promovido por um folião conhecido, em comemoração ao seu aniversário.

A resposta não convenceu, mas achei melhor não insistir, pois pareciam encabulados com a pergunta. Seu Turino é muito reservado em relação à sua crença espírita. Acredito que a resposta verdadeira à questão estivesse relacionada a essa crença. Só revelava alguma informação a respeito quando se esquecia da minha presença. Talvez, se a pergunta fosse direcionada ao Seu Zé Cristóvão, a resposta fosse diferente, pois ele fala abertamente, com desenvoltura e segurança sobre o assunto.

O que se pode aferir a partir da situação relatada é que as crenças assumem uma posição relevante nas experiências cotidianas dessas pessoas. Elas estão muito mais presente em suas vidas do que se poderia inferir. Como imaginaria que um acontecimento tão natural no meu ponto de vista, para eles pôde ser entendido de forma tão diferente? A vivência religiosa é um aprendizado, e as interpretações podem ser múltiplas de acordo com a cosmovisão de cada indivíduo.

Logo, a Bandeira segue seu giro, e eu precisava ir para casa, pois a jornada é muito esgotante. Acabei dando carona para Leandro, uma voz importante no grupo, mas que também não poderia mais ficar, pois deveria acordar cedo para trabalhar naquele dia (a esta altura já havia passado da meia-noite). De acordo com a tradição, isto não é permitido, o folião que sai em giro com a Bandeira só para quando ela para, ou seja, só deveria retornar para casa quando o objeto sagrado recebesse pouso. Mas as exigências do cotidiano de um trabalhador urbano hoje⁹² não permitem que ele siga à risca a tradição. É por isso que ela se modifica, para continuar viva.

4.2 Dia 6 de janeiro, dia de Reis

A Folia da Maú, diferente das outras Folias de Reis, não entrega a Bandeira, ou seja, não encerra a jornada, em 6 de janeiro, como manda a tradição. O motivo da alteração não contempla somente as condições de trabalho dos foliões, mas também uma devoção. Como os foliões são devotos de São Sebastião, estendem a jornada até o vigésimo dia do mês, só entregando a Bandeira neste dia, em sua homenagem.

⁹² Até que em Leopoldina, pela Folia de Reis ter uma presença forte e expressiva no município, alguns empregadores acabam sendo mais flexíveis com seus empregados integrantes de Folias. Em conversa com um conhecido, dono de um comércio na cidade, percebi certa complacência. Ele comentou que nesses dias de janeiro está acostumado, sabe que um vai faltar, outro vai chegar atrasado, às vezes um vai “cair de sono”, mas ele entende que deve respeitar a fé e, em assunto de devoção, é complicado interferir. É válido ressaltar que isso acontece por ser Leopoldina uma cidade pequena, onde o empregador conhece a vida, os hábitos e a religiosidade de seus empregados. Claro que nem todos os patrões são assim.

Porém, o dia de Santos Reis não passa sem a devida reverência do grupo. Em 6 de janeiro, a partir das 6 horas da manhã ou da tarde, a Folia retoma a Bandeira na casa onde recebeu pouso e segue para o Cruzeiro.

4.2.1 Na casa do Seu Geraldo

No último dia em que a Folia saiu em jornada, a Bandeira recebeu pouso na casa do Seu Geraldo. Chegando lá, os Foliões subiram uma estreita escada que dava acesso à casa. Cantaram em agradecimento à pousada sem muitas delongas e desceram para bater a chula.

Os dois palhaços da Maú, o MJ e o Toninho, estavam presentes. Este se apresentou com uma bela farda nova, exibindo exuberância e bom gosto. O palhaço MJ é bem articulado com as palavras, mas não é um exímio dançarino. Enquanto Toninho apresenta grande capacidade e criatividade coreográfica, além da habilidade com os passos ritmados exigidos na performance, MJ apresenta tal habilidade com as rimas. Terminada a chula dos palhaços, a Folia seguiu para o Cruzeiro, localizado no bairro Pirineus.

4.2.2 No Cruzeiro, o Padecimento de Cristo

Todos apresentavam um descontentamento com um recente acontecimento sobre o qual já tinham conhecimento: o Cruzeiro dos Pirineus foi alvo de vandalismo e estava ao chão. Mesmo assim, para não deixar de cumprir essa tradicional etapa do giro da Folia da Maú, a recitação do Padecimento de Cristo na cruz e a entrega das promessas feitas, a Folia seguiu para o local.

Segundo Maú, a quantia de R\$100,00 havia sido gasta em foguetes para serem soltos no Cruzeiro, sem contar as velas, de suma necessidade para atender aos pedidos dos devotos. Muitas pessoas, diz Mestre Turino, que recebem a Folia de Reis em sua residência fazem pedidos e promessas aos Reis Magos e utilizam a Folia como mediadora da relação com os santos.

Segundo Amaral (1998, p. 10), a festa é por excelência uma mediação entre dimensões culturais, categorias, símbolos. Então por que não pensar também em uma mediação entre o sagrado e o profano efetuada pelos próprios foliões. Às vezes, o devoto fala em sigilo com o mestre o seu anseio, escreve em um papelzinho ou até mesmo em uma fita de cetim e adiciona à Bandeira o seu pedido. Independente da forma como proceda, a pessoa espera o intermédio da Folia junto ao mundo transcendental. Afinal, em uma escala hierárquica, os foliões

mantêm uma relação de maior proximidade e intimidade com os santos e, além disso, são passíveis de consagração pelo sacrifício.

Amaral (1998) ressalta que o sacrifício implica uma consagração, pois transforma profano em sagrado. No caso da Folia da Maú, a penitência se dá pelo esforço físico de sair em jornada em um período estendido de 27 dias (de 24 de dezembro a 20 de janeiro), visitando as casas a pé durante noites e madrugadas. Os foliões dizem que certas vezes eles começam a bater às 19 horas e só param por volta das 6 horas da manhã. Só mesmo a devoção pode fazê-los prosseguir diante do cansaço extremo e do calor leopoldinense em pleno janeiro. Eu mesma tentei várias vezes e esmoreci na segunda ou terceira casa visitada. Portanto, diante do sacrifício:

Os foliões de reis são passíveis dessa ‘sacralização’, o que podemos detectar pela crença que faz com que os devotos recebam os foliões como se estivessem recebendo em suas casas o ‘santo’, e levam a bandeira a todos os cômodos da casa para que esta seja abençoada e protegida (OLIVEIRA, 2003, p. 34)

É no Cruzeiro e no dia de Reis que os pedidos são “levados” aos santos; nesse local ocorre a mediação. Para realizá-la, é necessário o uso de velas que são acesas na base do Cruzeiro em nome dos devotos e seus anseios, e a eficácia simbólica desse gesto é o que garante a visita dos foliões todos os anos naquela casa em que a graça foi alcançada. Seu Turino garante que é neste lugar e na madeira daquela cruz que todos os males são deixados. Se o devoto pedir para os Santos levarem sua enfermidade embora, é no Cruzeiro, no dia 6 de janeiro, que os foliões vão entregá-la aos três Reis:

Nós dexamo lá no Cruzero, qué no Cruzero que fica isso: tudo inquanto é peso. Que se ocê chega, se eu entro na sua casa cum essa Fulia, cê tá pidino ô meus três Rei, eu sinto uma dor nas costa, eu sinto uma dor na perna, leve isso e coisa e tal. Às veiz quando acaba cê num tá sintino mais nada. Qué dizê, aquilo foi me acompanhano. Intão nós levamo lá no Cruzero no dia 6, ou 6 da manhã ou 6 da tarde, que é pra mode de ficá lá no Cruzero lá. Que só na maderá é que fica cravado, igual Jesus foi preso ali, aquele mal fica lá. E na hora dos três Rei i imbora, o que acontece? Eles leva aquilo pra eles⁹³.

As velas não são acesas somente para atender aos pedidos dos devotos, mas também para a proteção dos próprios foliões. Seu Zé Cristóvão, junto com o mestre, explica que os foliões precisam de muita proteção. Às vezes, uma pessoa quer sair sem compromisso e não

⁹³ Entrevista realizada com mestre Turino no dia 3 de abril de 2014, na casa da Maú.

sabe o perigo que está correndo. Se ele não tiver uma fé e uma sabedoria forte que possam lhe garantir a proteção, ele não deve sair. Seu Zé Cristóvão explica:

É por isso que a gente tem que tê muita proteção pra que nada aconteça. Que uma coisa que tá cum a pessoa num passá pra gente. Às veiz a pessoa pede numa promessa, e aquela pessoa tá cum um mal qui... qui das veiz é até um mal incurável. Vamo pô assim. Se ocê tivé cum o corpo aberto sem uma proteção de Deus ou do santo qui ocê tem fé nele, aquilo pode passá pra gente. [...] Aí é que vem a fé, vem a sabiduria, é aí dento desse, é dentro desse meio aí que tem que tê cuidado.⁹⁴

Além disso, segundo Seu Zé Cristóvão, as velas também são acesas para iluminar o caminho daqueles espíritos sem luz, que não foram doutrinados. Conta que muitas vezes eles ficam rodeando a Folia em busca de uma luz. Então aqueles que se manifestam não fazem por mal, não sabem que estão cometendo um erro ao incorporar em um integrante do grupo ou qualquer outro tipo de manifestação. O folião ainda acrescenta uma comparação: esses espíritos não doutrinados são como crianças sem a professora para lhe ensinar as coisas certas. Por isso, no Cruzeiro, acendem velas para eles. Quando os foliões sentem a sua presença ou percebem a iminência de uma manifestação e não estão no Cruzeiro, o mestre detém a Folia e todos fazem uma oração para encaminhar essas almas desorientadas.

A Folia da Maú não pode deixar de bater no Cruzeiro, pelo compromisso que tem com os santos, com as almas e com os devotos. É importante destacar que, em respeito ao padecimento de Jesus na cruz, nesta passagem não há cantoria, pois o canto é sinal de alegria, assim os versos são recitados pelo mestre ao invés de cantados. É interessante perceber que, mesmo sendo dia de Reis, quem recebe a homenagem é Jesus, justamente pelo lugar escolhido ser o Cruzeiro.

Maú segura a Bandeira em frente ao Cruzeiro, e a Folia fica enfileirada diante dela como nas casas visitadas. Mas observo um elemento a mais entre as duas filas de foliões: o palhaço ajoelhado de cabeça baixa diante da Bandeira, em uma posição de arrependimento e humilhação. O mestre explica que o palhaço ali representa Judas, que traiu Jesus por trinta dinheiros. Em um dado momento, apontado pelos versos que contam a história da crucificação, o palhaço se levanta e sai correndo em disparada gritando transtornado: “Fui eu! Fui eu!” É nesse momento que o Judas se arrepende e se enforca, segundo Seu Turino. Maú olha para mim com um sorriso, como quem diz: Gostou? Afinal eu nunca tinha visto aquele ritual em lugar nenhum, em Folia alguma.

⁹⁴ Entrevista realizada com Seu Zé Cristóvão, no dia 3 de abril de 2014, na casa da Maú.

Outras Folias cantam também em Cruzeiros, que é um lugar de devoção popular por excelência, mas essa representação é específica, e é interessante analisar suas especificidades. Isso ratifica o processo criativo pelo qual a tradição é continuamente recriada, sem o perigo de perda de sua pureza idealizada, pois não se perde aquilo que nunca se teve. Esse processo de renovação é perene, sempre existiu na dinâmica das manifestações tradicionais. Adiante segue parte dos versos que compõem o Padecimento de Cristo, recitado por mestre Turino:

Muita gente me pergunta: será que Jesus morreu mesmo na cruz? Será que ele apanhou antes de chegar na cruz? ... É isso que nós vamos ouvir agora: Pai e o filho e espírito Santo, na hora de Deus amém.
 Assim eu salvo este Cruzeiro, colocado aonde está.
 É um sinal que está no mundo aonde Deus foi judiado,
 essa terra ele viveu somente fazendo o bem,
 foi julgado e condenado sem dever nada a ninguém.
 Assim andando e tirando a sorte de nosso Jesus.
 Os judeus açoitearam para o ser morto na cruz.
 Pegaram o cálice de vinho em vossa sagrada mão.
 Bebeu o sangue do seu corpo que vai caindo no chão.
 Na montanha de galeria tem uma cruz como esta,
 onde foi morto na cruz para cumprir sua promessa.
 Com três cravos foi cravado,
 com um martelo arrebatado,
 com a soita foi cortado,
 com a lança foi ferido.
 Este Cruzeiro me trás lembrança daquele tempo passado.
 Com uma coroa de espinhos, foi bom Jesus coroado,
 com uma toalha de Madalena, seu suor foi enxugado.
 Naquela mesma toalha seu rosto ficou marcado. Uma turquesa foi atrancado
 os cravos que foi cravado.
 Pegaram o cálice de vinho e beberam o sangue sagrado .
 O galo subiu na torre, bateu asa e cantô,
 só por ver que ali estava o amado redentor.
 Nos braços da santa cruz Jesus cristo arrespirô.
 Os anjos anunciaram:
 Morreu nosso bom Jesus,
 morreu no reino da cruz, Jesus Cristo o salvador.
 Para nos dar a liberdade, sofreu tormento de dor,
 Jesus sofrendo tormento, perdoô os pecador.
 O sangue do bom Jesus...
 A coroa de Cristo com 72 espinhos,
 as luz todas se apagaram.
 A terra se tremeu as pedras todas partiram,
 quando o bom Jesus morreu,
 quando o bom Jesus morreu, as luz todas se apagaram.
 Mas a luz verdadeira de Deus, ela nunca se apagou.
 Perdão meu Deus, Meu Jesus
 Perdão pelo que eu fiz, meu santo guerreiro e redentor,
 Jesus sofreu, morreu, perdoou os pecadores
 pra não ser ignorante e não saber o que faz
 a escada onde alcançava nos braço da santa cruz

era pra arrebarer os cravo dos pés e da mão de Jesus.
 As quatro anunciais que o Filati escreveu:
 Era GNR: Jesus Nazareno rei dos judeu.
 A espada que São Pedro deixô riscada na cruz,
 Cortou a orelha do soldado que atormentava Jesus.
 Tiraro as veste de Cristo pra cruxificar na cruz,
 pra ver com quem estava a túnica de Jesus.
 A cartera que continha grande soma de dinheiro foi com que comprô Cristo.
 Jesus Cristo verdadeiro.
 Estou falano de Cristo e dos cravo que foi cravado
 Os pé e a mão de Jesus na cruz foi amarrado.
 O que tem no pé da cruz
 Parrera, minhoca e malva,
 foi que Deus dexô no mundo pra nossa recordação.
 A santa cas isca das alma, que no pé do Cruzeiro tem
 aonde todos põe esmola, só para fazer o bem.
 Me despeço desse Cruzeiro com prazer e alegria.
 Vou pedir a Jesus e Santana
 Para guiá a minha, a sua, a nossa Folia⁹⁵

Pode-se ter uma noção da dimensão que alcança a devoção dessas pessoas que passam o ano inteiro ensaiando e esperando para que sua fé seja renovada, seus passos protegidos e anseios realizados. Através de sua crença em Santos Reis, Jesus Cristo e nos espíritos de luz e seus guias, os foliões da Maú vivenciam sua fé, mas são nesses 27 dias que vivem um estado fora da vida cotidiana, sacrificam seus corpos pela exaustão das longas caminhadas pela periferia de Leopoldina, sacralizam-se por meio do sacrifício, mas também festejam sua crença com todos os excessos que lhe são permitidos, até 20 de janeiro, o derradeiro dia do giro da Folia da Maú. O “aspecto penitencial do catolicismo popular tradicional é apenas um lado da experiência religiosa. O outro é a festa e alegria.” (STEIL, 2001, p. 27)

4.3 Dia 20 de janeiro

Depois de 27 dias de giro, chega o momento de encerrar o período de visitas e se despedir da Bandeira. Usualmente as Folias de Reis fazem a sua festa de encerramento no dia 6 de janeiro, dia de Santos Reis. Mas a Folia da Maú, de acordo com as suas especificidades e prioridades, só faz a sua Entrega no dia de 20 de janeiro, dia de São Sebastião. A seguir serão observados os motivos que levam esse grupo a estender sua jornada.

Interessa ressaltar a participação efetiva das mulheres no contexto dessa Folia, uma manifestação exclusivamente masculina, de acordo com uma tradição que se deixa moldar. Diante disso, as mulheres assumem papéis ritualísticos no momento da Comunhão, e Maú se

⁹⁵ Entrevista realizada com o mestre Turino, na residência de Maú, em Leopoldina, no dia 7 de setembro de 2013.

mantém na liderança, mesmo que tenha transmitido a responsabilidade de dirigir a Folia para seu filho.

Os compromissos que devem ser cumpridos no dia da Entrega da Bandeira são muitos, e na compreensão desses foliões não devem ser negligenciados por fatores externos à ritualística da Folia, como falta de tempo, emprego e compromissos sociais. A Entrega da Bandeira da Folia da Maú exige um dia inteiro para o seu cumprimento que se desenvolve sem pressa de terminar.

4.3.1. O dia de São Sebastião

Muitos fatores contribuem para que a Bandeira da Folia da Maú seja entregue dia 20 e não em 6 de janeiro. Quando questionado sobre o motivo pelo qual a Folia da Maú só entrega a Bandeira nesse dia, mestre Turino evidencia que o objetivo de sua Folia é contemplar o maior número de casas possível. Por isso estendem o giro, e mesmo assim diz que alguns devotos não recebem a visita esperada. Além disso, um forte motivo que não foi ressaltado pelo mestre, justamente por parecer-lhe evidente, seria o fato de São Sebastião ser o santo de devoção de muitos foliões. Eles acreditam que podem reverenciá-lo com uma Folia de Reis sem problema algum, não havendo a necessidade de formar uma Charola de São Sebastião. Parece importar a devoção, a fé e a homenagem em si e não a maneira de homenagear, as quais são muitas especialmente se aplicadas à religiosidade popular.

Existem também aspectos não devocionais que apresentam relevância: São Sebastião é o padroeiro da cidade de Leopoldina, por isso, é um feriado municipal, o que permite dar mais tempo ao processo de ritualização, dentro do que a tradição exige. Assim, não é necessário esperar que os integrantes saiam do trabalho, cansados, para que possam participar dos rituais que devem ser realizados e que são de longa duração.

O primeiro compromisso do dia da Entrega é buscar a Bandeira na casa onde recebeu pouso e cantar para agradecer, incluindo a brincadeira dos palhaços após o agradecimento.

Logo, começa o ritual da Entrega da Bandeira, composto por alguns elementos importantes. Primeiro, o cortejo cantado segue até o local onde será entregue o objeto sagrado, onde também bate a Folia e os palhaços brincam. Depois o almoço é servido, seguido pela cantoria agradecendo e anunciando o momento da Comunhão. Conforme a ordem dos rituais, é chegada a hora do arrependimento do palhaço, que é seguido pela descoroação dos foliões e, finalmente, a Bandeira é entregue e encerra-se a jornada daquele

ano. Para cumprir os muitos compromissos, os foliões iniciam pela manhã e só terminam de tardezinha, ao pôr do sol.

4.3.2 Entrega da Bandeira

Pela manhã, a Folia chega à casa da irmã de Maú, Ângela, onde a Bandeira recebeu pouso na madrugada anterior. Não chegam muito cedo, pois a Folia tocou durante a noite e a madrugada inteira, e a última casa a ser visitada fora essa. No ano de 2013, quem deu pouso à Bandeira do dia 19 para 20 de janeiro foi o Centro de Umbanda, localizado na casa de Welber, folião da Maú e pai-de-santo deste centro. Mas Maú comentou que não faria uma visita muito extensa, pois o pai de Welber estava muito adoentado.

Observo que, mesmo em caso de doença na família, a visita não é suspensa, pelo contrário, aos olhos dos devotos é muito bem vinda pela graça que pode reverberar, expulsando a enfermidade e trazendo a saúde de volta àquele ente querido, se for da vontade de Deus. Foi inclusive servido o lanche ao fim da cantoria, cachorro-quente e refrigerante. Os foliões voltaram às suas casas, dormiram para retornarem na manhã seguinte, agradecendo o pouso e realizando a brincadeira dos palhaços, com Rodrigo em cena. Em 2014, acabaram não batendo no centro, terminando na casa de Ângela.

Cheguei à residência da devota às dez horas, horário proposto para o início. As crianças comiam o cachorro-quente que havia sobrado da noite anterior e mestre Turino apressava os foliões atrasados.

Na hora em que comecei a filmar, mestre Turino já tinha tomado todas as providências necessárias para sair com a Folia. E a cantoria seguia na sala. No final, a patroa traz a Bandeira, e a Folia agradece a pousada. Um tempo depois, os foliões vão cantando para sair. De frente para a Bandeira, vão deixando a sala de Ângela e encerrando a cantoria. É o momento da chula dos palhaços. Soltam-se os foguetes e começa a chula. Neste dia, a Folia conta com a presença de quatro palhaços: dois da Folia da Maú, MJ e Toninho, e dois convidados, ou seja, que não tinham compromisso de sair durante 7 anos seguidos com a Bandeira do grupo. Estavam ali, como se diz, fazendo um trabalho de palhaço.

Um deles é o palhaço mirim Juninho, filho de MJ. A partir daí, pode-se ressaltar mais uma vez a questão da hereditariedade da Folia. MJ traz o filho para já ir aprendendo desde pequeno o ofício do pai. Assim como o sobrinho de Maú, Deivison, que começou cedo na Folia, quando tinha apenas três anos, entrou como folião e hoje, com cinco, já toca pandeiro. Este ano, 2014, Raíssa, filha de Rodrigo, participou, foi seu primeiro ano de giro com a Folia.

Afirma-se, além da hereditariedade, a presença das figuras femininas na manifestação tradicionalmente masculina. Mais uma vez, pode-se perceber que a tradição se modifica sem danos ao seu processo de continuidade, pelo contrário, mais um membro da nova geração sendo cultivado dentro da tradição para seguir com ela no futuro.

Cada palhaço faz sua Chegada, e a rua já está repleta de pessoas, principalmente debaixo das árvores, em busca de um pouco de sombra sob o sol a pino. Após quase uma hora de performances versadas e dançadas ao som instrumentos dos foliões, a Folia se coloca em fila e segue em Retirada, também conhecida como Passeio com os Santos Reis, para a casa de Maú. A Retirada se configura como a volta que a Folia faz pelo bairro antes de chegar à casa de Maú. E, quando chegaram, passaram três vezes diante de sua porta, indo e voltando antes de entrar. Mais uma vez, soltam-se os foguetes, sempre presentes nos momentos mais importantes e solenes da Folia da Maú.



Foto 21: Palhaço MJ, em primeiro plano, e os foliões que tocam a chula para sua performance ao fundo, em 20 de janeiro de 2014

Fonte: Acervo pessoal, 2014



Foto 22: Passeio com os Santos Reis ou Retirada para a casa da Mau em 20 de janeiro de 2014 Fonte: Fonte: Acervo pessoal, 2014

Como na casa de qualquer devoto, a Folia canta, almoça e bate a chula também para Maú, que neste momento assume a postura de patroa. Fazem tudo do mesmo jeito: a porta da casa permanece fechada, os foliões posicionam em fila na ampla varanda e começam a tocar pedindo que a porta seja aberta. O apelo é atendido, a Bandeira é pega por Maú e os foliões da frente entram na sala. Completam o processo ritual com a Profecia e é chegada a hora do mascarado. Bate a chula lá embaixo na rua. Mais uma vez, o espaço ficou pequeno para os palhaços, por conta da quantidade de pessoas que se reuniram em torno deles. Nesse momento, só dois atuaram: o MJ e seu filho.



Foto 23: Palhaços MJ e MJotinha rodeados pela assistência em frente à casa de Maú Fonte: Acervo pessoal, 2014

Logo é a hora do almoço. Maú me leva à sua cozinha, e havia tanta comida que um fogão apenas não daria vazão, assim, tiveram que ocupar também o fogãozinho da área de serviço. Havia caçarolas sobre os dois e muita comida distribuída em bacias, tomando toda a mesa. A refeição foi servida por volta de quatro e meia da tarde. À medida que os pratos eram servidos na cozinha, eram trazidos e entregues primeiro aos foliões, que, em sua maioria, sentaram na sala. A assistência comia na varanda, onde eram servidas as bebidas que estavam em dois freezers ali localizados. Muitas pessoas se alimentaram, e, mesmo assim, é inacreditável a quantidade de comida que sobrou depois da festa.

Após o almoço, dando continuidade ao ritual da Entrega, é o momento de agradecer a oferta e fartura de alimento. Mas não é um agradecimento comum como na casa de qualquer devoto, por isso se caracteriza um momento distinto e mais solene. No centro da varanda,

encontra-se uma grande mesa coberta por uma toalha. Sobre ela há um prato da comida, um copo de água e outro de vinho, um prato com três peixinhos fritos e outro com pedaços de pão e uma vela acesa. Isso, segundo Maú, é a representação da Santa Ceia.

Em torno dessa mesa, os foliões se posicionaram, e, primeiramente, somente os instrumentos de percussão bateram para o palhaço entrar em cena. MJ andou de maneira ritmada em torno da mesa até completar três voltas. Embora não configurasse uma dança, balançava a cabeça de modo que os chifres ficavam em evidência no movimento. Depois das três voltas ao som da percussão, saiu de cena. Segundo Seu Turino, isso representa que o mal ceou com Jesus naquele dia, ele estava presente na Santa Ceia.

Em seguida, o mestre faz um gesto com o seu violão, e, a partir disso, os foliões entendem qual música devem iniciar. Passado algum tempo, eles começam a cantar. Nesses versos agradecem inclusive ao trabalho das cozinheiras. Mais adiante no longo ritual, os integrantes de maior relevo na hierarquia da Folia (responsáveis pelos instrumentos de corda e Maú) também rodearam a mesa cantando, tocando, enquanto Maú segurava a Bandeira. Encerrado este momento, como se naquele instante estivesse terminada a Santa Ceia, cantaram mais um pouco se despedindo da mesa; era hora da comunhão.



Foto 24: Foliões andando ao redor da mesa posta. Vestido de branco em primeiro plano com o violão, Seu Zé Cristóvão. Em posição oposta e simétrica a ele, Seu Turino. Atrás do mestre está Maú com a Bandeira, e à frente de Seu Turino, Welber.

Fonte: Acervo pessoal, 2014

É importante ressaltar que, diferentemente das folias de uma maneira geral, a Folia da Maú tem uma presença feminina marcante, definindo o papel das mulheres em seus ritos. A tradição aponta que as mulheres não deveriam fazer parte do grupo de Folia, embora sempre

tivessem uma presença discreta, em funções de suporte ao ritual, por exemplo, muitas esposas ou mulheres da família costumavam os uniformes, faziam o almoço oferecido aos foliões, enfeitavam os instrumentos.

Todavia, jamais saiam em jornada com os homens. Maú vem modificando essa tradição, sendo ela não uma integrante qualquer, mas a dona da Folia durante quase 20 anos, uma figura de relevo. Além disso, outras mulheres estão inseridas no ritual da Entrega da Bandeira, mais especificamente no momento da Comunhão. Até mesmo a pequena Raíssa, de apenas quatro anos, recebeu seu uniforme e entrou para o grupo na função de Coroação e Descoroação. Como não pôde comparecer no dia 24, não cumpriu sua primeira função, mas participou ativamente na Descoroação e também durante o giro junto de sua mãe e seu pai, Rodrigo. As crianças são uma via legítima de continuidade da tradição.

No momento da Comunhão, entram três mulheres devidamente vestidas com o uniforme branco do grupo e cada uma pega um elemento da mesa: uma oferece o vinho e a água, outra o pão, e a terceira se encarrega de entregar o peixe. Passam por todos os foliões, dando-lhes de beber a água e o vinho⁹⁶, e de comer um pedacinho de pão e peixe. Um copo de vinho, apenas um de água, três peixes e poucos pães, é o necessário para todos receberem a comunhão. Isso representa o milagre da multiplicação de Jesus. Na primeira vez que vi esse ritual da Folia, tinha certeza de que iriam repor os peixes na hora em que acabassem aqueles, mas eles não acabaram. Aquelas pessoas, aquele momento e aquele lugar são sacralizados pelo ritual, e o leigo assume a sua preponderância na articulação de objetos e símbolos sagrados, no seio do Catolicismo Santorial.

Depois da Comunhão, é a hora do Perdão do Palhaço, momento do ritual mais instigante do ponto de vista dramático. Quanto mais emocionado está o palhaço nessa situação, maior a ênfase no seu arrependimento. Alguns palhaços encenam o pranto até chegar à Bandeira, outros de fato choram. Quando alcançam a Bandeira, pedem a sua bênção de joelhos e beijam o símbolo sagrado, em sinal de respeito, adoração e fé. De cabeça abaixada diante do símbolo, enfim recebem a sua bênção. MJotinha, antes da bênção do objeto, recebeu a dos foliões que representam os três Reis do Oriente. O palhaço mirim apresentou-se em posição de humildade e submissão, e, neste instante, os Santos Reis, representados por Leandro (Baltazar), Seu Zé Cristovão (Gaspar) e Seu Turino (Melchior), abençoaram-lhe colocando as mãos sobre seu dorso. Nesse ritual, três palhaços pediram o perdão da Bandeira, MJotinha, Toninho e MJ.

⁹⁶ Exceto para Deivison, que, sendo muito pequeno, ainda não pode tomar o vinho.



Foto 25: MJotinha despido de máscara e farda sendo perdoado e abençoado pelos três Reis Magos
Fonte: Acervo pessoal, 2014

Em seguida, é feita a Descoroação, tão solene quanto a Coroação. Enquanto esta inicia o giro do ano, aquela encerra. Ambas registram uma passagem de nível, o primeiro de profano a sagrado, e o segundo de sagrado a profano.

O responsável por descoroar os foliões é o dono do grupo, que neste ano é Rodrigo. Embora todos ainda vejam Maú como a eterna dona da Folia, até porque na prática ela carrega o seu nome, na Descoroação ele é quem deve exercer essa função. É o mesmo procedimento da Coroação, porém em ordem contrária. Enquanto os representantes dos Reis Magos são os primeiros integrantes a se coroarem, eles são os últimos a serem descoroados.

Para se encerrar a jornada, é estritamente necessária a realização desse ritual. É preciso coroar para se iniciar; da mesma forma, faz-se obrigatório descoroar. Depois que todos os foliões são descoroados, é a vez de Maú ser descoroada por Rodrigo, e este ser descoroado pela mãe.



Foto 26: Seu Zé Cristóvão beijando a Bandeira ao ser descoroado
Fonte: Acervo pessoal, 2014



Foto 27: Maú descoroando Rodrigo, o atual dono da Folia
Fonte: Acervo pessoal, 2014

Após este momento, os foliões se despedem cantando e encerram o giro da Folia neste ano. O ritual termina, mas não a festa. Agora os foliões e assistência ainda permanecem no local, conversando, ouvindo música e fortalecendo os laços sociais, de parentesco e vizinhança que ali são frequentemente reiterados como a essência do festar.

5 Palhaço: uma encruzilhada cultural

A figura do palhaço, com seus significados múltiplos e ambíguos, e seu caráter antiestrutural serão contemplados neste capítulo. As várias faces assumidas por ele e suas equivalências simbólicas com Exu fazem do palhaço o personagem mais enigmático e polissêmico da Folia de Reis.

Uma Folia não segue jornada sem o mestre e um palhaço. O mestre é o elemento que detém toda a sabedoria ritual e espiritual necessária, e o palhaço é o guarda, a sentinela. Apesar de ocuparem posições relativamente opostas no grupo, ambas as figuras são essenciais nos giros. O mestre ocupa o ponto mais alto da hierarquia, e o palhaço, o mais baixo; o mestre representa o bem, e o palhaço, o mal; o mestre é como o elemento sagrado, e o palhaço, o “profano”; o mestre é o representante direto dos Santos Reis, e o palhaço, na sua multivocalidade, assume vários papéis.

Mas, apesar de toda essa negatividade expressa na figura do palhaço, ele protege a Folia, pois tem a função de guarda. Enquanto a Bandeira protege a frente, o palhaço resguarda atrás. Enquanto a Bandeira oferece proteção a todos, o mascarado por sua vez assegura a proteção da Bandeira. Enquanto o símbolo sagrado agencia a proteção no domínio espiritual, fazendo a mediação com o sobrenatural, o símbolo “profano” confere a proteção no domínio mundano, enfrentando perigos visíveis, palpáveis, temporais, imediatos.

Esse é o elemento que detém simultaneamente domínios e posições antagônicas em si mesmo. O profano e o sagrado convivem em sua figura de maneira harmônica e conturbada. Sua inferioridade hierárquica se reveste em superioridade performática e domínio total sobre a assistência. Sua figura causa espanto, horror, medo, mas também graça, risos, alegria e simpatia. É repulsivamente medonho e curiosamente atraente. Mantém o mistério enigmático intrínseco ao palhaço sob a farda e máscara ao mesmo tempo em que se revela em todo o brilho e esplendor de sua performance. É o personagem cômico da Folia, zombeteiro e afeito a pilhérias, mas também um guardião que não negligencia sua séria missão de proteger a Bandeira.

Por sua ambivalência notória, encontra-se constantemente no ambívio, onde se encontram os seus dois caminhos, os dois lados de suas moedas, suas inúmeras interpretações e identidades e acima de tudo suas duas influências culturais: lusitana e africana. Por uma via, é herdeiro de uma lógica cristã que divide o mundo entre bem e mal, e nessa lógica é preciso se situar, mesmo que na prática ele transite por esses polos. E, no outro caminho, sua performance, farda e estética admitem as influências africanas. É nessa encruzilhada cultural

que o palhaço se encontra, habita e se torna o seu senhor. Surgem, daí, suas equivalências simbólicas com o Exu, o senhor de todas as encruzilhadas e ambíguo por sua própria natureza.

Por fim, o palhaço pode ser entendido como elemento antiestrutural. Utilizando o conceito de *comunnitas* e estrutura citado por Turner (2013), estabeleço algumas comparações acerca desse universo da Folia de Reis e do palhaço especificamente. Analiso a sua liminaridade ao descrever o ritual do Perdão do Palhaço e toda a humilhação pela qual o palhaço simbolicamente passa nesse momento e a posição de submissão por ele assumida.

Por toda essa riqueza mítica, simbólica, cosmológica e cultural agenciada pelo palhaço, torna-se imprescindível a sua análise apurada e sistemática. Portanto, neste capítulo, as suas faces e identidades serão reveladas, e este integrante da Folia de Reis poderá ser compreendido sem qualquer máscara.

5.1 Palhaço: Herodes, Santos Reis, demônio ou Exu?

O palhaço vai sempre agenciar o sagrado e o profano, o bem e o mal, o chiste e a seriedade. Ao mesmo tempo em que representa o perseguidor de Jesus e é entendido como o lado profano da Folia, possui a missão sagrada de proteger a Bandeira e a imagem do Menino muitas vezes nela afixada, não deixando de reverenciá-las. Para resolver essa contradição, alguns foliões gostam de afirmar que o palhaço representa um soldado arrependido de Herodes que, na história contada por eles, converte-se ao cristianismo. Outros discordam, assegurando que o palhaço é o próprio diabo, é o mal incorporado. Muitos afirmam ser o mascarado o representante de Herodes. E, em outras localidades, ele assume a identidade dos Reis Magos.

Um personagem tão multívoco quanto esse não vai se furtar de se apropriar de diversas identidades e ser alvo de inúmeras interpretações. Percebendo a riqueza simbólica desse elemento marginalizado pela Folia e venerado pela assistência, faz-se necessário explanar sobre sua natureza ambígua, ambivalente e multívoca.

5.1.1 O palhaço é o Rei da Folia

O palhaço pode ser entendido por diversos pontos de vista como o rei da Folia. Primeiramente, é comparado com o rei por ser o personagem de enorme relevância na festa. Ele é o mais esperado e goza de grande popularidade junto à assistência.

Diante de tamanha notoriedade, já se pode entender a majestade metafórica do mascarado no ritual. Porém, o palhaço não só é o rei da Folia nesse sentido. De acordo com o mito bíblico, que se encontra na gênese do rito da Folia, existia apenas um rei, Herodes, quem o palhaço geralmente representa. Os conhecidos três Reis não são citados enquanto majestades, e sim como magos. Por outro lado, de acordo com o conhecimento popular, a história não é composta apenas por um rei, mas por quatro: um é identificado com o mal, Herodes, e três com o bem, os três Reis Magos.

O palhaço, em sua ambiguidade, pode representar tanto o mal, quanto o bem. Pode ser entendido como Herodes e, em outros casos, como Melchior, Gaspar e Baltazar. Isso pode diferir de região para região e até de Folia para Folia.

Como bem afirma Pereira (1997, p. 67): “cada Folia recriou o evento mítico de acordo com a situação vivencial do agrupamento”. A maior readaptação do mito no processo de ressignificação foi a transformação dos magos em santos pela religiosidade popular, aliás, em Santos Reis, e no números de três (PEREIRA, 1997). Como já explanado anteriormente, de acordo com o Evangelho de Mateus, 2:1-12, fala-se em apenas uns magos e não em três santos reis magos.

O palhaço representa o mal, segundo Seu Sebastião, o qual conta o mito encontrado na Bíblia da seguinte maneira:

o paião é o Herode sim. Porque ele antes de Jesus, ele era o rei lá da Judéia, ele era o rei da Judéia. Então, através dos anúncios, que os profeta anunciava, eles ficou sabendo que o Menino vinha pra ser o Rei dos judeu, porque o rei dos judeu hoje é Jesus Cristo. E o que ele queria fazer? O que foi falado, passado pra mim, porque eu também tô soprano aquele vento que é passado pra mim, que foi na década de 33, né? 33, a vinda de Jesus. Então por ordem dele, tinha que matá todos. Todas as criança que nascesse em 33 ia morrê, por quê? O rei do mundo ia vim ali junto, então ele ia achá esse rei do mundo. Mas através de alguém que anunciava é que ele ficou sabendo. Então, o seguinte: como os três Reis procurava o Menino, o Herode também procurava, interrogou os Reis, enquanto tivesse os Reis encontraram com ele, uai. Aonde esses Reis já ia, que falasse com ele se encontrasse o Menino que ele também queria adorá. Mas nada! A adoração dele era matá o coitadinho! Alguém fala invertido: que eles fizeram uma festa, vestiram o paião pra que o paião brincasse e que o Menino ali chegasse, né? Que pegava o menino, o rei também ficava com uma parte meio difícil, porque o Menino tinha o poder e ele só tinha força. Então ele não conseguiu até ontem e nunca vai conseguir.⁹⁷

⁹⁷ Entrevista com o Sr. Sebastião na cidade de Leopoldina em sua residência, dia 1º de novembro de 2010.

Portanto, enquanto em algumas Folias o palhaço é entendido como o Rei Herodes, em outras pode ser identificado com os soldados do rei; por isso, algumas Folias apresentam mais de um palhaço. Havia apenas um Rei Herodes, mas os soldados eram inúmeros, e, talvez também por essa representação, o figurino do palhaço não é chamado de uniforme, como o dos outros integrantes. A roupa é denominada farda, tal como a de um soldado. Não custa lembrar que na Folia ele assume a função de guarda, sentinela do grupo.

Porém, contraditoriamente, as personagens que apresentam a disciplina, comedimento e hierarquia quase militar são os foliões e nunca o palhaço. Bitter (2008, p. 145) descreve a atuação do mascarado no giro em contraste com a dos foliões: “os palhaços, com seus característicos gritos e intensos movimentos corporais em contraste com o comedimento da marcha quase militar do grupo de foliões.” Não é o mascarado que representa a ordem e a hierarquia, ele representa o caos e a transgressão; a dimensão lúdica, criativa e transgressora da Folia (BITTER, 2008, p. 146).

A sua performance é o lugar da subversão e da desordem, dos gestos expansivos, expressivos e criativamente descoordenados, enquanto a performance dos foliões se manifesta na formalidade e solenidade dos gestos e do canto. Mas, apesar de toda essa oposição expressa, ela é totalmente relativa, pois palhaço e foliões manifestam seus papéis na complementaridade, constituindo partes de um todo e produzindo um equilíbrio entre os aspectos lúdico, criadores e os rígidos e formais (BITTER, 2008, p. 151).

Outros foliões em Leopoldina ainda o entendem como um soldado arrependido do rei Herodes, e com sua brincadeira tenta ludibriar os outros para que Maria, José e o Menino tivessem tempo hábil para fugir e se esconderem. O Seu Nilo cita essas variações em torno da figura do mascarado e deixa no ar uma interrogação de qual seria a verdadeira:

Olha, muita gente fala que aquele palhaço representa o Herode, outros já fala que num é, que ele, que o palhaço enterte, enterte o Herode enquanto o São José a Maria tá fugindo com o minino pra escondê dele. Então, o certo mermo que a gente vê falá é isso, uns já fala que é da parte do Demônio, os Herode que qué pegá o minino, outros já fala que enterte, enterte o povo pra São José e a Virge adiantá com o minino que é pros Herode num pegá. Então, o certo...⁹⁸

Ainda nessa mesma via de interpretação que afirma ser o mascarado um soldado arrependido de Herodes, o palhaço da Máu explica a origem da máscara do palhaço. Esclarece

⁹⁸ Entrevista com Seu. Nilo, em Leopoldina, dia 1º de novembro de 2010, na Serra dos Barbosas.

ainda que três soldados acharam Jesus e não tiveram coragem de matá-lo. MJ explica em sua entrevista que

O palhaço representa o soldado de Herodes. O soldado de Herodes quando ele achô o Minino, quando ele achô o Minino Jesus, ele não teve corage de matá, num é?! Aí eram três. Eram três num era sô Zé? Aí quando eles saíro da gruta eles saíro cum rosto tampado porque não podia ser conhecido como soldado de Herodes, porque sinão o Herodes mandava cortá a cabeça, porque ele não obedeceu a ordem dele. Então eles se tamparam para sair. Aí é aonde veio a máscara do palhaço.⁹⁹

E, em outros lugares, os palhaços são a representação dos Reis Magos. Pereira (1997, p.143) esclarece que “a mitologia que fundamenta o ritual explica que os reis tiveram de se disfarçar, com máscaras e vestes de palhaços, para despistar os soldados de Herodes” que tinham a ordem de segui-los para se chegar ao Menino. Isso explica a presença de palhaços mascarados nas Folias. Em outro momento, o autor ainda explicita que

quem veste a máscara se torna o representante do santo, passa a falar a linguagem dele, assumindo a sua história, no seu tempo. A máscara tem esse caráter mediador, de aproximar o fiel do santo, regulando, contudo, esse contato. Os reis usaram máscaras para mudar sua identidade (PEREIRA, 1997, p. 139).

Mesmo sendo as máscaras utilizadas nas Folias de Santo Antônio do Baú, citadas por Pereira (1997), muito diferentes daquelas utilizadas em Leopoldina e região, em qualquer Folia elas podem ser entendidas como um símbolo da transformação. Mas, entre as variações regionais existentes, Pereira (1997, p. 67) ressalta também as modificações ocorridas devido ao tempo: “com os acréscimos ocorridos no tempo, modificou-se essencialmente a fundamentação simbólica e hoje temos processos rituais diversos – como resultantes de crenças geradas em diferentes situações sociais”.

Essa diferença ressaltada pode ser explicada seguindo a lógica da finalidade nos processos sincréticos a que foram submetidas as manifestações populares durante todos esses séculos. A lógica da finalidade busca compreender o que a composição de elementos deseja alcançar (BERKENBROCK, 1999, p. 174).

O objetivo de cada grupo social será diferente de acordo com a região. E assim o sincretismo a que foram submetidas as Folias da comunidade de Santo Antônio do Baú, pesquisadas por Pereira (1997), não será igual ao que as Folias de Leopoldina passaram. Daí

⁹⁹ Entrevista com palhaço MJ, em Leopoldina, dia 6 de abril de 2014, na casa de Maú.

decorrem as diferenças de significados em torno da figura do palhaço, o qual pode ser tanto como Herodes e, portanto o mal, ou como os Santos Reis, representantes do bem. Tal figura também pode ser entendida como um soldado de Herodes, perseguindo o Menino Jesus ou arrependido diante de seu poder, e, nesse momento, encontra-se entre o bem e o mal. A ambiguidade do mascarado começa por aí.

5.1.2 O Palhaço e o Exu

É possível perceber equivalências simbólicas entre o palhaço e Exu. O palhaço já foi descrito e analisado acima, agora é preciso fazer o mesmo com o não menos ambivalente Exu, para que se possa perceber onde se tocam e onde divergem esses elementos.

O Exu é por definição uma figura contraditória e ambígua, e, por isso, mal interpretada pelos primeiros cristãos que tiveram contato com o culto desse orixá na África no século XVI (SILVA, 2012, p. 1087). Os europeus atribuíram a essa divindade uma dupla identidade: entenderam-no como um Príapo Negro, o deus fálico greco-romano e o diabo dos judeus e cristãos (PRANDI, 2001, p. 47).

A divindade africana foi interpretada como o deus Greco-romano pela estética de sua imagem antropomórfica marcada pela presença expressiva do falo, exaltando assim a sua função de garantir a fecundidade e reprodução, uma ideia tão cara às tribos africanas da época. A sua relação com o demônio se deu por uma leitura dos europeus feita sob a sua cosmovisão cristã, até então desconhecida na África, que divide o mundo em dois polos excludentes e antagônicos, o bem e o mal. Sendo Exu uma divindade trapaceira, brincalhona, irreverente, impiedosa, vingativa, sexualizada, de caráter duvidoso, instável, turbulento e interesseiro, os estrangeiros viram nele a correspondência com o diabo. Julgavam-no como interesseiro e mercenário, por receber as oferendas em seu culto para que a comunicação entre humanos e orixás pudesse se realizar. Como era um deus mensageiro, ele era o responsável por estabelecer esta comunicação, serviço pelo qual ele “cobrava” aos olhos europeus (PRANDI, 2001, p. 50), sem levar em consideração a sua outra face benevolente e guardião.

Exu é ambíguo: é “preciso recordar que este orixá, não sendo santo, é tudo ao mesmo tempo: é bom e mau, clemente e vingativo, justo e injusto, e tudo o mais como qualquer um de nós” (FRANCHINI; SEGANFREDO, 2009, p. 208). Um mito que conta uma das travessuras vingativas de Exu exprime de modo emblemático a dubiedade deste orixá. A narrativa mostra a bondade e ao mesmo tempo a impiedade de Exu diante da ingratidão de

dois amigos lavradores que em tempos de seca pediram ao deus uma boa colheita. Quando suas súplicas foram atendidas, eles se esqueceram de lhe agradecer.

A vingança do orixá foi semear a discórdia entre os dois amigos com um gorro, que um lado apresentava a face vermelha e do outro, a branca. Quando passou entre os dois com o adereço bicolor, os homens comentaram, cada um do seu ponto de vista, sobre a estética do objeto e acabaram brigando e se golpeando com as enxadas por não entrarem em um consenso sobre a cor do gorro do transeunte, que, no caso, era Exu (FRANCHINI; SEGANFREDO, 2009, p. 71-73).

Sua ambiguidade se revela também por ser o guardião da ordem e promotor da desordem (SILVA, 2012, p. 1098). Trabalha na manutenção do status quo, inclusive representando o princípio da continuidade garantida pela reprodução, visto que Exu é também o deus da fertilidade. Mas, por outro lado, ele é inovador, fere as tradições, tem caráter instável, duvidoso e turbulento (PRANDI, 2001, p. 50).

Tal característica também se faz presente na imagem do Exu afro-brasileiro, cultuado na Umbanda ou Quimbanda¹⁰⁰ como uma espécie de guia, que seria um espírito humano que um dia viveu na terra. A partir da concepção umbandista, são os guias que fazem o trabalho mágico e não os orixás. O Exu na Umbanda se torna um desencarnado e se multiplica em dezenas de exus e pombagiras (PRANDI, 2001, p. 54).

No Brasil, o Exu assumiu diversas faces no processo de sincretismo afro-católico, tamanha sua multiplicidade de funções e características. Foi associado ao mártir Santo Antônio, portador de um cajado, como a imagem do Exu fon-iorubano que leva na mão um cajado em formato de pênis. Também já esteve relacionado ao Anjo Gabriel, devido à função de mensageiro. Em outro momento, assumiu a identidade de São Benedito, o santo negro que sempre vinha na posição dianteira nas procissões abrindo caminho e evitando a chuva (SILVA, 2012, p. 1088). Como Exu, que sempre deve ser reverenciado primeiro para garantir boa condição de comunicação com as outras divindades e também desempenha a função de abrir caminhos, já que é o senhor das ruas. Não se pode esquecer que também esteve relacionado a São Pedro, o porteiro do céu, cargo também associado a Exu (SILVA, 2012, p. 1088). E, por fim, foi associado ao demônio, por motivos já mencionados aqui (SILVA, 2012, p. 1088).

¹⁰⁰ Formalmente a Umbanda afirma que só trabalha para o bem. Todos os anseios são submetidos ao crivo do bem proposto pela visão cristã, impregnada na “retina” dos brasileiros. Porém, a Umbanda possui uma espécie de segunda personalidade, como um departamento subterrâneo, onde todos os desejos devem ser atendidos. Criou-se então a Quimbanda, o domínio dos Exus demonizados. Dessa forma, a Umbanda, demarcando suas fronteiras pela benevolência, pôde operar com o Exu na Quimbanda (PRANDI, 2001, p. 53).

No processo de adaptação da religião dos orixás aos moldes cristãos, faltava preencher o papel satânico, que foi imputado a Exu. Recebeu os chifres, o rabo e pés de bode, tal como as imagens dos demônios medievais católicos e perdeu todo o seu esplendor fálico, prerrogativa da imagem fon-iorubana (PRANDI, 2001, p. 51-52).

Essa nova identidade foi absorvida também pela Umbanda, onde o “Exu foi associado ao diabo e aos espíritos dos mortos, chamados de “encostos” ou “eguns”, que perturbam as pessoas, fechando-lhes o caminho, e, por isso, devem ser despachados (mandados embora) em rituais de limpeza espiritual” (SILVA, 2012, p. 1088 - 1089).

Porém, em casas híbridas, nas quais o Candomblé influencia a Umbanda e vice e versa, o Exu ganha uma dupla natureza: pode ser cultuado como mensageiro e, portanto, mais próximo aos orixás, ou como um espírito desencarnado, mais próximo aos humanos (PRANDI, 2001, p. 60). Destarte, mais ambivalências existem. Ele não é nem deus nem humano, nem santo nem diabo, nem bom nem mau. Exu está sempre nos não-lugares, nesses lugares de passagem, nos espaços limítrofes, nas porteiras, nas encruzilhadas físicas e simbólicas. Entre o desejo e o castramento, entre a ordem e a desordem, entre a regra e o desvio, entre o cerceamento e a liberdade. É um mediador por excelência, na intercessão do mundo dos vivos e dos mortos, numa mediação sempre permanente. Exu é esse ser duplo, que trás em si as duas partes mediadas, deus e humano (SILVA, 2012, p. 1091).

Birman (1985 p.41-42) afirma que os Exus na Umbanda representam o lado marginal, o domínio da rua, a ambiguidade. Ao mesmo tempo em que é sincretizado com o diabo, ele abre caminhos e é um bom protetor. Também atribui ao Exu a função mediadora entre os deuses e os humanos, transitando entre o sobrenatural e o real.

O palhaço, na Folia, também ocupa um lugar marginal, tanto físico quanto simbólico, por isso nunca pode ultrapassar a linha da Bandeira. É ambíguo por representar o mal, o perseguidor do menino Jesus e, por vezes, até o diabo ou Judas, e ao mesmo tempo ser o protetor do grupo e principalmente da Bandeira, o oratório de caminhada. Quando chegam à casa de um devoto, o palhaço não entra, fica na rua onde é seu domínio, na porta do patrão, como sentinela, protegendo o grupo e o ritual de qualquer interferência mal vinda. O lugar de Exu nos centros de Umbanda e terreiros de candomblé, também é a porta e seu domínio é a rua, e possui a mesma função do mascarado: proteger. Assim como o Exu, o brincante também transita na fronteira do real e sobrenatural no imaginário popular, que assegura ter ele o poder de proteger a Folia de “almas penadas”, animais e também de ladrões e todo tipo de adversidades. As similaridades anunciadas entre o Exu da Umbanda e o palhaço da Folia podem ser analisadas no quadro abaixo:

Os Exus na Umbanda	Os Palhaços na Folia
Lado marginal	Lugar marginal: tanto físico quanto simbolicamente, nunca podem ultrapassar a linha da Bandeira.
Domínio da rua	Domínio da rua: Quando chegam à casa de um devoto, o palhaço não entra, fica na rua onde é seu domínio, na porta do “patrão”, como sentinela, protegendo o grupo e o ritual de qualquer interferência mal vinda.
Ambiguidade: Ao mesmo tempo em que é sincretizado com o diabo, ele abre caminhos e é um bom protetor.	É ambíguo por representar o mal, o perseguidor do Menino Jesus e por vezes até o diabo e por isso sua marginalidade, e ao mesmo tempo ser o protetor do grupo e principalmente da Bandeira.
Função: protetor	Função: protetor
Mediação: mediador por excelência entre os deuses e os humanos, transitando entre o sobrenatural e o real.	Mediação: transita na fronteira do real e sobrenatural no imaginário popular, que assegura ter ele o poder de proteger a Folia de “almas penadas”, animais e também de ladrões e todo tipo de adversidades.

Tabela 5: Comparação entre os palhaços da Folia e os Exus na Umbanda.
Fonte: Autoria pessoal, 2014.

Apesar de o palhaço apresentar numerosas paridades com o Exu cultuado na Umbanda, ele também apresenta algumas semelhanças com o Exu fon-iorubano. Deste se aproxima na questão de também empunhar um cajado. Além disso, o palhaço, assim como o orixá, apresenta-se como um defensor da ordem, não deixando que nada de errado perturbe a apresentação da Folia. Isso fora relatado em entrevista por MJ, quando enreda seu posicionamento diante de outro grupo que queria interromper a cantoria da Folia da Maú porque havia marcado a visita à casa de uma devota. Entretanto, ela recebera a Folia da Maú antes do grupo combinado. MJ disse que parou o grupo no meio da rua, em uma encruzilhada, e, percebendo a intenção alheia de seguir para a casa onde a sua Folia tocava, desafiou o palhaço deles para disputar nos versos a passagem. Quem tivesse mais sabedoria, teria o direito de submeter a Bandeira do outro, como nos antigos Encontros de Folia. Nesse caso, o vencedor teria o direito de cantar na casa:

Parei no meio do morro. Aí onde eu parei tinha uma encruziada assim que saía de lado assim. Aí eu parei no meio da rua e gritei lá di baixo assim pra ele pará di batê lá in cima. Gritô lá pra podê pará di batê e eu cumecei falá lá im baxo. Aí eu comecei bateno, tendeu? Só verso qui batia. Sasaricava pra lá

e pra cá e tal, e batia, cavucava o chifre pro lado deles assim, e falano... Aí a Folia deles foi lá e parô. [...] Aí veio um outro e cunversô cumigo. Pidiro pra passá. Aí eu falei: não. Passá não. Se quisé saí de lado aqui e esperá pode, mas por aqui não. Aí eles impurraro a Bandera deles im cima da minha. A minha Folia só sai a hora qui eles cantá tudo e pedi pra i imhora. Tendeu? Aí cabia eu pará, qui eu sô o guardião da Bandera. O meu mestre tá lá dentro da casa lá, cum a Bandeira presa lá, então aqui fora é eu. [...] Aí eu falei cum ele assim: cê fala cum seu paiço qui num é nada pessoal eu nem cunheço ele, mais a minha função é defendê minha Bandera, e si ele quisé nós brinca aqui. Eu e ele. Pó cortá o chula da Folia doceis qui nós vamo brinca aqui. Agora prá cá ele num passa não. Aí ele voltô di lá: “não, o rapaiz falô qui ele num qué Encontro não, qui a gente vai só incostá de lado aqui e isperá oceis. [...] O dono da Folia veio. O dono da Folia veio de carro rapaiz, quemano chão, e derrapano no barranco, sambano prá lá e prá cá, sentano o carro pra cima di mim, e vrum, e subiu prá cima, aí eu saí fora de banda qui passô até ventano na farda. [...] Incostô o carro prá cima assim e mandô chamá a dona da casa. A dona da casa veio. Mai ele contô um fiado pra dona da casa! Mai zangô cum ela, mai zangô muito! Se fosse eu o dono da casa, na minha casa ele num tocava mais.[...] aí ele pegô e falô assim, falô assim memo cum paiço dele: é o último ano qui ocê sai pra mim, tá?! Ano qui vem cê pode caçá uma Folia procê, qui pra mim ocê num é paiço não!¹⁰¹

MJ conta ainda que se o palhaço deles fosse bom como o Rodrigo, seu professor e referência, e resolvesse “peitá-lo”, ele seria “atropelado”, porque MJ ainda não era tão experiente. Ele só tinha coragem, mas não tinha profecia, ou seja, sabedoria. Contudo, arriscou-se e enfrentou o desafio. Sendo ele o guarda da Folia, sua função era impedir que o outro grupo perturbasse o ritual da Folia da Maú, ou seja, sua função no momento seria manter a ordem.

Entretanto, o palhaço se aproxima também do outro lado da personalidade do Exu foniorubano no que se refere à capacidade de inovar e transgredir, transcendendo limites. Os palhaços podem sair do lugar comum, podem inovar nas performances, inclusive integrar passos de funk em sua dança, como o palhaço Roninho da Folia dos Colodinos, por exemplo. Além disso, os versos do palhaço são sempre modificados, diferente dos versos recitados e cantados pelo mestre e acompanhados pelos foliões cantadores dentro das casas dos devotos, igrejas, cruzeiros, centros espíritas, que fazem parte de um corpo de tradição a ser seguido pelo grupo.

As Profecias são como uma herança deixada pelos antepassados e, dessa forma, são pouco alteradas ou recriadas. Já o repertório do palhaço é continuamente inovado, e existem versos que são mais sérios e levam à reflexão. Os temas abordados neles são atuais, de acordo a situação do país. Muitos falam da violência, da desigualdade social ou racial, da política, etc. Por outro lado, também existem aqueles que são recitados por sua função humorística e

¹⁰¹ Entrevista com palhaço MJ, em Leopoldina, dia 6 de abril de 2014, na casa de Maú.

ainda há aqueles feitos de improviso, de acordo com as características físicas ou psicológicas da pessoa que oferta o dinheiro ao mascarado naquele exato momento. Nem todos os versos são improvisados. A Chegada do palhaço é sempre inventada e decorada previamente pelo brincante, por isso é a mesma em todas as casas visitadas durante o giro. Muitos daqueles versos que possuem um teor reflexivo também são memorizados previamente.

Contudo, não existem somente semelhanças entre os Exus e o palhaço da Folia. Algumas diferenças notáveis podem ser elencadas. A performance, por exemplo, apresenta semelhanças e diferenças. As características da performance afro-ameríndia, ressaltadas por Monteiro (2010, p. 13-14), podem ser percebidas tanto no palhaço da Folia como em Exu. Pode-se dizer que a multidimensionalidade, a interatividade e seu papel socializador e aglutinador são elementos recorrentes nas apresentações de ambas as figuras, assim como a afirmação do estilo pessoal do performer. Porém, por conta dessa última característica, não é possível propor proximidades de padrões que possam ser estabelecidas entre o palhaço e Exu.

Na Umbanda, os Exus e Pombagiras giram, dão gargalhadas, pendem o corpo para frente e para trás, bebem, fumam e dançam. Por mais que não seja um padrão rígido de passos obrigatórios, é possível notar certa repetição desse repertório de movimentos corporais. No repertório do palhaço, não há regra. Muitos pulam, dançam, giram, outros possuem habilidades nos pés, arriscando um sapateado rápido e preciso, há também quem se mobilize em agachamentos sucessivos e dinâmicos, como um frevo, e todo tipo de movimento que a criatividade e o momento do improviso permitir. Contudo também há aqueles que não ousam na movimentação corporal, garantindo-se apenas nos versos. Portanto, se por um lado suas performances apresentam semelhanças estruturais, em um nível mais específico, as paridades não podem ser estabelecidas por falta de um padrão que possa ser seguido para que a comparação seja traçada. Dessa maneira, inserido em um ponto de tangência (estilo pessoal do performer), estabelecem-se as diferenças.

Todavia, quando o padrão performático do palhaço é alcançado, seja pela via ritualizada, como na Entrega da Bandeira, seja pelo elemento comum a todas as chulas, como a mazurca¹⁰², as semelhanças voltam a aparecer. Quando o mascarado pede para os foliões tocarem a mazurca, a grande maioria encena um andar cambaleante e na Entrega da Bandeira vai rastejando até o símbolo sagrado¹⁰³ da Folia se despindo da farda.

¹⁰² Momento da apresentação do palhaço caracterizado por um ritmo mais lento.

¹⁰³ A Bandeira é considerada o símbolo sagrado da Folia, conhecido como o oratório de caminhada. Confere proteção e benção às casas que a recebem.

Negrão (1996, p. 83) descreve o Exu da seguinte forma: “aparecem nos terreiros rastejando, bebem pinga jogada no chão; se eretos têm o andar cambaleante”. Dessa forma, é possível dizer que o Exu e o palhaço formam um par possível em universos que se tocam e transpõem fronteiras.

Na estética de ambas as figura, também podem ser notadas proximidades e diferenças. A máscara e o capacete do guardião da Folia marcam uma distância estética de Exu. Este, com sua forma humananizada, em nada se assemelha com a animalesca e assustadora máscara peluda, de chifres pontudos e dentes afiados, coroada pelo capacete de fitas coloridas.



Foto 28: Palhaço da Folia da Serra
Fonte: Acervo pessoal, 2014



Foto 29: Máscaras e capacetes dos palhaços da Folia da Maú
Fonte: Acervo pessoal, 2014



Foto 30: Palhaço Roninho da Folia dos Colodinos
Fonte: Acervo pessoal, 2013



Foto 31: Palhaços da Folia da Maú: Mjotinha, Toninho e MJ, respectivamente
Fonte: Acervo pessoal, 2014

Por outro lado, no figurino do palhaço, pode-se notar a presença da capa, também utilizada por Exu e, em casos específicos, essa capa pode ter uma semelhança com a capa da entidade umbandista.

Na Folia da Maú, um dos figurinos de seus palhaços traz nas costas da capa um ponto de Exu e, por baixo, nas costas da camisa, um crucifixo. A capa do palhaço, assim como a de Exu, possui a cor preta e vermelha. Nota-se grande semelhança entre elas:



Foto 32: Farda completa de palhaço da Folia da Maú
Fonte: Acervo pessoal, 2013



Foto 33: Farda do palhaço da Folia da Maú
Fonte: Acervo pessoal 2013



Foto 34: Capa de Exu
Fonte: WWW.elo7.com.br acesso 20 de setembro de 2013

Embora o palhaço exerça uma função protetora no grupo, ele, por sua vez, é o integrante da Folia que mais precisa de proteção. A qual é encontrada na Bandeira, na Cruz e em Exu. A Bandeira, ao mesmo tempo em que é protegida por ele, também lhe oferece cobertura. Exu é o protetor por excelência, não podendo ser excluído desse “time”. E a Cruz, segundo Maú, tem a mesma função. Por isso, muitos palhaços antes de sair em jornada, vão a um terreiro pedir proteção ao pai de santo, carregam cordão de sete guias e objetos protetores. Seu Sebastião fala um pouco sobre as precauções que certos palhaços tomam antes de sair em jornada:

faz uma roupa, aquela roupa toda enfeitada, com salarmão, é estrela prum lado, cruz pro outro, “vou levá no terrêro do pai de santo pra rezá, isso aqui que é pro bicho num me pegá.” Tá com medo do tal bicho, num tem bicho nenhum nada. Mas uns já faz aquilo. Outro leva um terço na mão, amarrada num terço, outro pega um cordão sete guia, negócio num vou dizer feitiçaria não, mas é pai de santo, coloca aquilo, diz que é pra defender, que é proteção. [...] É a fé, se o cara tem fé naquilo, acontece. Que ele sabe que tá protegido e tá memo, cabô, ele tem a fé de tá protegido por aquilo ali, foi um feiticeiro, ou foi uma feiticeira, ou foi um pai de santo ou foi uma mãe de santo e caba sendo, vai fazê o quê? Caba sendo, essa aí é a verdade.¹⁰⁴

¹⁰⁴ Entrevista com o Seu Sebastião na cidade de Leopoldina em sua residência, dia 1º de novembro de 2010.

O mestre Turino assevera a importância do cruzamento principalmente da farda do palhaço como uma forma de proteção. Em etnografia, tive a oportunidade de observar um cruzamento da farda. A cantoria começava na sala, e eu estava no cantinho filmando, quando vi no quarto ao lado o palhaço MJ vestir a farda sobre sua roupa ao lado de Juninho já vestido, o MJotinha. Quando Marcílio vai colocar a capa gira três vezes para cada lado em torno do corpo.

Nunca tinha visto essa cena, mas tinha certeza de que aquilo era o cruzamento da farda, tão anunciado e enfaticamente valorizado por Seu Turino. Vi, mas não filmei, estava com a filmadora na mão apontada para outra direção. Tive receio de que o palhaço sentisse sua intimidade invadida naquele momento e talvez interrompesse o processo, fechasse a porta, ou seja, não sabia qual poderia ser sua reação. Talvez não se intimidasse, mas preferi não arriscar perder aquela imagem, nem que ficasse registrada somente em minhas retinas, de qualquer forma, um olhar é sempre mais discreto que uma lente.

Mais tarde fui confirmar minha suspeita, e MJ revelou que aquele era o cruzamento da farda no corpo, mas que ela já havia sido cruzada para ele no centro de Umbanda, antes de sair em jornada com a Folia. Perguntei quem cruzou para ele e respondeu que foi o Vô Baiano, espírito protetor da Folia da Maú. Questionei qual a finalidade do cruzamento e afirmou prontamente que servia para a sua própria proteção.

Explicou que, mesmo se aparecesse um palhaço mandingueiro, feiticeiro no caminho da sua Folia, não haveria problemas, porque ele estaria seguro. Se a farda não estiver cruzada, a mandinga pode “pegar”, e o palhaço literalmente para, fica sem ação, e sem verso. Segundo o mestre, isso pode acontecer com o folião também, ele já viu caso de folião perder a voz por conta de feitiço, mas, se seu uniforme estivesse cruzado, isso não aconteceria. A eficácia simbólica desse gesto é tão forte que o cruzamento se torna uma medida profilática, é sempre melhor prevenir que remediar, diz a sabedoria popular. O poder do centro de Umbanda nesses casos é sempre assegurado pelos foliões e não somente pelos membros da Folia da Maú, que em sua maioria são umbandistas.

Em entrevista com um integrante de outra Folia, Seu Nelson, ele conta uma história interessante que ocorreu em Leopoldina, que não teve final feliz para o palhaço pela falta de sabedoria de um mestre. Essa Folia não tomou as devidas precauções antes de sair em jornada, e o palhaço foi o alvo da situação de perigo. De acordo com os foliões, isso aconteceu porque o mascarado estava afastado da Bandeira, ou seja, do seu “raio” de proteção. E provavelmente, de acordo com os ensinamentos de Seu Turino, ele não cruzou a sua farda. Observe o diálogo com esses foliões quando estávamos falando desse palhaço:

Nelson: Eles tava cantano cá na Folia do Nego Machado. Ele se afastou da Bandeira, o bicho pegô ele, ele cortava cerca de arame com o dente. Aí o mestre mal esclarecido, em vez de pegá a roupa dele e levá num lugar pra..., não. Quemô. Aí pronto, ele fico doido e morreu daquilo. **Então quando o palhaço é pego tem que fazer o que com a roupa dele, com as vestes?** Nelson: Não, nesse caso, né? Nesse caso tem que levá no macumbeiro, pra quem acredita em macumba, né? Na minha Folia nunca aconteceu isso porque eu tenho muita fé naquilo que eu tô fazeno e tem fulião aí que num tem aquela fé que deveria tê, então as tentação tá em cima. A Folia de Reis cê sabe que, eu tô tremeno aqui, agora num sei se é de medo da moça. Folião 1: Tá vendo? Agora já começou a jogá os troço, acontece isso aí. [...] **Aqui na Folia do Senhor nunca aconteceu isso.** Nelson: Ah, tá, porque nós rezamo pra saí de casa, sempre que a gente pode a gente faz uma oraçõzinha. Na hora de iniciar dentro da casa a gente se benze o corpo, a gente tá sempre buscano a Deus, pedino a Deus pra guiá a gente pra não acontecê nada, porque acontece, cê vê que Jesus já nasceu na tentação. Agora, os espírito de Herodes, ele num, os espírito de Herode não, os espírito de Herodes, que era o perseguidor, ele num, num, num, num foi julgado ainda, porque Deus num veio pra julgá os vivo e os morto. Então, nessa época que nós tamo adorano a vida de Jesus, ele tá tentano ainda, a gente precisa de fé, muita fé mesmo.¹⁰⁵

Cada Folia e cada palhaço têm a sua prática necessária antes de sair em jornada como uma forma de proteção, sem isso, não se deve e não se pode sair, pois eles se sentem vulneráveis aos perigos do mundo sobrenatural. Os mascarados são personagens cercados de restrições, obrigações, regras e prescrições. Não se pode andar na frente da Bandeira, porque ficaria entendido que o Rei Herodes ou seus soldados alcançaram o Menino Jesus, muitas vezes representado na Bandeira. Ao mesmo tempo não podem ficar muito afastados, pois ficariam longe do poder protetor do símbolo sagrado. Em hipótese alguma se pode ficar diante do presépio mascarado, pois se poderia pensar que o Herodes chegou até o Menino. Não se deve entrar nas Igrejas, pois o mal não entra na morada de Deus. Segundo alguns foliões, antigamente não se podia tirar a máscara em giro e tampouco se comia junto com os foliões, hoje estas duas últimas restrições já se flexibilizaram.

Em Leopoldina raramente o palhaço recebe a bênção da Bandeira fardado, somente em caso de necessidade, se o palhaço for alvo de alguma “reza brava”, por exemplo. Caso contrário, só a recebe no último dia de giro, sem a farda e sem a máscara diante de seu arrendimento de ter representado o mal. Também ele não deve vestir farda ou máscara de

¹⁰⁵ Entrevista realizada com Seu Nelson Madeira, em sua residência, no dia 1º de novembro de 2010, em Leopoldina.

outro palhaço, pois o outro pode ser mandingueiro, e sua farda é entendida quase como uma extensão de seu corpo.

No dia em que fui fotografar a capa do palhaço da Maú, pedi ao neto dela para vestir a capa para que a foto ficasse melhor, o que foi enfaticamente negado por ele. No momento, fiquei sem entender e perguntei o motivo. Ele negava com certa expressão de medo. Até que foi chamar Marcílio, o MJ que já era palhaço e tinha proteção para vestir. Mas saí sem nada entender, só depois, refletindo sobre este universo, pude notar a gravidade de meu pedido àquele menino. Jorge, experiente nessa função, explica:

essa farda de paião é o seguinte: ela tem que sê usada no tempo certo e tamém o seguinte: não assim por brincadeira ou qualqué pessoa pegá, vesti. Principalmente cê tê certeza que a farda hoje existe muita maldade, então um palhaço ele num pode chegá aqui, vestí uma roupa de quem ele num conhece, sabe? Isso num pega bem, né? Então você teno conhecimento, igual eu já tive diversos amigo que já me emprestaro farda, tudo, tudo bem, mas não é aconselhável cê vestí farda de qualqué um. **Ah, é? E por quê?** Jorge: Ah, porque isso sempre atrai, porque tem muitas coisa, muitas pessoa que eles tem a maldade, isso existe porque eu conheço muitos, né? Então eu já vi até gente que passa a usá a máscara do outro e fica peludo. [...] Jorge: eu já vi aqui, eu já saí pra Folia, palhaço abraçando folião e outro chegou numa casa, ficou todo mundo nu, aí tem sim, a pessoa tem um treco com eles, e tem uns que já tem treco dos outro de aconselhá ou de acreditá na tal reza braba, que é a reza da maldade, porque o bem não vai te pegá, mas o mal ali, tudo bem, porque eu, assim, se eu tivé, eu não abraço qualqué paião, sabe?¹⁰⁶

Diante de tantas regras e restrições, pode-se notar que o palhaço pode ser considerado uma espécie de intocável da Folia, um ser impuro e inferior. No ritual de Coroação, no primeiro dia do giro, todos os foliões recebem a bênção da Bandeira o que confere proteção, o palhaço não recebe a bênção. Por representar o elemento “profano” da Folia, frequentemente é alvo de mandingas, “rezas bravas” e incorporações. MJ conta que quando era novo na função de palhaço, foram visitar a casa de um devoto que era espírita, na verdade, umbandista que “rezou ele” para ele parar e não conseguir brincar. Ele relata o seguinte:

No mundo do espiritismo tem muito dessas coisas assim de pará o outro, falá, rezá a reza deles e tal, entendeu? No caso rebate contra mim tendeu? Aí eu não tenho preparo prá isso. Aí eu tenho que cruzá, que aí é uma proteção, tendeu? [...] se um outro paião mais velho ao ficar atrás de você, te rezá, aí você começa a gaguejá, errá, perdê, perde a noção de tudo que cê tá fazendo. [...] você fica perdido ali.[...] Uma vez na Quinta¹⁰⁷ aconteceu algo que eu

¹⁰⁶ Entrevista realizada com Seu Jorge, na casa de Seu Nelson Madeira, no dia 1º de novembro de 2010, em Leopoldina.

¹⁰⁷ Bairro Quinta Residência, localizado na periferia de Leopoldina.

parei simplesmente assim, a bateria ficô zuano, a Maú falô assim: cumé qui é paiço? Cumé qui é?” Mas cumé qui é o quê? Fiquei assim, ó! [...] aí o Rodrigo entrô brincano e tal. [...] a gente tinha saído até da casa do Lorinho. Aí os minino falô assim: o Lorinho mexe cum espiritismo e tal, ele gosta de fazê umas gracinha. Deve ser o Lorinho qui deve tê feito alguma coisa e tal. E realmente tinha ficado guardado a máscara, o capacete, tudo na casa do Lorinho. E esse ano eu já num dexei. Já truxe tudo cumigo. Foi até no dia que o Nicolás falô assim: ué, por que qui cê tá levano tudo? Falei assim: se ocê quisé dexá o seu pode dexá aí, o meu vem cumigo. Pegô e falô assim cumigo: Hum, então vô levá o meu tamém. Aí ele levou e não voltou mais! (gargalhada da Maú ao fundo) Naquele dia foi até o sô Zé qui foi passá a Bandera im mim na saída da ponte, na entrada daquele centro da Dona... cumé qui ela chama? [...] aí foi passá a Bandera em mim e o que tava im mim no caso acho qui saiu esbarrô cum o Rodrigo num sei, e o Rodrigo acabô caino no Feijão Cru¹⁰⁸ e tal, caiu dentro do córrego, eu sei qui aquele dia foi um furdunço só! [...] Diz qui foi isso, tendeu? Qui foi por causa assim, coisa assim do espiritismo memo, uma pessoa quereno prejudicá, tendeu? Aí veio im mim por causa deu sê o mais fraco, tendeu? Como tava o Rodrigo na frente e tinha que dá espaço pra passá e era cercado de água, só tinha a ponte, então tinha qui saí. No saí, esbarrô cum Rodrigo! [...] **Foi no mesmo dia em que você parou?** Foi na hora, na mema hora.¹⁰⁹

Por isso, o cuidado com sua proteção deve ser redobrado. Muitos cruzam a farda no centro de Umbanda para manter o corpo fechado a mandingas, cruzam a farda no corpo toda vez que a veste, levam patuás, terços, guias e o que mais puder lhes conferir a proteção necessária. No “mundo dos católicos de foice e viola, a fronteira entre religião e magia tem contornos pouco definidos. Por isso, “pedir” no saravá não é pecado, mas equivale a usar um recurso a mais” (BRANDÃO, 2007, p. 266).

Devido ao poder¹¹⁰ conferido pelos brasileiros às religiões de matriz africana, Sweet (2007 p. 260) afirma que “o poder religioso africano tinha a capacidade de inverter a ordem social”. Segundo o autor, era comum que brancos abastados se curvassem diante do poder do negro, levando a ele presentes e agrados em troca de seus serviços espirituais, tornando-o tão importante que se configurava como o foco das atenções (SWEET, 2007, p. 260). Dessa maneira, pode-se entender que o negro ocupava uma posição inferior socialmente, mas, na esfera da magia, assumia uma superioridade simbólica, detendo habilidades espirituais.

A Umbanda, na qual é possível perceber a relevância dos personagens sociais desvalidos e desprezados como a prostituta, o malandro, o velho negro e o indígena, recebe essa herança. Embora marginalizados socialmente, ocupam no culto posição de destaque,

¹⁰⁸ Feijão Cru é o nome do córrego que passa por toda a cidade de Leopoldina.

¹⁰⁹ Entrevista com palhaço MJ, em Leopoldina, dia 6 de abril de 2014, na casa de Maú.

¹¹⁰ Mesmo os pentecostais e neopentecostais que hoje demonizam as religiões de matriz africanas, acreditam em seu poder. Caso contrário, não perderiam tanto tempo e energia nos seus ataques. Além disso, apresentam continuidades com as mesmas no que diz respeito às práticas mágicas de cura, etc. Se lhes considerassem ineficazes, não assumiriam a guerra pelo monopólio dessas práticas.

dignos de respeito e reverência. Com o palhaço acontece algo semelhante: mesmo ocupando um lugar não privilegiado na Folia e até mesmo marginalizado, na hora da chula o palhaço é o “Rei da Folia”, tornando-se a atração principal, digno de respeito e agrados. Nesse sentido, Monteiro (2005, p.52) define que

nas características que compõem o perfil do palhaço, notamos muitas atitudes restritivas e que são normas no ritual da Folia de Reis, como é o caso do palhaço ter que caminhar ao lado e nunca à frente da bandeira; estar sempre de máscara durante as marchas e caminhadas da Jornada; não comer ou comemorar junto com os outros foliões, em sinal de respeito. No entanto, em um momento da chula do palhaço, há um tipo de comportamento ritual que espelha justamente um sentimento oposto e coloca o palhaço na posição privilegiada de receber donativos e agrados.

Desse modo, o palhaço, tanto representando o bem quanto o mal, ou quando assume equivalências com Exu, é o elemento síntese da Folia. Segundo Monteiro (2005), suas vestes, versos e performance em geral, são influências diretas das heranças africanas. Por sua natureza ambígua, pode transitar simbolicamente entre os dois níveis de existência, espiritual e material. Dessa forma, pode-se entender a relevância desse brincante em uma manifestação de múltiplas raízes e por isso tão rica em sua essência.

O palhaço é um elemento tão multívoco que em algumas Folias ele ainda pode assumir mais uma identidade. Na Folia da Maú, sendo o mascarado uma representação inequívoca do mal, no dia 6 de janeiro ele representa Judas que traiu Jesus por “trinta dinheiros”, de acordo com mestre Turino. Por isso existe a relação do palhaço com o dinheiro em sua performance. Dessa maneira, no dia de Reis, quando a Folia da Maú recita os versos do Padecimento de Cristo no Cruzeiro, o palhaço sem a máscara assume o papel do traidor, de Judas que traiu Jesus por dinheiro.

5.2 A estética e a performance do palhaço da Folia de Reis

O palhaço se mostra como um produto de um processo contínuo de fusões, amálgamas, construções e desconstruções, de significados e sentidos. Como já dito, é um personagem que admite várias versões em si mesmo e se deixa analisar por diversas vias, que, além de possíveis, são adequadas à sua pluralidade factual.

Essa figura não apresenta uma dubiedade apenas em torno de seus significados, mas também em sua origem. Ele se mostra como um híbrido que combina elementos da sua raiz

européia e católica com elementos da raiz africana. A partir disso, esse personagem deve ser analisado em toda a sua amplitude, de maneira que tal observação contemple também seus aspectos estéticos e performáticos, relacionados aos elementos africanos, e não só os seus significados, que remetem a sua configuração cristã.

A estética do palhaço é um de seus aspectos fascinantes, que amedronta e atrai simultaneamente. No processo da pesquisa, comecei a me interessar por essa estética tão peculiar e tentar decifrá-la a partir do cruzamento da análise teórica e visual. Na observação, os elementos que a princípio se apresentam como abstratos podem ser boas pistas para se alcançar o que de fato se procura. Por outro lado, podem enganar o observador, driblando sua cognição e levando-o a buscar um caminho diferente do que havia pensado em um primeiro momento. Em ambos os casos, a observação é uma grande aliada da pesquisa etnográfica.

Dessa forma, no primeiro dia do giro da Folia da Maú, visualizei alguns símbolos sagrados que compunham o cenário da Coroação: a Bandeira, a vela e o copo d'água, presentes também na Entrega da Bandeira. Mas outros objetos pertencentes ao universo religioso são notados na varanda, como a enorme cruz que possui outras cruzes em três pontas de mesmo tamanho, as laterais e a de cima. Essa peça é rodeada por pisca-piscas bem ao gosto da decoração natalina. Ao seu lado, também próximo à porta de entrada, uma espécie de patuá¹¹¹ feito de palha que possui um búzio rodeado por miçangas vermelhas e pretas. Outro objeto interessante, que se mostra igualmente instigante, é uma imagem que não faz parte da decoração natalina, mas, ao contrário, encontra-se no mesmo lugar o ano inteiro.

Recorrendo ao meu universo imagético católico, não pude reconhecer a imagem, sua forma definitivamente não remete à estética católica, mas, sim, à africana. Não é possível dizer que não seja um santo de devoção católico apresentado através de uma estética peculiar, afinal no rico campo religioso brasileiro o sincretismo impera e assume diferentes contornos.

O próprio Santo Antônio, um dos santos mais cultuados do panteão católico, já assumiu no Brasil uma estética muito distinta da tradicional, bem ao gosto africano e produzido com material alternativo, o nó-de-pinho, pouco comum na fabricação de santos, até por conta da dificuldade de manuseio. Vencendo a dureza do material, os escravizados nas senzalas paulistas, provavelmente buscando um material em solo brasileiro que substituísse o utilizado na fabricação de imagens sagradas na África, utilizaram esse material na produção do Santo Antônio de Nó-de-pinho, descrito por Marina de Mello e Souza (2001).

¹¹¹ Objeto de devoção utilizado no pescoço como forma de proteção.

Além desse caso, pode-se também citar os santos multicoloridos, de figura abominável aos olhos de Coudreau, a francesa que se deparou com a estética mocambo no Brasil, de origem africana, bem distinta daquela encontrada na Europa (SOUZA, 2003). De acordo com Souza (2003), mocambo é uma aldeia de negros geralmente remanescentes de quilombos. A francesa descreveu as imagens feitas por estes negros como “uma reunião de Quasímodos. [...] estavam vestidos com restos de saiotes velhos, pedaços de tecidos de cores vistosas, e tinham ao redor do pescoço colares de contas de vidro ou de sementes” (SOUZA, 2003, p. 132). Pela descrição de Coudreau, esses santos até poderiam apresentar algumas semelhanças com a peça encontrada na casa de Maú:



Foto 35: Imagem observada na casa de Maú
Fonte: Acervo pessoal, 2014

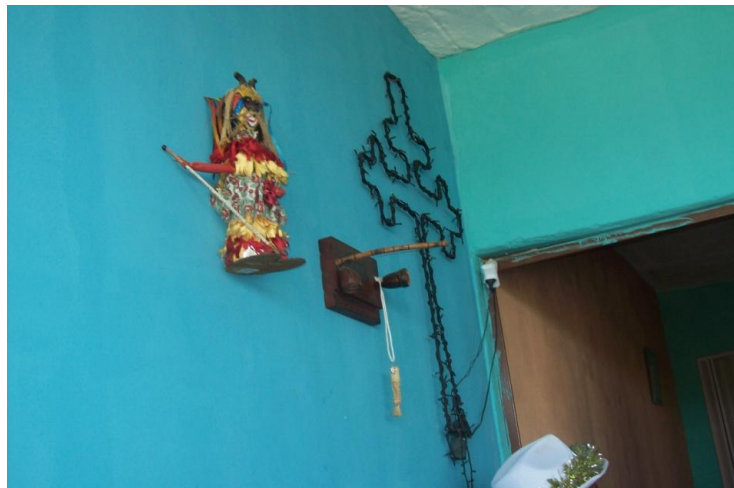


Foto 36: A imagem, a espécie de patuá e a cruz adornada próximos à porta de entrada
Fonte: Acervo pessoal, 2014

Souza (2003, p. 133) traz uma associação relevante sobre as imagens mocambos:

As imagens descritas por Coudreau e chamadas de santos pelos mocambeiros eram componentes de um catolicismo negro e podem ser associadas aos *minkisi*, objetos usados em cerimônias mágico-religiosas de povos dessa mesma região de onde veio a maioria dos antepassados dos habitantes das margens do rio Curuá.

De acordo com Souza (2003, p. 133), essas imagens foram feitas seguindo uma estética própria dos mocambeiros habitantes das margens do rio Curuá, descendentes de escravizados oriundos da África Centro-Ocidental, região próxima ao antigo reino do Congo e de Angola, provavelmente de cultura banto.

Certamente os orixás não são as únicas divindades existentes no panteão africano. Foi a parte que ganhou mais destaque devido o processo de reafrikanização, até de “naigôização” do Candomblé (PARÉS, 2010). Isso resultou na exaltação da pureza nagô em detrimento das outras nações, chegando à marginalização da cultura banto e do candomblé de Angola, entendidos como impuros, deturpados, sincréticos. Porém, além dos orixás nagôs, dos voduns jejes, existem também os inquices não esquecidos pelos bantos (PARÉS, 2010, p. 166). Apesar dos inquices não poderem ser transferidos para o Brasil por estarem de certa maneira presos em sua terra de origem, não perderam seu culto. A partir dos calundus, os nkisi (plural de *minkisi*) foram cultuados. Em Minas Gerais, por exemplo, um caso bem divulgado é da mameto-diá-inquise (sacerdotisa do culto aos nkisi) Luzia Pinta, presa pela inquisição. Os nkisi eram objetos mágico-religiosos confeccionados pelos sacerdotes africanos para louvar os ancestrais e sua terra, e, na transferência da crença na diáspora, foram concebidos como forças naturais (FIGUEIREDO et al., 2013, p. 39-40).

Independente se a peça faria referência a um santo, *minkisi*, orixá ou entidade, ela merecia atenção, porém naquele momento não foi possível descobrir de que tipo de imagem se tratava. Pensei até que poderia se tratar de uma imagem de Exu, embora a estética seja bem diferente, por estar próximo à porta de entrada da casa, achei que pudesse ter alguma relação com o guardião “que vive na estrada, frequenta as encruzilhadas e guarda a porta das casas” (PRANDI, 2001, p. 63).

Somente dia 20 de janeiro, quase um mês depois, no dia da Entrega da Bandeira, tive a oportunidade de perguntar à Maú que imagem era aquela. O tal objeto instigante que poderia se tratar de uma espécie de *minkisi*, ou quem sabe uma imagem de santo, apresentada de forma sincrética seguindo uma estética de traços africanos, é apenas um artesanato que representa o palhaço da Folia.

Antes de perguntar, observei bastante a peça, e o rosto chamou a minha atenção e pensei: “Nossa! Parece até um palhaço!” Mas não poderia supor que de fato o fosse. No momento da resposta de Maú, confesso fiquei um tanto desapontada. Às vezes, os desejos acadêmicos pregam peças no pesquisador e embaçam a visão que está à procura de dados específicos, neste caso as influências da religiosidade africana sobre a manifestação católica praticada por umbandistas. As influências podem estar em qualquer lugar, na casa, na fala, nos gestos, tudo pode trazer informações úteis, até mesmo um simples artesanato, que sem querer me remeteu à estética africana.

Após certa decepção, e a confirmação¹¹² de que Maú não tentava esconder nada, a informação pôde ser processada com maior atenção. A farda do palhaço da Folia apresenta uma estética semelhante à africana, segundo Monteiro (2010). As vestes do palhaço são comparadas as de Abakuá, um mascarado que usa roupas coloridas e estampadas e porta uma espécie de cajado, ele representa um espírito e participa de um ritual religioso cubano de influência africana.



Foto 37: Abakuá, mascarado cubano de origem

Fonte: <http://www.thelivemusicreport.com/2007/October/YorubaAndabo>
Acesso em 20 de agosto de 2013



Foto38: Palhaço MJ, Folia da Maú africana
Fonte: Acervo pessoal, 2014

Observando ambos os mascarados, é plausível admitir semelhanças entre seus figurinos. E, se não for possível reconhecer uma influência direta, pode-se analisá-las através

¹¹² Neste contexto onde as informações são sigilosas e os segredos protegidos, não é raro que as pessoas escondam ou omitam a verdade em relação a assuntos que não devem ser aprofundados com alguém de fora, como uma pesquisadora. Diante disso, busquei analisar a imagem de maneira cautelosa e ao ampliar a fotografia pude ler: Encontro de Tradições Mineiras, o nome do evento que acontece anualmente em Leopoldina, organizado por Oswaldo Giovaninni, do qual o grupo participou e onde ganhou o artesanato. Dessa forma, pude ter certeza da natureza da imagem que tanto me intrigou.

da estética africana absorvida no contato entre as culturas. É provável que a influência transatlântica das vestes seja contestada pela afirmação de que as características apresentadas são na verdade traços da cultura brasileira e não africana.

Porém não se pode negar que muitas influências africanas foram absorvidas pela cultura nacional e encaradas como autóctones; além disso, o Abakuá é cubano.

Monteiro (2010, p.22), atenta para essa percepção, afirma:

Neste momento, é pertinente tocarmos na dificuldade com que nos defrontamos hoje: lidar com padrões culturais africanos transmitidos oralmente, os quais, assimilados através de gerações, já são reconhecidos “oficialmente”, mas preferencialmente incluídos na noção genérica de “cultura nacional”, aceita enquanto resultado híbrido.

Dessa forma, pode-se perceber que a Folia de Reis é um híbrido, influenciado pela religiosidade e estética africana, até mesmo por sua forma de louvar as divindades. Segundo Souza (2003, p. 132), “essa combinação de ritos religiosos e danças ditas profanas é o padrão da maioria das festas religiosas populares brasileiras”. Nesse sentido, é interessante ressaltar que a tríade batucar-dançar-cantar, indissociável nas formas expressivas africanas, está nitidamente presente nas formas de celebração religiosa brasileira (MONTEIRO, 2010, p.22). A tríade também é encontrada nas Folias de Reis, principalmente na performance do palhaço.

É possível notar que as ressignificações e o sincretismo entre os elementos das tradições africanas e do Catolicismo no Brasil não foram discretos, tampouco pontuais. Admite-se que muitas das fusões culturais, incluindo as religiosas, seguiram um caminho de reelaboração cultural, o qual faz parte do processo vivo e não estático de sincretismo. Observando a análise de Berkenbrock (1999) sobre a lógica da finalidade, pode-se perceber que a amálgama de elementos religiosos se constroem, desconstroem e reconstroem a partir dos objetivos a serem alcançados. Compreendendo o palhaço da Folia como produto nunca acabado desse processo, é possível comparar o brincante ao dançarino africano, que por meio de sua dança se relaciona com o sagrado em movimentos dinâmicos que proporcionam momentos de alegria e prazer:

o palhaço da Folia com o dançarino africano que desenvolve, nas práticas rituais, um sentido de seriedade profundamente marcado pelo ganho de alegria e prazer. [...] Comparativamente, através da consolidação da tríade dançar-batucar-cantar, o palhaço da Folia incendeia seu corpo e promove, a partir de seus movimentos dinâmicos, sua estreita ligação com o sagrado (MONTEIRO, 2005, p. 64-65).

A atividade deste brincante pode ser incluída na performance artística afro-americana, que possui características próprias encontradas na chula do palhaço, cuja performance, assim como a afro-americana, é multidimensional, participativa, onipresente na vida cotidiana e coloquial, afirmadora de um estilo pessoal e socializadora e aglutinadora. É multidimensional porque compreende ritual, dança, música, acrobacias, etc. Também é participativa, pois performer e assistência se relacionam, estabelecendo assim uma linha tênue entre esses elementos. Mostra-se onipresente na vida cotidiana e coloquial, expressando-se na relação entre solista e os instrumentos num diálogo constante. Assegura o estilo pessoal do artista, o que se pode perceber comparando as chulas de diversos palhaços: cada um possui um jeito próprio de dançar, interagir com a assistência e versar. E, por fim, cumpre seu papel socializador e aglutinador, sendo uma manifestação coletiva (MONTEIRO, 2010, p.13-14). Ressaltando a ideia de interação entre o palhaço e o público, Monteiro (2005) afirma que uma das características marcantes da performance da tradição oral africana é o diálogo e interação entre a plateia e o performer, o que pode ser percebido claramente na brincadeira do palhaço.

Monteiro (2010, p. 11) ao comparar o brincante, em toda a sua ambiguidade, com o ator revela que este, apesar de ter recebido durante séculos a fama de trapaceiro e falso, ao mesmo tempo ganha atribuições ligadas à ideia de sagrado e maravilhoso. Dessa forma, liberta as pessoas para rirem dos acontecimentos mais obscuros e controversos, despertando admiração e encantamento. Seguindo essa lógica, ela descreve a figura do palhaço em sua performance e revela ainda seu caráter “profano” em contraste com o sagrado dos outros foliões, ressaltando seu vínculo com o mundo real:

Enquanto ator, ele desperta a admiração, veste-se com roupas coloridas e impactantes, transforma-se com a máscara de couro de animal, atrai a todos com o brilho independente das idéias ou temas que aborda. É ao mesmo tempo próximo e reverenciado, e congrega as pessoas, quando recita, dança e faz acrobacia. Ao atuar, distancia-se do plano existencial e simultaneamente marca com seu pertencimento à comunidade, recebendo dinheiro no instante da chula, definindo o vínculo da Folia com o mundo real (MONTEIRO, 2010, p. 12).

A partir daí, a formação da performance do palhaço é analisada através de sua relação com as raízes culturais africanas e conclui: “As celebrações dos negros nas procissões, o mascarado que tem parte com o Exu e o amarrado da sua dança, no verso e na música, são sinais da resistência e dos silêncios das culturas africanas encontrados na performance do palhaço da Folia brasileira”(MONTEIRO, 2010, p. 25).

Dessa forma, não se pode analisar o palhaço dissociado de suas raízes multívocas, pois, se por um lado sua presença remete à figura do mal e do perseguidor de Jesus, assim relacionado à sua raiz católica europeia, seu gestual, figurino e até uma espécie de personalidade atribuída a esse personagem se relacionam a uma raiz africana e a uma religiosidade de origem africana latente em suas equivalências com o Exu. Assim, o palhaço deve ser analisado em toda ambiguidade, sem obscurecer nenhuma de suas faces, pois todas fazem parte dessa figura que admite tantas personas.

5.3 Palhaço: o elemento antiestrutural da Folia

Nos rituais da Folia de Reis, estão presentes elementos estruturais e antiestruturais, na sua complementaridade. A estrutura, assim como o seu oposto complementar a *communitas*, são modelos sociais presente em todas as sociedades humanas: “o primeiro modelo é o de um sistema de posições institucionalizadas diferenciado, culturalmente estruturado, segmentado e frequentemente hierárquico” (TURNER, 2013, p. 164).

Por outro lado, a sociedade enquanto *communitas* é “formada de indivíduos concretos e idiossincráticos, que apesar de diferirem quanto aos dotes físicos e mentais, são contudo considerados iguais do ponto de vista da humanidade comum a todos” (TURNER, 2013, p. 164).

Enquanto a estrutura propõe uma normatização, hierarquização, burocratização e uma série de relações governadas por regras, o que a torna duradoura, pragmática e mundana, a *communitas* se baseia na espontaneidade e na imediaticidade das ações, contrastando com o primeiro modelo quanto à ideia de livre relação entre os indivíduos, o que a faz permanecer apenas no momento fugaz, é especulativa e geradora de imagens e ideias filosóficas, simbólicas, artísticas e mitológicas (TURNER, 2013, p. 128).

Além disso, a estrutura prevê o sacrifício, enquanto a *communitas* se manifesta no domínio do prazer (TURNER, 2013, p. 133-134). Vale ressaltar ainda que “a *communitas* irrompe nos interstícios da estrutura, na liminaridade; nas bordas da estrutura, na marginalidade; e por baixo da estrutura, na inferioridade” (TURNER, 2013, p. 124).

Diante disso, pode-se comparar a Folia de Reis à estrutura e o Palhaço, enquanto seu elemento antiestrutural pode ser relacionado à *communitas*. A Folia de Reis com todas as suas regras estabelece que as relações entre os indivíduos sejam geridas por uma série de normatizações. O seu caráter fortemente hierárquico, em que todos os foliões são

critérios divididos e dispostos espacialmente e simbolicamente com relação aos cargos que ocupam no grupo, aproxima-se do modelo de estrutura.

O Palhaço, por sua vez, é o personagem marginal, liminar, fronteiro e que sustenta a posição de inferioridade no grupo; a *communitas* surge sob essas condições em que o palhaço se encontra. Não se pode esquecer que este integrante está ligado ao prazer, ao riso e à igualdade em relação à assistência, já que ocupa o universo “profano”¹¹³, em contraste com os foliões, sacralizados pela penitência e em situação diferenciada.

Mas nem tudo é tão simples e organizadamente separado quanto se supõe. Apesar de *communitas* e estrutura parecerem conceitos antagônicos e excludentes, na verdade revelam uma complementaridade que é uma exigência da existência de ambas. Elas estabelecem uma relação mútua em que uma é indispensável ao funcionamento da outra, uma só existe e se evidencia em contraponto com a outra. Turner (2013, p. 123) assevera:

A *communitas* só se torna evidente ou acessível, por assim dizer, por sua justaposição a aspectos da estrutura social ou pela sua hibridização com estes. Assim como na psicologia da *Gestalt* a figura e o fundo são mutuamente determinantes ou como certos elementos raros nunca são encontrados na natureza em estado de pureza, mas apenas enquanto componentes de compostos químicos, do mesmo modo a *communitas* unicamente pode ser apreendida por alguma de suas relações com a estrutura.

A dialética entre estrutura e *communitas* é uma condição de existência da própria sociedade. Juntas elas constituem a condição humana, no que tange às relações dos homens com seus semelhantes (TURNER, 2013, p. 126). Por isso, até mesmo o palhaço possui momentos em que se encontra inserido na estrutura, e a Folia, por sua vez, também adentra o universo da *communitas* em certas situações rituais.

Para exemplificar, é possível citar a condição de uma Folia que possui mais de um palhaço. Entre eles existe uma igualdade de cargo, mas não de função. O palhaço mais velho e/ou experiente sempre vai exercer o domínio sobre os outros pela sua sabedoria adquirida pelo tempo.

Na hierarquia dos palhaços, ele vai ser o principal e o mais respeitado e ouvido, pois “seguir à risca os preceitos ensinados pelos mais velhos é a garantia da proteção e bênçãos dadas pelos Magos, santos e espíritos dos antepassados” (BITTER, 2008, p. 167).

¹¹³ Embora esteja ciente do perigo de taxar o palhaço como elemento profano, já que no contexto das folias as categorias de profano e sagrado se encontram profundamente imbricadas, ele é um elemento que se aproxima mais da condição da assistência do que dos foliões de acordo com o mito basilar da Folia. Miticamente ele é profano, porém na prática “pensar o palhaço na folia através da dicotomia sagrado/profano parece inadequado visto que ambas as dimensões estão largamente imbricadas na experiência concreta do palhaço, e muitas vezes de modo difuso” (BITTER, 2008, p. 168). Por isso utilizo a palavra profano entre aspas.

Em algumas localidades, esses elementos mais experientes são chamados de mestre dos palhaços, que são conhecidos como vovôs, exaltando assim a sabedoria como prerrogativa dos mais antigos nas Folias e o respeito que deve ser dedicado a eles. Portanto, a estrutura também se manifesta nos elementos antiestruturais da Folia, a partir das hierarquias e normas que devem ser cumpridas pelos palhaços. A missão do mascarado é uma dessas regras que devem ser cumpridas por eles. Sua missão passa pela obrigatoriedade de participar sete anos consecutivos da mesma Folia. E todas as restrições aqui já discutidas também se configuram como normas que devem ser cumpridas.

Por outro lado, os foliões também são impelidos ritualmente a participarem da *communitas* com ritos de passagem. Turner (2013, p. 124) afirma que “nos *rites de passage* os homens são libertados da estrutura e entram na *communitas* apenas para retornar à estrutura, revitalizados pela experiência da *communitas*”. O autor, baseando-se em Van Gennep, define ritos de passagem como ritos que acompanham mudanças, sejam elas referentes a lugar, estado ou posição social de idade. Esses ritos são caracterizados por três fases: a da separação, a liminar e da agregação (TURNER, 2013, p. 97).

De uma maneira geral, e desconsiderando momentaneamente as hierarquias postuladas nesse universo, pode-se comparar a Folia de Reis com uma *communitas*. Para acessá-la, os foliões são separados de suas vidas cotidianas. Assim passam pelo estágio liminar do giro, e na condição de grupo pedinte passam de casa em casa recolhendo espórtulas em posição de humildade. Durante a jornada, são submetidos a sacrifícios e ao mesmo tempo são associados aos poderes rituais, aos quais as condições liminares estão frequentemente associadas (TURNER, 2013, p. 101). E ao fim desse período podem ser reagrupados em suas vidas cotidianas, revitalizados em sua fé pela experiência da Folia de Reis.

Por outro lado, pode-se comparar o ritual da Coroação a um rito de passagem. Os foliões, ao serem coroados, passam do estado de pessoas comuns ao de representantes dos Reis Magos. Todos são coroados da mesma maneira e recebem a bênção da Bandeira sem distinção, em posição de submissão a ela. Turner (2013, p. 99) afirma que os fenômenos liminares agenciam um misto de submissão e santidade: “Algo da sacralidade da transitória humildade e ausência de modelo toma a dianteira e modera o orgulho do indivíduo incumbido de uma posição ou cargo mais alto”. Após esse momento liminar, são reagregados ocupando um nível mais elevado no grupo, o de representantes dos Reis Magos.

O Perdão do Palhaço também pode ser pensado como um rito de passagem ou um ritual de humilhação, na verdade. Após esse ritual de liminaridade, sendo humilhado, o

palhaço está pronto para ser “reintegrado” ao corpo social, com um status mais elevado, agora de folião. Turner afirma (2013, p. 98) que

as entidades liminares [...] podem ser representadas como se nada possuíssem. Podem estar disfarçadas de monstros, usar apenas uma tira de pano como vestimenta ou aparecer simplesmente nuas para demonstrar que, como seres liminares, não possuem status, propriedades, insígnias, roupa mundana indicativa de classe ou papel social, posição em um sistema de parentesco, em suma, nada que os possa distinguir de suas colegas neófitos.

Dessa maneira, os palhaços podem ser pensados como essas entidades liminares, inicialmente vestidos de monstro e logo se despindo de tudo vão até a Bandeira rastejando ou de joelhos, em uma clara atitude de humilhação e submissão. Passa por esse processo durante pelo menos sete anos; após esse período está cumprido seu compromisso com a Bandeira, podendo até mesmo deixar a Folia, o que geralmente não ocorre.¹¹⁴



Foto 39: Palhaço MJ se arrastando até à bandeira para pedir o seu perdão
Fonte: Acervo pessoal, 2014

O palhaço em sua liminaridade, enquanto figura marginal e miticamente alijada do grupo, paradoxalmente se configura como elemento principal junto à assistência. E, apesar de

¹¹⁴ O filho da Maú, Rodrigo, por exemplo, foi palhaço durante 15 anos, só deixou a função por um ano, devido a sua promessa e por ter de assumir a direção do grupo; desse modo, troca de função, mas não deixa a Folia. Certos integrantes vivem tão intensamente esses momentos que mesmo asseverando em instantes de alteração emocional que não vão mais participar da festa no ano seguinte, não conseguem se desvencilhar da mesma. Foi o que aconteceu com Rodrigo que acabou assumindo as rédeas do grupo para que ele não se dissolvesse.

assumir na hierarquia da Folia posição de extrema inferioridade, sua presença é tão importante quanto a do mestre. Pois o grupo não pode sair em giro na ausência de um desses elementos emblemáticos, simultaneamente antagônicos e complementares entre si, como a *communitas* e a estrutura.

Assim não se pode pensar em Folia de Reis sem palhaço e tampouco no mito do nascimento de Jesus sem o seu perseguidor, ou o bem sem o mal. Nesse contexto, as figuras se definem na complementaridade e no contraste, nessa dicotomia necessária e fundamental para as Foliás de Reis leopoldinenses.

Considerações finais

Através desta pesquisa, compreendi quão sincrética e híbrida se mostra a realidade cultural brasileira que compartilhamos diuturnamente em nossos contextos sociais. Trata-se de uma condição com a qual somos impelidos a conviver desde o nascimento, e, por isso, aos nossos olhos, parece natural.

No campo da religião, pode ser observada no Brasil uma maioria cristã. Mas essa possível unidade é, na verdade, composta por uma grande diversidade de religiões, denominações, crenças, cosmovisões, práticas. Inserida nessa maioria cristã, ainda pode ser contemplada certa hegemonia da Igreja Católica, que vem sendo paulatinamente ameaçada pelo crescente número de cristãos evangélicos que vem ganhando espaço nesse cenário. E, dentro da religião católica, ainda existe uma diversidade de vertentes, visões e práticas, dentre elas encontra-se o Catolicismo Santorial.

Ainda hoje, diante de tantas ofertas e concorrência no complexo mercado religioso contemporâneo, o Catolicismo Santorial mantém sua preeminência em grande parte das pequenas cidades mineiras. Dentre as características mais relevantes desse modo peculiar de ser católico pude perceber a sua plasticidade e autonomia em relação à Roma e ao seu caráter festivo e penitencial que se relaciona com a devoção aos santos, característica que dá nome a esse Catolicismo.

O Catolicismo Santorial se caracteriza mais pela sua plasticidade ao contexto social no qual se insere, buscando aderência, aceitabilidade e utilidade na vida de seus fiéis, do que por sua obediência e fidelidade cega aos preceitos de Roma. Na busca pela aquisição de espaço, o Catolicismo no Brasil foi se modelando de acordo com as necessidades cotidianas de seus seguidores e usuários e, por isso, hibridizando-se com outras religiões que aqui coexistiam, numa dinâmica que fugia do controle da instituição e ficava a cargo dos leigos, que propagaram uma religião autônoma e flexível, atraindo, dessa forma, cada vez mais adeptos. Diante disso, muitas vezes não se consegue perceber a diversidade que está oculta dentro do próprio Catolicismo.

No primeiro capítulo deste estudo, concluí que a disposição para aceitação de novos elementos e símbolos religiosos esteve presente tanto na religião Católica com suas raízes europeias, quanto na matriz religiosa africana banto. O Catolicismo e sua disposição para absorver influências, somada à flexibilidade que se traduz como uma das características da estrutura cultural e religiosa banto, que dominou as senzalas do Sudeste brasileiro, entre

outros fatores, proporcionaram um ambiente fértil para a construção de uma religião porosa, fagocitária, plástica e flexível como o Catolicismo Santorial.

O caráter festivo e penitencial desse modo de viver o Catolicismo também chamou minha atenção. Observei que tais características, aparentemente antagônicas, na vivência da fé se completam e interpenetram, de maneira que uma depende da outra. Há devotos e foliões promesseiros que necessitam da Folia e da festa para cumprirem sua dívida com os Santos. O devoto oferece o jantar, e o folião canta e toca durante noites e madrugadas levando o corpo à exaustão.

Brevemente expus as festas de cunho devocional e popular existentes na Zona da Mata mineira que fazem parte do Catolicismo Santorial. Inserida nesse contexto, apresentei a Folia de Reis, seus padrões e preceitos fundamentais. Ao fim, pude perceber que os padrões que de fato perpassam todas as Folias são poucos, observa-se uma grande variação entre os grupos na forma com que cada um vivencia a religião. E certos preceitos, por sua vez, alteram-se ou são acrescentados de acordo com o tempo. Por exemplo, o hábito do uso de bebidas alcoólicas pelos foliões se tornou um tabu entre as Folias e sua abstinência durante os dias de giro se tornou um dos preceitos a ser seguido. Já a devoção em Santos Reis continua valendo como a orientação principal para se sair em giro com a Folia. Porém, percebi que nem todos os foliões obedecem a esses preceitos fundamentais, embora os mestres insistam em afirmar o contrário.

Depois da pesquisa realizada, concluo que a lógica que rege as Folias e sustenta essas manifestações festivas do Catolicismo Santorial se apóia nas devoções que perpassam as teias de sentimentos, significados e sentidos que a religião tece diuturnamente e fornece à vida de seus fiéis. Enfim, pude definir as origens da devoção nos Magos e sua trajetória até se tornarem Reis e Santos pela devoção popular. A tradição de grupos peditórios, chamados de Folias, atravessou o Atlântico e chegou ao Brasil através dos jesuítas e se disseminou entre as camadas populares através dos leigos.

No universo das Folias de Reis leopoldinenses, o campo exhibe, entre suas sutilezas, crenças reveladas nas falas, signos lidos visualmente, performances inseridas nas ambiguidades, narrativas permeadas por significados, olhares, gestos, sorrisos e lágrimas que tentam ocultar e por vezes revelar intimidades, segredos e mistérios. As teorias que explanam as devoções populares só podem de fato ser compreendidas se aplicadas à realidade dos foliões e devotos, na experiência cotidiana junto às pessoas que, em nome de uma devoção, doam-se em prol de uma manifestação artística, cultural e religiosa como a Folia de Reis.

Busquei realizar uma descrição densa, que não se resume no simples ato descritivo através do observado, mas que envolve muito mais que a visão. Para além da experiência

retiniana, valoriza-se neste modelo a experiência do vivido. Precisei aguçar todos os sentidos: a visão deveria enxergar além das cores, das fitas e das vestimentas, a audição deveria escutar mais que a batida dos instrumentos, o paladar deveria sentir mais que o gosto do alimento ofertado, e o olfato deveria sentir o que compõe o cenário em toda a sua complexidade. Saber distinguir a piscadela do tique nervoso foi essencial, e o mais importante nisso foi compreender o que a piscadela queria dizer, tarefa somente possível a partir da observação participante.

Através da vivência etnográfica, compreendi que esse Catolicismo permeado por influências outras em terras brasileiras se define no ambívio entre a festa e a penitência, o gozo e a dor, o sagrado e o profano, em uma dinâmica em que as dicotomias se diluem na vivência cotidiana da religião. Portanto, uma análise mais sistemática do caráter festivo do Catolicismo Santorial, enquanto religião que apresenta como conceito fundamental a questão da penitência, revelou-se importante para perceber os movimentos intensos de vaivém no campo de pesquisa.

Os conceitos de festa e penitência foram frequentemente revisitados para que eu pudesse compreender a dinâmica do campo em que eu estava me inserindo. No segundo capítulo, dedicado à Folia da Serra, através do cruzamento de conceitos e realidade vivenciada, compreendi que é possível sentir a dor e a exaustão das longas caminhadas durante o período de giro, passar por caminhos tortuosos ou ladeiras íngremes suportando o peso dos instrumentos, sofrer com o calor ou com a chuva incessante, sem reclamar, esmorecer no compromisso ou se arrepender. Pelo contrário, sentindo a alegria do êxito pelo dever cumprido, na compreensão de que a penitência purifica e que tudo vale a pena no louvor dos Santos Reis. Ao final do período de sacrifícios oferecidos através das jornadas exauríveis aos Reis Magos, era-lhes preparada uma grande festa.

Foi possível compreender a disposição desses foliões para que, mesmo depois de todas as noites cansativas e madrugadas exaustivas, ainda se exponham ao sol e ao calor escaldantes de janeiro e cantem o Padecimento de Cristo em homenagem às almas dos escravos que cometeram suicídio, emocionem-se e rezem com profundo sentimento de tristeza e pesar diante das cruzes. Ao deixar o local, ainda fazem uma grande festa com toda alegria, entusiasmo e devoção em homenagem aos três Reis do Oriente. Importa ressaltar como esses dois elementos, o festivo e o penitencial, de relevâncias equivalentes nesse contexto, tangem-se de maneira coerente nessa lógica aparentemente contraditória.

Nesse capítulo, concluí que não são breves e simples fatores que explicam a longevidade da bicentenária Folia da Serra. O sentimento de pertença à família Medeiros, o

respeito e medo dos foliões pelo Medeiro Velho, o rigor na organização, a permanência no contexto rural e a flexibilidade de certos aspectos, que desafiam regras estabelecidas e que muitas vezes não podem continuar imutáveis diante das transformações da atualidade, contribuem para que a tradição continue trilhando seu caminho rumo à posteridade.

No terceiro capítulo, aferi que a visibilidade de uma Folia de Reis no cenário religioso leopoldinense passa pela sua história e trajetória. Antes da Folia dos Colodinos ser fundada na Serra das Virgens por Juca Colodino, nas proximidades da Serra dos Barbosas, seus foliões já integravam outras folias da região. O próprio Juca fazia parte da folia onde seu sogro era mestre. Logo, resolveu fundar seu próprio grupo e teve o apoio e os ensinamentos do sogro. Mais tarde, quando os foliões e Juca se viram na necessidade de deixar a zona rural, a Folia se reconstruiu no cenário urbano. Aos poucos, foi tecendo as relações de vizinhança tão caras às folias, ganhando paulatinamente a confiança dos devotos e conquistando a assistência.

Dessa forma, pude perceber que a Folia dos Colodinos afirma sua presença na cidade e é elogiada e bem recebida por onde passa. Todos que desejam louvar os Santos Reis, que precisam de ajuda ou querem pagar uma promessa, são bem atendidos por esse grupo, que chega com respeito e devoção, levando a Bandeira como a imanência do poder e da presença dos Santos Reis do Oriente à casa do devoto. Para esses foliões, a Folia de Reis não é só uma festa ou um lazer, mas acima de tudo é a própria religião.

No quarto capítulo, a partir do estudo da Folia da Maú, assinalei que as influências da religião de origem africana estão muito mais presentes no cotidiano desses foliões do que eu poderia imaginar antes desta pesquisa. O giro para a Folia da Maú não é uma simples caminhada, traduz-se em um compromisso e uma reverência não somente aos Santos Reis do Oriente, mas também às almas e às entidades da Umbanda. De acordo com as suas crenças, os caminhos das ruas são permeados por espíritos de todo o tipo, e eles devem se proteger e encaminhar aqueles que precisam de luz. Dessa forma, no dia de Reis, recitam no Cruzeiro o Padecimento de Cristo e encenam o arrependimento de Judas, representado pelo palhaço, em homenagem às almas. No Cruzeiro, deixam os males que retiraram das casas visitadas, como doenças e todo tipo de infortúnio. Acreditam que cravam na madeira do Cruzeiro, como Jesus foi cravado, tudo de ruim que trouxeram da jornada daquele ano. Por outro lado, lá também fazem a entrega dos pedidos e promessas dos devotos aos Santos Reis.

Apesar da Folia da Maú entregar sua Bandeira somente no dia 20 de janeiro, percebi que o 6 de janeiro para eles não é menos relevante que para os outros grupos, pois todo o trabalho dos foliões em prol dos devotos dos Reis Magos é efetivado no dia de Reis. Todos os pedidos realizados depois dessa data só serão entregues aos Reis de fato no próximo ano, na

outra visita ao Cruzeiro. Mesmo assim, o mestre explicou que a fé de cada um é poderosa e pode ser que o devoto alcance o pedido antes mesmo da sua entrega.

A Entrega da Bandeira da Maú se realiza no dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, por diversos motivos. Nesse ritual, as mulheres assumem papéis relevantes. A partir daí, pode-se concluir que a mudança da tradição se dá em dois aspectos: primeiro por mudar o dia do encerramento da jornada que é 6 de janeiro; segundo por incluir mulheres no ritual, antes destinado somente aos homens. Essas mudanças ocorreram justamente para que a tradição não se diluísse.

Quando Maú assumiu a direção do grupo, ela o fez para que a Folia não acabasse por falta de quem a guiasse. Além disso, ela inclui as outras mulheres da comunidade no processo, mostrando assim sua gratidão por tudo que fazem nos “bastidores” da Folia e seu apoio incondicional. Afinal, o apoio da comunidade é de suma relevância, pois os laços de vizinhança são fundamentais para o sucesso de uma Folia. Incluiu também sua netinha no ritual, como uma forma de inserir a nova geração na tradição e, assim, garantir a sua continuidade. Já a opção de Entregar a Bandeira no dia 20 está atrelada à possibilidade de realizar a festa conforme suas obrigatoriedades rituais, que demandam muito tempo. Como esse dia é um feriado municipal em Leopoldina, a Folia dispõe do tempo necessário para realizar a Entrega de acordo com a tradição. Dessa forma, a mudança se faz necessária para que a tradição possa prosseguir.

Apesar da maioria dos foliões serem umbandistas, alguns se dizem católicos. Até a própria Maú quando lhe perguntei qual era a sua religião respondeu: “católica... espírita, né?!” de um jeito que parecia que para ela era quase a mesma coisa, ou que participava de ambas. Quando Seu Zé Cristóvão admite que todo mundo nasce católico e só depois é que escolhe qual religião vai seguir e frequentar, ele revela a força do Catolicismo em Leopoldina. Por isso, compreendi que muitas vezes os foliões que se afirmam católicos o fazem pela força da tradição. Há também quem frequente a missa e se afirme praticante, mas de forma alguma deixa de crer no poder da Umbanda e de apelar para as suas práticas quando necessário, sem se considerar menos católico, pois acredita que uma crença complementa a outra.

Notei que as três Folias fazem questão de visitar em datas significativas do giro templos e lugares sagrados ou consagrados pela comunidade local. A Folia da Serra visita o Cruzeiro e faz a Entrega da Bandeira na Igreja pertencente à comunidade da Serra dos Barbosas. A Folia dos Colodinos participa da missa do dia de Reis na Igreja do Rosário, já a Folia da Maú visita o Cruzeiro no dia 6 de janeiro e o centro de Umbanda na madrugada do dia 19 para 20 de janeiro. Esses locais e datas possuem relevância para as Folias, pois são

carregados de significações intrínsecas. É através desses tempos e lugares entendidos como sagrados que as pessoas podem exercer sua capacidade de simbolização e dessa forma, recriar o mundo a sua volta, inserindo-se assim no espaço da cultura e sendo envolvido em uma teia de significações que eles próprios teceram (STEIL, 2001, p. 13).

Quando escolhi as três Folias para pesquisar as influências das heranças africanas na vivência dessa fé, alguns disseram que somente a Folia da Maú poderia ter algo a me oferecer. De fato, há mais evidências, pois ela é composta por foliões negros e umbandistas, veneram as almas no Cruzeiro e é protegida por uma entidade da Umbanda, o Vô Baiano. Mas isso não quer dizer que as outras não apresentassem em suas interfaces as sutilezas desse universo.

A própria Folia dos Colodinos, que se mostra como uma das mais ligadas à instituição Católica pela famosa Cantoria na missa do dia de Reis na Igreja do Rosário, não se encaixa em um tipo de manifestação que siga rigorosamente os preceitos de Roma, tampouco seus foliões abolem de seu imaginário as crenças populares no mundo sobrenatural e seres invisíveis, tão enfaticamente atacadas pelas orientações do Clero, como magia e superstição. Suas falas e casos contados são permeados pela crença em poderes sobre-humanos dos mestres antigos e seus feitos fantásticos, afirmando assim a sua conotação de sacerdotes populares.

Assim como a Folia da Serra, que apresenta suas narrativas apoiadas em uma visão de mundo afastada da direção apontada pela visão católica oficial. Isso pode ser percebido quando os foliões prestam sua homenagem anual aos escravos que cometeram suicídio, este entendido como pecado pela Igreja Católica. Além disso, a possibilidade de comunicação com os mortos, mencionada nas narrativas da Folia da Serra, também não é aceita por essa religião; ao contrário de muitas religiões de origem africana, que pregam o culto aos mortos e antepassados e a real possibilidade de comunicação com os mesmo através da possessão ou incorporação.

De acordo com tais orientações religiosas, a negligência desse culto, por sua vez, pode acarretar períodos difíceis e de infortúnio para toda a comunidade, por conta da ira dos mortos diante da falha dos vivos. Isso revela uma crença que aponta a importância de agradar as almas, pois elas têm pleno domínio sobre o mundo visível, podendo abençoar ou amaldiçoar uma comunidade. Essa cosmovisão, atribuída aos povos banto, mostra-se intimamente ligada às atitudes dos foliões da Serra.

O compromisso inalienável da Cantoria no Cruzeiro para as almas dos negros exigido pelo Medeiro Velho, que “baixou” em um homem da comunidade diante da falha no compromisso, mostra isso. Depois da possibilidade de comunicação com o antigo mestre, a

reverência aos negros mortos é cumprida anualmente, por respeito às orientações do Medeiro Velho e receio de sua ira. Esse respeito pelos idosos não deixa de remeter a um traço, embora longínquo, da cultura tribal africana, que nutre um profundo respeito pelos mais velhos por conta de sua proximidade com a morte e, portanto, mais próximo de se tornar um antepassado, ou seja, uma divindade, de acordo com a cosmovisão banto.

Tive a oportunidade de analisar de maneira integral, no quinto capítulo, a figura do palhaço como um personagem expressivo da Folia de Reis. Além de apresentar a explicação mítica do palhaço, baseada na narrativa bíblica e, portanto, católica, como tantos outros autores já o fizeram, analiso o brincante também através de seus aspectos notadamente influenciados pela estética, arte e cultura de traços africanos. Chego à conclusão de que existem pontos em comum entre características do palhaço e seus pares de origem africana. O figurino do palhaço leopoldinense pode ser comparado com o de um mascarado cubano de origem africana, exibindo estéticas de notável proximidade e sua brincadeira, em muitos aspectos, assemelha-se à performance do dançarino africano. O palhaço apresenta ainda equivalências simbólicas com o Exu. A identidade desse personagem aliada a seus aspectos característicos pode ser relacionada com elementos igualmente característicos do Exu da Umbanda, de origem banto, embora existam algumas semelhanças do mascarado com o Exu iorubano também.

Demonstro nesse capítulo as ambiguidades afirmadas do palhaço em vários aspectos, revelando que até a origem do mascarado mineiro é dual, absorvendo aspectos europeus e africanos e articulando-os de maneira harmônica e rica na construção de um personagem complexo. Além disso, busquei os conceitos aplicados por Turner (2008) para analisar a performance ritual do palhaço na Entrega da Bandeira e seu estado de permanente liminaridade no contexto da Folia de Reis. Ele é um personagem tão ambivalente que é capaz de transitar entre a *communitas* e a estrutura, o bem e o mal e entre o sagrado e o profano, que afinal, se fundem em sua figura.

Dessa maneira, a pesquisa mostrou que, ao contrário do que um olhar superficial sobre as Folias de Reis poderia supor, há muitas influências das heranças africanas arraigadas nessa manifestação festiva, artística, devocional e católica. Pois ela se encontra inserida em um contexto maior, que é permeado e marcado por essas influências, o Catolicismo Santorial. Um híbrido complexo e rico, flexível e plástico, poroso e fagocitário, que penetra e se deixa penetrar, num movimento operado habilmente por “sacerdotes populares”, que impunham apenas violas e Bandeira, mas transmitem ao devoto a certeza de dias melhores e garantem a fartura da mesa, sempre posta em honra aos Santos Reis.

No processo sincrético, tão afeito às religiões que se encontram na gênese do Catolicismo Santorial (Católica e de matriz banto), as mudanças são contempladas sem que as continuidades sejam alijadas do seu resultado continuamente mutante. Aferi que esse processo é dinâmico no campo de pesquisa; enquanto um elemento é preservado, outros são recriados simultaneamente. Dessa forma, o saber da religião popular se mostra como uma memória viva, ao mesmo tempo preservada e recriada pelos seus agentes e usuários (BRANDÃO, 2007, p. 303).

Portanto, a partir deste estudo, concluí que, para poder seguir a tradição em seus aspectos devocionais mais importantes e garantir sua eficácia simbólica, é preciso modificá-la em seus aspectos que, aos olhos dos foliões, são passíveis de substituição sem maiores danos. A Folia da Serra flexibiliza suas exigências de giro em caso de risco de perda do emprego do folião e já não se cumpre toda a jornada a pé, organizam-se em carros e caminhonetes para chegar ao Cruzeiro da Serra das Virgens. A Folia dos Colodinos não exige o cumprimento do compromisso dos 7 anos para seus integrantes; Seu Geraldo disse inclusive que isso era ignorância dos mais antigos e hoje as pessoas tem liberdade de querer entrar ou sair da Folia. A Folia dos Colodinos também utiliza carros e uma Kombi para visitas em locais mais distantes de Leopoldina, como Recreio e Piacatuba. O grupo da Maú, por sua vez, cumpre a jornada toda a pé, somente Maú é levada de carro. Por outro lado, altera a tradição em relação ao dia da Entrega da Bandeira, preferindo trocar a data para não prejudicar o ritual. Ocorreu a substituição por um dia inteligentemente planejado, que também apresenta seu caráter sagrado por celebrar São Sebastião, um santo de grande afeição por parte dos foliões. Dessa forma, o grupo deve julgar o que para si é mais importante e fazer suas escolhas conforme suas prioridades.

A Folia de Reis, enquanto tradição e memória viva, segue ressignificando e ressemantizando-se continuamente, enquanto a crença e a fé no poder dos santos se renova a cada graça alcançada, a cada promessa paga e a cada jornada da Folia cumprida em homenagem aos Santos Reis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. **Festas religiosas no Rio de Janeiro: Perspectivas de controle e tolerância no século XIX.** Revista de Estudos Históricos, Brasil, 7, dezembro 1994. p. 183-200. Disponível em: [http// biblioteca digital.fgv.br](http://biblioteca.digital.fgv.br). Acesso em: 28 mar. 2013.

AMARAL, Rita. **Festa à brasileira: o significado de festejar no país que “não é sério”.** Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Faculdade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis>. Acesso em: 27 fev. 2014.

_____. Para uma antropologia da festa: questões metodológico-organizativas do campo festivo brasileiro. . In: PEREZ, L., AMARAL, L., MESQUITA, W. (orgs.). **Festa como perspectiva e em perspectiva.** Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 67-86.

ANTONIAZZI, Alberto. O catolicismo no Brasil. In: Leilah Landim(org.) **Sinais dos tempos: tradições Religiosas no Brasil.** Caderno do ISER n. 22, Rio de Janeiro: ISER, 1989, p. 13-35.

ANTONIO, Jacqueline Rodrigues; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. Os Magos na arte ocidental: o imaginário medieval na América portuguesa. XIV Encontro Regional de História. Universidade Estadual de Paraná, Campo Mourão, 2014. p. 1-11.

BASTOS, Wilson de Lima. **Folclore no setor religião em Juiz de Fora.** Juiz de Fora, Edições Paraibuna, 1973.

BERKENBROCK, Volney. Diálogo e sincretismo. **Revista Rhema**, v. 5, n. 20, 1999, p.167-183.

_____. A festa nas religiões afro-brasileiras. In: PASSOS, Mauro (org) **A festa na vida: significado e imagens.** Petrópolis, Vozes, 2002.

BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis.** Tese (Doutorado em Antropologia Cultural) - Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais.** Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. **Os Deuses do povo: um estudo sobre a religião popular.** Uberlândia: EDUFU- Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

CAMPOS, Roberta Bivar C.. Interpretações do sincretismo: do sincretismo e antissincretismo na/da cultura brasileira. In: TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (Orgs.). **Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis, Vozes, 2009. p. 135-150.

CAPONE, Stefania. **A busca da África no Candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

CHAVES, Wagner Neves Diniz. **Na Jornada de Santos Reis: uma etnografia da Folia de Reis do Mestre Tachico**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.

DAIBERT JÚNIOR, Robert. Luzia Pinta nas margens do rio: travessias entre o catolicismo e as tradições religiosas centro-africanas no mundo atlântico. In: DAIBERT JÚNIOR, Robert e PEREIRA, Edimilson de Almeida (orgs.) **No berço da noite: religião e arte em encenações de subjetividades afrodescendentes**. Juiz de Fora: MAMM Ed., 2012.

_____. Calundus na diáspora: novos cantos da tradição religiosa banto no Brasil. In: 27º Congresso Internacional da Soter: Espiritualidades e Dinâmicas Sociais: Memórias – Prospectivas. Anais. No prelo.

FIGUEIREDO, Janaína et al. **Nkisi na diáspora: raízes religiosas Bantu no Brasil**. São Paulo: Acubalin, 2013.

FRANCHINI, A. S., SEGANFREDO, Carmen. Exu e os dois lavradores. In: **As melhores histórias da mitologia africana**. Porto Alegre, RS, Artes e Ofícios, 2009. p. 71-73.

FRESTON, Paul. O Mapeamento dos Protestantes Brasileiros. In: **Protestantismo e Política no Barasil**. Tese (Doutorado Unicamp), Campinas, 1994. p. 27-41.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. Rio de Janeiro/Brasília, José Olympio/Instituto Nacional do Livro, 1980.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, LCT, 2008.

GIOVANNINI JUNIOR, Oswaldo. **Folguedos da Mata: um registro do folclore da Zona da Mata**. Leopoldina: Do Autor, 2005.

LEOPOLDINA. Prefeitura Municipal. Disponível em: <<http://www.leopoldina.mg.gov.br>> Acesso em: 26 de jan. de 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A estrutura dos Mitos. In: **Antropologia Estrutural**. São Paulo, Tempo Brasileiro, 1975. p. 237- 265.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Quando o Mito se torna História. In: **Mito e significado**. Lisboa, Edições 70, 1978, p. 55- 64.

LIBBY, Douglas Cole (orgs.). **Trabalho livre, trabalho escravo Brasil e Europa, séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Annablume, 2006.

LIMA, Vivaldo da Costa. **Festa e religião no centro histórico**. Aula proferida no curso anual de folclore Antônio Vianan, em 1988, na Academia de Letras da Bahia.

MARIZ, Cecília. Catolicismo no Brasil contemporâneo reavivamento e diversidade. In: TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (Orgs.). **As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006. p.53-68.

_____. Reflexões sobre a reação afro-brasileira. **Debates do NER**, ano 1, n.1. Porto Alegre, NER – PPGAS da UFRGS, 1997.

_____. De vuelta al baile del sincretismo: um diálogo com Pierre Sanchis. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, V. 7, n.7, 2005. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2284/988>. Acesso em: 13 de maio de 2014.

MENDES, Luciana Aparecida de Souza. **As Folias de Reis em Sete Lagoas: circularidade cultural na religiosidade popular**. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2007.

MENEZES, Renata. Santo Antônio no Rio de Janeiro: dimensões da santidade e da devoção. In: TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (Orgs.). **Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis, Vozes, 2009. p.109 - 133.

MONTEIRO, Ausonia Bernardes. A performance do palhaço da folia de reis: estilos, danças e movimentos. In: LIGIÉRO, Z e SANTOS, C. A. (Orgs.). **Danças da Terra: Tradição, história, linguagem e teatro**. Rio de Janeiro, Papel Virtual Editora, 2005.

_____. **Considerações sobre as lentes afroamericanas: a performance do palhaço da Folia**. Disponível em: <http://enap2010.files.wordpress.com/2010/.../ausonia_bernardes_monteiro>. Acesso em 13 de agosto de 2013.

MOTT, Luiz. Acotundá: raízes setecentistas do sincretismo religioso afro-brasileiro. **Revista do Museu Paulista**. Nova Série, vol. XXXI, 1986. p. 124-147.

OLIVEIRA, Simone G. de. ‘A bandeira pede passagem’: Folia de Reis: fé e festar entre a tradição e a modernidade. In.:PEREIRA, Mabel Salgado e CAMURÇA, Marcelo Ayres (Orgs.). **Festa e Religião: imaginário e sociedade em Minas Gerais**. Juiz de Fora, Templo Editora, 2003. p. 23 – 39.

PARÉS, Nicolau. O mundo Atlântico e a constituição da hegemonia nagô no Candomblé baiano. *Revista Esboços*, v.17, n.23, p. 165- 185, UFSC, 2010.

PASSOS, Mauro. O catolicismo popular. In: PASSOS, Mauro (org.). **A festa na vida: significado e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 165 – 190.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Os tambores estão frios: herança cultural e sincretismo religioso no ritual de Candomblé**. Juiz de Fora, Funalfa Edições, 2005.

PEREZ, Léa F.. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (org.). **A festa na vida: significado e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 15 - 58.

_____. Festa para além da festa. In: PEREZ, L., AMARAL, L., MESQUITA, W. (orgs.). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 21- 42.

PIERUCCI, Antônio. É fácil ser católico. In: TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (Orgs.). **Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis, Vozes, 2009, p. 15-16.

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. **Revista USP**, São Paulo, n.50, junho/agosto 2001, p. 46-63.

RUMSTAIN, Ariana, ALMEIDA, Ronaldo. Os católicos no trânsito religioso. In: TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (Orgs.). **Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis, Vozes, 2009. p. 31-55.

SANCHIS, Pierre. Introdução. In: SANCHIS, Pierre (org.). **Cotolicismo: modernidade e tradição**. São Paulo, Loyola, 1992. p. 9-39.

_____. As tramas sincréticas da história. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n.28, São Paulo, jun. 1995.

SILVA, Affonso M. Furtado da. Reis Magos: origens e tradições populares brasileiras. A história dos personagens cristãos e suas representações na cultura. 2010. Disponível em: <http://www.cultura.rj.gov.br/artigos/reis-magos-origens-e-tradicoes-populares_brasileiras>. Acesso: 25 de nov. de 2014.

SILVA, Rubens Alves. **Negros católicos ou Catolicismo Negro?** Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro. Belo Horizonte, Nandyala, 2010.

SILVA, Vagner Gonçalves. Exu do Brasil: tropos de uma identidade afro-brasileira nos trópicos. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2012, vol. 55, n.2, p. 1085 – 1114.

SLENES, Robert W. A árvore de Nsanda transplantada: cultos kongo de aflição e identidade escrava no Sudeste brasileiro, no século XIX. In: FURTADO, Junia e LIBBY, Douglas Cole

(orgs.). **Trabalho livre e trabalho escravo Brasil e Europa: séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Annablume, 2006.

SONEIRA, Abelardo et alli. “Los Clásicos – Émile Durkheim (1853-1917)”. In: **Sociologia de la Religión**, Buenos Aires: Ed. Docência, 1996. p. 56-63.

SOUZA, Luiz Gustavo Mendel. **Representando São Baltazar: o Rei Mago negro**. 2012. Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH – Rio. Disponível em: <<http://www.encontro2012.rj.anpuh.org>>. Acesso em: 20 de nov. de 2014.

SOUZA, Marina de Mello & VAINFAS, Ronaldo. Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV – XVIII. **Tempo**, Niterói, v.3, n.6, 1998, p. 95 – 118.

_____. Santo Antônio de Nó-de-Pinho e o catolicismo afro-brasileiro. **Tempo**, Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Sete Letras, v. 6, n. 11, 2001.

_____. Catolicismo negro no Brasil: santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. **Afro-Ásia**, Salvador, UFBA, v. 28, 2002, p.125-146.

_____. **Reis negros no Brasil escravista**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006.

STEIL, Carlos. Catolicismo e cultura. In: VALLA, Victor V. (org.). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro, DP&A, 2001. p. 9-40.

_____. A cultura já não é mais a mesma. In: TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (Orgs.). **Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis, Vozes, 2009. p. 151 – 157.

SWEET, James H.. O Catolicismo Africano no Mundo Português. In: SWEET, James **Recriar a África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770)**. Lisboa: Edições 70, 2007. p. 225 – 253.

_____. O impacto das crenças religiosas africanas no Catolicismo Brasileiro. In: SWEET, James **Recriar a África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770)**. Lisboa: Edições 70, 2007. p. 255- 265.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (Orgs.). **Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis, Vozes, 2009. p. 17 – 30.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 2013.

